



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA
CURSO DE DOUTORADO

MARCIANO ANTONIO DA SILVA

A BONITEZA DAS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS COM HOMENS A PARTIR DE
UMA PERSPECTIVA FEMINISTA: Entre denúncias e anúncios

CARUARU

2025

MARCIANO ANTONIO DA SILVA

**A BONITEZA DAS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS COM HOMENS A PARTIR DE
UMA PERSPECTIVA FEMINISTA: Entre denúncias e anúncios**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção de grau de Doutor em Educação.

Área de concentração: Educação e Diversidade.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Allene Carvalho Lage.

CARUARU

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Marciano Antonio da.

A boniteza das experiências educativas com homens a partir de uma perspectiva feminista: entre denúncias e anúncios / Marciano Antonio da Silva. - Recife, 2025.

218f.: il.

Tese (Doutorado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, 2025.

Orientação: Allene Carvalho Lage.

1. Homens; 2. Masculinidade(s); 3. Feminismo(s); 4. Educação Feminista. I. Lage, Allene Carvalho. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

MARCIANO ANTONIO DA SILVA

**A BONITEZA DAS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS COM HOMENS A PARTIR DE
UMA PERSPECTIVA FEMINISTA: Entre denúncias e anúncios**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do grau/título de Doutor em Educação Contemporânea.

BANCA EXAMINADORA:

ALLENE CARVALHO LAGE (PPGEDUC-UFPE)
(Presidenta/ Orientadora)

BENEDITO MEDRADO DANTAS (PPGPsi-UFPE)
(Examinador externo)

ALEXANDRE SIMÃO DE FREITAS (PPGE-UFPE)
(Examinador externo)

DANIEL JONES (UBA)
(Examinador externo)

JAQUELINE BARBOSA DA SILVA (PPGEDUC/UFPE)
(Examinadora interno)

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano

Dedico esta tese...

*Aos/às sonhadores/as, utópicos/as e esperançosos/as que seguem
profetizando a boniteza de um amanhã diferente.*

AGRADECIMENTOS

“[...] amar não é um gesto, é um ato e um ato de libertação, que implica a comunhão dos sujeitos que amam e se amam”.

(Freire, 2021, p. 342).

Os agradecimentos nessa tese de doutoramento surgem enquanto anúncios, revelando a boniteza do trabalho em comunhão, o qual permitiu viver essa experiência política, acadêmica e humana de forma prazerosa e com sentido. São anúncios de cumplicidade, encorajamento e, principalmente, amorosidade, fincados em gestos e palavras que foram essenciais para que pudesse trilhar essa jornada acadêmica.

Mesmo sabendo da impossibilidade de materializar através da escrita os reais sentidos que transpassaram essa trajetória, gostaria de deixar registrado minha profunda gratidão aqueles/as que me acompanharam e compartilharam desse sonho.

Assim, agradeço...

a Deus por todas as dádivas em minha vida, pela força, sabedoria e discernimento para conduzir esse trajeto acadêmico.

à minha mãe Aparecida, que diariamente me ensina o real significado do amor. Seu colo, cuidado e amorosidade foram fundamentais para que pudesse chegar até aqui. Esta produção científica é resultado dos nossos esforços. Essa tese é nossa!

a Antonio Neto, companheiro de vida, com quem diariamente partilho meus sonhos, (in)certezas e conquistas. Obrigado por ser porto seguro em meio aos dias turbulentos, por ser calma em meio a tempestade. Te amo!

à minha orientadora Professora Doutora Allene Lage, exemplo de integridade ética, comprometimento político-social e profissional. Gratidão por conduzir esse processo com tamanha maestria. Seus ensinamentos seguirão comigo!

ao meu amigo-irmão José Diêgo, que mesmo distante fisicamente se faz presença constante em minha vida com sua amorosidade. Sua sensibilidade, companheirismo e generosidade me fazem enxergar a vida com mais delicadeza.

aos meus familiares pelo incentivo e apoio incondicional durante essa caminhada epistêmica. Mesmo distante do universo acadêmico, sempre estiveram ao meu lado, torcendo e vibrando com cada conquista. Em especial, ao meu tio Assis, grande incentivador.

a Filipe Antonio, querido amigo, sempre presente em minha vida. São incontáveis parcerias, projetos e sonhos partilhados ao seu lado nos últimos anos. Agradeço pela presença afetuosa ao longo da caminhada.

a Hanna, Thamires e Midiã, amigas que a universidade me presenteou. Gratidão pelo companheirismo, carinho e amizade.

aos/às meus/minhas amigos/as confidentes com quem celebro e partilho a boniteza da vida. Sou grato pelas risadas, trocas carinhosas e suporte sempre que necessitei.

à Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE, pelo financiamento da pesquisa, tornando esse estudo possível.

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento da bolsa de doutorado-sanduíche, uma experiência que levarei para a vida.

aos/às professores/as do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea – PPGEDUC que seguem produzindo conhecimento no Agreste de Pernambuco.

aos professores Benedito Medrado, Daniel Jones, Alexandre Simão e Jaqueline Barbosa pelas riquíssimas contribuições e por aceitarem participar da banca de defesa.

aos/às integrantes e ex-integrantes do Instituto PAPAI e do *Instituto de Masculinidades y Cambio Social* que partilharam suas experiências e andarilhagens nessas organizações. Um agradecimento especial ao Professor Benedito Medrado e ao Professor Lucho Fabbri pelas contribuições e suporte nessa etapa.

ao Professor Doutor Daniel Jones, co-orientador durante o período de doutorado sanduíche na Universidade de Buenos Aires. Muito obrigado pela recepção e acolhimento.

ao meu querido amigo Ronald, com quem partilhei alegrias, angústias e cafés durante o doutorado-sanduíche. Nunca esquecerei sua generosidade e acolhimento nos momentos em que me sentia sozinho.

RESUMO

Esta pesquisa buscou investigar as experiências educativas desenvolvidas por organizações latino-americanas que realizam um trabalho com homens a partir de uma perspectiva feminista, tendo em vista seus esforços na construção de uma sociedade fincada na equidade de gênero. Desse modo, objetivando problematizar estas questões a partir dos fundamentos teórico-epistemológicos do feminismo, trazemos como problema central da pesquisa: “Que denúncias e anúncios atravessam as experiências político-pedagógicas gestadas por organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho educativo com homens, a partir de uma perspectiva feminista?”. Para responder ao nosso questionamento, elencamos como objetivo geral da nossa pesquisa: Compreender as denúncias e anúncios que atravessam as experiências político-pedagógicas gestadas por organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho educativo com homens, a partir de uma perspectiva feminista. Enquanto objetivos específicos, temos: (i) identificar os processos de denúncia a estrutura patriarcal elaborados por organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho educativo com homens a partir de uma perspectiva feminista; (ii) mapear os principais anúncios que emergem das atuações dessas organizações no enfrentamento às desigualdades e violências de gênero; (iii) refletir acerca das experiências político-pedagógicas narradas pelos/as integrantes do Instituto PAPAI e do Instituto MasCS; (iv) identificar as principais práticas educativas feministas elaboradas pelas organizações latino-americanas durante suas atuações com homens. Quanto as questões teórico-epistemológicas e aportes metodológicos da pesquisa, partimos da abordagem qualitativa, onde realizamos um estudo do tipo exploratório e explicativo. Utilizamos o método (auto)biográfico enquanto instrumento de investigação e a entrevista narrativa como técnica de coleta de dados. Para realização da pesquisa de campo, elegemos duas organizações, sendo o Instituto PAPAI (Brasil) e o *Instituto de Masculinidades y Cambio Social* (Argentina). No que se refere aos resultados alcançados, constatamos que as experiências político-pedagógicas dessas organizações latino-americanas são compostas por uma série de denúncias e anúncios, o que reafirma sua postura de comprometimento com a produção de novos cenários de gênero. Observamos ainda que essas iniciativas têm garantido processos de formação, politização e emancipação a partir dos princípios feministas, compondo uma rede de aprendizagens mútuas e a construção de conhecimentos diversos entre os sujeitos educativos que partilham dessa experiência coletiva.

Palavras-chave: Homens; Masculinidade(s); Feminismo(s); Educação feminista.

ABSTRACT

This research sought to investigate the educational experiences developed by Latin American organizations that work with men from a feminist perspective, considering their efforts to build a society rooted in gender equality. Thus, aiming to problematize these issues based on the theoretical-epistemological foundations of feminism, we bring as the central problem of the research: “What complaints and announcements permeate the political-pedagogical experiences generated by Latin American organizations that develop educational work with men, from a feminist perspective?”. To answer our question, we listed the following as the general objective of our research: To understand the complaints and announcements that permeate the political-pedagogical experiences created by Latin American organizations that develop educational work with men, from a feminist perspective. Our specific objectives are: (i) to identify the processes of denouncing the patriarchal structure developed by Latin American organizations that develop educational work with men from a feminist perspective; (ii) to map the main announcements that emerge from the actions of these organizations in confronting gender inequalities and violence; (iii) to reflect on the political-pedagogical experiences narrated by the members of the PAPAI Institute and the MasCS Institute; (iv) to identify the main feminist educational practices developed by Latin American organizations during their work with men. Regarding the theoretical-epistemological questions and methodological framework of the research, we adopted a qualitative approach, conducting an exploratory and explanatory study. We used the (auto)biographical method as a research tool and narrative interviews as a data collection technique. For the field research, we selected two organizations: the PAPAI Institute (Brazil) and the Institute of Masculinities and Social Change (Argentina). Regarding the results achieved, we found that the political-pedagogical experiences of these Latin American organizations are comprised of a series of denunciations and announcements, which reaffirms their commitment to the creation of new gender scenarios. We also observed that these initiatives have ensured processes of education, politicization, and emancipation based on feminist principles, creating a network of mutual learning and the construction of diverse knowledge among educational subjects who share this collective experience.

Keywords: Men; Masculinity(ies); Feminism(ies); Feminist education.

RESUMEN

Esta investigación buscó indagar en las experiencias educativas desarrolladas por organizaciones latinoamericanas que trabajan con hombres desde una perspectiva feminista, teniendo en cuenta sus esfuerzos por construir una sociedad basada en la igualdad de género. Así, con el objetivo de problematizar estas cuestiones a partir de los fundamentos teórico-epistemológicos del feminismo, traemos como problema central de la investigación: “¿Qué denuncias y anuncios permean las experiencias político-pedagógicas generadas por organizaciones latinoamericanas que desarrollan trabajo educativo con hombres, desde una perspectiva feminista?”. Para responder a nuestra pregunta, planteamos como objetivo general de nuestra investigación lo siguiente: Comprender las denuncias y anuncios que permean las experiencias político-pedagógicas creadas por organizaciones latinoamericanas que desarrollan trabajo educativo con hombres, desde una perspectiva feminista. Nuestros objetivos específicos son: (i) identificar los procesos de denuncia de la estructura patriarcal desarrollados por organizaciones latinoamericanas que desarrollan trabajo educativo con hombres desde una perspectiva feminista; (ii) mapear los principales anuncios que emergen del accionar de estas organizaciones en el enfrentamiento a las desigualdades y violencias de género; (iii) reflexionar sobre las experiencias político-pedagógicas narradas por los integrantes del Instituto PAPAI y del Instituto MasCS; (iv) identificar las principales prácticas educativas feministas desarrolladas por organizaciones latinoamericanas durante su trabajo con hombres. En cuanto a las cuestiones teórico-epistemológicas y el marco metodológico de la investigación, adoptamos un enfoque cualitativo, realizando un estudio exploratorio y explicativo. Utilizamos el método (auto)biográfico como herramienta de investigación y la entrevista narrativa como técnica de recolección de datos. Para la investigación de campo, seleccionamos dos organizaciones: el Instituto PAPAI (Brasil) y el Instituto de Masculinidades y Cambio Social (Argentina). En cuanto a los resultados obtenidos, encontramos que las experiencias político-pedagógicas de estas organizaciones latinoamericanas se componen de una serie de denuncias y anuncios, lo que reafirma su compromiso con la creación de nuevos escenarios de género. También observamos que estas iniciativas han impulsado procesos de educación, politización y emancipación basados en principios feministas, creando una red de aprendizaje mutuo y la construcción de conocimientos diversos entre los sujetos educativos que comparten esta experiencia colectiva.

Palabras clave: *Hombres; Masculinidad(es); Feminismo(s); Educación feminista.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Logomarca do Instituto PAPAI	101
Figura 2: Logomarca do Instituto MasCS	105
Figura 3: Site e redes sociais do Instituto PAPAI	108
Figura 4: Site e redes sociais do Instituto MasCS.....	109
Figura 5: Entrevista com Jorge Lyra (2024)	118
Figura 6: Construção coletiva do estandarte do bloco carnavalesco feminista Amor Livre	121
Figura 7: Card em alusão ao Dia dos Pais.....	122
Figura 8: Entrevista com Mariana Azevedo (2024).....	123
Figura 9: Reunião de planejamento, avaliação, monitoramento e sistematização	125
Figura 10: Campanha homens a favor da legalização do aborto (2025).....	126
Figura 11: Entrevista com Daniel Lima (2024)	127
Figura 12: Entrevista com Adrian (2024)	133
Figura 13: Ações educativas com jovens de comunidades populares da cidade do Recife-PE (2025)	134
Figura 14: Ações educativas com jovens de comunidades populares da cidade do Recife (2015)	137
Figura 15: Entrevista com Luciano Fabbri (2024).....	139
Figura 16: Curso de formação sobre masculinidade para trabalhar com homens jovens e adolescentes (2021)	140
Figura 17: Formação para as forças policiais e de segurança (2023).....	141
Figura 18: Entrevista com Agostina Chiodi (2024)	143
Figura 19: Grupo fundador do Instituto MasCS.....	144
Figura 20: Kit pedagógico e curso virtual autoadministrado "Homens e Masculinidade(s): Ferramentas pedagógicas para facilitar oficinas com adolescentes e jovens" (2020)	146
Figura 21: Entrevista com Joaquín Coronel (2024)	148
Figura 22: Curso virtual homens e masculinidade(s).....	151
Figura 23: Entrevista com Nicolas Pontaquarto (2024).....	152
Figura 24: Formação em masculinidades, saúde integral e HIV para agentes municipais do município de Guaymallen e outros departamentos da Grande Mendoza (2023)	155
Figura 25: Card de atividade desenvolvida pelo Instituto MasCS	155

Figura 26: Oficina de redução de danos com jovens da Escola Estadual Senador Novaes Filho (2019)	159
Figura 27: Espaço de reflexão para trabalhadores não docentes da Universidade Nacional de La Plata (2022)	159
Figura 28: Encadeamento de construção da masculinidade feminista.....	161
Figura 29: Dimensões da Masculinidade Feminista	162
Figura 30: Mobilização pela legalização do aborto	164
Figura 31: Card de mobilização pela legalização do aborto	166
Figura 32: Caminhada 08 de março (2010).....	169
Figura 33: Card em alusão aos primeiros 7 anos do Movimento Nenhuma a Menos.....	171
Figura 34: Card utilizado nas eleições de 2023	173
Figura 35: Encontro de sensibilização em gênero e masculinidades (2022).....	176
Figura 36: Roda de diálogo sobre paternidade, homens e cuidado em comemoração ao dia do Pai- Recife (2018).....	180
Figura 37: Campanha “Pai não é visita!” Ato público na Estação Central de Metrô- Recife (2007)	180
Figura 38: Campanha sobre paternidades	181
Figura 39: Material de formação e sensibilização.....	185
Figura 40: Oficina com membros do Sindicato Ferroviário	186
Figura 41: Oficina com jovens da Escola Novaes Filho (2010)	189
Figura 42: Oficina com jovens da Escola Novaes Filho (2010)	191
Figura 43: Formação para as forças policiais e de segurança	194
Figura 44: Formação para agentes municipais de Guaymallen e outros departamentos da Grande Mendoza.....	197
Figura 45: Recursos pedagógicos.....	199
Figura 46: Campanha "Homens pelo fim da violência contra a mulher" (2019).....	200
Figura 47: Campanha "Seja um homem de atitude, diga não a violência contra a mulher!" (2019)	201

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Campanhas desenvolvidas pelo Instituto PAPAI	102
Quadro 2: Participação do Instituto MasCS no desenvolvimento de campanhas.....	106
Quadro 3: Integrantes e ex-integrantes do Instituto PAPAI	110
Quadro 4: Integrantes do Instituto MasCS	110

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAA	Centro Acadêmico do Agreste
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FACEPE	Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco
FSOC	<i>Facultad de Ciencias Sociales</i>
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e outras identidades de gênero e orientações sexuais
REMA	<i>Red de Espacios de Masculinidades Argentina</i>
UBA	<i>Universidad de Buenos Aires</i>
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNR	<i>Univesidad Nacional de Rosario</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

PRENÚNCIO	18
1. INTRODUÇÃO.....	21
1.1 Objetivo geral.....	27
1.2 Objetivos específicos.....	27
1.3 Hipótese de pesquisa	28
2. DENÚNCIA E ANÚNCIO EM PAULO FREIRE: O (RE)DESPERTAR DE UMA PRÁXIS LIBERTADORA	30
2.1 Denúncia e anúncio enquanto profecias para pensar o amanhã	33
2.2 A utopia de um mundo mais justo requer o ato de sonhar coletivamente	38
2.3 Educação, conscientização e os desafios para uma práxis libertadora.....	42
3. A DENÚNCIA FEMINISTA E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA DE GÊNERO NA CONTEMPORANEIDADE	48
3.1 Denunciar para libertar: a insurgência feminista frente ao poder patriarcal.....	49
3.2 O que pode a denúncia feminista na luta contra as opressões de gênero?.....	53
3.3 A esperança feminista reacende a utopia de um novo mundo.....	57
4. O ANÚNCIO DE OUTRAS MASCULINIDADES POSSÍVEIS	62
4.1 O anúncio pressupõe o reconhecimento das masculinidades	64
4.2 Anunciando um novo lugar para os homens na luta pela equidade de gênero	68
4.3 Reaproximando homens e feminismos num horizonte utópico	73
5. A BONITEZA E URGÊNCIA DE UMA EDUCAÇÃO FEMINISTA PARA OS HOMENS	78
5.1 Educação feminista como prática de liberdade	81
5.2 A pedagogia feminista como instrumento para reeducar os homens	86
5.3 Articulações político-pedagógicas a partir do feminismo	90
6. QUESTÕES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS E APORTES METODOLÓGICOS	96
6.1 Abordagem da pesquisa	97
6.2 Método	98
6.2.1 Método (auto)biográfico	99
6.3 Delimitação e local da pesquisa	100
6.3.1 Instituto PAPAI.....	100
6.4.2 Instituto de Masculinidades y Cambio Social (Instituto MasCS)	104
6.5 Fontes de informações e sujeitos da pesquisa	107
6.6 Técnica de coleta de dados.....	111
6.6.1 Entrevista narrativa	112
6.7 Arcabouço analítico.....	113

7. NARRATIVAS QUE ATRAVESSAM AS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DO INSTITUTO PAPAI E DO INSTITUTO MASCS	116
7.1 Narrativas que ecoam do Instituto PAPAI	117
7.1.1 “Se a gente está pensando na transformação do machismo, do patriarcado, nessa coisa toda, isso tudo é processo pedagógico, educativo”: Narrativas de Jorge Lyra.....	117
7.1.2 “A educação é a chave, porque tem que mudar o sujeito, tem que mudar os corações e mente para mudar a sociedade”: Narrativas de Mariana Azevedo	123
7.1.3 “A gente tem que começar a ver os homens como parte da solução, não apenas como parte do problema”: Narrativas de Daniel Lima	127
7.1.4 “A gente precisa sempre acreditar que um dia a gente vai conseguir vencer”: Narrativas de Adrian.....	132
7.2 Narrativas que ecoam do Instituto MasCS	137
7.2.1 “[...] há um forte compromisso por parte do Instituto e da sua abordagem com as definições políticas, ideológicas e epistemológicas dos feminismos”: Narrativas de Luciano Fabbri	138
7.2.2 “[...] somos uma instituição feminista, todas nós, independentemente de sermos homens ou mulheres ou o que quer que seja nos reconhecemos como feministas e levamos a lógica feminista a todo nosso trabalho”: Narrativas de Agostina Chiodi	143
7.2.3 “A questão de gênero nos permitiu pensar que existem outras formas de olhar o mundo”: Narrativas de Joaquin Coronel	147
7.2.4 “[...] a nossa contribuição no trabalho com os homens persegue o objetivo da erradicação da violência”: Narrativas de Nicolas Pontaquarto	151
8. A BONITEZA DAS ORGANIZAÇÕES LATINO-AMERICANAS QUE DESENVOLVEM UM TRABALHO COM HOMENS, A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FEMINISTA: ENTRE DENÚNCIAS E ANÚNCIOS	158
8.1 A denúncia da realidade perversa e as lutas e enfrentamentos a partir dos feminismos	163
8.2 O anúncio da realidade diferente e as novas possibilidades a partir das organizações de trabalho com homens	175
8.3 A educação feminista enquanto ferramenta pedagógica para despatriarcalização	188
9. CONCLUSÃO.....	204
REFERÊNCIAS	213

PRENÚNCIO

“Não é possível viver, muito menos existir, sem riscos. O fundamental é nos prepararmos para saber corrê-los bem”.
(Freire, 1997, p. 41).

Numa tese que ousa discutir epistemologicamente temas como sonho, utopia, esperança e futuridade a partir das narrativas de organizações feministas que atuam no trabalho com homens e sobre masculinidades, entendo ser imprescindível reservar um espaço nessa produção acadêmica para discorrer acerca dos sentidos que cruzam minha experiência enquanto homem gay, pesquisador, professor e latino, identidades que integram minha história e necessitam ser anunciadas nesse trabalho.

Recuperar estes rastros de memória que atravessam minha vida consiste numa proposta audaciosa, nem sempre confortável, porém necessária, uma vez que possibilita revisitar as andanças que conduziram meus passos até o doutorado. Este movimento, marcado por processos de denúncia e anúncio, encontros e desencontros, revela as reais possibilidades de transformação a partir da educação, mas também os limites que ainda se fazem presentes numa sociedade marcada por quadros de desigualdades.

Viver a experiência do doutoramento numa universidade pública representou a concretização de um desejo individual e principalmente coletivo, pois carregou comigo o sonho de familiares que não tiveram oportunidade de acessar esse nível de ensino. Ao mesmo tempo, ser a primeira pessoa da família a ingressar na educação superior e cursar a graduação, mestrado e agora o doutorado, representa um ato de subversão e rebeldia diante de um sistema que durante muito tempo esteve inacessível às camadas populares.

Contrapondo as lógicas dominantes, trilhar essa experiência coletiva pode ser compreendido enquanto um ato de desobediência epistêmica, social e cultural, haja vista que minha presença nesse espaço rompe com o cerco hegemônico que historicamente esteve ocasionando desigualdades em torno desse campo. Em contrapartida, narrar esses trajetos significa também reconhecer e visibilizar as lutas e reivindicações forjadas por utópicos que estiveram construindo coletivamente um mundo mais justo, equânime e humano.

Em meio minhas andarilhagens acadêmicas, tive o primeiro contato com as teorias feministas, uma experiência pessoal, política e acadêmica que possibilitou uma revisão de discursos e práticas, assim como pesquisar e produzir conhecimento com base nesses

fundamentos. Tais pressupostos teórico-epistemológicos também permitiram repensar meu lugar enquanto homem na luta feminista, entendendo a urgência de um maior comprometimento masculino na luta pela equidade de gênero.

No curso do doutoramento, cruzei as fronteiras geográficas do território brasileiro, tendo a oportunidade da internacionalização da minha pesquisa a partir da modalidade de doutorado-sanduíche na Universidade de Buenos Aires, uma experiência de enriquecimento pessoal, acadêmica e cultural que permitiu significativa vivência na Argentina. Realizar esse movimento de intercâmbio também permitiu expandir minha percepção acerca da pesquisa e produção de conhecimento, assim como reconhecer minhas raízes latinas.

Percorrer essa jornada, por vezes solitária, em outros momentos coletiva, proporcionou um processo de autorreflexão e redescobrimento, de modo que pude constituir novos sentidos em torno da minha formação acadêmica e humana, repensando meu lugar no mundo e com o mundo. O acesso à educação evidenciou um processo de transgressão, através do qual pude romper com as barreiras da desigualdade social que atravessavam minha realidade.

Este trabalho assume um compromisso com o amanhã, fundamentado no hoje. É um convite aos/as sonhadores/as que seguem reivindicando a utopia de um mundo melhor. Que as linhas e parágrafos que compõem a tessitura desse texto possam reacender nossa capacidade esperançosa, mobilizando nossa capacidade de pronunciar relações de amorosidade e fraternidade entre nossos pares. Que o estado de boniteza projetado pelas organizações feminista possa reavivar nossas lutas pela transformação.



1. INTRODUÇÃO

“Enquanto projeto, enquanto desenho do “mundo” diferente, menos feio, o sonho é tão necessário aos sujeitos políticos, transformadores do mundo e não adaptáveis a ele [...]”.

(Freire, 1997, p. 47).

A escrita dessa tese se encontra fundada no sonho¹ de um mundo mais justo, humano e feliz, dada a impossibilidade de continuarmos convivendo com o sistema de opressões e desigualdades² que vem sendo imposto pelos governos odiosos. Deste modo, contrapondo-se a este cenário perverso, as linhas e parágrafos utópicos que compõem a estrutura do texto, trazem consigo a desejabilidade de constituir um *ethos* civilizatório compromissado político-pedagogicamente com um projeto de futuridade que seja capaz restaurar a boniteza do mundo.

Neste sentido, vislumbrando resistir as ideologias fatalistas que propagam a morte dos sonhos, assumimos nessa tese a utopia enquanto estratégia epistemológica-política-pedagógica que potencializa a formulação de propostas comprometidas com um amanhã diferente. Entendemos que são através dessas ininterruptas tentativas de intervenção que conseguimos manter viva a esperança de uma justiça social global e cognitiva³ que avance na proposição de alternativas viáveis para constituição desse projeto de sociedade que vem sendo idealizado por aqueles/as que lutam incansavelmente em defesa de uma vida mais digna.

***As imagens que antecedem os capítulos dessa tese se encontram disponíveis nas plataformas digitais (Instagram, Facebook e site) do Instituto PAPAI e do Instituto MasCS, sendo autorizada sua utilização nessa pesquisa. Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/p/campanhas.html>
<https://www.facebook.com/institutopapai>
<https://www.instagram.com/institutopapai/>
<https://www.facebook.com/institutomascs>
https://www.instagram.com/instituto_mascs/ Acesso em: 15 jun. 2024.

¹ Convergindo com o pensamento do educador Paulo Freire (2004), tomamos o sonho a partir da sua dimensão política, entendendo-o na condição de necessidade ontológica dos seres humanos, sobretudo, para que venhamos constituir possibilidades de alcançar uma vida mais digna, sem violências e opressões. Para Freire (2004, p. 380), sonhar “[...] não significa sonhar a impossibilidade, mas significa projetar. Significa arquitetar, significa conjecturar sobre o amanhã”.

² De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a pobreza no Brasil registrou, de 2020 para 2021, o maior aumento em pontos percentuais desde 1990. Esse cenário de desigualdades foi agravado pandemia do COVID-19 que não apenas dizimou milhões de vidas em todo o mundo, como também desencadeou uma série de prejuízos sociais, ampliando os abismos já existentes entre as populações mais vulneráveis. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13509-taxas-de-pobreza-no-brasil-atingiram-em-2021-o-maior-nivel-desde-2012#:~:text=A%20pobreza%20no%20Brasil%20registrou,depende%20da%20linha%20de%20corte>. Acesso em: 26 out. 2023.

³ Na perspectiva do sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2010), não existe justiça social global sem justiça cognitiva global. Sendo assim, a produção do conhecimento científico deve estar atrelada a luta daqueles/as que historicamente estiveram sendo excluídos/as e marginalizados/as por grupos hegemônicos.

Nessa busca incessante pela garantia de condições de sobrevivência, a denúncia surge enquanto mecanismo central nesse processo, uma vez que permite evidenciar os efeitos nefastos que estas ideologias impuseram para a vida em sociedade, bem como problematizar as diferentes manifestações de autoritarismo, violência e injustiças cometidas em nome de uma suposta modernidade, forjada através de séculos de opressão. Logo, o ato de denunciar se mostra indispensável para que venhamos desvelar as diferentes faces contidas nessa realidade opressiva e consecutivamente projetar outros cenários, mais diversos, inclusivos e acolhedores.

Partindo desse princípio, na medida em que denunciemos, tornamos possível o anúncio de outras dinâmicas, dado o reconhecimento da nossa capacidade criadora de projetar alternativas viáveis para superação das contradições que cercam nossa realidade. Logo, o anúncio passa a ser concebido enquanto um movimento imprescindível para que venhamos reavivar a esperança de utópicos/as que sonham com um amanhã diferente, entendendo que o futuro segue inconcluso, sendo nossa responsabilidade enquanto sujeitos políticos criar estratégias que avancem na proposição de respostas satisfatórias às nossas necessidades.⁴

Desafiando viabilizar essa construção, esta tese surge enquanto um compromisso político, acadêmico e ético que busca responder aos desafios da contemporaneidade, através da formulação de estratégias que sejam capazes de transcender a brutalidade desse sistema perverso. Assim, diante da constatação desse mundo feio, reiteramos a necessidade de recuperar a esperança e capacidade de sonhar com esse horizonte de possibilidades, de modo que venhamos consolidar experiências sociais capazes de transformar o mundo, as pessoas e as instituições.

É imerso nesse florescer que defendemos a ideia do reinventar o mundo a partir de uma matriz feminista, compreendendo a relevância, potencialidade e capacidade restauradora dessa proposta em formular articulações que realcem um comprometimento com uma justiça social e de gênero. Para além, entendemos que seus fundamentos teórico-metodológicos oferecem ferramentas para que venhamos combater as manifestações discriminatórias que são propagadas em face de uma estrutura hegemônica que vem disseminando o ódio em diferentes contextos socioculturais. Segundo Cristina Buarque (2002)

Implodindo o sonho da continuidade, o pensamento feminista avança no sentido utópico, por incluir, em sua matriz, a radicalidade do desejo de construir os alicerces

⁴ Na concepção de Freire (1997), o futuro é uma construção, logo, necessitamos lutar incansavelmente pela sua concretização. Ainda segundo o autor “[...] o futuro que sonhamos não é inexorável. Temos de fazê-la, de produzi-la ou não virá da forma como mais ou menos queríamos. É bem verdade que temos que fazê-lo não arbitrariamente, mas com os materiais, com o concreto de que dispomos e mais com o projeto, com o sonho por que lutamos”. (Freire, 1997, p. 52).

de uma cultura despojada do poder de coação, como instrumento primeiro da mediação das relações humanas, e de ressignificar as atividades produtivas e reprodutivas, o que representa um confronto sem trêguas com o patriarcado, seja com a sua faceta paternalista, patrimonialista, tirânica, romântica ou igualitária. (Buarque, 2002, p. 27).

Encontramos nessa proposta insurgente, indícios que apontam para uma possível desestabilização da política nefasta imposta pelo sistema patriarcal, entendendo que seus dispositivos têm atuado incansavelmente na ampliação de desigualdades no campo do gênero. Assim, contrapondo-se a continuidade desses arranjos, as ações feministas avançam na reconfiguração desse cenário sombrio, onde apresentam estratégias inovadoras para produção de outra realidade, dada nossa capacidade de recriar outras experiências sociais que estejam comprometidas com o processo de democratização das relações de poder.

Apesar dos limites que ainda se fazem presentes, temos alcançado – embora lentamente – significativas mudanças no campo pessoal, social e institucional, desfazendo o cerco da herança colonial, escravocrata e patriarcalista que fora naturalizado a partir da atuação incansável dos dispositivos hegemônicos. Em meio estes deslocamentos, a proposta feminista cumpre com uma importante função, onde produz narrativas não autoritárias, responsabilizando homens e mulheres a assumirem um comprometimento político-pedagógico com a estruturação de uma justiça social e de gênero.

Sob este aspecto, acreditamos que os processos educativos forjados a partir de uma proposta pedagógica feminista promovem a disseminação de um pensamento crítico, sendo capaz de problematizar os pressupostos arcaicos da educação dominante. Além disso, contribuem para o despertar da consciência crítica, mobilizando um conjunto de conhecimentos científicos na condução de uma formação política que seja capaz de revolucionar as estruturas hegemônicas, despertando o desejo pela mudança e reinventando a sociedade a partir dos princípios de justiça, equidade e respeito a diversidade.

Trata-se, portanto, de um projeto coletivo, gestado a partir de ideais comuns. Para tanto, necessita ser incorporado não apenas pelas mulheres – que nas últimas décadas vem apresentando uma agenda de reivindicações⁵ – mas também pelos homens, visto que esses engendramentos atravessam suas experiências de vida de modo semelhante. Acreditamos que os processos educativos forjados na perspectiva feminista ampliam a visão de mundo

⁵ Ao realizar um panorama das conquistas obtidas pelo movimento feminista, Cristina Buarque (2002, p. 39) realça que nos “[...] últimos trinta anos, elaboramos paradigmas existenciais que se contrapõem às formas patriarcais de gerir a sociedade. À medida que esses paradigmas se legitimam e legitimam os dois sexos como representantes da espécie, expande-se um único sentido humano para todas as relações, rompendo as hierarquias entre homens e mulheres.

masculina, uma vez que possibilita que esses sujeitos revisitem suas crenças e concepções de mundo, desfazendo-se das amarras patriarcais impostas ao longo das suas vivências.

Encontramos no trabalho pedagógico com homens, a possibilidade de avançar na constituição de outras relações de gênero, uma vez que suas experiências – quase sempre – se encontram atravessadas por um conjunto de violências, seja ocupando a posição de algozes ou mesmo de vítimas, dado os efeitos maléficos que o patriarcado impõe em torno das suas vidas.⁶ Desse ponto de vista, entendemos que esses sujeitos são peças fundamentais na eliminação das violências, desigualdades e/ou opressões, pois sem o seu comprometimento, pouco ou quase nada avançaremos na erradicação das desumanidades.

Com base nisso, defendemos ao longo dessa tese, a necessidade de aproximar os homens de uma política feminista, de modo que esses sujeitos possam reconduzir suas ações na arena do gênero a partir dos princípios da equidade e justiça de gênero, reconhecendo-se a partir de um padrão de masculinidade não hegemônico. Acreditamos que à medida em que realizarem esse movimento, serão capazes de identificar os malefícios que o patriarcado apresenta às suas vidas, denunciando também as arbitrariedades e práticas nocivas que tem sido impostas por esse sistema hegemônico.

O processo de conscientização feminista, permitirá não apenas o despertar da capacidade crítica de homens que tiveram suas experiências demarcadas pelas imposições do patriarcado, mas também restituir a sua sensibilidade e afeto para tecer novos convívios. Logo, construir uma proposta de emancipação fundada nesse horizonte, representa um importante passo para que venhamos consolidar modelos alternativos e não hegemônicos de masculinidade, permitindo que esses sujeitos possam se afastar dos pressupostos patriarcais e assumir novas identidades, discursos e posicionamentos na arena das relações de gênero.

Essa compreensão, parte da premissa de que o patriarcado naturalizou uma série de dinâmicas opressivas em torno das suas experiências de vida, fazendo com que esses sujeitos viessem reproduzir violências, opressões e/ou injustiças sem qualquer questionamento. Em face disso, surge a necessidade de formular estratégias que sejam capazes de confrontar essa realidade, desenraizando esse pensamento obsoleto que se encontra tão entrelaçado nas práticas

⁶ Segundo relatório da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a expectativa de vida dos homens na região das Américas é 5,8 anos menor que o número das mulheres. Esses dados, não apenas evidenciam a alta taxa de mortalidade masculina, como também alertam para as consequências evidenciadas pelo patriarcado em torno de suas experiências. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/84625-oms-masculinidade-t%C3%B3xica-influencia-sa%C3%BAde-e-expectativa-de-vida-dos-homens-nas-am%C3%A9ricas>. Acesso em: 26 out. 2023.

tecidas por homens na arena do gênero, bem como em diversas instituições da sociedade civil que reforçam a continuidade desses arranjos.

A consolidação desse ideal utópico, implica antes de tudo, o despertar da conscientização de homens que ocorrerá em meio as problematizações que decorrem da educação feminista, de modo que o patriarcado seja concebido enquanto um problema que atinge não apenas as mulheres, mas também os homens que tem suas sensibilidades e afetos suprimidos em nome de uma masculinidade hegemônica. Trata-se, pois, de um trabalho coletivo que só será possível a partir da composição de um conjunto de articulações político-pedagógicas compromissadas com a mudança.

Enxergamos nos pressupostos teóricos-epistemológicos do feminismo, condições viáveis para problematizar as dinâmicas de gênero que ainda se encontram entrelaçadas em torno das nossas vidas, operando a favor dos dispositivos hegemônicos. Desse modo, acreditamos que seus fundamentos avançam na superação dos conflitos e contradições que ainda se fazem presentes no dia a dia, dada a possibilidade de intervir nessa problemática e consequentemente forjar um projeto de futuridade que se encontre livre das amarras perversas do patriarcado.

Por estas razões, oportunizar uma educação feminista para os homens potencializará o despertar de uma masculinidade crítica, diversa e compromissada político-pedagogicamente com a construção de um projeto de sociedade equânime, onde esses sujeitos possam tecer suas experiências de vida de maneira digna, sem promoverem ou serem vítimas das violações patriarcais. Com base nisso, entendemos que não há como pensar a possibilidade de outra masculinidade sem antes propor uma pedagogia feminista, entendendo a incapacidade das teorias universais de provocar rupturas a continuidade dos arranjos hegemônicos.

Imerso nesse movimento de reinventar o mundo a partir de novas configurações, a formulação de articulações político-pedagógicas a partir do feminismo representa um importante espaço de resistência ao sistema patriarcal, uma vez que possibilita aos homens elaborarem propostas emancipatórias que os libertem das condições desumanas impostas em torno dos seus corpos, discursos e práticas sociais. Em meio essa política de alianças, os homens restituem suas identidades, reconectando-se consigo mesmo em meio a um processo de educabilidade que permite reaprender o cotidiano.

Entretanto, despertar esse processo de conscientização masculina não significa culpabilizá-los diante das violências históricas que vem sendo perpetuadas em torno da vida

das mulheres e populações LGBTQIA+, mas possibilitar que esses sujeitos analisem suas práticas e venham incorporar outras condutas na arena do gênero. Para tal, torna-se imprescindível conduzir esse projeto a partir de uma pedagogia crítica, que seja capaz de realçar os reais interesses e necessidades da coletividade, sobretudo, daqueles/as que estiveram ocupando os lugares marginalizados. Segundo Connell (2003)

[...] la educación es un espacio clave para la política de alianzas. Cualquier irabajo significativo que realicen hombres sobre estas cuestiones deberá ser producto de una alianza con mujeres, ya que ellas llevan m ucho tiempo dedicadas a las cuestiones de género en la educación y poseen el conocimiento práctico respecto a cómo realizarlo. Los programas deben incluir la diversidad de las masculinidades y las intersecciones del género con la raza, la clase y la nacionalidad; de lo contrario se caerá en un campo estéril, localizado entre la celebración y la negación de la masculinidad. (Connell, 2003, p. 322).

Nessa linha de raciocínio assumida por Connell (2003), entendemos que é imprescindível instituir espaços pedagógicos feministas comprometidos com uma formação político-pedagógica para os homens, propiciando que esses sujeitos constituam experiências masculinas diversas e se distanciem dos modelos hegemônicos que durante muito tempo estiveram sendo reproduzidos sem qualquer questionamento. Tais iniciativas, apresentam possibilidades para que venhamos subverter o sistema, uma vez que aos homens foi negado construir cumplicidades afetivas e/ou amorosas.

Realçando esse compromisso, temos assistido em diversos países da América Latina⁷, o surgimento de organizações que têm articulado um conjunto de esforços na construção de ações político-pedagógicas a partir de uma perspectiva feminista. Seja por meio de grupos reflexivos, coletivos ou até mesmo instituições, essas iniciativas têm representado um significativo passo na desestabilização do poder patriarcal. Isto porque, através desses processos formativos, vêm possibilitando aos homens repensar sua condição, bem como incorporar outros posicionamentos na busca de uma justiça social e de gênero.

Acreditamos que a emergência dessas articulações político-pedagógicas a partir do feminismo tem se consolidado enquanto um espaço de emancipação e acolhimento, proporcionando aos homens compartilharem suas experiências, bem como refletirem acerca dos seus discursos e práticas sociais. Deste modo, na medida em que estes sujeitos elaboram alternativas para superação das problemáticas que cercam suas vidas, também realizam trocas

⁷ A emergência de discussões em torno dos homens e masculinidades pode ser constatada em todo o mundo (Connell, 2016, p. 92). Entretanto, nesse estudo fazemos a opção política de estudar as experiências que vem sendo forjadas no contexto latino americano, entendendo as especificidades que cercam a história desses territórios que foram amplamente violentados em meio aos processos de colonização.

afetivas entre si, onde compartilham das angústias e dores que cerceiam suas vidas, na tentativa de produzir outros cenários de humanização.

É nítido que esses deslocamentos surgidos a partir dessas articulações inauguram um novo tempo, onde potencializam a constituição de ferramentas discursivas e metodológicas para que os homens possam experienciar novos modos de viver e se relacionar, bem como se reconhecerem dentro de outros padrões de masculinidade não autoritários. Por outro lado, na medida em que avançam na desnaturalização dos discursos machistas e misóginos, também exigem que os homens firmem um comprometimento com a luta antipatriarcal, reivindicando o fim das violências de gênero.

Neste sentido, objetivando problematizar essas relações a partir dos fundamentos teóricos-epistemológicos desenvolvidos a partir de uma perspectiva feminista, trazemos como problema central da pesquisa:

- ✚ Que denúncias e anúncios atravessam as experiências político-pedagógicas gestadas por organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho educativo com homens, a partir de uma perspectiva feminista?

Quanto aos objetivos elencados para o desenvolvimento do presente estudo, temos:

1.1 Objetivo geral

- ✚ Compreender as denúncias e anúncios que atravessam as experiências político-pedagógicas gestadas por organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho educativo com homens, a partir de uma perspectiva feminista.

1.2 Objetivos específicos

- ✓ Identificar os processos de denúncia à estrutura patriarcal elaborados por organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho educativo com homens, a partir de uma perspectiva feminista;
- ✓ Mapear os principais anúncios que emergem das atuações dessas organizações no enfrentamento às desigualdades e violências de gênero;

- ✓ Analisar as experiências político-pedagógicas narradas pelos/as integrantes do Instituto PAPAI e Instituto MasCS;
- ✓ Identificar as principais práticas educativas feministas elaboradas pelas organizações latino-americanas durante suas atuações com homens;

1.3 Hipótese de pesquisa

Nossa hipótese de pesquisa parte da ideia de que as denúncias e anúncios gestados pelas organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho educativo com homens a partir de uma perspectiva feminista potencializam a constituição de outras experiências de masculinidade, levando estes sujeitos a construção da sua própria emancipação. Acreditamos ainda que os processos educativos feministas oportunizam aos homens uma formação crítica e comprometida com os princípios da equidade de gênero.

Em face da complexidade apresentada pelas experiências em estudo, traçamos as seguintes sub-hipóteses:

- ✓ As práticas educativas feministas elaboradas pelas organizações latino-americanas durante suas atuações com homens propiciam o despertar de consciência crítica por parte desses sujeitos.
- ✓ As experiências político-pedagógicas forjadas pelas organizações em estudo anunciam um novo modo de educação para os homens em diálogo com o feminismo.



PORTRA 400

FRAMIC FILM

53648 X 980



▶ 5



2. DENÚNCIA E ANÚNCIO EM PAULO FREIRE: O (RE)DESPERTAR DE UMA PRÁXIS LIBERTADORA

Denúncia, anúncio e utopia são conceitos que integram o corpo teórico desenvolvido pelo educador Paulo Freire, patrono da educação brasileira e um dos intelectuais de maior prestígio no campo da educação no mundo⁸. Defensor de uma pedagogia humanista-libertadora, comprometida político-pedagogicamente com a emancipação dos/as oprimidos/as, injustiçados/as e marginalizados/as, Freire (2020, p. 344) definia-se enquanto um sujeito “Esperançoso. Confiante. Convencido, inabalavelmente convencido, de que a vocação dos homens não é coisificar-se, mas humanizar-se [...]”.

Denominado “o andarilho da utopia”, Freire imortalizou-se enquanto um intelectual orgânico, movido por sonhos e utopias que o conduziam a reavivar as esperanças na construção de uma sociedade menos injusta. Ao andarilhar pelo mundo, desenvolveu não apenas um conjunto de aportes teóricos-epistemológicos para pensar o fenômeno educativo, como também foi responsável pela elaboração de métodos pedagógicos revolucionados, sendo estes, reconhecidos e incorporados em diferentes países.⁹

É imensurável sua contribuição para a sociedade brasileira, sobretudo, no que se refere ao campo da educação, uma vez que Freire dedicou-se ao longo da sua trajetória enquanto educador popular, pesquisador e militante da educação. Suas epistemologias trazem consigo implicações de cunho pedagógico, social e político, visto que Freire compreendia que não era possível a produção de um conhecimento neutro, desprovido de um posicionamento acerca do mundo e de como nos posicionamos nele.

Na concepção de educação difundida por Freire (2000, p. 58) “[...] não é possível separar política de educação, o ato político é pedagógico e o pedagógico é político [...] Enquanto experiência pedagógica, o ato político não pode reduzir-se a um processo utilitário, interesseiro, imediatista”. Portanto, defendia a constituição de experiências éticas-político-pedagógicas que fossem capazes de despertar a consciência política dos indivíduos, de modo que estes sujeitos viessem alcançar a sua libertação.

⁸ De acordo com a matéria publicada no site da BBC News Brasil, Paulo Freire é um dos intelectuais mais citados no mundo, tendo suas obras trabalhadas em diversas universidades estrangeiras. Além disso, também é considerado o brasileiro mais vezes laureado com títulos de doutor honoris causa pelo mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46830942>. Acesso em: 21 set. 2022.

⁹ Dentre suas inúmeras contribuições nesse campo, destacamos a experiência pedagógica produzida na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, tida enquanto uma proposta revolucionária na alfabetização de adultos, reconhecida no Brasil e exterior.

Tais princípios denotam a relevância, inventividade e ineditismo presente na obra freireana, visto que o respectivo educador avança na elaboração de aspectos poucos explorados por uma ciência que durante muito tempo esteve voltada apenas na produção de um conhecimento hegemônico. Desse modo, ao assumir uma posição contrária aos cânones do conhecimento científico, Freire propõe a constituição de um conhecimento outro, pautado no reconhecimento dos saberes dos grupos que historicamente estiveram excluídos e marginalizados por uma elite intelectual.

Por estas razões, Ana Freire (2021, p. 15) defende que a epistemologia desenvolvida pelo educador utópico “[...] nos convence e convida, sobretudo a nós educadores e educadoras, a pensar e optar, a aderir e a agir projetando ininterruptamente a concretização dos sonhos possíveis, cuja natureza é tanto ética quanto política”. Sua pedagogia, pois, reacende os sonhos e esperanças daqueles/as que por muito tempo estiveram fadados a permanecerem nos lugares de submissão, vindo assim, propor-lhes a superação desse lugar de marginalidade e/ou desigualdade.

Conseguimos ver, então, a atualidade do pensamento freireano, visto que suas contribuições oferecem um conjunto de elementos para que venhamos não apenas tecer uma análise acerca da realidade, mas também nos reconhecermos enquanto parte integrante desta. Suas indagações em torno do mundo e de como nos incorporamos nele, permite que saíamos de uma posição de neutralidade e assumamos uma postura crítica, reconhecendo o nosso lugar enquanto agente de mudanças.

Durante seus escritos, o educador defendeu a urgência de uma proposta de educação humana-libertadora-crítica que fosse capaz de libertar aqueles/as que se encontravam reféns de um sistema que oprimia e subalternizava todos/as aqueles que não se enquadravam dentro dos moldes hegemônicos. Isto porque, acreditava que o processo de eliminação de todo tipo de violação ocorreria em concomitância com a implantação de um projeto educativo que possibilitasse a estes sujeitos/as se reconhecerem enquanto oprimidos e partir para a superação desse lugar de violência. Em razão disso, Freire (1979) defendia que

A educação crítica é a “futuridade” revolucionária. Ela é profética – e, como tal, portadora da esperança – e corresponde à natureza histórica do homem. Ela afirma que os homens são seres que se superam, que vão para frente e olham para o futuro, seres para os quais a imobilidade representa uma ameaça fatal, para os quais ver o passado não deve ser mais que um meio para compreender claramente quem são e o que são, a fim de construir o futuro com mais sabedoria. Ela se identifica, portanto, com o movimento que compromete os homens como seres conscientes de sua limitação, movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo. (Freire, 1979, p. 42).

Assim, ao compreender a imprescindibilidade de um processo educacional que fosse capaz de despertar a consciência crítica dos educandos, Freire propunha a superação da visão determinista que tradicionalmente condicionou lugares inferiores para aqueles/as que não se encontravam dentro das elites dominantes. Sua proposta subversiva consistia na desestruturação dos quadros de desigualdades, entendendo que estes dispositivos se encarregaram de constituir hierarquias e subalternidades ao longo da história.

Com base nesses apontamentos, podemos afirmar que o pensamento freireano se consolida enquanto uma episteme revolucionária, já que fornece subsídios teórico-epistemológicos para o ininterrupto processo de ação-reflexão-ação, o que o autor denomina de práxis. De acordo com Freire (2014, p. 107), teoria e prática necessitam ser concebidas enquanto dimensões inseparáveis, estando em constante interação, uma vez que só a partir dessa fusão que conseguiremos alcançar a modificação das estruturas da sociedade, quiçá a construção de um mundo mais justo.

Dentro de uma visão freireana de mundo, o ser humano enquanto ser de relações, não somente de contatos, necessita não apenas estar no mundo, mas com o mundo, sendo necessário, portanto, participar de forma efetiva e consciente da sua construção (Freire, 2021). Ainda assim, estar no mundo e com o mundo implica assumir uma postura ativa no processo de libertação das classes oprimidas e subalternizadas, um lugar de comprometimento com o outro/a, uma vez que não somos seres isolados, mas que convive em constantes redes de interações. Segundo Freire (2021)

A integração ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele, e não a simples adaptação, acomodação ou ajustamento, comportamento próprio da esfera dos contatos, ou sintoma de sua desumanização, implica em que, tanto a visão de si mesmo, como a do mundo, não podem absolutizar-se, fazendo-o sentir-se um ser desgarrado e suspenso ou levando-o a julgar o seu mundo algo sobre que apenas se acha. A sua integração o enraíza. (Freire, 2021, p. 58).

É por meio desse processo de integralização que os seres humanos assumem um comprometimento com o local no qual se encontram situados, concebendo-o enquanto parte si. Para o autor, “A partir das relações do homem com a realidade resultantes de estar com ela e estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a.” (Freire, 2021, p. 60).

Ainda segundo Freire (2021) na condição de educadores/as progressistas, devemos assumir a responsabilidade ética e pedagógica de revelar toda e qualquer situação de opressão. Tal revelação, consiste justamente no processo de denúncia, conceito elaborado pelo autor e que implica um comprometimento com aqueles/as que diariamente são acometidos pelas

injustiças de uma sociedade desigual, visto que “[...] não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação” (Freire, 2014, p. 108).

2.1 Denúncia e anúncio enquanto profecias para pensar o amanhã

Pensar o amanhã, constitui-se enquanto um movimento imprescindível para que venhamos sonhar com um mundo melhor, fundamentado em experiências de solidariedade, cumplicidade e amor. Ainda assim, Freire (2000) relembra que o amanhã não é algo “pré-dado”, “pré-determinado”, mas algo que se encontra em permanente construção, um verdadeiro desafio, um problema que necessita ser superado a partir do despertar da consciência política daqueles/as que se encontram dispostos a construir uma realidade menos injusta, mais vivível.

Ao dimensionar tais problematizações, o respectivo autor defende que não há possibilidade de pensar o amanhã sem antes refletir acerca do hoje, “[...] tocados por seus desafios, instigados por seus problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva em face das in-justiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade humana de transgressão da ética” (Freire, 2000, p. 54). Sendo necessário, portanto, uma leitura de mundo pautada no hoje, naquilo que estamos vivendo.

Tendo como base os fundamentos freireanos, acreditamos que é através desse movimento reflexivo que conseguiremos projetar um novo amanhã, superando as contradições sociais que ainda se fazem presentes nos dias de hoje. Isto porque, não é mais possível conviver com uma realidade demasiadamente desumana, onde aqueles/as que historicamente estiveram às margens da sociedade e das políticas públicas tem seus sonhos e esperanças dilacerados por uma ordem neoliberal que prevê a manutenção dos arranjos de desigualdade e exclusão social.

Desta ótica, vislumbrando a constituição de outra realidade, encontramos nas expressões de denúncia e anúncio propostas por Freire (2000), indicativos que apontam para uma mudança radical nas estruturas sociedade, uma vez que prevê a construção de um projeto coletivo e emancipatório capaz de recriar o mundo. Ainda de acordo com o respectivo autor, é através da denúncia de como estamos vivendo, assim como do anúncio de como poderemos viver que poderemos projetar uma vida mais digna e vivível para todos/as (Freire, 2000).

Convergindo com essa linha de pensamento, Ana Freire (2021) enfatiza que as dimensões da denúncia e do anúncio proposto por Freire (2000) trazem consigo implicações de cunho político e pedagógico, visto que potencializam nossa capacidade de sonhar com a

possibilidade de um novo amanhã. Contudo, a autora enfatiza que reivindicar uma transformação de ordem social, política e cultural demanda

[...] incluir-se na luta de sonhos possíveis implica assumir um duplo compromisso: o compromisso com a denúncia da realidade excludente e o anúncio de possibilidades de sua democratização, bem como o compromisso com a criação de condições sociais de concretização de tais possibilidades. (Freire, 2021, p. 41).

É, pois, assumindo esse compromisso ético-pedagógico da denúncia da realidade excludente e do anúncio das possibilidades da sua democratização que constituiremos um *ethos* civilizatório que seja capaz de introduzir relações de dialogicidade e amorosidade com o/a outro/a. Tal proposta, por sinal, traz consigo um potencial re-criador, visto que se funda naquilo que ainda não existe, mas que torna-se possível a partir do despertar de consciência coletiva dos indivíduos que reivindicam um mundo melhor.

Esse movimento de caráter utópico ganha concretude no que Freire (2000) chama de pensamento profético¹⁰, um pensamento de natureza esperançosa, onde fundamentado naquilo que vivemos hoje, conseguiremos pensar o amanhã (Freire, 2000, p. 54). Para o educador, não é possível pensar o futuro sem antes refletir acerca da realidade na qual vivemos, sem uma leitura de mundo que seja capaz de conceber as especificidades e desafios que assolam nosso presente. Ainda segundo o autor

[...] uma das bonitezas do anúncio profético está em que não anuncia o que virá necessariamente, mas o que pode vir, ou não. O seu não é um anúncio fatalista ou determinista. Na real profecia, o futuro não é inexorável, é problemático. Há diferentes possibilidades de futuro. (Freire, 2000, p. 54).

Evidentemente, o pensamento profético não se propõe a uma visão fatalista ou mesmo determinista, como sinaliza Freire (2000), mas traz consigo um arcabouço de possibilidades para pensar o amanhã, fundado naquilo que vivemos hoje. Trata-se de um pensamento urgente a contemporaneidade, já que prevê a constituição de uma ontologia social e histórica que seja capaz de oferecer respostas efetivas a proliferação das inúmeras assimetrias e discrepâncias que ainda sucumbem nossas vidas, operacionalizando injustiças sociais.

Essa proposta não é, obviamente recente, consiste numa luta histórica que vem sendo protagonizada por sujeitos que reivindicam o rompimento da herança escravocrata e colonial que continua sendo disseminada a partir da modernização e refinamento das violências estruturais da nossa sociedade. Contudo, compreendemos que esse movimento só será possível

¹⁰ Freire (2000) traz consigo uma definição de profeta que supera a dimensão do misticismo, da premunção. Isto porque, para o autor o profeta seria aquele que “[...] fundando no que vive, no que vê, no que escuta, no que procura compreender, apoiado na leitura do mundo e das palavras, antigas e novas, à base de quanto e de como se expõe, tornando-se assim cada vez mais presença no mundo à altura do seu tempo, fala quase adivinhando, na verdade, intuindo, do que pode ocorrer nesta ou naquela dimensão da experiência histórico-social (Freire, 2000, p. 54).

a partir de uma justiça cognitiva global que possibilite instrumentos teóricos e práticos para o re-despertar de uma práxis emancipatória. Ainda segundo Freire (1979)

Somente podem ser proféticos os que anunciam e denunciam, comprometidos permanentemente num processo radical de transformação do mundo, para que os homens possam ser mais. Os homens reacionários, os homens opressores não podem ser utópicos. Não podem ser proféticos e, portanto, não podem ter esperança. (Freire, 1979, p. 16).

É nítido que a iminência de uma categoria teórica e prática como a denúncia e o anúncio proposto por Freire (2000), corresponde a uma necessidade ontológica. Isto porque, é a partir da denúncia das desigualdades, injustiças históricas e violências que cercam nosso cotidiano que conseguiremos anunciar um novo tempo, mais justo e humano, visto que não é possível anúncio sem denúncia, ambos estão sincronizados em um elo inseparável (Freire, 2000, p. 54). Ainda segundo o educador,

A rebeldia enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. (Freire, 2000, p. 37).

A radicalidade da denúncia pode ser constatada a partir dos enfrentamentos protagonizados pelos movimentos sociais e coletivos que reivindicam uma mudança estrutural na sociedade, pautada na defesa da democracia, da liberdade e dos direitos humanos. São, portanto, estas forças revolucionárias que tem ocasionado fissuras nas estruturas de poder, onde não apenas revelam as contrariedades existentes, mas também apontam indícios para a superação destas, anunciando um novo amanhã.

Acreditamos que é a partir da denúncia que conseguimos romper com os véus impostos pelo patriarcado e colonialismo, desocultando as injustiças que ainda reiteram desigualdades. Trata-se, antes de tudo de um compromisso histórico com aqueles/as que sempre estiveram reféns das injustiças e violências opressoras. É, portanto, denunciando que conseguiremos mostrar as contradições sociais existentes, uma vez que esse movimento prevê a dilatação da realidade em sua natureza real, nos permitindo enxergar a realidade tal qual ela se apresenta, pois como destaca Freire (2014, p. 108) “[...] não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação”.

Ao assumirmos a denúncia enquanto uma tarefa imprescindível para construção de um novo mundo, defendemos a ideia de que o “[...] futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para refazê-lo” (Freire, 2000, p. 27). Em meio esse processo de construção do futuro, anunciamos outras possibilidades de ser, viver e nos relacionarmos, pois entendemos que é

possível construir uma realidade menos desumana e cruel, assim como sonhar com uma práxis emancipatória. Como bem disse Freire (2000)

O que não é porém possível é sequer pensar em trans-formar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto [...] A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta. (Freire, 2000, p. 26).

Assim, a luta pela concretização do sonho passa a ser compreendida enquanto um exercício político-pedagógico que permite a problematização do futuro, entendendo-o enquanto um projeto inconcluso, inacabado. É o anúncio daquilo que poderá ser, desde que, compenetrado em meio aos atos de denúncia, seja capaz de mobilizar nossa capacidade de criar condições para consolidação de uma transformação de natureza política, social e cultural.

Nos termos freireanos, o anúncio pode ser concebido enquanto movimento utópico, esperançoso, uma vez que projeta caminhos possíveis para constituição de um horizonte de possibilidades. É imerso nesse movimento que o impossível deixa de ser considerado um projeto inalcançável, pois dentro dessa concepção assume o caráter de possibilidade, de alternativa que passa a traçar os rumos de projeto que é constituído a partir da reorganização dos setores sociais. É movido pelo desejo incessante da transformação, do projeto utópico. Ainda assim, Freire (1979) ressalva que

A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso anunciar se não conheço, mas entre o momento do anúncio e a realização do mesmo existe algo que deve ser destacado: é que o anúncio não é anúncio de um ante-projeto, porque é na práxis histórica que o anteprojecto se torna projeto. É atuando que posso transformar meu anteprojecto em projeto; na minha biblioteca tenho um anteprojecto que se faz projeto por meio da práxis e não por meio do blábláblá. (Freire, 1979, p. 16).

Portanto, trata-se de um processo que não se dá apenas numa dimensão discursiva, ou mesmo por meio de um blábláblá, como menciona Freire (1979). Isto porque, só é possível pensar em uma transformação efetiva através de uma práxis emancipatória que outorgue a indissociabilidade entre o ato de ler, conhecer e fazer no contexto no qual se encontra compenetrado. A transformação perpassa uma dimensão teórica enquanto necessidade ontológica, mas requer também uma prática, na condição mobilização, de ação consciente.

Na concepção de Freire (2000, p. 56), sonho, utopia, denúncia e anúncio, são condições indispensáveis para construção de um mundo melhor, mais justo, pois sem essas dimensões, só resta treinamento técnico, a educação passa a ser reduzida a um movimento irreflexivo, antipedagógico, onde nossa esperança é aniquilada em meio a brutalidade de um sistema

perverso. Com isso, resta-nos mobilizar elementos teóricos e práticos que permitam constituir um projeto educativo fundamentado nos ideais pelos quais sonhamos e acreditamos.

Ao compreender a dimensão da denúncia e anúncio enquanto pressupostos que antecedem uma transformação, Freire (2000, p. 21) destaca que ambos “[...] criticamente feitos no processo de leitura do mundo dão origem ao sonho porque lutamos.” (Freire, 2000, p. 21). Constituem-se, assim, numa força motriz que mobiliza nossos sentidos frente a uma possibilidade de futuro que não se encontra determinada, mas que é constituída de maneira coletiva e pautada no bem-estar social e comum.

Contudo, torna-se imprescindível para o despertar da consciência coletiva, a constituição de um projeto educativo que seja capaz de oferecer elementos para problematização e constituição de experiências sociais baseadas em atos de denúncias e anúncios. Segundo Freire (1979)

Uma pedagogia utópica de denúncia e de anúncio, como a nossa, tem de ser um ato de conhecimento da realidade denunciada, ao nível da alfabetização e da pós-alfabetização, que constituem, em cada caso, uma ação cultural. Por isso se acentua a problematização contínua das situações existenciais dos educandos tal como são apresentadas nas imagens codificadas. Quanto mais progride a problematização, mais penetram os sujeitos na essência do objeto problematizado e mais capazes são de “desvelar” esta essência. Na medida em que “desvelam”, se aprofunda sua consciência nascente, conduzindo assim à conscientização da situação pelas classes pobres. (Freire, 1979, p. 45).

Como bem menciona o respectivo autor, a consolidação de uma pedagogia utópica de denúncia e de anúncio permite a problematização do futuro, imbricado num processo permanente que possibilita antes de tudo, o desvelamento do hoje, das dificuldades e possibilidades que se encontram entrelaçadas no presente. É imerso nesse movimento que constituímos um arcabouço teórico-prático que avança na problematização do amanhã, a partir de um processo conscientização fincada na emancipação do/a outro/a.

Neste sentido, o debate político-pedagógico deve penetrar uma problematização em torno do amanhã, entendendo-o enquanto “[...] uma possibilidade que precisamos de trabalhar e por que, sobretudo, temos de lutar para construir. O que ocorre hoje não produz inevitavelmente o amanhã”. (Freire, 2000, p. 42). Esse movimento implica a denúncia da realidade desumana, excludente e autoritária, para que se torne possível o anúncio de relações de dialogicidade, amorosidade e respeito entre todos/as.

Ao problematizar o amanhã, a dimensão da denúncia e anúncio rompem com o discurso fatalista, pois reiteram nossa capacidade de lutar na busca da consolidação de um projeto

utópico que prevê uma ação consciente e emancipatória. Com isso, mobiliza nossa capacidade de sonhar, uma vez que reconhece a possibilidade de um mundo melhor e mais justo. Na concepção de Ana Freire (2021)

O ato de sonhar coletivamente, na dialeticidade da denúncia e do anúncio e na assunção do compromisso com a construção dessa superação, carrega em si um importante potencial (trans)formador que produz e é produzido pelo inédito-viável, visto que o impossível se faz transitório na medida em que assumimos coletivamente a autoria de sonhos possíveis. (Freire, 2021, p. 42).

Neste sentido, como bem aponta Freitas (2021), para além de traçar possibilidades de um futuro que pode ser alcançado, a denúncia e o anúncio trazem consigo implicações que revelam o compromisso com a construção de uma sociedade que aponta em todas suas dimensões a luta pela solidariedade e justiça social e histórica. É a através desse movimento que conseguimos sonhar com a constituição de experiências que trazem consigo a materialidade de um novo caminho para todos.

É denunciando e anunciando num processo que não se dá de forma dicotômica, mas conjunta que reavivamos nossas esperanças na construção de um mundo melhor. Essas dimensões são capazes de realizar atos de criação, visto que mobilizam nossos impulsos para projetar um amanhã que não se encontra determinado, mas constituído enquanto uma possibilidade de um outro mundo possível. Estão inter cruzadas num elo inseparável, uma vez que toda denúncia aponta possibilidades e todo anúncio surge a partir de uma denúncia.

2.2 A utopia de um mundo mais justo requer o ato de sonhar coletivamente

Na perspectiva freireana, sonho e utopia assumem um sentido político, superando a definição propagada pelas ideologias fatalistas que as caracterizam, quase sempre, na condição de impossibilidade, devaneio ou mesmo projeto inalcançável/irrealizável. Deste modo, ao romper com o discurso fatalista difundido pela lógica neoliberal, ambas terminologias são concebidas enquanto uma necessidade ontológica dos seres humanos, ou seja, algo que faz parte da sua natureza, histórica e socialmente (Freire, 2021, p. 77).

No tecido desse processo, Freire propõe uma problematização em torno desses conceitos, concedendo um caráter teórico-epistemológico para pensá-los enquanto possibilidade, projeto possível, alternativa viável, desde que, estejamos mobilizados em processos de luta para pensar a futuridade, dialetizando a partir da nossa presença no mundo e com ele. Isto porque, Freire (2000, p. 37) advoga que não podemos “[...] estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra”, sendo necessário assumir uma posição diante dele.

É nítido que o debate pedagógico em torno dos conceitos de sonho e utopia caminha para o rompimento do fatalismo neoliberal, uma vez que propõe assumirmos um compromisso político-pedagógico com a mudança, através de atos criadores que transcendam uma esfera estática. Em meio essa configuração, Freire (2000, p. 27) evidencia que “O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo”. Contudo, esse movimento requer o despertar consciente da nossa capacidade de sonhar com a possibilidade de um amanhã diferente.

Ao compreender que o futuro não se encontra determinado, mas precisa ser construído, forjamos alternativas viáveis para pensar a mudança, através de ações conscientes que permitam o reconhecimento do nosso papel na busca de um mundo mais justo e humano. Trata-se, pois, de um projeto coletivo, emancipatório, visto que não é possível pensar a transformação social a partir de uma visão individualista, sendo necessário pensá-lo a partir dos interesses coletivos, superando as dificuldades que ainda perfazem da nossa realidade um contexto de desigualdades.

Na matriz do pensamento freireano, sonhar consiste em “[...] imaginar horizontes de possibilidade; sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade” (Freire, 2021, p. 42). Convergingo com essa linha de pensamento, podemos afirmar que o ato de sonhar carrega em si um potencial criador, pois supera o fatalismo determinista, projetando aquilo que ainda não existe, mas que se torna possível a partir da manutenção das nossas aspirações utópicas.

Contudo, ao longo dos seus escritos, Freire (2000) enfatiza que sonhar com esse mundo melhor, mais justo, não é suficiente, necessitamos lutar incessantemente para construí-lo, de modo que venhamos torná-lo possível. Assumir esse posicionamento ético e político, corresponde antes de tudo, ao atendimento de uma dívida histórica que nos é colocada na atualidade, uma vez que historicamente estivemos fadados aos processos de violência e desumanização. Diante disso, Freire (1997) destaca que

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica, etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanentemente na história que fazemos e que nos faz e re-faz. (Freire, 1997, p. 51).

Atuar em defesa da humanização, do ideal coletivo, consiste na concretização do projeto utópico pelo qual lutamos hoje em dia, compreendido enquanto condição imprescindível para constituição de um mundo melhor. Ainda que o sectarismo difundido pelas estruturas neoliberais tenha estabelecido um imobilismo diante da nossa sociedade, ocasionando uma

inação diante das violências históricas que fomos submetidos, resta-nos restabelecer nossas forças mobilizadoras, reavivando as nossas esperanças para pensar a transformação.

Como sabiamente defendeu Freire (1979, p. 16), “[...] o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante”. Esse movimento, perfaz a mobilização da nossa capacidade inventiva para potencializar um projeto de sociedade que não se encontra concluso, mas que vai se constituindo em meio aos processos de denúncia e anúncio, como mencionado pelo autor.

É a esperança de um mundo menos feio e perverso, onde a utopia reacende nossa capacidade de intervir no hoje e sobretudo na produção de um amanhã diferente. Certamente, não se trata de um projeto pacífico, mas, ao contrário, materializa-se em constantes processos de disputa de poder, uma vez que as estruturas neoliberais atuam deliberadamente na tentativa de desestruturar nossa capacidade de lutar em defesa da transformação. Sobre esse aspecto, Freire (1997) destaca que

[...] não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua. (Freire, 1997, p. 47).

Esse movimento de tensão que ocupa nossa realidade, corresponde a dinamicidade na qual a história acontece, uma vez que esse encadeamento não ocorre num plano linear, progressivo, mas mediatizado por processos que envolvem disputas, conflitos, tentativas de avanços ou mesmo retrocessos. Apesar disso, essas circunstâncias não podem ser interpretadas enquanto amarras que impedem nossa capacidade de sonhar, mas, enquanto um exercício fundamental para pensar o amanhã.

São estas contradições que impulsionam a luta e defesa dos sonhos possíveis, pois evidenciam a necessidade da utopia nos dias de hoje, onde constantemente assistimos a malvadez da sociedade capitalista que insiste em sucumbir com a vida daqueles/as que foram categorizados enquanto invisíveis. Nisso, Freire (2012, p. 143) defende que “[...] a luta pela esperança significa a denúncia franca, sem meias palavras, dos desmandos, das falcaturas, das omissões. Denunciando-os, despertamos nos outros e em nós a necessidade, mas o gosto também, da esperança”.

É, portanto, denunciando os mecanismos de violação, como aponta Freire (2012), que anunciaremos novas relações de amorosidade entre os seres humanos, pautadas no respeito a diversidade. Assim, na medida em que realizamos esse duplo movimento de denunciar e anunciar, pedagogicamente atuamos num processo de conscientização, onde nos tornamos conhecedores da nossa gente, da nossa história. De acordo com o respectivo autor,

A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente: a partir do momento em que denunciamos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade, a partir do momento em que chegamos à conscientização do projeto, se deixarmos de ser utópicos nos burocratizamos; é o perigo das revoluções quando deixam de ser permanentes. Uma das respostas geniais é a da renovação cultural, esta dialetização que, propriamente falando, não é de ontem, nem de hoje, nem de amanhã, mas uma tarefa permanente de transformação. (Freire, 1979, p. 16).

Mediante as considerações do autor, chegamos à conclusão de que assumir um compromisso político-pedagógico com a transformação de um mundo mais justo, implica ser utópico, perfaz a defesa dos sonhos possíveis, o reavivar das esperanças. Ainda assim, Freire (2014, p. 114) adverte que “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero”. Por isso é que envolve uma intervenção, uma práxis coletiva para corresponder aos desafios reais.

Ser utópico, traduz-se num ato de rebeldia contra um sistema que corrobora à desesperança, a apatia diante da dor do/a outro/a, a realidade feia e desumana. Numa outra esfera, prevê condições para que continuemos vivos, esperançosos, alimentando nossos sonhos em meio a possibilidade de algo novo, mais justo para todos. Como bem disse Freire (2000)

[...] na medida em que nos tornamos capazes de transformar o mundo, de dar nome às coisas, de perceber, de entender, de decidir, de escolher, de valorar, de, finalmente, eticizar o mundo, o nosso mover-nos nele e na história vem envolvendo necessariamente sonhos por cuja realização nos batemos. Daí então, que a nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não seja uma presença neutra. A capacidade de observar, de comparar, de avaliar para, decidindo, escolher, com o que, intervindo na vida da cidade, exercemos nossa cidadania, se erige então como uma competência fundamental. (Freire, 2000, p. 17).

Situar nossa posição diante dessa realidade, consiste num processo de comprometimento com nós mesmos e com o mundo que nos cerca, haja vista que somos coletividade, nos constituímos em meio as redes de cumplicidade que estabelecemos com os nossos semelhantes. É atuando diretamente na transformação da nossa realidade que conseguimos questionar e/ou problematizar as contradições que ainda se fazem presentes no nosso meio, vislumbrando superá-la num projeto de cidadania coletivo.

Não há dúvidas de que a utopia é o caminho para libertação, uma exigência histórica que se coloca enquanto ferramenta indispensável na luta contra a exploração, desumanização e/ou fatalismo perverso. Ao mesmo tempo, constitui-se na condição de despertar de um autoconhecimento esperançoso que caminha na construção de um universo de possibilidades que vai atuando num processo de luta comum.

Essa luta não se trata de uma imposição que nos é colocada, mas de uma exigência histórica, se queremos de fato assumir o compromisso com a mudança, pois não é possível transformar sem um agir consciente diante da realidade fática. De acordo com Freire (2000, p. 55) o mero reconhecimento de que “[...] o sistema atual não inclui a todos, não basta. É necessário precisamente por causa deste re-conhecimento lutar contra ele e não assumir a posição fatalista forjada pelo próprio sistema e de acordo com a qual “nada há que fazer, a realidade é assim mesmo”.

Neste sentido, a luta pela utopia, pelos sonhos possíveis constitui-se também enquanto um processo de disputa contra a brutalidade do sistema perverso que a todo modo tenta descredenciar nossas aspirações éticas, políticas e pedagógicas. Assumir um novo rumo nesse ínterim, consiste em forjar relações fundadas nos processos de amorosidade, fraternidade e cumplicidade com nós mesmos e com a realidade que nos cerca.

2.3 Educação, conscientização e os desafios para uma práxis libertadora

O compromisso com a difusão de uma educação crítica, que viesse conscientizar e libertar os/as oprimidos/as, foi tomada enquanto uma das principais questões defendidas por Freire ao longo dos seus escritos. Na compreensão do educador utópico, o processo educativo consistia num importante instrumento para que viéssemos alcançar as práticas de humanização, tão necessárias dentro de uma sociedade que se encontrava mais fincada nos interesses neoliberais do mercado do que nas reais necessidades do seu povo.

Freire (1997, p. 47) acreditava que a educação não podendo tudo, poderia alguma coisa, sendo possível pensá-la enquanto um dispositivo capaz de realizar desde pequenas fissuras no sistema até mesmo uma grande revolução. Desse modo, ao reivindicar esse projeto de sociedade, o educador propôs métodos que viessem conscientizar e libertar aqueles/as que se encontravam reféns das amarras neoliberais, visto que estas estruturas representavam um antagonismo frente a instauração de um projeto educativo emancipador.

Realizar esse movimento, consistia antes de tudo, num compromisso político-pedagógico com aqueles/as que se encontravam fadados/as a permanecerem dentro dos quadros de exclusão e opressão impostos pela sociedade capitalista. Por outro lado, sinalizava para inconsistência do modelo de educação advindo do neoliberalismo, tendo em vista que essa proposta não oferecia elementos suficientes para pensar uma mudança estrutural, uma vez que os interesses do mercado se sobrepunham as reais necessidades da população.

Mediante esses fatos, Freire (2021, p. 22) propõe uma educação corajosa “[...] que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa em vez da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida”. Uma educação problematizadora, que oferecesse condições para que seus/suas sujeitos/as fossem capazes de realizar uma leitura de mundo, superando os problemas que fazem parte da sua realidade.

Ainda segundo o autor, pensar a educação enquanto “[...] prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade.” (Freire, 1979, p 14). Essa reflexão, por sua vez, alarga a compreensão em torno do fenômeno educativo, pois reconhece seu potencial revolucionário na construção de um novo projeto de mundo. Na mesma medida, potencializa respostas efetivas para que venhamos superar as contradições que ainda seguem instaurando assimetrias na sociedade. Partindo desse princípio, Freire (2022) ressalta que

A prática educacional não é o único caminho à transformação social necessária à conquista dos direitos humanos, contudo acredito que, sem ela, jamais haverá transformação social. A educação consegue dar às pessoas maior clareza para “lerem o mundo”, e essa clareza abre a possibilidade de intervenção política. (Freire, 2022, p. 50).

De fato, sem uma perspectiva de educação crítica, libertadora e comprometida com os atos de denúncia e anúncio, dificilmente seríamos capazes de caminhar na construção de um projeto de sociedade fundamentado na justiça social e defesa dos direitos humanos. Como bem pontuou Freire (2022), a educação crítica amplia as possibilidades de intervenção política, pois entende que a realidade não está determinada, mas, em permanente processo de construção, podendo ser modificada a todo momento.

Neste sentido, urge superar o modelo de educação centrado numa perspectiva técnica e burocrática, onde a imposição dos conteúdos programáticos ocupa uma certa centralidade durante todo o processo pedagógico. Ao mesmo tempo, faz-se urgente a constituição de experiências pedagógicas compromissadas com a libertação dos grupos historicamente

excluídos e marginalizados, uma vez que não é possível pensar sua emancipação sem um projeto educativo que desperte sua criticidade.

Entretanto, constituir tais experiências demanda também pensar uma educação vinculada ao contexto sociocultural nos quais os/as sujeitos/as se encontram inseridos, pois só a partir da superação das contrariedades locais torna-se possível subverter os limites impostos pelas estruturas desiguais. Assumindo esse ponto de vista, Freire (1979, p. 19) defende que “Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para muda-la”.

O reconhecimento da capacidade de mudança, conforme sinaliza Freire (1979), traduz a potencialidade da educação na luta pela justiça social, uma vez que não aceita a realidade imposta, mas, cria condições para modifica-la de acordo com as necessidades dos seus indivíduos. Isto porque, sem uma educação comprometida com a mudança da realidade não há possibilidade de uma transformação social efetiva, pois é nesse movimento que conseguimos conscientizar os indivíduos, despertando sua criticidade. De acordo com Freire (1979)

Aqueles que estão “conscientizados” apoderam-se de sua própria situação, inserem-se nela para transformá-la, ao menos com seu projeto e com seus esforços. Portanto, a conscientização não pode pretender nenhuma “neutralidade”. Como consequência que é da educação, demonstra que esta também não poderia ser neutra, porque se apresenta sempre, queiramos ou não, como “a forma própria de uma ação do homem sobre o mundo”. (Freire, 1979, p. 40).

O despertar da conscientização, surge assim, enquanto a capacidade mobilizadora de refletir acerca de si, mas também das adversidades materializadas na sua realidade. Assim, ao reconhecer a historicidade enquanto construção humana, marcada por avanços e retrocessos, elabora respostas efetivas para reinventá-lo. É um posicionamento crítico diante da realidade, pois como alerta Freire (1979), a conscientização não predispõe de uma postura de neutralidade, mas demanda assumir um compromisso com sua historicidade.

Ao discorrer acerca da conscientização, o autor também adverte para o exercício reflexivo que perpassa esse movimento, visto que sua ação não está pronta e acabada, mas vai sendo constituída a partir das experiências que vão sendo formuladas em meio sua práxis. Ainda segundo o autor, precisamos lembrar que o despertar da consciência crítica envolve um conjunto de fatores que necessitam serem considerados durante esse processo, não podendo assim ser compreendida enquanto

[...] uma varinha mágica para os revolucionários, mas uma dimensão de base de sua ação reflexiva. Se os homens não fossem “entidade conscientes” capazes de atuar e perceber, de saber e recriar; se não fossem conscientes de si mesmos e do mundo, a ideia de conscientização não teria nenhum sentido e aconteceria o mesmo com a ideia

de revolução. Empreendem-se revoluções para libertar os homens, precisamente porque os homens podem saber que são oprimidos e ser conscientes da realidade opressora na qual vivem. (Freire, 1979, p. 47-48).

Essa libertação destacada por Freire (1979), envolve antes de tudo, a necessidade da práxis, considerada enquanto dimensão que envolve a teoria e prática, a capacidade de refletir e agir diante das problemáticas sociais, oferecendo respostas efetivas a cada uma. Além disso, o respectivo autor destaca que não alcançaremos a libertação “[...] pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela”. (Freire, 2014, p. 43).

Partindo desse pressuposto, pensar a práxis educativa consiste também num processo de luta permanente, onde as classes oprimidas passam a reivindicar um projeto de sociedade no qual historicamente estiveram excluídos, fadados a permanecerem sempre nos lugares de marginalização. Desta ótica, a constituição de experiências educativas baseadas nos processos de reflexão e ação correspondem antes de tudo a uma necessidade ontológica do ser humano, pois só assim será possível construir elementos para pensar sua libertação.

Freire (2014, p. 167) define os seres humanos na condição de “[...] seres da práxis. São seres do quefazer, diferentes por isso mesmo, dos animais, seres do puro fazer”. Sua particularidade se encontra justamente na capacidade de inventividade, de criação do mundo, onde se nega a aceitar uma realidade nas condições de desumanização impostas pela lógica capitalista. Assim, numa posição contrária ao fatalismo, realiza um trabalho de comunhão, mobilizando instrumentos político-pedagógicos para constituir um *ethos* civilizatório.

Neste movimento, Freire (2014) chama atenção não apenas para urgência de uma ação prática que caminhe num horizonte de mudança, mas também para necessidade de uma teoria que venha embasar sua atuação. Seguindo esse direcionamento o autor destaca que

[...] se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. (Freire, 2014, p. 167-168).

Em meio suas considerações, fica visível a impossibilidade de projetar um novo mundo sem antes pensarmos a teoria e prática de forma articulada, caminhando numa mesma direção. Necessitamos pensá-las enquanto entidades indissociáveis para que venhamos evidenciar rupturas nas estruturas desiguais da nossa sociedade. Para o educador utópico

No ato mesmo de responder aos desafios que lhe apresenta seu contexto de vida, o homem se cria, se realiza como sujeito, porque esta resposta exige dele reflexão, crítica, invenção, eleição, decisão, organização, ação... todas essas coisas pelas quais se cria a pessoa e que fazem dela um ser não somente “adaptado” à realidade e aos outros, mas “integrado”. (Freire, 1979, p. 21)

São a partir desses atos criadores que o ser humano encontra sentido na luta revolucionária, pois entende que sua luta não é em vão, mas na tentativa de efetivar melhorias para sua realidade. É mediante essa construção que o ser humano segue criando e se reinventando, o que mostra que ele não se encontra determinado, mas integrado no seu espaço, como ressalta Freire (1979).

Com base nessas reflexões, Freire (2014, p. 119-120) esclarece que só “[...] a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política”. Convém, portanto, forjar alternativas para que mediante essa ação proposta pelo autor, venhamos caminhar nessa direção, oportunizando possibilidades.



3. A DENÚNCIA FEMINISTA E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA DE GÊNERO NA CONTEMPORANEIDADE

Não há dúvidas de que estamos vivenciando profundas mudanças na arena social, política e epistemológica, influenciadas, principalmente, pelos desdobramentos que emergem na contemporaneidade e impõem a reestruturação de novos paradigmas para repensar as estruturas sociais. Esse movimento, por sua vez, ocorre em meio a compreensão de que os padrões hegemônicos, historicamente utilizados enquanto parâmetros para regular as relações sociais são passíveis de violências e/ou silenciamentos para determinados grupos.

Vislumbrando a construção de outras narrativas, observamos as ações que vem sendo protagonizadas por diferentes movimentos sociais e/ou coletivos que reivindicam a constituição de novos arranjos, tendo em vista a impossibilidade de continuarmos reproduzindo as heranças coloniais que pressupõem a continuidade das opressões. Assim, ao passo que denunciam as estruturas autoritárias e desumanas, também apresentam novas alternativas para que venhamos constituir outras experiências sociais, mais justas e humanas.

Podemos observar essas reestruturações também no campo científico, dada a compreensão de que as teorias universais foram constituídas a partir de um projeto hegemônico de ciência, estruturado para atender as classes dominantes. Desta ótica, Sandra Harding (2019, p. 98) chama atenção para o crescimento da “[...] nossa capacidade de descobrir androcentrismo nas análises tradicionais de modo a encontrá-lo no conteúdo das afirmações científicas ou nas próprias formas ou objetivos do processo usual de produção de conhecimento”.

Na confluência desses acontecimentos, ao investigar as experiências das mulheres, Harding (2019) constatou os limites das teorias tradicionais, visto que estas não ofereciam elementos convincentes para explicar as especificidades do universo feminino. Sua insuficiência, consistia na natureza dos seus fundamentos, uma vez que seus pressupostos epistemológicos se encontravam enviesados dentro de uma ótica patriarcal, tomando como referência a figura do homem, branco, heterossexual, ocidental e burguês.

Conseguimos ver, então, que seja na arena social ou universo científico, esses deslocamentos vêm provocando uma série de denúncias, rupturas e/ou reorganizações, onde anunciam a instauração de um novo *ethos* civilizatório. Por outro lado, ao passo que rejeitam a continuidade desse projeto hegemônico de sociedade também sinalizam para possibilidade de alcançarmos experiências sociais mais acolhedoras e humanas, onde a diversidade possa ser contemplada em suas diferentes manifestações.

É assumindo esse comprometimento utópico de um mundo mais justo que as ações feministas vêm rompendo com os ciclos de violências, onde instauram melhorias na qualidade de vida das pessoas, sobretudo, das mulheres. Concebido enquanto um dos movimentos sociais de maior notoriedade na atualidade, suas propostas buscam subverter o poder patriarcal e recriar experiências sociais fundadas nos princípios do respeito e equidade de gênero. Ao investigar esse fenômeno, Margareth Rago (1995/1996) destaca que

[...] o feminismo coloca o dedo nesta ferida, mostrando que as mulheres foram e ainda têm sido esquecidas não só em suas reivindicações, em suas lutas, em seus direitos, mas em suas ações. Suprimidas da História, foram alocadas na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada do privado. O feminismo aponta para a crítica da grande narrativa da História, mostrando as malhas de poder que sustentam as redes discursivas universalizantes. O feminismo denuncia e critica. Logo, deve ser pensado e lembrado. (Rago, 1995/1996, p. 15).

Conforme aponta a autora, a crítica feminista oferece um conjunto de elementos para que venhamos problematizar as relações de gênero, pois potencializa a denúncia das estruturas hegemônicas que durante muito tempo estiveram ausentes de um olhar crítico. Na medida em que realiza esse movimento, também evidencia a construção de novos paradigmas de gênero, dada a impossibilidade de continuarmos reproduzindo os modelos dicotômicos que preveem hierarquias e/ou subalternizações.

Nitidamente, as denúncias feministas cumprem com um importante papel político-pedagógico na esfera social, onde revelam as facetas perversas do patriarcado no processo de exclusão das mulheres ao longo da história. Desse modo, na medida em que se posicionam contra esse sistema de opressões, caminham para subversão dos arranjos hegemônicos de gênero que se encontram fincados nos quadros de desigualdades.

A imprescindibilidade dos atos de denúncia consiste num compromisso com a futuridade, pois ao se opor ao discurso fatalista evidenciado pelo patriarcado, busca reescrever a história das mulheres a partir de outras narrativas. Como bem disse Freire (2000, p. 55) “Uma das coisas mais significativas de que nos tornamos capazes mulheres e homens ao longo da longa história que, feita por nós, a nós nos faz e refaz, é a possibilidade que temos de reinventar o mundo e não apenas de repeti-lo, ou reproduzi-lo”.

3.1 Denunciar para libertar: a insurgência feminista frente ao poder patriarcal

Ao evidenciar a urgência de um projeto coletivo e emancipatório de sociedade, Freire (2014) advoga que ao revolucionário compete não apenas a tarefa de libertar, mas o dever de libertar e libertar-se com seu povo. Isto porque, a reinvenção de um mundo mais justo e humano

perfaz um movimento de pensar a partir da coletividade, não sendo possível atender os interesses e/ou necessidades dos indivíduos a partir de uma ótica individualista, onde os interesses pessoais se sobrepõem aos coletivos.

O sonho coletivo da libertação tem sido tomado enquanto uma das diretrizes do feminismo, onde impulsionado pela emergência da transformação, realizam intervenções no campo social, político e intelectual, na tentativa de avançar no processo de rompimento das estruturas opressivas do patriarcado. Assim, na medida em que reivindicam novas relações, insurgem-se através dos atos de denúncia que permitem às mulheres romperem com os dispositivos de silenciamentos impostos ao longo dos séculos.

Ao denunciar o sistema patriarcal e suas estruturas de poder, o feminismo desvela as inúmeras violências e desigualdades que ainda hoje sucumbem as vidas das mulheres, condicionando-as a viverem sob os regimes de opressão. Esse movimento, por sua vez, mais do que um pedido de socorro, configurasse enquanto um ato de rebeldia na luta pela sobrevivência e busca da dignidade. Dentro desse quadro, Noelia Figueroa (2018) explica que as ações desenvolvidas – em sua maioria – pelas mulheres

[...] se mezclan varios factores: ansias de justicia, demanda de reparación, sensación de hartazgo por la impunidad, necesidad de escrachar o visibilizar agresores, muchas veces un malestar enorme por la hipocresía de espacios que contienen a los agresores, el no haber recibido respuestas satisfactorias a tiempo, la sensación de que es un momento en que el relato puede ser oído y alojado, entre muchas otras cosas. (Figueroa, 2018, p. 37).

Com base nos apontamentos de Figueroa (2018), percebemos que são imensuráveis as reivindicações levantadas pelo movimento feminista, dado o ódio e agressividade com a qual o patriarcado sempre tratou as vidas das mulheres. Entretanto, embora suas atuações apontem para pautas diversificadas, dada as diferentes necessidades femininas em seus múltiplos contextos e realidades, seus feitos trazem em comum a busca pela eliminação dos dispositivos de violência e iminência de uma justiça de gênero.

Desta ótica, podemos compreender as denúncias feministas enquanto expressões de indignação diante da inaceitabilidade de um sistema que elimina, violenta e/ou silencia os corpos femininos por considerá-los inferiores. Ao mesmo tempo, percebemos que essas manifestações oferecem respostas satisfatórias para que venhamos desestabilizar as estruturas desumanizantes e consecutivamente forjar experiências sociais fundamentadas em parâmetros mais audaciosos, que evidenciem uma vida mais digna e humana.

Nessa tomada de consciência, entendemos que para alcançar um novo mundo, precisamos antes de tudo, eliminar as velhas heranças coloniais e patriarcais que ainda

operacionalizam desigualdades e/ou injustiças no campo social. Dessa maneira, tomando essa missão enquanto parte do seu projeto político-pedagógico, o feminismo tem lutado muito para desimaginar o mundo patriarcal e imaginar um outro, fundamentado em relações filóginas, como esclarece Ivone Gebara (2022).

À medida que ousa sonhar com a constituição de um outro mundo, as ações feministas não se detêm ao empenho de imaginar novos rumos para sociedade, também se encarregam de denunciar “[...] as violências das instituições políticas, sociais e religiosas, instituições de saúde e muitas outras que continuam mantendo suas concepções anacrônicas sobre a vida humana” (Gebara, 2022, p. 58). São, portanto, esses esforços coletivos que tem permitido avançar na superação das contradições que ainda impõem limites ao exercício de uma vida digna.

Neste sentido, desocultar as facetas perversas do patriarcado e o modo como o seu poder se encontra entranhado em nossas vidas deve ser concebido enquanto uma exigência histórica, dada a imprescindibilidade de superá-lo. Na concepção de Debora Diniz e Ivone Gebara (2022, p. 8), seus prejuízos são incalculáveis, uma vez que esse sistema “[...] oprime, segrega, controla e mata os corpos. Tristemente, é um regime de poder, hierarquizante e excludente, que, com diferentes intensidades, todos nós reproduzimos”.

Suas raízes se encontram entranhadas na nossa construção histórica, visto que fomos educados/as numa sociedade que ainda hoje hipervaloriza a continuidade desses padrões de comportamento hegemônico. Assim, ao passo que observamos recorrentes intervenções na tentativa de desestabilizar esse sistema de poder, também constatamos sua capacidade de readaptar-se e penetrar em nossas vidas, dando continuidade aos ciclos de violências que insistem em ocasionar desigualdades. De acordo com Alba Carosio (2017)

El patriarcado se sostiene en un conjunto de instituciones políticas, sociales, económicas, ideológicas y afectivas que producen y reproducen prácticas cotidianas colectivas y personales que se dan en lo público y en lo privado. La división sexual del trabajo, la feminización de la pobreza, la violencia contra las mujeres, la mercantilización del cuerpo femenino, el tráfico de mujeres y la prostitución, la maternidad obligatoria y desprotegida, la dependencia corporal y la sumisión afectiva, la segregación ocupacional y política, son solo algunos de los males que derivan del sistema patriarcal. (Carosio, 2017, p. 28).

Em meio as considerações da autora, conseguimos constatar a eficácia com a qual o sistema patriarcal consegue operar em seus múltiplos contextos, visto que seus dispositivos se encontram engendrados não apenas em nossos discursos e/ou ações individuais, mas também na forma como as diferentes instituições tem conduzido suas atividades. Tais mecanismos institucionais têm sido bastantes eficazes na hierarquização das relações de gênero, onde vem ocasionando uma série de assimetrias.

Apesar de constataremos diferentes enfrentamentos nas últimas décadas, na tentativa de dismantlar essa estrutura de poder, percebemos que esse sistema permanece operando lógicas desiguais. Segundo Fabri (2018, p. 77) “[...] *a través del mismo se ha logrado instalar que las relaciones de poder entre los sexos responden a un sistema de organización social que, más allá de las variantes en función del contexto histórico y cultural, se mantiene vigente reproduciendo las desigualdades de poder*”.

Dada as inúmeras consequências engendradas pelo patriarcado em torno das nossas vidas, não basta apenas identificar suas estruturas de poder, necessitamos também oferecer respostas efetivas para sua desestabilização. Com esse propósito, o feminismo desponta enquanto um projeto audacioso e eficaz, pois oferece ferramentas para que venhamos denunciar os regimes de opressão e com isso propor novos caminhos para que seus indivíduos constituam experiências saudáveis.

Nesse empenho de desimaginar o mundo patriarcal para imaginar um novo (Gebara, 2022), o feminismo assume o compromisso de produzir outras narrativas, reiterando os processos de lutas e reivindicações protagonizados pelas mulheres ao longo da história. Recuperar esses acontecimentos, significa não apenas desocultar as memórias femininas, mas também não repetir os erros históricos que encarregaram de condicionar os lugares de subalternização para o gênero feminino.

Na compreensão de Magdalena Valdivieso (2012, p. 31) “[...] *el feminismo ha contribuido históricamente a cambiar valores, leyes costumbres, prácticas y hábitos asentadas en el poder patriarcal, es decir, ha tensionado, conflictuado, resistido y confrontado al patrón de poder dominante*”. Seu engajamento na constituição de outra realidade, reforça a urgência de uma justiça de gênero que ofereça condições dignas para que as mulheres possam forjar suas experiências livres, sem serem assediadas, violentadas ou mesmo mortas.

Convém destacar que a denúncia feminista não se limita a revelar apenas as opressões patriarcais, suas manifestações vão muito além, onde buscam a eliminação de qualquer tipo de violência que evidencie a retirada da dignidade humana. Para tanto, suas atuações contemplam também um posicionamento crítico contra a exploração capitalista, o racismo estrutural, os regimes de autoritarismos, as agressões LGBTfóbicas, entre tantas outras violências que pressuponham desigualdades.

Esse entendimento parte do pressuposto de que “[...] os esforços para acabar com a violência masculina contra a mulher só serão bem-sucedidos se fizerem parte de uma luta maior

para acabar com todas as formas de violências” (Hooks, 2019, p. 186). Portanto, só a partir da eliminação desses inumeráveis cerceamentos que seremos capazes de provocar deslocamentos contínuos e constituir outras relações de amorosidade e cumplicidade entre os seres humanos.

Embora a despatriarcalização se apresente enquanto um desafio, o feminismo realça que podemos alcançá-lo, desde que estejamos mobilizados coletivamente em atos de denúncia. É através da insurgência feminista que reinventaremos o mundo a partir de outras narrativas, cumplicidades e relações.

3.2 O que pode a denúncia feminista na luta contra as opressões de gênero?

O debate acerca dos alcances evidenciados pela denúncia feminista na luta contra as opressões de gênero torna-se inconclusivo na medida em que não conseguimos mensurar as conquistas obtidas por esse movimento nas últimas décadas, dada suas incontáveis contribuições na esfera individual e coletiva. Ainda assim, é possível afirmar que a partir dos seus enfrentamentos, o mundo já não é o mesmo, principalmente, quando pensamos a situação das mulheres, sujeitas historicamente excluídas e/ou invisibilizadas pelo poder patriarcal.

Das lutas sufragistas no fim século XIX e início do século XX às reivindicações pelo direito ao aborto nos dias de hoje, inúmeras utopias têm se concretizado a partir da mobilização e ousadia de mulheres que sonharam com uma reorganização na esfera do gênero. Esse empenho na construção de um mundo mais justo, por sinal, evidenciou não apenas uma maior visibilidade nas pautas feministas, como também a ascensão de direitos no campo social e reprodutivo, além de uma certa autonomia para decidirem sobre seus corpos.

Numa esfera geral, é possível afirmar que as mudanças alcançadas, bem como aquelas que se encontram em curso, oferecem subsídios para uma vida mais digna, principalmente, no que se refere as múltiplas realidades vivenciadas pelas mulheres, tendo em vista que firmam um compromisso com a construção de um mundo mais humano, justo e solidário. Seguindo essa compreensão, bell hooks (2019) ressalta as potencialidades do movimento feminista para constituição de outras realidades, visto que

[...] ele oferece uma nova plataforma ideológica para o encontro dos sexos, um espaço para crítica, luta e transformação. O movimento feminista pode pôr fim à guerra dos sexos. Pode transformar as relações de tal modo que a alienação, a competição e a desumanização que tanto afetam e definem as interações humanas venham a ser substituídas por sentimentos de intimidade, reciprocidade e companheirismo. (Hooks, 2019, p. 68).

Como bem destacado pela autora, os esforços do feminismo não se detêm à crítica na esfera do gênero, suas ações anunciam a constituição de experiências de emancipação entre os sexos, possibilitando a dialogicidade, bem como a superação dos quadros de hierarquia, violências e opressões que estiveram determinando essas relações. Assim, ao passo que realizam esse movimento, avançam no processo de luta e superação das contradições desumanizantes que ainda seguem sendo (re)produzidas.

Em sua busca por um mundo mais justo, o feminismo amplia as experiências humanas, pois na medida em que reconstrói outros caminhos para as relações de gênero, também recria as experiências que antes estavam fundamentadas pelo machismo, sexismo e/ou LGBTfobia. Esse processo fica ainda mais evidente no que se refere as mulheres, visto que o feminismo oportunizou “[...] uma recriação de si mesmas, uma experiência de liberdade em relação a vários padrões de vida e a imposições sociais patriarcais” (Gebara, 2022, p. 170-171).

Essa recriação pautada por Gebara (2022), evidenciou modificações que alteraram não apenas a vida das mulheres, mas a própria organização na esfera do gênero, pois ao se opor as heranças patriarcais impostas pelo sistema hegemônico, novas alternativas necessitaram ser criadas para corresponder as necessidades dos seus sujeitos. Portanto, novos padrões de comportamentos foram sendo estabelecidos, dada a impossibilidade de continuar reproduzindo os modelos arbitrários de gênero. Diante disso, Rago (1995/1996) reafirma que

[...] é inegável o quanto o feminismo, seja enquanto modo de pensamento, seja enquanto conjunto de práticas políticas e sociais, contribuiu e tem contribuído vigorosamente para a crítica cultural contemporânea. Para além da desconstrução das configurações ideológicas, conceituais, políticas, sociais e sexuais que norteiam e organizam nosso mundo, o feminismo deu visibilidade não apenas às mulheres e às questões femininas, mas às formas insidiosas e perversas da exclusão que operam sobretudo na esfera pública. Ao mesmo tempo, propôs formas alternativas de organização social e sexual fundamentais para a construção de relações mais igualitárias não apenas entre os sexos, já que se trata fundamentalmente da construção de um novo conceito de cidadania, num campo em constante mutação. (Rago, 1995/1996, p. 43).

As considerações de Rago (1995/1996), ao passo que sinalizam para as mudanças evidenciadas no campo epistemológico, político e social, revelam também sua notável contribuição na esfera pública, onde tem sido possível reconstituir as experiências de cidadania. Como menciona a autora, o feminismo vai muito além da denúncia das arbitrariedades no campo do gênero, institui também novos padrões de comportamento entre os sexos, uma vez que desconstrói os discursos hegemônicos para que se possa construir outras narrativas.

Ao potencializar esses deslocamentos, possibilita também a implementação de padrões mais audaciosos para que venhamos superar os modelos dicotômicos e binários de gênero que

ainda se encontra fincados na hierarquização entre masculino e feminino. Isto porque, não é mais possível permanecer fixado nos padrões hegemônicos, uma vez que diversas identidades de gênero, orientações sexuais, performances e/ou práticas tem emergido na contemporaneidade, demandando novos posicionamentos.

Ainda segundo Rago (2004, p. 33) podemos constatar que o feminismo ao longo das suas manifestações tem criado “[...] um *modo específico de existência*, muito mais integrado e humanizado, já que desfez oposições binárias como a que hierarquiza razão e emoção, inventou eticamente, e tem operado no sentido de renovar e reatualizar o imaginário político e cultural de nossa época”. Esses modos de existência destacado pela autora, podem ser compreendidos enquanto estratégias de fuga dos mecanismos de violência implementados pelo patriarcado.

Assim, imerso nessas recorrentes tentativas de criar alternativas viáveis para superação das opressões, as ações feministas restituem a dignidade daqueles/as que tiveram suas vidas e modos de existência dilacerados pela política nefasta imposta pelo poder patriarcal. Portanto, na medida em que implementa suas ações, cumpre com um importante papel político-pedagógico, visto que através da sua capacidade imaginativa consegue projetar aquilo que não existia, anunciando outras realidades. Na compreensão de Alba Carosio (2012)

[...] el feminismo como teoría, praxis y proyecto ético político que reivindica la diferencia y la igualdad de la mitad de la humanidad, ha venido pensando desde una periferia cotidiana, común y naturalizada, y ha venido aportando análisis desveladores de la invisible discriminación y opresión sexual, junto con potencia subversiva, utopías radicales y propuestas emancipatorias. Hay una vitalidad feminista renovada que no deja de protagonizar luchas por la profundización de la igualdad y la emancipación. (Carosio, 2012, p. 9-10).

Como bem destaca a autora, as intervenções do feminismo não se restringem ao campo político, suas atuações também avançam em outros setores da sociedade, como os espaços acadêmicos. Desde então, seus pensamentos muito têm contribuído enquanto campo teórico, visto que tem possibilitado a produção de um conhecimento comprometido com uma justiça de gênero, diferentemente dos cânones do conhecimento científico que estiveram pautados na produção de um conhecimento universal.

Assim, encontramos nas epistemologias feministas indicadores que permitem desconstruir os discursos universalizantes que serviram para suprimir e violentar as mulheres, impossibilitando-as de produzir um conhecimento pautado em suas experiências de vida. Tais pressupostos epistemológicos trazem em sua matriz um potencial subversivo, pois desestabilizam aquilo que até então era considerado verdade intocável. Ao tratar dessas questões, Salgado (2019) destaca que

Investigar para conocer y conocer para transformar con base en el feminismo son etapas de un mismo proceso que busca revertir siglos de acumulación de conocimientos sobre las mujeres que se han utilizado para dar continuidad a las distintas formas de control y sujeción de las que han sido objeto. La investigación feminista complementa los esfuerzos sociales, políticos y filosóficos del feminismo en pos de una transformación radical de la sociedad. (Salgado, 2019, p.).

Trata-se, portanto, de um conhecimento comprometido político e pedagogicamente com a vida das mulheres, o qual tem ampliado debates no campo epistemológico, oferecendo outras lentes analíticas para interpretar e analisar a realidade em suas diversas possibilidades. Por estas razões, as epistemologias feministas são concebidas enquanto dispositivos centrais na luta pela equidade de gênero, pois para além de alargar um olhar em torno dessas experiências, propõem a realização de intervenções em diversos espaços da sociedade.

A elaboração desse arcabouço teórico-metodológico pode ser compreendido enquanto uma urgência para enfrentarmos as assimetrias que ainda impõem desigualdades às vidas das mulheres, uma vez que as teorias universais se encontram limitadas pelo androcentrismo na qual foram fundadas. Por estas razões, as teorias feministas avançam em outros caminhos, onde propõem não apenas um conhecimento pautado em suas vidas, como também preveem a superação das adversidades.

Reconhecer o conhecimento científico na condição de mecanismo de enfrentamento às injustiças sociais pode ser compreendido enquanto processo central para instituímos uma mudança em torno das discrepâncias de gênero que persistem em operar lógicas desiguais para os sexos. Compactuando com essa linha de pensamento, Santos (2010, p. 40) advoga que a “[...] injustiça social global está intimamente ligada à injustiça cognitiva global. Daí que a luta pela justiça social global deve ser também uma luta pela justiça cognitiva global”.

Diante das elucidações apresentadas pelo respectivo autor, entendemos que não há possibilidade de superarmos as injustiças sociais sem um conhecimento comprometido com a mudança. No que se refere especificamente as questões de gênero, acreditamos que um conhecimento pautado na equidade de gênero constitui-se enquanto um *locus* central para desconstruímos os discursos e/ou narrativas centrados numa perspectiva patriarcal, sendo tão necessárias quanto as mobilizações e enfrentamentos realizados na esfera social e política.

Partindo dessa compreensão, Miguel (2014, p. 17) destaca que a teoria feminista pode ser considerada enquanto “[...] um pensamento que parte das questões de gênero, mas vai além delas, reorientando todos os nossos valores e critérios de análise”. Trata-se, portanto, de uma teoria pautada no bem-estar comum, pois na medida em que propõe a erradicação de toda forma

de violência e/ou opressão, condiciona sentidos para pensarmos o bem-estar da coletividade. Segundo Valdieso (2012)

Es un pensamiento y una propuesta política, construida sobre el cuestionamiento al modo patriarcal de estructurar la existencia humana, que se ha generado desde la resistencia y en conflicto con las relaciones de dominación impuestas por el modo de saber dominante, que construye a lo femenino, como diferencia y lo subordina en las jerarquías que establece, para ordenar las relaciones entre las personas en todas las áreas de la existencia humana. (Valdivieso, 2012, p. 22).

Ao analisar as questões que transpassam o feminismo, Rago (1994, p. 39) destaca que suas contribuições podem ser vistas tanto a partir da teoria, como da prática, uma vez que “[...] teve e tem uma função social eminentemente política, por seu potencial profundamente subversivo, desestabilizador, crítico, intempestivo, assim como pela vontade que manifesta de tornar o mundo mais humano, livre e solidário, seguramente não apenas para as mulheres”.

A insurgência com a qual o feminismo se impõe na sociedade, representa justamente uma resposta a forma com a qual o patriarcado se apresentou as mulheres, sempre de forma perversa e menosprezando suas lutas. Dessa forma, não se trata apenas de uma denúncia no sentido de mostrar o que está acontecendo, mas também de se posicionar contrariamente a arbitrariedade com a qual as mulheres sempre foram tratadas.

3.3 A esperança feminista reacende a utopia de um novo mundo

A utopia de um novo mundo surge enquanto um projeto de sociedade forjado nas lutas daqueles/as que reivindicam outro *ethos* civilizatório, baseado em relações mais justas e amorosas. Não se trata de uma perspectiva infundada, muito menos de um devaneio ilusório, mas de um posicionamento político-pedagógico assumido por aqueles/as que reafirmam a impossibilidade de continuarmos reproduzindo os discursos e/ou práticas que reiteram a continuidade dos arranjos nefastos introduzidos pelos poderes hegemônicos.

Comungando dessa corrente de pensamento, Cristina Buarque (2022, p. 20) defende que as utopias apresentam elementos potentes para introduzir uma mudança de cunho social, político e epistemológico, pois entende que estas “[...] têm a força de transformar as sociedades porquanto dão sentido à vida cotidiana dos indivíduos no presente”. Desse modo, não apenas indicam possíveis cenários de mudança a serem alcançados, como também refletem as necessidades apresentadas pelos indivíduos em suas mais diversas condições.

Entretanto, não se faz suficiente reacender o desejo em torno desse ideal utópico para que venhamos instaurar uma transformação em diferentes âmbitos da vida humana, visto que

ele só ganha concretude na medida em que assumimos um compromisso de elaboramos condições para operacionaliza-lo, oferecendo reais condições de colocá-lo em prática. Ao passo que realizamos esses esforços numa tentativa de mudança, também mantemos viva nossa esperança, tida enquanto necessidade ontológica dos seres humanos (Freire, 2012).

Só a partir do reconhecimento da esperança enquanto elemento central desse processo, encontraremos indícios para uma possível interrupção das heranças hegemônicas e colonizadoras que prolongam a continuação das arbitrariedades em diferentes âmbitos da vida humana. Assim, urge resistir a continuidade desse projeto, mas também reinventar outros caminhos para que seja possível construir um mundo mais diverso. Partindo dessa compreensão, o referido autor destaca que

A luta pela esperança é uma luta permanentemente e se intensifica na medida em que se percebe que não é uma luta solitária. Se, indiscutivelmente, a esperança radica na *inconclusão* de que me torno então consciente. Ao fazê-lo, a assunção da inconclusão me insere necessariamente na busca pelo permanente. O que me faz esperançoso não é tanto a certeza do *achado*, mas o fato de mover-me na *busca*. Não é possível buscar sem esperança, nem tampouco na solidão. (Freire, 2012, p. 142).

Assim, na medida em que mobilizarmos nossos esforços numa constante tentativa de superação das contradições que ainda cerceiam nossa realidade, reacendemos as esperanças de que é possível implementarmos um quadro de mudança em torno da nossa realidade, desde que, estejamos mobilizados em persistentes processos de luta. Isto porque, conforme advoga o autor, não há possibilidade de busca sem esperança, logo, também não há possibilidade de transformação sem que estejamos imersos nesse movimento esperançoso.

Tais pressupostos, ficam evidentes nos ideais utópicos que tem sido forjado pelos feminismos, uma vez que suas lutas são embasadas na esperança de um projeto coletivo e emancipatório de sociedade, onde possamos conviver em um sistema de equidade e comunhão. Desse modo, na medida em que denunciam os dispositivos que operam na constituição das desigualdades, as ações feministas consequentemente reacendem nossas esperanças, pois reafirmam sonhos possíveis, recriando condições de implementar um mundo melhor.

A consolidação de um projeto feminista de sociedade constitui-se então enquanto um movimento esperançoso, pois mobiliza nossa capacidade de continuar lutando em prol de uma mudança que não se encontra pronta, mas que segue em curso a partir da organização coletiva de sujeitos/as que acreditam na mudança. É um movimento inconclusivo na medida em que a luta pela libertação se faz permanente, demandando que estejamos atentas as formas de controle que tem sido instituída pelos dispositivos hegemônicos

Consequentemente, sua esperança não consiste na espera, mas na permanente mobilização das suas capacidades de luta, a qual permite não apenas sonhar com uma vida mais digna para as mulheres que historicamente estiveram sendo oprimidas, como também avançar na consolidação desse projeto. Em sua busca esperançosa por melhores condições de vida, as atuações feministas insurgem-se mediante a malvadez do patriarcado, onde seguem libertando aquelas que se encontram reféns das suas amarras.

Neste ínterim, Diniz (2022, p. 164) destaca que a “[...] transformação dos poderes opressivos ganha o status de utópico não por ser impossível, apenas por ser inimaginável ao patriarcado. É da imaginação feminista que surgem os manifestos, os grupos de consciência, as greves e as multidões”. Com base nas considerações da autora, não há dúvidas de que a imaginação feminista conduzirá a reorganização da sociedade a partir de demarcadores que estejam fundados numa perspectiva de emancipação e coletividade.

Essa proposta surge enquanto um esperar coletivo diante da realidade fática na qual nos encontramos submetidos, pois lança possibilidades ainda não alcançadas, mas urgentes de serem colocadas em prática. Entretanto, entendemos que a consolidação dessa proposta só será possível a partir de um comprometimento com uma mudança em diferentes setores da sociedade, de modo que possamos concretizar novos caminhos. Diante disso, hooks (2020) propõe despertar nossa capacidade criativa com o intuito de imaginar

[...] viver em mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas em que a noção de mutualidade é o *ethos* que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas – mulheres e homens – autorrealizadas, capaz de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que somos todas e todos “iguais na criação”. (Hooks, 2020, p. 15).

Como bem pontua a autora, o feminismo não será capaz de apresentar uma resolução para todas as problemáticas sociais, porém, sem suas intervenções pouco ou nada avançaremos rumo a uma mudança, tendo em vista suas notáveis contribuições em diferentes campos da vida pública e privada nas últimas décadas. Cada vez mais, a luta feminista torna-se imprescindível no processo de construção de um mundo melhor e mais justo, haja vista que seus ideais de justiça social, política e epistemológica indicam novas possibilidades.

Por esta razão, pensar a luta feminista aliada aos pressupostos da esperança, reinstitui os caminhos para sonhar com a possibilidade de um *ethos* de amorosidade e harmonia entre homens e mulheres, na medida em que firma um compromisso com a concretização da utopia.

Ainda que a implementação de um projeto feminista de sociedade não consiga resolver todas as problemáticas que cercam a nossa realidade, entendemos que sem seus direcionamentos continuaremos reproduzindo as mesmas heranças patriarcais. Na concepção de Rago (2004)

O feminismo deixou claro, ainda, que as feministas são capazes de inventar novos mundos, organizar de modo não-elitista, dar respostas diferentes das já conhecidas e que não satisfazem apenas a alguns setores sociais e sexuais. Mostrou que as mulheres podem criar novas ciências, novas formas de produção de conhecimento, - as epistemologias feministas, transversais -, pois as mulheres estão em todas as classes e grupos sociais, orientadas por agendas feministas. (Rago, 2004, p. 39).

Estes “novos mundos” pautado pela autora, consistiu-se na condição de lugares mais harmoniosos para que venhamos constituir experiências de afeto e coletividade com nossos pares, sem qualquer vestígio de opressão, violência ou materialização de discurso ou prática que venha ferir ou atacar a dignidade do/a outro/a. São itinerários de esperança que cumprem com um importante papel na nossa sociedade, pois sinalizam para construção de alianças de solidariedade entre os seres humanos, rompendo com qualquer princípio de injustiça.

Na congruência desses acontecimentos, percebemos que essa capacidade de reinventar-se e incluir-se em diferentes campos da vida humana tem possibilitado aos feminismos reestruturar a sociedade a partir de outros modus. Assim, desafiando viabilizar essa construção, a esperança feminista combate a desesperança que vem sendo propagada pelo patriarcado através das suas inúmeras estruturas de poder, pois não apenas acredita na possibilidade de mudança, como também luta para sua concretização.

Desta ótica, Freire (1997, p. 5) destaca que a esperança “[...] precisa de ancorar-se na prática. Enquanto a necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na esperança pura, que vira, assim, espera vã”. É necessário, portanto, o empenho de ações concretas na tentativa de reestabelecer condições dignas para que seja possível uma vida sem violências.

Com base nesse movimento, hooks (2019, p. 237) destaca que “A formação de uma visão de mundo alternativa é fundamental para a luta feminista. Isso significa que o mundo que conhecemos de forma mais íntima, o mundo no qual nos sentimos “seguros” [...] precisa ser radicalmente transformado”. Contudo, não se trata apenas de uma simples transformação em termos estruturais, mas também de uma mudança de pensamento, de modo que novas concepções venham reorientar os arranjos nos quais nos encontramos situados.



4. O ANÚNCIO DE OUTRAS MASCULINIDADES POSSÍVEIS

Reconhecer as experiências masculinas enquanto diversas, significa entender que os homens podem assumir distintas performances ao longo da sua vida, ora atendendo ao modelo de masculinidade hegemônica, outrora se contrapondo ao mesmo. Isto porque “[...] *no existe una masculinidad única, ni una experiencia única de ser hombre. La experiencia de distintos hombres, su poder y privilegio real en el mundo, se basa en una variedad de posiciones y relaciones sociales*” (Kaufman, 1994, p. 74).

Entretanto, ao passo que observamos essas múltiplas existências, constatamos também que o patriarcado durante a instauração do seu sistema hegemônico se encarregou de eliminar quaisquer possibilidades que não estivessem assentadas dentro de um padrão hegemônico e arbitrário de masculinidade. Para tal, criou um conjunto de dispositivos que viessem não apenas regular esses princípios, mas também punir ou eliminar aqueles que ultrapassassem os limites impostos por esse sistema.

A violência em torno desse processo culminou na disseminação de uma percepção equivocada em torno desses sujeitos, retratados¹¹, quase sempre, a partir da agressividade, falta de sensibilidade, dentre outras características possuidoras de atributos negativos. Sua ampla (re)produção em diferentes setores da sociedade, contribuiu para essencialização das experiências masculinas, onde os homens foram concebidos unicamente na condição de algozes, responsáveis pelas desigualdades ocorridas na arena do gênero (Medrado; Lyra, 2008).

Esse movimento desencadeou uma série de problemas, pois os homens foram condicionados a assumirem uma única posição na esfera das relações de gênero, sobrepondo seus interesses às necessidades das mulheres, por exemplo, concebidas enquanto inferiores. Constituindo-se, portanto, num processo autoritário, desumano, uma vez que impôs prejuízos não apenas ao gênero feminino, mas também aos próprios homens que foram impedidos de vivenciarem suas experiências masculinas de maneira livre.

Contudo, a construção de outras narrativas tem sido possível a partir da denúncia feminista que não apenas tem revelado as facetas perversas do patriarcado, como também tem anunciado a constituição de experiências mais saudáveis na arena das relações de gênero. Dentre tais avanços, notamos o anúncio de outras masculinidades possíveis, o qual tem

¹¹ Durante muito tempo, diferentes meios de cinematográficos retrataram a masculinidade a partir de um viés hegemônico, onde esses homens eram apresentados dentro de um arquétipo de masculinidade que impunha uma série de constructos patriarcais.

possibilitado aos homens forjar novas experiências, além de incorporar padrões de comportamento fundamentados no respeito e equidade de gênero.

Na medida em que reconhecemos essa diversidade de masculinidades, potencializamos a configuração de novas relações, visto que os homens “[...] atores principais das aproximações negativas, são convidados a se afastar do seu lugar consagrado, a reeducar seu corpo e sua mente, para sair das aproximações mercantilistas e antidemocráticas, que ainda são as mais frequentes” (Gebara, 2022, p. 82). Esse movimento permitirá não apenas o alargamento das experiências masculinas, como também uma modificação nas estruturas arcaicas da sociedade.

Em síntese, o anúncio de outras masculinidades possíveis possibilitará uma ação de tomada de consciência, uma vez que permitirá aos homens introduzir novos padrões de comportamento em meio suas práticas sociais. Desse modo, trilhar essas novas experiências significa caminhar para concretização de uma utopia que há muito tempo vinha sendo almejada por aqueles/as que vem lutando para constituição de novas relações, sobretudo, no campo do gênero. Assumindo essa perspectiva, Connell (2016) defende que

Convidar os homens a erradicar os privilégios dos homens e reformular masculinidades para sustentar a igualdade de gênero parece, para muitos, um projeto estranho e utópico. No entanto, este projeto já está em curso. Muitos homens em todo o mundo estão empenhados em reformas de gênero [...] (Connell, 2016, p. 109).

Conforme aponta Connell (2016), embora esse projeto por muito tempo tenha parecido inviável, irrealizável, percebemos que ele vem sendo possível a partir de um conjunto de esforços que vem sendo trilhados nessa tentativa de mudança. Assim, na medida em que os homens reivindicam um novo padrão de masculinidade, concomitantemente revisitam suas práticas sociais e modos de agir, onde incorporam novos princípios em torno das suas experiências.

Encontramos no anúncio das masculinidades um horizonte de possibilidades que reavivam nossas lutas na esperança de que um mundo mais justo e igualitário é realizável, desde que, estejamos empenhados em sua construção. Partindo dessa compreensão Carabí (2000, p. 18) esclarece que a “[...] *evolución del varón es crucial para la transformación de la sociedad puesto que si el sujeto del patriarcado, el hombre y su construcción de la masculinidad no varía, no cambia casi nada*”.

Concordamos com o autor, entendendo que os homens devem ser concebidos enquanto importantes agentes na instauração de uma transformação no campo do gênero, pois sem esses sujeitos, pouco ou nada avançaremos na construção de uma sociedade mais justa. Necessitamos, pois, de um trabalho educativo que venha despertar a consciência desses sujeitos, de modo que

venham compreender que a equidade de gênero é benéfica não apenas para às mulheres, mas também para os próprios homens.

4.1 O anúncio pressupõe o reconhecimento das masculinidades

O anúncio ecoa no pensamento freireano enquanto uma utopia realizável, um caminho de possibilidades que encontra concretude na mobilização dos sonhos e lutas daqueles/as que acreditam numa mudança possível. Trata-se de um projeto político-pedagógico em curso, uma vez que diferentes sujeitos/as vem atuando na tentativa de desestabilizar os grupos hegemônicos e assim ocasionar rupturas num sistema que historicamente esteve operando para desumanização e continuidade das injustiças sociais.

Ao anunciar não apenas apresentamos indícios de caminhos possíveis, como também recuperamos nossa capacidade imaginativa, esperançosa, quase sempre, dilacerada pelas forças opressoras que insistem na morte dos sonhos. O anúncio é, portanto, profético, tendo em vista que a partir do seu potencial inventivo conseguimos projetar um mundo vivível, mais humano, onde possamos conviver em plena harmonia. Assim, concebê-lo enquanto componente necessário para transformação social significa insurgir-se diante de uma realidade fatídica.

Seguindo esses horizontes utópicos, o anúncio de outras masculinidades possíveis vem operacionalizando mudanças significativas no campo das relações de gênero, onde propõe a recondução de novos padrões de comportamento para os homens. Desse modo, ao passo que anuncia outros caminhos para esses sujeitos, consecutivamente renuncia ao discurso essencialista que categorizou as experiências masculinas unicamente enquanto selvagens, agressivas e/ou dominantes. Conforme aponta Carabí (2000)

La masculinidad tradicional, como hemos visto, no es un valor esencialista, sino culturalmente construido. Y precisamente por ser un constructo social y porque las realidades sociales no son estáticas, es susceptible de ser modificada. En su proceso de deconstruir la artificiosidad de la sociedad jerárquica, los grupos marginados han provocado que el varón comience a revisar los presupuestos en que se ha asentado su masculinidad y con ello, la posibilidad de construir nuevas sociedades. (Carabí, 2000, p. 23).

Em meio as considerações do autor, compreendemos que faz-se urgente desmitificar as representações hegemônicas que tem sido naturalizadas em torno dos homens, de modo que venhamos construir outras narrativas em torno desses sujeitos, não mais condicionando-os exclusivamente ao lugar de algozes. Isto porque, ao passo que compreendemos os jogos de poder em torno dessas relações, entendemos que os homens não são os únicos agentes que operam na produção das desigualdades de gênero (Medrado; Lyra, 2008).

Comungando com esse pensamento, Connell (2016, p. 94) destaca que as masculinidades “[...] são padrões socialmente construídos de práticas de gênero. Esses padrões são criados por meio de um processo histórico com dimensões globais”. Logo, não podem ser categorizadas enquanto experiências homogêneas, pois trazem consigo certas especificidades, visto que foram produzidas em contextos, tempos e espaços distintos, ou seja, necessitam serem interpretadas tendo como referência sua particularidade.

Entender como esses engendramentos são operacionalizados na dinâmica das relações de gênero permitirá não apenas avançar na desconstrução dos padrões hegemônicos, como também ampliar as experiências masculinas, de modo que venhamos possibilitar aos homens vivencia-las de maneira livre, sem atender nenhum modelo pré-determinado. Ainda com base nesses apontamentos, Medrado e Lyra (2014) alertam para maneira como interpretamos essas relações, uma vez que

[...] o poder atribuído aos homens não é construído apenas nas formas como os homens interiorizam, individualizam e/ou reforçam tal condição, mas também nas formas ritualizadas, documentadas e institucionalizadas de constituir homens e masculinidades, precisamos estar atentos aos processos de formulação implementação [...] (Medrado; Lyra, 2014, p. 66-67).

Como bem situa os autores, necessitamos estar atentos não apenas aos discursos e práticas reproduzidas pelos homens em meio suas experiências sociais, mas também aos sentidos e representações que são veiculados em torno destes sujeitos, visto que estas ocasionam sérias consequências na maneira como as masculinidades são interpeladas. Entender essa dinâmica, potencializará a desnaturalização da condição hegemônica dos homens, forjando assim, novos caminhos para condução de experiências mais saudáveis no campo do gênero.

Ainda assim, ao mesmo tempo que constatamos avanços na construção de outros horizontes na arena do gênero, percebemos que tais problemáticas persistem em ocasionar assimetrias no campo social, se apresentando enquanto um grave problema não apenas às mulheres¹², mas também aos próprios homens que são condicionados a continuar reproduzindo os padrões hegemônicos de masculinidade. Desta ótica, ao observar as contrariedades que cercam as experiências masculinas, Kaufman (1994) constatou que

Existe en la vida de los hombres una extraña combinación de poder y privilegios, dolor y carencia de poder. Por el hecho de ser hombres, gozan de poder social y de muchos privilegios, pero la manera como hemos armado ese mundo de poder causa dolor, aislamiento y alienación tanto a las mujeres como a los hombres. Esto no significa equiparar el dolor de los hombres con las formas sistemáticas de opresión

¹² De acordo com a pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, cerca de 18,6 milhões de mulheres brasileiras foram vítimas de violência no ano 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

sobre las mujeres, solamente quiere decir que el poder de los hombres en el mundo [...] tiene su costo para nosotros. Esta combinación de poder y dolor es la historia secreta de la vida de los hombres, la experiencia contradictoria del poder entre ellos.
(Kaufman, 1997, p. 63-64).

Os apontamentos realizados pelo autor sinalizam para as consequências engendradas em torno desses sujeitos, visto que atrelado aos privilégios concedidos pelo poder patriarcal, podemos constatar também um conjunto de violências e dores em torno das suas vidas. Logo, reconhecer esses impasses se apresenta enquanto uma urgência, pois só a partir da compreensão das questões que cercam os homens poderemos constituir experiências alternativas para o reconhecimento de outras masculinidades.

Convém, todavia, destacar que ao ampliarmos uma atenção em torno das questões que cercam os homens não estamos invisibilizando as lutas e reivindicações que vem sendo protagonizadas por mulheres em defesa dos seus direitos, mas buscando alargar uma compreensão em torno dessas relações, entendendo que estas ocorrem de modo interseccionado. Por estas razões, entendemos que não há como propor mudanças efetivas no campo do gênero sem incorporar uma atenção em torno das masculinidades.

Como bem pontuou Connell (2016, p. 91) os homens “[...] controlam a maior parte dos recursos necessários para implementar as reivindicações de justiça das mulheres”, logo, devem ser inseridos na luta pela equidade de gênero, entendendo que uma sociedade fundamentada nos princípios da equidade de gênero será benéfica não apenas às mulheres, mas também aos próprios homens. Reacender suas capacidades de luta nesse projeto coletivo significa entender que esses sujeitos também precisam assumir um compromisso com a justiça de gênero.

Neste sentido, reconsiderar a participação de homens na implementação de uma nova política de gênero deve ser concebido enquanto um importante passo para instauração de uma sociedade fundamentada nos princípios de equidade, respeito e diversidade. Sua materialização permitirá eliminar as concepções retrógradas que ainda atravessam os diferentes setores da sociedade civil, assim como formular padrões de comportamento mais justos e humanos, onde consigamos estabelecer relações mais saudáveis entre todos/as.

É nítido que mediante esse empenho de constituir novas relações no campo do gênero, a denúncia das consequências impregnadas pelo patriarcado não apenas evidencia os efeitos nefastos impostos por esse sistema, como também realiza um movimento anunciativo, através da apresentação de respostas que conduzem para a superação destas problemáticas. Através desse projeto utópico, conseguimos trilhar caminhos ainda não desbravados, mas que são possíveis de serem alcançados.

O anúncio de outras masculinidades indica que é possível constituir novas experiências para os homens na arena do gênero, de modo que esses sujeitos venham trilhar novos caminhos, distantes padrões impostos pelo patriarcado. Trata-se de uma ação que segue impulsionada pelas reivindicações que emergem do movimento feminista, a qual prevê uma justiça social de gênero para que mulheres e homens possam vivenciar suas relações de maneira livre. Ao observar essas configurações, Santoyo (2008) destaca que

[...] el feminismo constituye la teoría filosófica y política que ha dado cuenta de ese sistema de dominio basado en la supremacía de los hombres y la subordinación de las mujeres. Una filosofía que, al nombrar las formas y los espacios donde se verifica el poder, crea problemáticas sociales y horizontes de vida alternativos, libres de opresión, violencia y desigualdad, tanto para las mujeres como para los hombres. (Santoyo, 2008, p. 73-74).

Em sua busca incessante para eliminar esse sistema de injustiças imposto pelo patriarcado, o feminismo insurge-se na tentativa de introduzir uma práxis emancipatória para mulheres e homens, como menciona o respectivo autor. Tudo isso tem provocado mudanças estruturais na forma como concebemos feminilidades, masculinidades, visto que outras relações têm sido forjadas, dando novos sentidos e redescobrimdo outras possibilidades no campo do gênero, além de colocar em xeque discursos universais.

Imerso nesse quadro de mudanças, a reorganização de grupos liderados por homens para discutir as masculinidades a partir de uma matriz feminista pode ser tomado enquanto um importante mecanismo para reverter as injustiças impostas pelo patriarcado. Isto porque, as ações desenvolvidas por esses sujeitos conseguem conduzir novos sentidos em torno do exercício de homens na arena do gênero, possibilitando novos discursos e práticas no seu cotidiano.

Essas tentativas de reverter as consequências evidenciadas pelo cerco patriarcal assumem um importante papel político, pois na medida que recuperam nossa capacidade imaginativa também anunciam a possibilidade de novas relações no campo do gênero. Segundo Connell (2016, p. 92) “Esse conjunto de preocupações é verificado no mundo todo. Discussões sobre violências, patriarcado e maneiras de mudar a conduta dos homens ocorreram em países tão diversos quanto Índia, Alemanha, Canadá e África do Sul”.

Tais esforços coletivos tem evidenciado a possibilidade de instaurar mudanças nas estruturas hegemônicas do gênero, uma vez que estas tem sido preservada por aqueles/as que são beneficiados com a continuidade das injustiças e hierarquias de gênero. Trata-se de um movimento que tem ocorrido de modo lento, porém, efetivo, já que tem apresentado

consideráveis resultados nas últimas décadas. Embora esses arranjos revelem caminhos passíveis de mudanças, Connell (2016) adverte que

[...] um grande número de homens, está envolvido com a preservação da desigualdade de gênero. O patriarcado é definido de maneira difusa. Existe o apoio às mudanças vindo de um número igualmente grande de homens, mas a articulação desse apoio é uma luta árdua. Esse é o contexto com o qual as novas iniciativas em prol da igualdade de gênero têm que lidar. (Connell, 2016, p. 109).

É uma problemática complexa, a qual demanda um conjunto de esforços individuais e principalmente coletivos, pois só será possível estabelecer novas relações para as masculinidades se estivermos centrados em ações político-pedagógicas que venham despertar a consciência desses sujeitos. Pretende-se dessa forma uma educação libertadora, que permita a esses sujeitos atuar de maneira crítica e comprometida com uma política de equidade de gênero. De acordo com Carabí (2000)

[...] quizás haya llegado el momento en que el hombre de nuestro tiempo comprenda que la autorreferencialidad del patriarcado resulta ya una ideología limitada, obsoleta, ahistórica, injusta y, posiblemente, una prisión para él mismo. Si es consciente de ello, el varón podrá aventurarse a experimentar nuevas formas de vivir en sociedad que le resulten más creativas, más nutritivas, más satisfactorias, plenamente viriles y más justas para todos. (Carabí, 2000, p. 18).

Como bem menciona o autor, só a partir da compreensão dos malefícios do patriarcado para nossas vidas que conseguiremos atuar na formação de homens comprometidos com a mudança, de modo que estes venham assumir novas possibilidades no âmbito das suas práticas sociais. Seguindo esses direcionamentos apontados por Carabí (2000), avançaremos na consolidação de outro projeto de sociedade, por sua vez, mas efetivo e justo para homens e mulheres.

4.2 Anunciando um novo lugar para os homens na luta pela equidade de gênero

Ao assumir um compromisso político-pedagógico com uma política de equidade de gênero, os homens comprometidos com a mudança reconhecem-se a partir de novos padrões de masculinidades, não mais reproduzindo os modelos autoritários e desiguais que foram determinados pelo sistema patriarcal. Isto porque, seus esforços em defesa de uma justiça social de gênero quando somados as lutas e reivindicações protagonizadas pelos feminismos constituem alianças importantes para instauração de um novo projeto de sociedade.

Tais ações, podem ser compreendidas enquanto revolucionárias no campo do gênero, uma vez que trazem implicações positivas na construção da humanidade e do ser humano, permeando relações saudáveis no âmbito das práticas sociais. Esse empenho de introduzir mudanças efetivas de comportamento, possibilita aos homens assumirem uma postura crítica e

compromissada com a libertação dos seus pares, onde nutrem amor, respeito e companheirismo entre si, sentidos estes que o patriarcado os negligenciou.

Com base nesses engendramentos, Connell (2016, p. 90) defende que ações dessa natureza são fundamentais na implementação de um novo projeto de sociedade, visto que o “[...] caminho para uma sociedade com igualdade de gênero envolve uma profunda mudança institucional, além de uma mudança na vida cotidiana e na conduta pessoal, ou seja, esse caminho demanda apoio irrestrito da sociedade”. Por estas razões, urge despertar o envolvimento e comprometimento de homens com uma política de mudanças.

Articular ações nesse sentido são indispensáveis para que venhamos reparar os prejuízos impostos pelo sistema patriarcal, haja vista as inúmeras consequências que tem sido evidenciadas em torno da vida de homens e mulheres. A herança secular desse sistema hegemônico impôs uma série de injustiças, sendo necessário reverter esse quadro de desigualdades para que venhamos trilhar outros horizontes, principalmente, quando pensamos as questões que tocam aos homens. Para Santoyo (2008)

El lado oscuro del poder proviene también del dolor causado de perseguir una fantasía y pretender encarnar un ideal que, en tanto eso, será siempre inaprehensible. Los hombres en su carrera por la plena hombría, comprobarán que los éxitos indiscutiblemente serán parciales. Ansiedad y frustración se develan como la otra cara de la moneda de las conquistas precarias que cruzan la afirmación y el reconocimiento de la identidad masculina. (Santoyo, 2008, p. 64).

Com base nos apontamentos de Santoyo (2008), percebemos que os ideais de masculinidades apresentados pelo patriarcado são ilusórios, bem como inalcançáveis a maioria dos homens, uma vez que se baseiam em padrões fantasiosos ou mesmo irrealistas. Para além, fica nítido que ocasionam uma série de problemáticas em torno das experiências masculinas, pois ao mesmo tempo em que os homens são condicionados à atenderem esse modelo arbitrário, também se sentem impotentes por não atingi-lo.

Tais imposições, trazem implicações negativas às vidas desses sujeitos, representando uma ameaça à sua liberdade, pois se é negado a autonomia e controle sob seus próprios corpos. Além disso, fica explícito que o não alcance desse ideal de masculinidade tem ocasionado não apenas dores e frustrações em meio suas experiências, mas também uma certa ausência e/ou perda de sensibilidade, senso crítico e amorosidade para conduzir suas relações.

Por estas razões, despertar as capacidades de luta em favor da equidade deve ser concebida enquanto benéfica às mulheres e principalmente aos homens, pois é através desse movimento que conseguiremos perceber as contradições desse processo, vindo libertá-los das armaduras que são impostas em torno dos seus corpos. Assumir esse compromisso com a

construção de outras experiências para esses sujeitos, representa um importante passo para uma mudança efetiva na arena das relações de gênero. Na compreensão de Connell (2016)

A igualdade de gênero é um empreendimento para homens que pode ser criativo e alegre. É um projeto que compreende altos princípios de justiça social, resulta em uma vida melhor para as mulheres por quem esses homens nutrem afeto, e resultará em uma vida melhor para a maioria dos homens em longo prazo. Esse pode e deve ser um projeto que gera energia, que encontra expressão na vida cotidiana e nas artes assim como na política formal, e que pode iluminar todos os aspectos da vida dos homens. (Connell, 2016, p. 113).

Embora esse projeto seja possível de execução, constitui-se igualmente em um grande desafio à atualidade, pois se há uma escassez em torno de iniciativas que se proponham realizar um trabalho com homens numa perspectiva de gênero. Diante disso, cada vez mais tem-se notado a necessidade de implantar políticas públicas que tenham como foco a inserção e participação efetiva desses sujeitos em propostas que avancem na consolidação da equidade de gênero em diferentes setores da nossa sociedade.

Imaginar um mundo onde homens atuem diretamente na promoção da equidade de gênero floresce enquanto um rastro de esperança diante de uma realidade fática que tem ocasionado desesperança, violência e/ou desumanização. Conduzir este projeto a partir de um horizonte coletivo, deve ser tido enquanto uma imprescindibilidade, pois só a partir dos interesses comuns conseguiremos pensar um projeto de sociedade que viabilizem a superação das problemáticas sociais, ao mesmo tempo que assegure dignidade a todos/as.

Ao passo que avançamos nessa direção, romperemos com as estruturas patriarcais, entendendo sua incapacidade de imaginar um mundo onde as hierarquias de gênero sejam superadas. Por outro lado, possibilitamos aos homens forjar outras experiências sociais no campo das relações de gênero, não mais atendendo aos padrões patriarcais. Para Diniz e Gebara (2022) é imprescindível incorporar estes sujeitos na luta pela equidade de gênero, pois

[...] não há luta sem eles. Os poderes se transformam por alianças e fraturas, ambas absolutamente necessárias. É urgente que os homens estranhem o patriarcado e o transformem, começando do miudinho da própria vida. O feminismo precisa de todos nós, assim mesmo, no plural do gênero indefinido pela gramática. (Diniz; Gebara, 2022, p. 10).

Sem o comprometimento e participação masculina na luta pela equidade de gênero pouco ou nada avançaremos no combate e eliminação das assimetrias ocasionadas pelas estruturas patriarcais, conforme pontua as autoras. Assim, mais do que pensar os homens enquanto importantes agentes, necessitamos possibilitar um despertar de consciência para que estes venham assumir um comprometimento na luta contra qualquer tipo de opressão, pois só a partir desse exercício de reflexão terão condições de instaurar um cenário de mudanças.

O reconhecimento dessa condição, ocorrerá a partir do que Freire (1979, p. 17) concebe enquanto conscientização, sendo este um processo que permeia “[...] o olhar mais crítico possível da realidade, que a desvela para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante”. A partir desse movimento, será possível desvendar os falsos pressupostos que o patriarcado apresenta aos homens, entendendo que estes são prejudiciais para todos/as.

Ao conscientizar-se da importância do seu papel na luta contra as opressões de gênero, os homens são convidados a assumirem uma postura crítica diante dos modelos arbitrários de masculinidade, desconstruindo os arquétipos que foram categorizados enquanto legítimos para sua atuação no campo social. Por outro lado, são capazes de enxergar a indispensabilidade da sua atuação política na construção de uma cultura de equidade de gênero, passando a desempenhar um protagonismo relevante nesse processo.

Comungando com essa proposta, Leal (2008, p. 103) aponta que os homens necessitam rever “[...] *los presupuestos en que se ha asentado su masculinidad y ser crítico de la masculinidad convencional, lo cual implica hacer se conciente de su rol de víctima de las limitaciones regidas por esa tipo de masculinidad. Esto es lo que se llama conciencia de género*”. Entretanto, para que consigam assumir tal papel, necessitam de uma proposta político-pedagógica que desperte seu interesse nesse processo.

Reconhecer esse lugar de vítima apontado pelo autor não implica necessariamente um processo de vitimização, mas um despertar do quão esse sistema hegemônico consegue ser perverso nas mais diferentes experiências, condicionando práticas e discursos conforme seus próprios interesses. Diante disso, uma consciência de gênero¹³ torna-se fundamental para reconfigurar esses arranjos, uma vez que consegue desconstruir os pressupostos hegemônicos que vem sendo disseminados mediante a atuação desse sistema.

Embora estas iniciativas de conscientização de gênero venham progredindo nas últimas décadas, seja a partir das ações dos feminismos e/ou de agentes que lutam em defesa da equidade de gênero, percebemos em contrapartida a atuação de movimentos neoconservadores que defendem a continuidade destas relações. Tais concepções permeiam diferentes espaços, instituições e até mesmo discursos, onde seguem disseminando uma cultura de hierarquia e permanência das desigualdades de gênero. Segundo Connell (2016)

¹³ Concebemos a consciência de gênero enquanto um despertar crítico e reflexivo, nos quais esses sujeitos podem conduzir suas práticas baseadas nos princípios da equidade de gênero.

Em muitos lugares do mundo, existem ideologias que justificam a supremacia masculina com base em religião, biologia, tradições culturais ou missão organizacional (por exemplo, nas forças militares). É um erro ver essas ideias simplesmente como “tradicionais” e, portanto, ultrapassadas. Elas podem ter sido ativamente modernizadas e renovadas. (Connell, 2016, p. 102).

É nítido que estas concepções retrógradas são reproduzidas nos mais diferentes âmbitos da vida humana, onde seguem se atualizando em meio a reprodução dos fundamentos que tem sua gênese numa perspectiva essencialista. Numa mesma direção, podemos notar a proliferação de discursos neoconservadores que atuam concomitantemente na permanência dos arranjos “tradicionais” de gênero, baseando-se na continuidade dos processos de hierarquias e desigualdades.

Convergindo com essa linha de raciocínio, fica explícito que estas iniciativas fazem parte de um projeto hegemônico, o qual segue sendo financiado por aqueles/as que são amplamente beneficiados em meio a produção dessa realidade. Deste modo, ainda que muitas vezes esses dispositivos tenham se modificado a partir de um falso discurso de modernização, percebemos que seus interesses seguem intactos, condicionando lógicas semelhantes ou até mesmo mais perversas que anteriormente.

Estes desencadeamentos, por sua vez, sinalizam para urgência de formularmos articulações político-pedagógicas que sejam capazes de intervir de maneira crítica nessa realidade, produzindo outros cenários de humanidade. Acreditamos, pois, que iniciativas dessa natureza trazem consigo um potencial subversivo, sendo capazes de denunciar as estruturas dominantes, bem como anunciar outras experiências comprometidas com a promoção da equidade de gênero.

No que se refere especificamente as questões que tocam os homens e suas masculinidades, percebemos que muitos sujeitos já não se reconhecem dentro das premissas patriarcais, onde buscam constituir outras experiências. Ainda que essas condutas sejam limitadas e bastante incipientes no cenário das relações de gênero, percebemos que são possíveis, desde que sejam oferecidas condições para sua formulação. Dentre as principais dificuldades para incorporação dessas mudanças, Fabri (2018) destaca que

Uno de los motivos, sino el fundamental, creo yo, tiene que ver con lo que los varones (cis, fundamentalmente) podemos perder cuando nos dejamos atravesar por los feminismos. Porque claro, es cierto que hay luz al final del túnel, y que devenir feministas nos posibilitaría abandonar mandatos que también son opresivos para nosotros. Que podríamos ser más libres y autónomos, descubrir las bonanzas de una paternidad afectuosa, de las amistades con intimidad, librarnos de la presión de proteger, proveer y procrear, y hasta descubrir el placer anal. Pero en el camino también tenemos que perder. Y estamos perdiendo; privilegios, protagonismo, prestigio e impunidad. (Fabri, 2018, p. 82-83).

Tais perdas destacadas pelo autor, se configuram enquanto estratégias utilizadas pelo patriarcado para envolver os homens, logo, nunca foram saudáveis, mas uma das principais causadoras das contradições que cercam suas múltiplas realidades, fazendo desse mundo um lugar feio. Com isso, precisamos cada vez mais forjar alternativas que possibilitem uma modificação estrutural, garantindo condições para que a equidade e bem-estar social sejam uma realidade, sem que haja qualquer princípio de desumanidade.

Para bell hooks (2019), não há possibilidade de transformação sem incluir os homens nesse projeto, sendo necessário parar de “[...] insistir na opinião simplista de que “os homens são o inimigo”, somos compelidas a examinar os sistemas de dominação e nossa contribuição para a sua manutenção e perpetuação (Hooks, 2019, p. 58). Cada vez mais, estes sujeitos necessitam serem envolvidos ativamente nesse propósito, sendo agentes responsáveis pela produção de produção de novos cenários.

4.3 Reaproximando homens e feminismos num horizonte utópico

Com frequência, homens e feminismos são retratados a partir de distanciamentos, pontos de desencontros, como se fossem incapazes de comungar de um mesmo objetivo. Essa problemática implica diretamente na ausência de um comprometimento masculino com a construção de uma política de equidade de gênero, uma vez que os homens não se sentem responsáveis por atuar na eliminação das violências, muito menos por lutar na democratização das relações de poder que ainda prevalecem nos dias de hoje.

Consequentemente, na medida em que não assumem esse compromisso, seguem também reproduzindo os padrões autoritários e desiguais impostos pelo patriarcado, o que torna esses sujeitos um dos principais agentes na produção das violências de gênero. Incontáveis são os prejuízos impostos por esse sistema nos últimos séculos, o qual tem corroborado intensamente na constituição de uma realidade desumana, injusta, onde os dispositivos de poder seguem inviabilizando a possibilidade de um mundo mais justo e feliz. Para Cristina Buarque (2002)

A introjeção da perspectiva patriarcal, nas utopias políticas e sociais, mais do que impossibilitou a chegada de qualquer sociedade a um lugar feliz, como queriam os profetas bíblicos, ou ótimo, como sonharam os clássicos, privou a sociedade, nos tempos modernos, de formular qualquer proposta que contivesse a possibilidade de um mundo melhor com liberdade e igualdade, mesmo que algumas sociedades impulsionadas por aqueles ideais tenham beirado um outro mundo, um outro lugar. (Buarque, 2002, p. 28).

Comungamos com o pensamento de Cristina Buarque (2002), uma vez que o patriarcado não apenas inviabilizou a concretização dos ideais utópicos de pessoas que ousaram sonhar um mundo melhor, como também se encarregou de produzir assimetrias entre grupos sociais que foram categorizados enquanto superiores ou inferiores. Por estas razões, podemos considerá-lo enquanto um dos principais dispositivos que atuam na produção dessa realidade desumana na qual nos encontramos inseridos.

É preciso sublinhar que a continuidade desses arranjos impõe um conjunto de prejuízos às mulheres que tem suas vidas cerceadas pela violência patriarcal, mas também aos homens que são interpelados e até mesmo punidos por não atingir padrões inalcançáveis de masculinidade. Tudo isso tem representado graves ameaças a democracia e aos direitos humanos, já que corrobora diretamente para ininterrupção dos regimes autoritários e desumanos.

Na contramão desse processo, bell hooks (2019) defende a necessidade de construirmos alternativas que viabilizem o comprometimento e participação efetiva de homens na luta pela equidade de gênero, entendendo que esse processo será benéfico para todos/as. Ainda segundo a autora, esses sujeitos “[...] desempenham um papel primordial nesse jogo. Isso não significa que os homens estejam mais preparados para liderar o movimento feminista; significa que eles deveriam participar da luta de resistência tanto quanto as mulheres” (Hooks, 2019, p. 130).

Reaproximar os homens de uma política feminista surge enquanto caminho viável para constituição de outros horizontes, pois através das suas problematizações será possível enxergar as injustiças que vem sendo provocadas pelo patriarcado. Os feminismos conseguem, portanto, desvelar as tramas de poder que historicamente estiveram atuando na construção e naturalização das hierarquias e desigualdades de gênero, sendo a lente necessária para que venhamos entender tais encadeamentos e assim propor uma mudança.

Nas últimas décadas, experiências coletivas avançaram na construção de propostas político-pedagógicas que desenvolvessem um trabalho com homens a partir de uma perspectiva feminista, entendendo a urgência de construirmos outras relações para esses sujeitos na arena do gênero. Contudo, embora essas experiências desponham enquanto importantes iniciativas, percebemos que estas tem sido reduzida, o que denota a ausência de uma preocupação em torno de masculinidades comprometidas com a equidade de gênero. De acordo com Fabri (2018)

[...] las experiencias de politización y organización alrededor de las masculinidades, sin pretender desmerecerlas, son mínimas, espasmódicas y fragmentadas. A excepción de algunos agrupamientos trans masculinos, cierto activismo marica y

disidente, los pocos colectivos de varones antipatriarcales sobrevivientes, y algunas iniciativas puntuales de compañeros de organizaciones mixtas, los varones y masculinidades varias no son ni somos un sujeto político articulado colectivamente en esta coyuntura de los feminismos (Fabri, 2018, p. 79).

Os apontamentos do autor expõem a iminência de trabalhos realizados com homens, o que tem impactado diretamente na manutenção dos quadros de desigualdade entre homens e mulheres, haja vista que esses arranjos pouco têm sido problematizados. Por outro lado, a escassez de intervenções com esses sujeitos expõe a fragilidade de aproximá-los de uma política feminista, visto que ainda persiste um estranhamento quando mencionamos a possibilidade de alianças entre homens e feminismos.

Esses distanciamentos resultam não apenas da ausência de um despertar de interesse dos homens nesse projeto coletivo, mas também pelo fato do feminismo ter sido difundido por diversas vezes enquanto seu inimigo. Considerando tais questões, bell hooks (2020) defende a imprescindibilidade de uma conscientização feminista para os homens, tanto quanto para mulheres, pois só a partir da sua politização conseguiremos revolucionar o campo do gênero. Ainda segundo a autora

Se tivesse havido ênfase em grupos para homens que ensinassem garotos e homens sobre o que é sexismo e como ele pode ser transformado, teria sido impossível para a mídia de massa desenhar o movimento como sendo anti-homem. Teria também prevenido a formação de um movimento antifeminista de homens. (Hooks, 2020, p. 30).

Reverter esse processo implica não apenas o desejo pela mudança, requer igualmente a criação de estratégias político-pedagógicas que sejam capazes de envolver os homens numa política de alianças, de modo que esses sujeitos possam firmar um compromisso com a equidade de gênero, bem como reconhecer-se a partir de novas concepções de masculinidade. Porém, isso só será possível se antes alcançarmos o despertar de consciência feminista desses sujeitos, conforme retratado por hooks (2020) anteriormente.

Portanto, desconstruir os abismos produzidos nesse processo deve ser tido enquanto um caminho viável para que venhamos aproximar e reconectar homens e feminismos numa política de alianças. Sob este viés, hooks (2020, p. 31) adverte que o “[...] movimento feminista do futuro não irá cometer esse erro. Homens de todas as idades precisam de ambientes em que sua resistência ao sexismo seja reafirmada e valorizada. Sem ter homens como aliados na luta, o movimento feminista não vai progredir”.

Com base nessas considerações, não há dúvidas de que a construção de modelos alternativos e não hegemônicos de masculinidades envolve antes de tudo um diálogo e

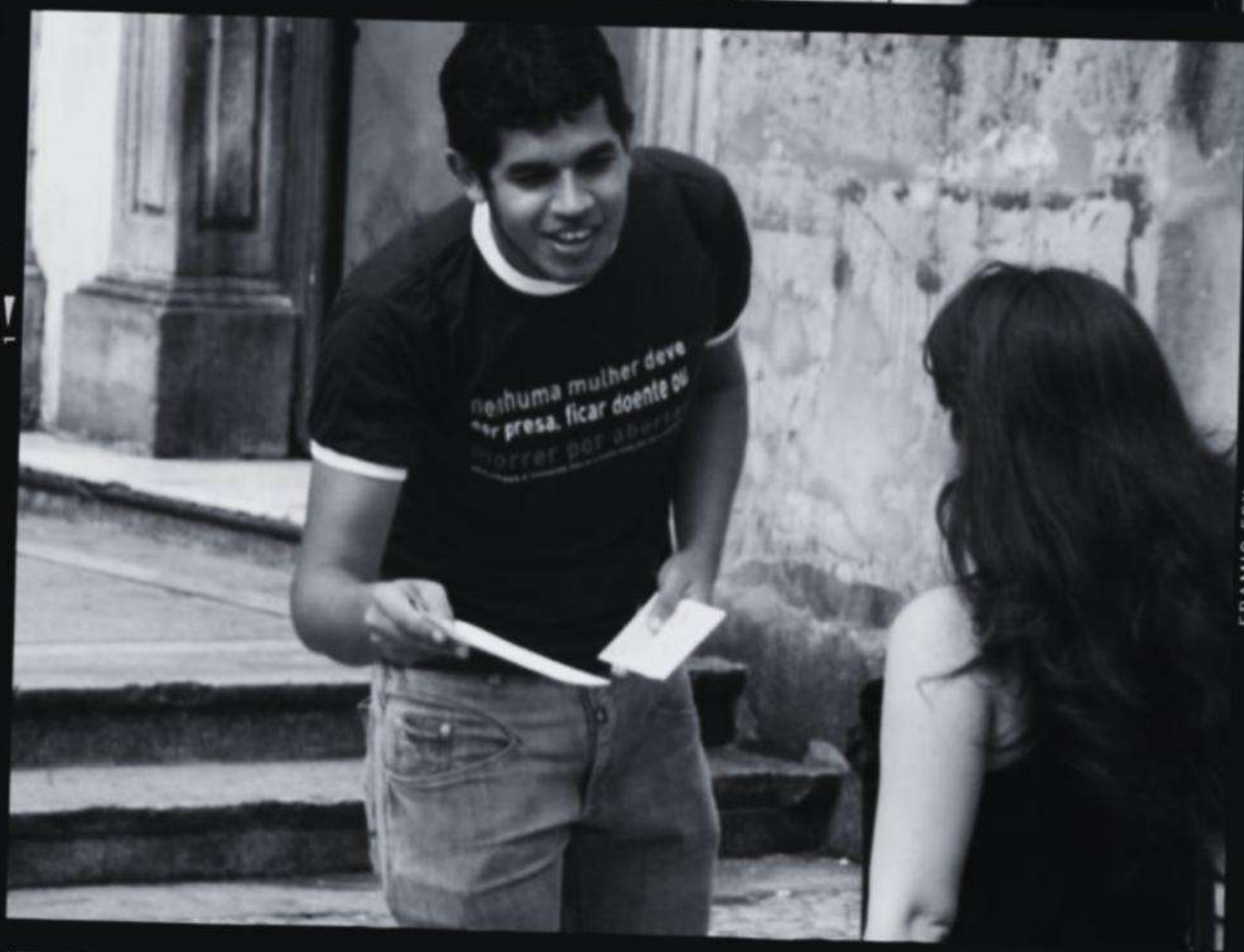
comprometimento com a agenda feminista, concebida na condição de instrumento de emancipação. Na compreensão de Santoyo (2008), o feminismo precisa ser compreendido enquanto um assunto que também envolvem os homens, de modo que esses sujeitos se reconheçam enquanto parte da luta pela equidade. Ainda segundo o autor, esse movimento traz

[...] implicaciones éticas y políticas, tiene el propósito de reconocernos, de forma explícita, como parte de una tradición que tiene en las feministas a sus principales contribuyentes. Hacer de los hombres y de las masculinidades un campo de estudios, investigación y políticas resulta factible, hoy en día, debido al pensamiento de las feministas quienes, al desentrañar la condición de vida de las mujeres, posibilitaron las claves para el desarrollo de perspectivas que han reflexionado sobre los varones a partir de sus especificidades de género. (Santoyo, 2008, p. 65-66).

Concordamos com o autor, necessitamos superar as concepções retrógradas que classificaram as pautas feministas enquanto um campo de reivindicação exclusivo de mulheres, haja vista as problemáticas contidas nessas afirmações. Pode-se dizer, que a manutenção dessa compreensão equivocada por muito tempo inviabilizou o alcance de uma justiça de gênero, pois desobrigou os homens de reverem seus discursos e comportamentos, bem como isentou-os de assumir um comprometimento com a transformação social.

Sendo assim, cada vez mais, homens necessitam se aproximar dos feminismos, entendendo que suas problematizações permitem que esses sujeitos enxerguem as contrariedades e danos que o patriarcado estabelece em torno das suas vidas. Por outro lado, ao mesmo tempo em que evidencia tais consequências, oferece um conjunto de pressupostos político-pedagógicos que permitem reconstruir novas dinâmicas de afeto entre esses sujeitos, fundadas no respeito, igualdade e amorosidade a sua condição humana.

Destaca ótica, Diniz (2022, p. 70) explicita que a “[...] aproximação feminista traz alegrias da descoberta sobre outras formas de viver sob o patriarcado – é uma prática de liberdade, ou ao menos de libertação”. Em outras palavras, cria condições que permitem superar as tramas perversas do patriarcado e conseqüentemente propor um outro mundo, fundamentado em experiências mais justas, igualitárias e humanas, onde os homens assumem uma posição crítica diante de uma realidade amplamente desigual.



5. A BONITEZA E URGÊNCIA DE UMA EDUCAÇÃO FEMINISTA PARA OS HOMENS

Os regimes opressores fizeram do mundo um lugar feio, desumano, onde seguiram aniquilando a vida em sua diversidade, tornando a realidade cada vez mais perversa, asquerosa, sem que muitas vezes fosse possível sonhar com a possibilidade de constituir um amanhã outro. Esse movimento, por sinal, conduziu inúmeros prejuízos para a vida em sociedade, mas também fez despertar a compreensão da necessidade e urgência de um maior comprometimento político-pedagógico com a condução de um projeto de futuridade digno para humanidade.

A indignação e inaceitabilidade de conviver com esse cenário de desumanidade, fez com que pensadores críticos como Paulo Freire elaborassem propostas teórico-epistemológicas que viessem confrontar essa realidade e consequentemente apresentar possibilidades de superação em torno destas. Assim, em sua incessante busca por um amanhã outro, o referido autor apresentou o conceito de boniteza, o qual “[...] tem a ver com a crença de um mundo mais justo. É posicionamento político. Tem a ver com direitos civis e humanos” (Freire, 2021, p. 11).

Como sugere Ana Freire (2021), boniteza vai além da dimensão estética, sendo também uma palavra poética carregada de sentido político, a qual revela um potencial criador para instauração de um mundo mais bonito, justo e humano. Assim, ao mesmo tempo em que o termo traz consigo uma dimensão estética, incorpora também outros sentidos que o promovem a uma categoria ética, teórico-epistemológica e pedagógica. Ainda de acordo com Ana Freire (2021), boniteza consolida-se enquanto

[...] uma síntese do amor revolucionário. Faz referência a luta antirracista e à feminista. À amorosidade e à gentileza nas relações. À formação do pensamento crítico por meio de leituras e debates em que todos estão na mesma posição. Não é um conceito que tem a ver com disputa de poder. É a afirmação de que todos os seres têm igual valor e que, como humanos, podemos transformar a realidade por meio da práxis. (Freire, 2021, p. 12).

É esse amor revolucionário apontado por Ana Freire (2021) que impulsiona a luta dos grupos historicamente excluídos, os quais diante da feiura de um mundo devastado pelas estruturas opressivas, elaboram estratégias contra-hegemônicas para tornar a vida mais vivível, mais digna. O confronto dessa realidade tem apontado caminhos viáveis para introdução de uma mudança no interior dessas relações, onde permite a elaboração de práticas emancipatórias para libertar aqueles/as que ainda se encontram reféns das estruturas hegemônicas.

Sob este aspecto, Allene Lage (2013, p. 17) destaca que “[...] a luta por justiça social não cabe no seio da classe opressora ou dominante; é preciso partir do sonho concreto dos oprimidos, excluídos e subalternizados para os direitos de cidadania e a partir da consciência

destes, a capacidade de mudar seja uma realidade”. Essa luta, por sinal, tem trazido implicações na democratização da sociedade, a qual passa a celebrar a boniteza do reconhecimento dos direitos daqueles/as que foram historicamente excluídos/as e/ou marginalizados/as.

Boniteza é a celebração da diversidade, da comunhão, sendo capaz de restituir a esperança, dignidade e capacidade de criação daqueles/as que tiveram seus sonhos dilacerados pelas forças opressoras. Para tal, se opõe ao determinismo imóvel gerado pelos governos odiosos que insistem na morte dos sonhos, na impossibilidade da mudança. Boniteza mantém viva a esperança, pois entende que a transformação é possível a partir do despertar da consciência e criticidade de sujeitos/as comprometidos/as com a construção de um novo mundo.

Comungando desse status de boniteza proposto por Freire, a educação feminista transgride a feiura do patriarcado e oferece condições para que os seres humanos, sobretudo, às mulheres constituam outros cenários de humanidade. Com base nesses pressupostos, Lopéz (2021, p. 79) destaca que o feminismo como “*[...] línea de pensamiento crítico propone la pedagogía feminista con el desafío de generar procesos educativos vinculados a una nueva ética en la formación de ciudadanas y ciudadanos del futuro*”.

Os processos educativos que emergem do feminismo, conforme aponta Lopéz (2021), constituem potentes ferramentas pedagógicas para problematizar as desigualdades, sobretudo, aquelas que se encontram situadas na arena das relações de gênero. Em meio essas reações de indignação, denunciam a continuidade desse mundo feio, bem como anunciam a possibilidade instituir um estado de mudança a partir da formulação de processos educativos compromissados com a diversidade e afirmação das diferenças.

Se a boniteza do mundo ainda não é uma realidade presente nos nossos dias, a educação feminista busca fazê-la possível, tornando-o um lugar mais harmônico, possível de conviver em regimes de comunhão. É um projeto de futuridade que já se encontra em curso, sendo conduzido por utópicos que entendem a urgência de estabelecermos novos padrões civilizatórios de humanidade, tendo em vista os modos de vida degradantes que tem sido impostos pelo capitalismo, patriarcado e colonialismo. Segundo Ochoa (2017), esse movimento

[...] busca la construcción de un proyecto de sociedad diferente, sin opresión ni subordinación de género, sin ningún tipo de discriminación, y con mayor justicia y libertad para todas las personas, por lo que la pedagogía feminista descansa en el sentido de la eliminación cultural y política de la opresión, de la transformación de la sociedad, y de la libertad y autonomía individuales y colectivas. Este proyecto de sociedad es un quehacer que demanda la formación y trabajo de hombres y mujeres. Es por tanto, una pedagogía para todas las personas. (Ochoa, 2017, p. 3).

Como bem pontuou a autora, construir estratégias de mudança necessita ser encarado enquanto um trabalho coletivo, não podendo ser uma preocupação presente apenas na vida daqueles/as que se encontram mais vulnerais ao sistema de violências e/ou opressões. Para isso, faz-se necessário despertar essa desejabilidade, a qual demanda um processo formativo integral, que pense a conscientização política enquanto um importante passo para traçar outros rumos para a humanidade.

Isto porque, não há possibilidade de um mundo feliz sem antes despatriarcalizar e descolonizar as estruturas arcaicas que cercam a realidade e impõem limites as práticas sociais. É, portanto, entendendo essa urgência que a educação feminista avança na proposição de novas alternativas para estabelecer uma vida digna, inclusive, para os homens que foram distanciados da política feminista, bem como de assumir um compromisso com a construção de uma sociedade pautada nos princípios da equidade de gênero.

Ao se referir ao lugar dos homens na luta feminista, bell hooks (2020, p. 14) defende a “[...] capacidade que eles têm de mudar e crescer [...] se soubessem mais sobre feminismo, não teriam medo dele, porque encontrariam no movimento feminista esperança para sua própria libertação das amarras do patriarcado”. Deste modo, urge a necessidade de uma educação que venha aproximar esses sujeitos da política feminista, de modo que estes encontrem sentidos para lutar contra o sexismo, opressão e demais violências que se encontram vigentes.

É, nesse florescer, que a educação feminista avança na superação das diferentes manifestações de autoritarismo, preconceitos e/ou violência existentes, possibilitando aos homens reverem seus discursos e práticas sociais na arena do gênero. Na medida que realizam esse movimento, reaprendem novos padrões de comportamento para o exercício de outras masculinidades, alargando suas experiências e enxergando outras possibilidades de constituir uma identidade masculina distante dos preceitos do patriarcado.

Freire (2009, p. 26) defende que a “[...] boniteza do processo é exatamente esta possibilidade de reaprender”, haja vista que somos educáveis e não determinados, como as ideologias opressoras preveem. É reconhecendo a boniteza desse processo de reaprender, como adverte o autor, que torna-se necessário elaborar processos formativos comprometidos com a mudança, que traduzam a finalidade da educação, que é emancipar e formar cidadãos e cidadãs críticos/as para o exercício da vida em sociedade.

Neste sentido, na medida em que os homens têm seu primeiro contato com a política feminista passam a rever os privilégios condicionados pela estrutura patriarcal, mas também a

entender que a mudança parte das suas ações para construção de uma transformação social. Demandando desses sujeitos uma posição frente ao patriarcado, pois embora a transformação ocorra numa esfera coletiva, ela inicia a partir de um processo individual, onde cada sujeito passa a rever seus posicionamentos e incorporar mudanças efetivas em suas práticas.

Como bem reafirmou hooks (2019), os homens precisam ser compreendidos enquanto importantes agentes na luta contra as estruturas sexistas e patriarcais, pois sem eles, pouco ou quase nada avançaremos na construção de uma sociedade fundamentada na equidade de gênero. Reconhecer sua importância nesse processo, condicionará a construção de ferramentas potentes que sejam capazes de subverter as fronteiras criadas pelo sistema patriarcal.

5.1 Educação feminista como prática de liberdade

A educação como prática de liberdade assume dentro do pensamento freireano um compromisso político-pedagógico com a libertação daqueles/as que se encontram reféns da perversidade das estruturas hegemônicas (Freire, 2021). Desse modo, atua na denúncia dos regimes autoritários que por muito tempo se encarregaram de tornar o mundo um lugar feio, assentado em lógicas hierárquicas e/ou opressivas que instauraram um conjunto de desigualdades, inclusive, aquelas vivenciadas no campo das relações de gênero.

Assim, diante da inaceitabilidade da continuidade desse sistema de dominação que historicamente esteve servindo exclusivamente aos interesses dos grupos dominantes, propõe a incorporação de uma mudança a partir da conscientização dos/as seus/suas sujeitos/as educativos. Ao passo que realiza esse movimento, avança também no processo de politização, possibilitando o despertar das capacidades de luta desses indivíduos, de modo que estes tenham condições de reivindicar e constituir outros trajetos emancipatórios.

Trata-se, portanto, de uma proposta de educação pautada nos reais interesses e necessidades dos seus indivíduos, uma vez que não há possibilidade de pensar um processo formativo desvinculado da sua realidade, que ignore as especificidades apresentadas por cada contexto. Desse modo, na medida em que assume esse propósito, promove condições de romper com os quadros de exclusão, possibilitando uma formação crítica para que esses sujeitos sejam capazes de ler o mundo e modificá-lo (Freire, 2022).

Contemplar essa dimensão, surge enquanto uma urgência na contemporaneidade, uma vez que não é cabível uma educação que permaneça reiterando as lógicas de opressão, sem somar esforços para sua desestabilização. Desta ótica, Martín (2016, p. 131) adverte que a “[...]

educación, como la cultura o la socialización, no son elementos neutrales ya que, o bien pueden ser responsables de normalizar y reproducir sociedades desiguales, o bien pueden servir como herramientas de transformación para ciudadanías en igualdad”.

É, pois, entendendo a educação como prática de liberdade enquanto uma potente ferramenta de intervenção e transformação que podemos considerá-la enquanto uma aliada da política feminista, tendo em vista seu comprometimento com a desestabilização das opressões e emancipação humana. Partindo dessa compreensão, Martín (2016, p. 131) defende que “[...] *una educación como práctica de libertad se define también como feminista en la medida que transforma y apoya relaciones sociales, humanas, en igualdad y con justicia social*”.

Portanto, educar sob a ótica do feminismo, significa constituir propostas político-pedagógicas comprometidas com a promoção da equidade de gênero, na qual seres humanos sintam-se responsáveis pela erradicação do machismo, sexismo, misoginia, LGBTfobia ou qualquer outra violência que transgrida a dignidade humana. Seus pressupostos teórico-epistemológicos, políticos-pedagógicos e éticos, contrapõem as lógicas dominantes, visto que oferecem respostas plausíveis às questões que são postas nesse novo século.

A preocupação em torno de uma educação feminista ocorre em meio a compreensão de que a educação tradicional sempre esteve atravessada por elementos da cultura patriarcal, onde diferentes instituições estiveram reiterando um conjunto de violências em meio suas práticas. Com base nisso, hooks (2020, p. 13) relembra que “[...] todos nós participamos da disseminação do sexismo, até mudarmos a consciência e o coração; até desapegarmos de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por pensamentos e ações feministas”.

Este cenário apresentado pela autora tem sido responsável por ampliar as desigualdades, bem como reforçar as categorias binárias e essencialistas que impuseram sérias consequências ao exercício de homens e mulheres na sociedade. Partindo dessa compreensão, a educação feminista busca romper com as hierarquias e desigualdades que se fizeram presentes nesse processo, através da elaboração de novas alternativas para caminhar numa direção outra. Segundo Ochoa (2017)

[...] los procesos educativos feministas implican valores, ideas y productos que se viven, se experimentan, se buscan aterrizar en una acción o una forma de hacer o de ser, suponen siempre una vuelta a la experiencia cotidiana pues busca generar alternativas, es una educación transformadora. (Ochoa, 2017, p. 4).

Inscritas num horizonte utópico, estes processos apontados por Ochoa (2017) têm sido forjados em meio as experiências de opressão vivenciadas diariamente por homens e mulheres que se encontram fadados a conviverem com esse regime nefasto do patriarcado. São, portanto,

estratégias elaboradas com a finalidade de denunciar os efeitos maléficos do patriarcado e concomitantemente propor caminhos alternativos para sua superação, a partir do anúncio de outros horizontes.

Encontramos na educação feminista elementos que indicam um caminho viável para romper com o sexismo e misoginia institucionalizado em nossa sociedade, visto que essa proposta conduz novos valores, ideias, conforme aponta Ochoa (2017). A potência dessa educação se encontra justamente na sua postura corajosa diante de uma realidade desumana que fora naturalizada pelas forças opressoras, as quais se encarregaram de roubar nossa capacidade de sonhar com uma sociedade fundamentada na solidariedade, amor e respeito a coletividade.

Freire (2021, p. 122), por sua vez, nos fala da necessidade dessa educação corajosa, que possibilite ao ser humano a assumir “[...] uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa em vez da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida”. Essa postura de desobediência apontada por Freire (2021) se encontra evidenciada nos pressupostos epistemológicos e políticos do feminismo, que se negam aceitar essa realidade.

Desta ótica, a educação feminista apresenta um comprometimento epistemológico, político-pedagógico e ético com equidade de gênero, onde rompe com o princípio da neutralidade, defendido por muito tempo pelos cânones do conhecimento científico. Suas problematizações ganham concretude nos fundamentos teórico-epistemológicos do feminismo, os quais sinalizam para as injustiças e violências cometidas em nome de um sistema de gênero dominante, por muito tempo concebido enquanto superior. Para Cristina Buarque (2002)

Os valores feministas abrem a civilização para a democracia numa perspectiva planetária jamais pretendida, enquanto a sua inserção no pensamento filosófico, político e científico, causa profunda comoção nas instituições da sociedade. Um novo saber: um novo mundo. As instituições vão sendo, então, reconcebidas e implementadas pelos seres humanos, ou seja, por indivíduos, de forma a comportar com justiça toda a diversidade da espécie em suas atividades produtivas e reprodutivas. (Buarque, 2002, p. 39).

Como destaca Buarque (2002), o feminismo institui um novo mundo, pois na medida que desconstrói o discurso universalista que reitera desigualdades e violências, também apresenta outros modos de vida para esses/as sujeitos/as. Essas novas experiências forjadas a partir desses princípios sinalizam para um certo ineditismo, pois retomam para a construção de categorias até então não pensadas, entendendo a incapacidade das estruturas patriarcais de proporem uma educação libertadora.

As hipóteses educativas elaboradas com base no feminismo restituem a dignidade dos sujeitos/as que tiveram negada a sua condição humana, onde segue oferecendo subsídios para que estes venham se reconhecer enquanto sujeitos de direitos. Por outro lado, atua numa perspectiva de inclusão e acolhimento, pois não rechaça, muito menos discrimina sujeitos em prol de sua condição de sexo, raça ou classe social, diferentemente das exclusões e discriminações que as perspectivas de educação tradicional impuseram durante muito tempo.

Com base nesses pressupostos, Martín e Artiaga (2017, p. 85) nos falam que uma pedagogia feminista “[...] *es hablar de interseccionalidad, de multidimensionalidad, de la inclusión de las diferencias y de transformación social. Es diálogo, comprensión, colectividad, educación popular, empoderamiento y ruptura de los círculos de opresión.*”. Consolida-se, pois, enquanto uma pedagogia potente para imaginar novos princípios civilizadores que evidenciem a construção de outros valores éticos para conduzir a realidade social.

Se a educação tradicional não tem sido capaz de oferecer resposta convincentes para eliminação dos pressupostos patriarcais que permanecem reiterando desigualdades no âmbito das práticas sociais, a educação feminista realça esse compromisso político-pedagógico com sua desestabilização. Para tanto, desafia estes padrões hegemônicos, apresentando respostas convincentes para que venhamos reeducar a sociedade a partir de uma nova perspectiva de comportamento.

Ao assumir esse desafio com a implantação de uma nova realidade para homens e mulheres, parte do reconhecimento dos saberes localizados que vem sendo forjados por agentes políticos que lutam em defesa de uma justiça social. Isto porque, diferentemente dos conhecimentos hegemônicos que são transpassados de geração em geração, os princípios da educação feminista não se encontram prontos, seguem sendo formulados a partir das reivindicações, lutas e utopias que emergem das distintas realidades, sobretudo, das mulheres.

Com base nisso, Ochoa (2017) revela que os processos educativos fundamentados no pensamento feminista propõem uma aprendizagem permanente, a qual vai ocorrendo ao longo da vida, de acordo com as dinâmicas enfrentadas por seus/suas sujeitos/as educativos/as. Ainda segundo a autora, esse aprendizado envolve múltiplas dimensões, onde contempla desde o

[...] teórico como práctico, objetivo y subjetivo, multidimensional e integral, colectivo, dialógico, lúdico y placentero. El proceso de aprendizaje es completamente personal, íntimo, al propio ritmo, gradual, lento, complejo. Requiere entre otras cosas de paciencia y respeto, la valoración de las capacidades individuales, y también espacios para su experimentación pues en los proyectos educativos feministas se promueven aprendizajes para la vida que implican consecuencias no sólo cognitivas sino también emotivas, subjetivas, actitudinales y prácticas. (Ochoa, 2017, p. 4).

É um modo de educar que supera as burocratizações da educação escolar, pois para além dos conhecimentos científicos, prevê também uma formação para vida, haja vista sua capacidade de compenetrar o interior dos sujeitos, promovendo o autoconhecimento e construção da identidade. Essa perspectiva, sinaliza para o seu diferencial, pois pensa não apenas uma educação para o exercício da cidadania, como também uma formação que responda as especificidades dos seus sujeitos educativos.

Ochoa (2017), por sua vez, destaca que estas particularidades presentes nessa proposta educativa, reafirmam o potencial presente no seu caráter político-pedagógico, ético, teórico-epistemológico. Para a autora, sua especificidade consiste justamente no compromisso de

[...] echar una nueva mirada a propuestas político-pedagógicas emancipadoras y desde una postura ética, filosófica y política denunciar su parcialidad y su androcentrismo, posicionándose críticamente ante el poder y la dominación masculinos, y promoviendo la libertad y el fortalecimiento de las mujeres, para construir de manera colectiva una sociedad más libre y democrática. (Ochoa, 2017, p. 2).

Essa postura assumida pela pedagogia feminista realça sua postura combativa diante da inaceitabilidade da continuação e perpetuação dos sistemas dominantes, na medida em que atua na denúncia desses pressupostos arcaicos. São estes pressupostos que indicam caminhos oportunos para recriarmos as condições de opressão na qual fomos ensinados, revendo novos valores e condicionantes para proposição de caminhos oportunos que tenham como foco o respeito a pessoa humana em sua diversidade.

A boniteza da pedagogia feminista se encontra justamente no fato dela não apenas pensar as possibilidades de transformação para construção de uma sociedade justa, mas também apresentar proposições práticas que oferecem condições que nos permite materializa-las no âmbito da sua execução. Podemos considera-la, portanto, enquanto caminho viável para instauração de outra sociedade, pois não há como superarmos os princípios universalistas, binários e essencialistas de gênero sem passarmos por esse movimento.

Desse ponto de vista, hooks (2020, p. 46) defende que os movimentos feministas do futuro necessitam “[...] pensar em educação feminista como algo importante na vida de todo mundo”. Será a partir dessa compreensão que avançaremos numa mudança oportuna na transformação das novas gerações que encontrarão na educação feminista a esperança da construção de um mundo mais justo e humano.

5.2 A pedagogia feminista como instrumento para reeducar os homens

Desafiando a feiura do patriarcado “[...] o pensamento feminista ensina a todos nós como amar a justiça e a liberdade de maneira a nutrir e afirmar a vida [...] precisamos de novas estratégias, novas teorias, diretrizes que nos mostrarão como criar um mundo em que a masculinidade feminista prospere” (Hooks, 2020, p. 108). Estas considerações, evidenciam a boniteza desse pensamento fecundo para pensar a futuridade, bem como alertam para iminência de propostas que envolvam os homens na construção de um projeto feminista de sociedade.

Reconhecer a imprescindibilidade da participação desses sujeitos nesses processos de luta, significa entender que os homens necessitam assumir um compromisso com a construção e implantação de uma sociedade fundamentada na equidade de gênero. Isto porque, enquanto agentes beneficiados pelo patriarcado – ainda que esse sistema os tenha imposto uma série de malefícios – dispõem de um conjunto de privilégios que os permitem desempenhar ações estratégicas na instauração de um novo mundo.

Comungando desse pensamento, hooks (2019, p. 123) pontua que os indivíduos envolvidos com a luta e “[...] revolução feminista precisam buscar formas pelas quais os homens possam desaprender o sexismo”. Essa compreensão da autora, revela que não há como pensar numa transformação para esses sujeitos sem revolucionar as estruturas dominantes, muito menos sem um processo formativo fundamentado numa perspectiva feminista, uma vez que a visão masculina de mundo foi concebida a partir de uma ótica patriarcal.

Desse ponto de vista, a pedagogia feminista aflora enquanto um caminho viável para constituição de outras masculinidades, entendendo que permite reeducar os homens para uma atuação cidadã consciente e compromissada com os princípios da equidade de gênero. Seus pressupostos político-pedagógicos permitem que estes sujeitos elaborem outras experiências no campo do gênero, assim como assumam uma identidade não hegemônica. Com base nisso, Fabri (2018) realça que

Esa relación que los feminismos nos interpelan a transformar es precisamente la relación de poder forjada al calor del dispositivo de masculinidad. Por ello es que devenir feministas, para los sujetos socializados en la masculinidad, es embarcarnos en una lucha contra nosotros mismos y los monstruos cotidianos que nos habitan, contra nuestros propios machismos y violencias, contra los mecanismos en los que fuimos socializados y entrenados para llegar a ser lo que somos. (Fabri, 2018, p. 82-83).

Como bem sinaliza Fabri (2018), os pressupostos teóricos-epistemológicos do feminismo permitem revisitar os imaginários e concepções retrógradas que ainda circundam as experiências masculinas, possibilitando aos homens desconstruir os fundamentos do machismo,

sexismo e homofobia que foram interiorizados pelo patriarcado em sua vida. Esse retorno a si, viabilizado pelo feminismo, toca a ferida do patriarcado e responsabiliza esses sujeitos para encontrarem outros caminhos para conduzirem suas vidas.

Se o patriarcado desumanizou os homens, retirando sua sensibilidade, capacidade de amar e de lutar por uma vida digna e igualitária, a pedagogia feminista avança na contramão, onde cumpre com uma justiça social e de gênero, devolvendo suas capacidades restaurativas para implementação de outro projeto de sociedade. Essas novas dinâmicas permitem não apenas que esses sujeitos sejam reeducados a partir de novos fundamentos, mas também que venham rever seus discursos e práticas sociais no âmbito da sociedade. Ochoa (2006) revela que

La pedagogía feminista es una práctica política y es también una manera específica de educar. Concibe la educación como una herramienta que potencia y autonomiza al ser humano pues sirve para elaborar procesos personales y subjetivos, para aprender y apropiarse de ideas nuevas, para desarrollar nuevos valores y actitudes, para adquirir herramientas técnicas, habilidades o poderes concretos de acuerdo con una visión de la educación como formación y desarrollo personal y también colectivo. (Ochoa, 2006, p. 31-32).

É inegável as potencialidades da pedagogia feminista para condução de novos padrões de comportamento entre homens e mulheres, haja vista que essa proposta pauta a necessidade de um processo formativo que propicie o desenvolvimento pessoal e coletivo, conforme aponta a autora. Seus princípios educativos reconhecem a capacidade do ser humano de reaprender ao longo da vida, sendo, portanto, uma ferramenta potente para reeducar os homens a partir de novos princípios, normas e valores.

Suas práticas educativas preveem processos de ruptura com as lógicas dominantes que instauraram amplos processos de desigualdades, inclusive no campo da educação. Desta ótica, revela que não há como pensar um processo formativo e emancipatório para os homens com base nas proposições da educação tradicional, uma vez que esses princípios educativos não dispõem de formação política para que esses sujeitos venham tecer críticas as concepções patriarcais que ainda atravessam suas experiências.

Martin (2016, p. 141), por sua vez, afirma que trata-se de uma pedagogia pautada nos saberes diversos, a qual “[...] reconoce la necesidad de hacer una «revolución» de los hombres –y no solo de las mujeres– promoviendo la construcción de nuevas masculinidades”. As considerações do autor representam um importante passo para desnaturalização das concepções essencialistas que ainda cercam os homens, pois estes sujeitos deixam de ocupar a posição – quase exclusiva – de agente responsável pelas desigualdades de gênero, passando a serem entendidos enquanto peça chave nesse processo de implementação da mudança.

Contrariando o patriarcado que apresentou uma única possibilidade de masculinidade aos homens, a pedagogia feminista vai além, onde propõe a reinvenção das experiências que atravessam esses sujeitos a partir do reconhecimento das subjetividades, sensibilidades e afetos que afloram em meio os processos educativos. Entende-se dessa maneira, que é possível forjar novas aprendizagens de gênero, onde esses sujeitos possam desconstruir os imaginários arcaicos e construir novas relações consigo mesmos e com o mundo ao seu redor.

Essa compreensão, aproxima os homens de uma política de equidade de gênero, bem como apresenta caminhos viáveis para reeduca-los a partir de uma proposta educativa emancipatória e comprometida com a transformação. Desse modo, ao invés de serem unicamente culpabilizados pelas desigualdades de gênero, estes sujeitos são convidados a construir alianças com a luta feminista em defesa de uma justiça de gênero, bem como romper com o pacto patriarcal que impôs inúmeras violências em torno de suas vidas.

Do ponto de vista da educação tradicional, a pedagogia feminista pode ser concebida enquanto uma pedagogia subversiva, visto que rompe com os paradigmas dominantes e recria as disposições necessárias para o despertar de uma consciência crítica. Tal proposta, encontra nos princípios freireanos as condições teóricas-epistemológicas necessárias para construção de espaços de discussão e problematização que sejam capazes de redemocratizar as relações de poder em torno de homens e mulheres. Segundo Korol (2007)

En esta pedagogía recreamos las identidades colectivas, no como límites sino como puentes, no para quedar subordinadas desde ellas frente a la identidad hegemónica, sino como espacio de constitución de nuestras subjetividades, haciéndolas desafiantes del orden individualista organizado desde la dominación. (Korol, 2007, p. 19).

É essa possibilidade de se reinventar a partir da coletividade, bem como de constituir novos processos de subjetividade, como aponta a autora, que permite aos homens constituir essa identidade masculina não hegemônica, considerada fundamental para instaurar um processo de despatriarcalização. Essa opção, contudo, não ocorre a partir de uma lógica prescritiva, mas, surge diante de um cenário de possibilidades que necessita ser devidamente elaborado a partir de estratégias empenhadas nessa construção.

O reconhecimento das especificidades que atravessam as experiências masculinas pode ser concebido enquanto um importante passo para afirmação de outras representações de masculinidade, pois traz consigo novas percepções acerca desses sujeitos. Entretanto, esse desencadeamento só é possível a partir de processos educativos que evidenciem um trabalho

efetivo com esses sujeitos, de modo que tenham acolhidas suas angústias, mas também apontadas suas contradições.

Assim, mais que imaginar outras possibilidades de masculinidades, a pedagogia feminista oferece condições para efetiva-las imerso num cenário de mudanças que ocorre fundado no exercício da criticidade, mas também na afirmação do respeito as particularidades de cada um. Desta ótica, Korol (2007, p. 16) advoga que “*Criticar una y otra vez las propias creencias parece ser el único camino para que nuestras ideas y nociones del mundo puedan ser vitales, fértiles, transformadoras. Quiero decir, revolucionarias*”.

Essa mudança revolucionaria prevê uma transformação no campo sociopolítico, mas, principalmente no interior dos sujeitos que aderem à luta feminista, entendendo que só é possível avançar na construção de um novo mundo se antes estivermos abertos ao diálogo com as diferenças, revendo os posicionamentos e contradições que atravessam nossas experiências. Sendo assim, a reinvenção do mundo exige antes de tudo, uma reinvenção de si, uma reconstrução que busca instaurar um bem-estar individual e coletivo.

Outro ponto que necessita ser destacado com relação aos fundamentos da pedagogia feminista, consiste nas especificidades do seu trabalho educativo, o qual precisa ser pensado de modo diferenciado, dada as especificidades e experiências que emergem das distintas realidades e posições enfrentadas por homens e mulheres na sociedade (Ochoa, 2017). Assim, no que se refere especificamente ao trabalho realizado com homens, a autora defende que

[...] es necesario que aprendan a desmontar su poder y sus privilegios, mientras que las mujeres usualmente requieren aprender a construir su autonomía y poder. No obstante, en algunos casos requieren aprender lo mismo: a ejercer un poder positivo, a vivir de manera autónoma, o a construir una cultura de respeto a los derechos humanos. Asimismo, la subjetividad y vivencias generizadas y desiguales pueden significar un motor que eche andar el deseo y la capacidad de transformación, dirigiéndolos precisamente a la transformación de esas condiciones genéricas y de todo tipo que resultan opresivas, y que son más y más acuciantes para algunas personas y menos para otras. (Ochoa, 2017, p. 11).

Esse movimento apontado pela autora caracteriza uma das principais apostas dessa proposta subversiva, possibilitar aos homens revisitar os privilégios concedidos pela estrutura patriarcal e educá-los para constituir novas relações fundadas na cultura dos direitos humanos. Contudo, ainda que esse desencadeamento por vezes pareça utópico, dado o modo como os dispositivos dominantes se encontram impregnados nas vidas desses sujeitos, a pedagogia feminista recria as condições para permanecer acreditando nesse projeto.

5.3 Articulações político-pedagógicas a partir do feminismo

Num mundo onde as desigualdades de gênero continuam sendo uma realidade, articulações político-pedagógicas a partir do feminismo são cada vez mais necessárias, entendendo que a continuidade das dinâmicas nefastas impostas pelo patriarcado amplia os abismos sociais, bem como operam na continuidade das violências históricas. Assim, urge a construção de estratégias de enfrentamento as lógicas opressivas, de modo que seja possível introduzir uma transformação pautada na construção de um *ethos* civilizatório.

Seguindo esse horizonte, observa-se o surgimento de movimentos subversivos forjados – em sua maioria – em processos coletivos que buscam dar respostas satisfatórias à essa problemática e implementar melhorias em torno da vida humana, reivindicando uma realidade que ainda não existe, mas que é possível. Assim, fundamentados numa ótica feminista, atuam no despertar da consciência de homens e mulheres, de modo que estes/as venham assumir um comprometimento com a erradicação das violências de gênero.

Tais articulações, refletem também as potencialidades da educação feminista na implementação de um mundo melhor, uma vez que seus fundamentos têm sido imprescindíveis para construção desses processos organizativos que emergem a partir dessa perspectiva emancipatória. É, portanto, nesse florescer que essa pedagogia avança na construção de estratégias inovadoras que revolucionem as estruturas arcaicas e conduzam novas relações de gênero. Ao observar a importância de ações dessa natureza, hooks (2020) defende que

Se não trabalharmos para criar um movimento de massa que ofereça educação feminista para todo mundo, mulheres e homens, teoria e prática feminista serão sempre enfraquecidas pela informação negativa produzida na maioria das mídias convencionais. Os cidadãos desta nação não conseguirão conhecer as contribuições positivas do movimento feminista para a vida de todos nós se nós não enfatizarmos todos esses ganhos. (Hooks, 2020, p. 47-48).

Como bem trata a autora, educação feminista, articulações político-pedagógicas, pedagogias outras, necessitam ser compreendidas enquanto aliadas na luta pela justiça de gênero, pois sem estas atuações pouco ou nada avançaremos na construção de um projeto de futuridade que assegure o respeito e dignidade aos indivíduos. Assim, cada vez mais, faz-se necessário desestabilizar essas lógicas opressivas e instituir ações que avancem na construção de redes de acolhimento e formação política para estes/as sujeitos/as.

É em meio essas reações utópicas, esperançosas, que a luta coletiva em torno de um mundo mais justo ganha concretude, haja vista o despertar da conscientização desses sujeitos. Com base nisso, Allene Lage (2013, p. 17 - 18) enfatiza que “[...] pensar algo radicalmente melhor implica, pois, numa rebeldia do próprio pensar, capaz de romper com as crenças

imobilizadoras que geram um saber-fazer submisso, um sentimento de incapacidade e uma descrença na luta política”.

Essa rebeldia no modo de pensar pautado pela autora, reacende a luta política pelo desejo de mudança, na medida em que gera um sentimento de inconformismo, inaceitabilidade, em face da crueldade com a qual esse sistema hegemônico impõe suas lógicas perversas. Por outro lado, indica um caminho oportuno para desnaturalizar as aprendizagens arcaicas de gênero e construir novos espaços formativos que permitam problematizar a realidade a partir de uma nova concepção de gênero.

Revela-se, nessa perspectiva, que só a partir da construção de articulações político-pedagógicas que tenham como base o pensamento feminista será possível encontrar caminhos para superação das hierarquias e violações de gênero que assolam as experiências humanas. Assim, o feminismo enquanto campo de luta, produz uma série de enfrentamentos nessa direção, onde não apenas avança na reivindicação e conquistas de direitos, como também se apresenta enquanto instrumento educativo para formação de uma nova cidadania.

Neste sentido, diante da ausência de dispositivos que se comprometam com a construção de uma justiça social e de gênero, estas articulações têm sido muito eficientes na medida em que problematizam os mecanismos que ocasionam tais desigualdades, desvendando as lógicas perversa em torno destas. É, portanto, um projeto revolucionário, o qual construído coletivamente, traz a possibilidade de estruturarmos uma sociedade inclusiva e equitativa. Com base nessas mudanças, Fabri (2018) destaca que

Varias certezas fueron derrumbándose con las transformaciones estructurales del último cuarto del siglo xx; los sujetos sociales y políticos, el poder, la representación, las herramientas organizativas, muchas de estas cuestiones claves para los proyectos emancipatorios fueron puestas en tela de juicio por la historia misma. Lentamente, y no sin tensiones ni conflictos, se van acumulando conocimientos, balanceando prácticas, arribando a nuevas síntesis políticas y organizativas que entusiasman y generan debate. (Fabri, 2018, p. 53).

Conforme aponta o autor, muitas verdades intocáveis puderam ser questionadas e consecutivamente desconstruídas a partir do despertar desse pensamento crítico que vem sendo possível a partir da ampliação do debate em torno dessas questões. Trata-se, pois, de um comprometimento com um projeto de futuridade que passa a ser gestado coletivamente a partir do sonho de sujeitos/as utópicos que defendem a construção de uma outra realidade, mais dinâmica, acessível e inclusiva.

Não há dúvidas que as discussões que emergem dos enfrentamentos realizados nesse novo século têm alcançado modificações estruturais em diferentes campos da vida humana,

possibilitando um maior diálogo e sensibilidade para debater temas que historicamente estiveram as margens dos cânones do conhecimento científico. Contudo, ainda há um longo caminho a percorrer na consolidação de condições dignas para que os seres humanos possam exercer sua cidadania sem sofrer nenhum tipo de violência.

Imersos na desejabilidade de construir outras dinâmicas – mais justas e humanas – novos cenários passam a se tornar possíveis a partir da atuação desses processos organizativos que reivindicam uma justiça histórica e de gênero para construção de uma nova humanidade. Constituem-se, portanto, na condição de estratégias insurgentes que intervêm nessa realidade perversa e anunciam outros modos de ser e viver, entendendo que a transformação do mundo, das pessoas e das instituições é condição fundamental para consolidar outras dinâmicas.

Caminhando nessa direção, Souza (2001) defende que a educação tem uma importante contribuição a dar nesse processo de transformação do mundo, e se não fizer, nenhuma outra prática social o fará. O reconhecimento das potencialidades presentes nesse processo educativo crítico, conforme aponta o referido autor, indica que não há como revolucionar as estruturas arcaicas da sociedade sem antes pensar uma educação comprometida político-pedagogicamente com a mudança.

Em face dessa compreensão, torna-se necessário articular, organizar e construir propostas emancipatórias que tenham como foco a libertação dos/as sujeitos/as oprimidos/as e/ou violentados/as pelos dispositivos opressivos, pois só a partir dessa compreensão será possível efetivar modificações em torno da vida humana. Essa busca por melhorias é condição fundamental para manter a esperança e continuar lutando por dias melhores, pautadas em relações mais respeitosas e humanas, pois como bem afirmou Freire (1997)

O que não podemos, como seres imaginativos e curiosos, é parar de aprender e de buscar, de pesquisar a razão de ser das coisas. Não podemos existir sem nos interrogar sobre o amanhã, sobre o que virá, a favor de que, contra que, a favor de quem, contra quem virá; sem nos interrogar em torno de como fazer concreto o “inédito viável” demandando de nós a luta por ele. (Freire, 1997, p. 51).

Em meio suas considerações, o respectivo autor sinaliza para um aspecto fundamental da vida humana, o qual consiste na necessidade de manter vivo o desejo da mudança, de não aceitar a realidade nos moldes como esta é apresentada, entendendo que o imobilismo destrói o sonho, logo, as possibilidades de transformar o mundo. Entretanto, reconhecer essa oportunidade de mudança, demanda problematizar a realidade a partir de pressupostos teórico-epistemológicos que permitam questionar essas construções arcaicas.

Assumindo esse compromisso e transgredindo a feiura do patriarcado, articulações político-pedagógicas fundamentadas no feminismo expandem as lentes da realidade, permitindo enxergar um mundo mais dinâmico, diverso e justo. Ao realizar esse movimento, criticam, denunciam e anunciam inúmeras possibilidades, pois entendem a necessidade de forjar uma luta coletiva para que seja possível consolidar a garantia de uma cidadania plena, onde os direitos venham ser assegurados e respeitados em sua totalidade.

Partindo desse princípio, Gebara (2022, p. 168) realça que “[...] as manifestações contra regimes opressores e as denúncias contra as arbitrariedades, contra as múltiplas formas de violência contra as mulheres e raças subalternizadas sinalizam a morte que declaramos a essas situações”. Comungando do pensamento da autora, faz-se necessário decretar a morte dessas ideologias fatalistas para que seja possível anunciar a vida em sua diversidade, onde seja possível conviver com modelos alternativos e não hegemônicos.

Entretanto, a celebração da vida em sua diversidade perpassa um movimento de criação de estratégias para torná-la possível, viável, entendendo que as dinâmicas fatalistas constantemente atuam na perpetuação desse mundo feio. É em meio essa compreensão que as articulações político-pedagógicas surgidas a partir do feminismo são entendidas enquanto fundamentais, pois não apenas combatem essas ideologias, mas também apontam caminhos de superação para estas.

São, portanto, articulações que envolvem educação, conscientização e empoderamento de forma conectada, tendo como princípio básico possibilitar as condições balizares para que seja possível construir uma nova realidade. Na medida em que movimentos dessa natureza são forjados, sujeitos comprometidos com esse projeto passam a se reconhecerem enquanto responsáveis pela sua história, pois entendem que a realidade é uma construção sócio-histórica na qual estes ocupam um lugar central.

Freire (2020, p. 45) pauta que a “[...] construção da ideia do amanhã, não como algo pré-dado mas como algo a ser feito, o leva à assunção de sua historicidade sem a qual a luta é impossível. É por isso que lutar é uma categoria existencial e histórica, algo mais do que puro engalfinhamento”. É essa consciência do mundo enquanto uma construção dinâmica que necessita estar evidenciada na formação dos sujeitos, de modo que impulse sua luta e conduza-os na esperança de outro amanhã.

Neste sentido, ao passo em que se reconhecem dentro desse processo, constroem estratégias de enfrentamento as injustiças, uma vez que o comprometimento com a mudança é

peça central para caminhar para outra realidade. Assim, implicados político-pedagogicamente, constroem entre si uma multiplicidade de conhecimentos que realçam a boniteza da diversidade humana em suas diferentes manifestações, bem como a potencialidade presente nessa estrutura de conhecimento.

São novas perspectivas que trazem a cena inúmeras possibilidades de reinventar a realidade dentro de uma estrutura de sociedade que seja mais humana, acolhedora e diversa. Sob esta ótica, Souza (2004, p. 209) defende que “[...] somos, pois, um projeto a ser construído cuja construção depende de nossas opções axiológicas”. Esse caráter de inconclusão apontado pelo autor, sinaliza para nossa capacidade de repensar e reaprender novos valores e condutas, sobretudo, que estejam pautadas em horizontes civilizatórios.



6. QUESTÕES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS E APORTES METODOLÓGICOS

Vislumbrando compreender os processos de denúncia e anúncio gestados pelas organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho educativo com homens, a partir de uma perspectiva feminista, elegemos o marco teórico-epistemológico e metodológico dessa pesquisa. Entendemos que o delineamento dessa etapa é imprescindível para que venhamos aprofundar uma compreensão em torno dessa realidade, constituindo um conhecimento acerca dessas experiências coletivas.

Desta ótica, Freire (2021) caracteriza as potencialidades da pesquisa científica, onde defende que seus desdobramentos permitem conhecer aquilo que ainda é desconhecido, assim como comunicar ou anunciar uma determinada novidade. Compactuamos com o pensamento do autor, entendendo que o processo de investigação científica possibilita um aprofundamento em torno de um dado fenômeno ou realidade, desde que, sejam adotados métodos que dialoguem com os objetivos propostos no estudo.

Assim, ao passo em que avançamos na compreensão de uma realidade, consecutivamente construímos possibilidades de intervenção em seu entorno, vindo superar as contradições que ainda fazem desse mundo um lugar feio, odioso. Como bem ressaltou Freire (2000, p. 61) em meio suas experiências de andarilhagem “[...] aceitar o sonho do mundo melhor e a ele aderir é aceitar entrar no processo de criá-lo. Processo de luta profundamente ancorado na ética”.

É assumindo esse posicionamento ético e político anunciado por Freire (2000), que orientamos nossa pesquisa a partir de uma perspectiva feminista. Isto porque, os métodos, procedimentos de coleta de dados e análise interpretativa seguem comprometimentos politicamente com a eliminação dos pressupostos androcêntricos e patriarcais que durante muito tempo estiveram reforçando os quadros de binarismo e desigualdades de gênero.

Do ponto de vista de Salgado (2019, p. 32), a “[...] *investigación feminista complementa los esfuerzos sociales, políticos y filosóficos del feminismo en pos de una transformación radical de la sociedad*”. Esse tipo de pesquisa, reacende um comprometimento político-pedagógico, ético e epistemológico com a construção de um mundo mais justo e humano, de modo que seja possível celebrar o estado de boniteza proposto por Freire (2021). Ainda de acordo com Salgado (2019)

[...] lejos de adscribirse a las formas de investigar que reproducen los convencionalismos académicos y científicos, explora, ensaya e innova, abriendo

numerosos caminos por los cuales transitar hacia la emancipación de las mujeres y de las sociedades de las cuales forman parte. (Salgado, 2019, p. 32).

Não há dúvidas que a pesquisa feminista inaugura um novo tempo, sendo capaz de transgredir o estado de feiura imposto pelos poderes dominantes e apresentar modelos alternativos para constituição de experiências diversas. Com base nisso, acreditamos que essas investigações contribuem não apenas para a emancipação das mulheres, como menciona a autora, mas também para a própria libertação dos homens que encontram nesses aportes teórico-epistemológicos condições de superar os padrões patriarcais.

Seguindo essa perspectiva, nossa pesquisa foi do tipo exploratória e explicativa (Gil, 2008). Exploratória, porque buscou ampliar uma compreensão acerca das experiências educativas forjadas por essas organizações no âmbito do seu trabalho com homens a partir de uma perspectiva feminista. E por fim, explicativa, visto que permitiu aprofundar um conhecimento acerca dessas experiências, sendo possível desvendar as questões que se encontram circunscritas em torno seu interior.

6.1 Abordagem da pesquisa

Objetivando alargar os sentidos em torno das experiências estudadas, situamos nossa pesquisa a partir de uma abordagem qualitativa, dada as potencialidades que emergem desse tipo de estudo durante o processo investigativo. Com base nisso, reconhecemos sua capacidade interpretativa no processo de compreensão das especificidades que afloram de cada experiência, possibilitando ao/a investigador/a um maior entendimento em torno das particularidades de cada fenômeno estudado (Creswell, 2010).

Ao tecer considerações acerca da pesquisa qualitativa, Gergen e Gergen (2006) defendem que esse tipo de investigação possibilita uma das mais ricas e também compensadoras explorações disponíveis na produção do conhecimento na contemporaneidade. Sua ampla adoção no cenário das pesquisas – sobretudo aquelas desenvolvidas no campo das humanidades – revela não apenas sua popularidade, mas também a riqueza desse tipo de estudo.

É notável as contribuições que essa abordagem oferece ao campo das humanidades, uma vez que se encontra marcada pelo entusiasmo, criatividade, comprometimento, efervescência intelectual e ação (Gergen; Gergen; 2006). Outro grande aspecto consiste na sua abertura para explorar novos fenômenos, onde demarca um campo de investigação diverso, o qual detém de

um conjunto de estratégias que permitem identificar e analisar as informações coletadas no campo. Deste modo,

[...] a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (Denzin; Lincoln, 2006, p. 17).

Neste sentido, imerso nessas suscetíveis tentativas de compreender a realidade explorada, os/as pesquisadores/as que adotam esse tipo de abordagem estabelecem uma série de critérios na tentativa de cumprir com um rigor científico que possibilite avançar no aprofundamento dessas questões, bem como construir um conhecimento com base no contexto observado. Desta forma, ao elucidar questões antes desconhecidas ou não identificadas, essa abordagem conduz ao descobrimento de novas informações.

Na compreensão de Lage (2013, p. 50) a riqueza desse tipo de pesquisa se encontra no fato que “[...] tem um viés que leva o investigador ao encontro de subjetividades que não conseguem se esconder, como acontece no universo da pesquisa quantitativa”. Tais subjetividades destacadas pela autora, revelam não apenas a potencialidade que se encontra imersa em cada caso, mas também a necessidade da adoção de instrumentos que viabilizem ao/a pesquisador/a desvendar suas especificidades.

Com base nisso, Goldemberg (2004, p. 54) chama atenção para o fato de que os dados que surgem desse tipo de pesquisa não são padronizáveis como no caso dos dados quantitativos, “[...] obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los”. Por esta razão, torna-se imprescindível uma maior abertura por parte do/a pesquisador/a para observar e principalmente sentir as questões que se encontram circunscritas em torno da experiência.

6.2 Método

A adoção do método de pesquisa requer um trabalho cuidadoso, tendo em vista que irá conduzir o processo de investigação com a finalidade de alcançar um determinado conhecimento acerca da experiência estudada. Marconi e Lakatos (2003, p. 83) caracterizam-no na condição de um “[...] conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Numa perspectiva semelhante, Allene Lage (2013) explica que o melhor método a ser adotado é aquele que se mostra capaz de identificar os pontos relevantes da pesquisa, permitindo que os resultados sejam alcançados. Por esta razão, elegemos um método que dialogasse com os objetivos propostos pela nossa pesquisa, de modo que fosse possível traduzir os reais significados que vem sendo produzidos em torno das organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho com homens a partir de uma perspectiva feminista.

6.2.1 Método (auto)biográfico

Durante nossa investigação, optamos pelo trabalho com o método (auto)biográfico, dada sua potencialidade epistemológica para conhecer os trajetos políticos-pedagógicos gestados pelas organizações em estudo. A riqueza desse método, surge justamente da sua capacidade humana e sensível de captar os sentidos, subjetividades e saberes que atravessam estas experiências educativas no âmbito das suas práticas individuais e/ou coletivas.

Deste modo, assumindo uma oposição as correntes positivistas e colonizadoras que estiveram centradas na produção de um conhecimento hegemônico, as pesquisas (auto)biográficas concebem as narrativas enquanto um dispositivo fértil para constituição de novos conhecimentos. No âmbito das investigações desenvolvidas no campo educacional tem oportunizado a superação das limitações que ainda se fazem presentes nas abordagens tradicionais (Passeggi; Souza, 2017).

Ao investigar esse dispositivo de pesquisa, Passeggi (2011, p. 29) destaca que o método (auto)biográfico busca “[...] *compreender cómo los individuos (el infante, el joven, el adulto...) o los grupos (familiares, profesionales, religiosos, gregarios...) atribuyen sentido al curso de la vida, en el itinerario de su formación humana, en el recorrido de la historia*”. São estes princípios destacados pela autora que fazem desse método um caminho seguro para produção de uma nova episteme.

Ao tratar das suas particularidades, Abrahão (2003, p. 80) destaca a centralidade da memória nesse tipo de investigação, entendido enquanto “[...] o componente essencial na característica do(a) narrador (a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo”. É por meio da memória narrada que são enunciados acontecimentos, trajetos e/ou experiências que marcam as vidas dos sujeitos.

Num diálogo entre passado e presente, as narrativas também revelam possibilidades de um futuro, visto que não se finda na enunciação de uma sequência de acontecimentos, mas numa tentativa de reconectá-los no tempo com sentido (Jovchelovitch; Bauer; 2008). Além do mais, oferece condições para que os sujeitos possam refletir e aprender com a experiência narrada, através de questionamentos e/ou reflexões que surgem em meio ao despertar dessas memórias. Ainda segundo Delory-Momberger (2011)

A narrativa, como gênero discursivo, constitui não somente o meio, mas também o lugar; a narrativa dá lugar à história de vida. O que dá forma à vivência e à experiência dos homens são as narrativas que delas se produzem. Assim, a narração não é somente o sistema simbólico pelo qual os indivíduos conseguem expressar o sentimento de sua existência: a narração é também o espaço em que o ser humano se forma, elabora e experimenta sua história de vida. (Delory-Momberger, 2011, p. 335).

Comungando do pensamento de Delory-Momberger (2011), reconhecemos a pertinência da narrativa enquanto dispositivo de enunciação, mas também de formação, tendo em vista que a partilha das experiências perfaz um movimento de reflexão e construção de novos sentidos em torno do ato vivido. Sua amplitude dentro da investigação científica rompe com os paradigmas dominantes, reconhecendo-a enquanto um lugar fértil para produção de novos conhecimentos.

6.3 Delimitação e local da pesquisa

Esta pesquisa investigou as experiências educativas produzidas por organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho com homens a partir de uma perspectiva feminista, dada sua relevância para instituímos novas configurações de gênero no âmbito das relações sociais. Para tanto, elegemos o Instituto PAPAI (Brasil) e o *Instituto de Masculinidades y Cambio Social* (Argentina) para realização desse estudo, haja vista seus trajetos de luta e comprometimento com a produção de experiências de equidade e justiça social.

6.3.1 Instituto PAPAI

Entrelaçando pesquisa, extensão e ativismo político, o Instituto PAPAI apresenta um histórico de atividades voltadas para construção de ações político-pedagógicas que possibilitem repensar a formação de homens a partir de uma perspectiva feminista. Desde 1997, ano em que foi fundado com a missão de promover cidadania e justiça social em prol da eliminação de desigualdades e da afirmação e valorização da diversidade vem desenvolvendo um trabalho com a sociedade civil e instituições públicas no Brasil.

Num primeiro momento, esta iniciativa atuou na condição de projeto, tendo como compromisso desenvolver o Programa de Apoio ao Pai (de onde surge a sigla PAPAI), num movimento que englobou o tripé ensino, pesquisa e intervenção política comunitária (Medrado; Lyra, 2015)¹⁴. Logo em seguida, no ano de 1999, ocorreu a institucionalização e formalização do registro do Instituto PAPAI na condição de pessoa jurídica. Atualmente, essa organização retorna as suas origens, sendo um projeto de pesquisa.¹⁵

Figura 1: Logomarca do Instituto PAPAI



Fonte: Redes sociais: Instagram¹⁶

Pioneira na abordagem com homens a partir de uma perspectiva feminista, sendo também uma das primeiras iniciativas no contexto da América Latina, essa organização tem cumprido com um relevante papel social, político-pedagógico e epistemológico¹⁷. Suas ações de enfrentamento apresentam estratégias fundamentais para que venhamos romper com as barreiras patriarcais estiveram impossibilitando uma participação e comprometimento masculino no combate as violações de gênero. Seus objetivos buscam

Promover ações político-pedagógicas no campo das relações de gênero, saúde e sexualidade, atuando no campo da saúde pública, educação e em instâncias de controle

¹⁴ Nesse período, contou com um programa de bolsas da Fundação MacArthur (Medrado; Lyra, 2015).

¹⁵ Os trajetos do Instituto PAPAI foram biografados no livro “Produzindo memórias para alimentar utopias: Narrativas sobre uma organização que, desde 1997, ousa trabalhar com homens e sobre masculinidades” de autoria de Benedito Medrado e Jorge Lyra.



¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/institutopapai/>. Acesso em 17 fev. 2021.

¹⁷ Para além da sua atuação no campo social, o Instituto PAPAI também tem se consolidado enquanto espaço de produção do conhecimento, pois ao longo das suas ações tem realizado parcerias com universidades públicas, centros de pesquisas e/ou grupos de estudos/pesquisa, além de concentrar um conjunto de pesquisadores/as em seu quadro.

social (integrando movimentos sociais e intervindo na formulação, avaliação e monitoramento de políticas públicas).¹⁸

Estes propósitos, evidenciam o comprometimento político-pedagógico do Instituto PAPAI com a produção de experiência de solidariedade, equidade de gênero e justiça social a partir de uma perspectiva feminista. Suas ações, representam um importante mecanismo para que venhamos construir outras narrativas em torno das masculinidades, bem como combater os quadros de machismo, sexismo e LGBTfobia que ainda se fazem presentes em nossa sociedade.

Quadro 1: Campanhas desenvolvidas pelo Instituto PAPAI

CAMPANHA	DESCRIÇÃO
<p>Machismo não combina com Saúde</p> 	<p>Objetivo: Promover um debate público amplo e crítico sobre a saúde dos homens;</p> <p>Justificativa: Os homens em geral são socializados para responder a modelos de comportamento e “scripts sexuais”, que não estimulam o cuidado com os outros, nem de si mesmos; a serem autônomos, independentes, não demonstrar emoções e não pedir ajuda em momentos de crise ou dificuldade, assumindo posições de poder em diferentes setores da vida cotidiana, que resultam num estilo de vida destrutivo e auto-destrutivo, tanto nos espaços públicos como privados. Os riscos, muitas vezes, aparecem como “masculinidade”.</p> <p>Ações: Realiza ações de sensibilização da população masculina e profissionais de saúde sobre o processo de adoecimento e morte dos homens a partir da ideia de que a cultura machista traz prejuízos graves a saúde desta população.</p> <p>Parceria: Grupo de Estudos em Gênero e Masculinidades (GEMA-UFPE) e Rede MenEngage.</p>
<p>Homens pelo fim da violência contra as mulheres</p> 	<p>Objetivo: Sensibilizar, envolver e mobilizar os homens no engajamento pelo fim da violência contra a mulher.</p> <p>Justificativa:</p> <p>Ações: Diferentes atividades para envolver os homens nas ações pelo fim da violência sexista, para isso utiliza estratégias de comunicação em rede e sensibilizações comunitárias, sobretudo com jovens do sexo masculino.</p> <p>Parceria: Parceria com diferentes instituições, particularmente organizações do Movimento de Mulheres.</p>
<p>Pai não é visita! Pelo direito de ser acompanhante</p>	<p>Objetivo: Promover discussões críticas sobre o constante descumprimento desta lei.</p> <p>Justificativa: A presença de um/a acompanhante de escolha da gestante é uma das recomendações da Organização Mundial de Saúde para a humanização do parto e nascimento. Vários relatos científicos têm evidenciado que a presença de um acompanhante durante o pré-parto, parto e pós-parto pode favorecer inclusive no processo fisiológico do parto, diminuindo o período de internação e recuperação e reduzindo a necessidade de uma indesejável cesariana.</p>

¹⁸ Disponível em: <http://institutopapai.blogspot.com/p/quem-somos.html> Acesso em: 30 jul. 2023

	<p>Ações: A iniciativa visa, portanto, exigir dos Governos Municipal, Estadual e Federal o compromisso de gerar condições estruturais nas maternidades para que o direito ao acompanhante seja respeitado.</p> <p>Parceria: Grupo de Estudos em Gênero e Masculinidades (GEMA- UFPE), Rede Parto do Princípio e Rede MenEngage.</p>
<p>Paternidade - Desejo, Direito e Compromisso</p> 	<p>Objetivo: Envolver os homens em questões relacionadas ao cuidado e a paternidade, no contexto da saúde e dos direitos reprodutivos.</p> <p>Justificativa:</p> <p>Ações: As ações da campanha acontecem em torno do dia dos pais, buscando estimular uma reflexão crítica sobre o cuidado infantil, valorizando a participação dos homens na educação e no cuidado dos/as filhos/as.</p>
<p>A Diversidade é Legal</p> 	<p>Objetivo: Desenvolver e divulgar ferramentas culturais diversas voltadas à população como estratégia para enfrentamento da homofobia, em suas diferentes expressões.</p> <p>Ações: Suas ações pretendem contribuir para a promoção à saúde e direitos da população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) na e fortalecer os movimentos organizados em favor da defesa dos direitos sexuais do público LGBT.</p> <p>Parceria: Fórum LGBT de Pernambuco; Gema/UFPE.</p>
<p>Dá licença, eu sou pai!</p> 	<p>Objetivo: Promover a ampliação da licença paternidade com equiparação entre licença maternidade e paternidade.</p> <p>Justificativa: No Brasil, todo pai, inclusive adotivo, tem direito à licença paternidade, sem prejuízo em seu salário. Mas, essa licença é de apenas 5 dias. Muito pouco para acompanhar os primeiros passos de um filho. Além disso, uma diferença tão grande no tempo da licença paternidade e maternidade (que é de 4 meses) acaba reforçando a ideia de que as mulheres são as únicas ou principais responsáveis pelo cuidado dos filhos. É pelo direito de cuidar dos nossos filhos e por uma divisão sexual do trabalho doméstico justa que buscamos a ampliação da licença paternidade.</p> <p>Parceria: Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (Gema/UFPE), Rede de Homens pela Equidade de Gênero (RHEG), Fundação Carlos Chagas e Rede MenEngage.</p>
<p>Amor livre</p> 	<p>Objetivo: Valorizar a livre expressão da sexualidade e a promoção dos direitos sexuais, a partir da divulgação da lei que criminaliza a homofobia em Recife, aprovada em 2012.</p> <p>Justificativa: Esta Lei Municipal Nº 16.780/2002 (apelidada de Lei do Amor Livre) garante a livre expressão da sexualidade, punindo qualquer forma de discriminação por parte dos estabelecimentos da cidade. O dia oficial da campanha é 17 de maio, o Dia Internacional de Luta contra a Homofobia, quando realizamos Atos Públicos divulgando a lei e outras iniciativas em favor da diversidade sexual.</p>

	<p>Ações: Durante os Atos Públicos são distribuídos materiais informativos, em formato de cartazes e “cartões de visita” (que podem ser facilmente transportados), contendo uma síntese da lei.</p> <p>Parceria: GEMA/UFPE.</p>
--	---

Fonte: Site do Instituto PAPAI¹⁹

Ao observarmos seus itinerários, constatamos um conjunto de ações – formações pedagógicas, campanhas educativas, minicursos, participação em atos públicos, produção de materiais pedagógicos nas redes sociais – que buscam construir outros cenários para relações de gênero. Estas iniciativas têm proporcionado um amplo debate acerca de temas como violência de gênero, paternidade, população LGBT, direitos sociais e reprodutivos, contribuindo para a defesa dos direitos humanos e promoção da cidadania.

A educação, por sua vez, tem ocupado uma centralidade durante o trabalho desenvolvido por essa organização feminista, onde proporciona uma formação crítica para os/as integrantes do projeto, bem como para comunidade em geral. Consideramos esse movimento imprescindível para que venhamos garantir uma aproximação e comprometimento dos homens com as pautas feministas, bem como para construção de uma sociedade fundamentada na equidade de gênero.

6.4.2 Instituto de Masculinidades y Cambio Social (Instituto MasCS)

Numa perspectiva de coletividade, justiça social e de gênero, o *Instituto de Masculinidades y Cambio Social* (Instituto MasCS) tem promovido intervenções em diferentes campos da vida humana, na tentativa de desestabilizar os quadros de opressão, machismo e sexismo que continuam a operar lógicas perversas. Suas ações, realçam um compromisso político-pedagógico, ético e teórico-epistemológico com a construção de novas experiências de gênero, sobretudo, no que se refere as masculinidades.

Idealizada no ano de 2018 a partir das aspirações políticas de ativistas que comungavam de ideais em comum, essa organização surge no intuito de promover ações para repensar as experiências masculinas a partir dos aportes teórico-epistemológicos e práticos do feminismo. Com atuação em diferentes espaços – sindicatos, forças de segurança, organizações sociais,

¹⁹ Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/p/campanhas.html>. Acesso em: 15 jun. 2024.

escolas, clubes – o respectivo instituto tem apresentado estratégias político-pedagógicas para o trabalho com homens.

Figura 2: Logomarca do Instituto MasCS



Fonte: Redes sociais: Instagram²⁰

Numa articulação entre investigação científica e ativismo político, o Instituto MasCS rompe com as estruturas hegemônicas da sociedade, onde apresenta outras possibilidades para o exercício da masculinidade, mais diversas, justas e comprometidas com a eliminação das violências de gênero. Além do mais, tem construído importantes parcerias com instituições governamentais e/ou que atuam numa perspectiva semelhante. Dentre os objetivos centrais dessa organização destacamos

Propomos contribuir para o envolvimento dos homens e das masculinidades na construção desta Mudança Social, a partir de políticas de sensibilização e interpelação que nos permitam registrar, questionar e erradicar a reprodução de laços de cumplicidade sexista, a naturalização de privilégios, a exercício diário de micromachismos e outras formas de violência.

Procuramos também visibilizar e apostar na proliferação de masculinidades dissidentes do mandato patriarcal; à emergência de formas de socialização masculina e intergênero que conseguem deslocar o guião de gênero dominante; e a construção de novas referências diárias, públicas e coletivas que convidem e incitem os homens e as masculinidades a viverem à altura da Mudança Social que as mulheres e as diversidades sexuais têm promovido no nosso país, na região e no mundo. (Instituto MasCS).²¹

Os respectivos objetivos revelam o comprometimento e enfrentamento com o qual o Instituto MasCS tem conduzido sua proposta de trabalho na tentativa de construir outros

²⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em 20 jan. 2024.

²¹ Disponível em: <https://institutomascs.com.ar/quienes-somos/>. Acesso em 20 nov. 2023.

cenários para o exercício da masculinidade. Outro aspecto importante, consiste no reconhecimento da urgência de instituir novas dinâmicas para os homens, tendo em vista as consequências que decorrem da manutenção das estruturas patriarcais, as quais contribuem para continuidade das violências e/ou desigualdades de gênero.

Quadro 2: Participação do Instituto MasCS no desenvolvimento de campanhas

CAMPANHA	DESCRIÇÃO
Paternidade também é cuidar (2023)	Descrição: Lançamento da campanha “Paternidade também é cuidar” em parceria com a Fundação Kaleidos com o objetivo de tornar visíveis as representações associadas à paternidade adolescente.
Pare a Bola	Descrição: Assessoramento ao Conselho Argentino de Publicidade e a <i>Spotlight Initiative</i> na implementação de uma campanha destinada a promover masculinidades livres, respeitadas e diversas.
Paternar (2021)	Descrição: Integração com a Campanha Paternar com o objetivo de avançar em uma agenda de cuidados que busque modificações no regime de licença parental que contribuam para uma maior redistribuição de tarefas.
#AmigoDateCuenta e #YoMeOcupa (2020)	Descrição: Participação no âmbito das campanhas e estratégias de comunicação promovidas pela Iniciativa <i>Spotlight</i> no desenvolvimento dos roteiros de <i>#AmigoDateCuenta</i> , a campanha que fala aos homens para desnaturalizar a violência machista, e a consultoria <i>Bridge The Gap</i> na campanha <i>#YoMeOcupa</i> , com seu spot viral para <i>Ayudadores</i> .
Pais Pintados (2020)	Descrição: Participação em junho de 2020, no âmbito do Dia dos Pais, da campanha denominada <i>#PadresPintados</i> . Junto com a Equipe Latino-Americana de Justiça e Gênero (ELA) e UNICEF.

Fonte: Site do Instituto MasCS²²

Partindo dessa premissa, suas articulações político-pedagógicas têm concentrado diferentes ações, seja através das formações pedagógicas, campanhas em rede sociais ou mesmo produção de materiais pedagógicos (cartilhas, livros) que buscam atuar na conscientização de homens. Enquanto linhas de atuação, o Instituto MasCS desenvolve um trabalho guiado pelos seguintes eixos: (i) Educação sexual abrangente com homens; (ii) Políticas de saúde e cuidados e (iii) Violência sexista.

²² Disponível em: <https://institutomascs.ar/que-hacemos/>. Acesso em 15 jun. 2024.

6.5 Fontes de informações e sujeitos da pesquisa

As fontes de informações elencadas para realização da pesquisa consistem num importante dispositivo para que venhamos conhecer os trajetos político-pedagógicos produzidos pelas organizações em estudo. Assim sendo, num primeiro momento partimos das plataformas digitais²³ – site e redes sociais (Facebook e Instagram) –, entendendo que essas redes constituem importantes canais de biografização, comunicação e socialização dessas experiências educativas.

É através da incorporação e utilização das ferramentas de trabalho dessas mídias sociais que as organizações vem denunciado as situações de violência e opressão, bem como as tentativas de retrocesso que tem sido instauradas a partir da ascensão dos grupos ultraconservadores na atualidade. Por outro lado, também tem anunciado suas iniciativas contra-hegemônicas, as quais indicam caminhos para superação das desigualdades e construção de um mundo mais justo.

Neste sentido, ao acessar os conteúdos produzidos nessas plataformas, conseguimos localizar informações centrais para o desenvolvimento da pesquisa, visto que estas redes têm sido utilizadas para socialização das experiências educativas, partilha dos materiais produzidos, difusão das ações e posicionamentos políticos das organizações e divulgação das campanhas educativas. Além do mais, acreditamos que essas mídias cumprem com uma função pedagógica no mundo virtual.

Os textos, imagens e fotografias que integram esses espaços virtuais celebram a boniteza dessas experiências, mas também trazem consigo implícita e/ou explicitamente fragmentos da memória dessas organizações, de modo a recontar seus itinerários. Através desses registros, conseguimos reconectar passado, presente e quiçá futuro, dada sua dimensão utópica. Ao mesmo tempo, realçamos sua capacidade de interligar uma legião de seguidores, conforme podemos observar a seguir

²³ Endereço eletrônico das plataformas digitais do Instituto PAPAI <<https://institutopapai.blogspot.com/>> <<https://www.facebook.com/institutopapai>> <<https://www.instagram.com/institutopapai/>> e do Instituto MasCS <<https://institutomascs.com.ar/>> <<https://www.facebook.com/institutomascs>> <https://www.instagram.com/instituto_mascs/> . Acesso em 12 fev. 2025.

Figura 3: Site e redes sociais do Instituto PAPAI



Fonte: Facebook e Instagram do Instituto PAPAI²⁴

²⁴ Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/p/campanhas.html> <https://www.facebook.com/institutopapai> <https://www.instagram.com/institutopapai/> Acesso em: 15 jun. 2024.

Figura 4: Site e redes sociais do Instituto MasCS



Fonte: Site e redes sociais do Instituto MasCS²⁵

Seguindo essa linha de pensamento, também elencamos na condição de fontes de informações os/as integrantes e ex-integrantes das organizações, visto que suas trajetórias nesses espaços compõem fontes de conhecimentos férteis. Isto porque, através das narrativas desses sujeitos conseguimos acessar os itinerários dessas organizações, bem como as concepções e sentidos que são produzidos em meio as suas atuações em seus respectivos contextos sociais, culturais e geográficos.

²⁵ Disponível em: <https://institutomascs.ar/que-hacemos/> <https://www.facebook.com/institutomascs> https://www.instagram.com/instituto_mascs/ Acesso em: 15 jun. 2024.

A aproximação e seleção desses sujeitos, ocorreu a partir das orientações dos atuais dirigentes das organizações, os quais intermediaram todo o processo de comunicação. Vale ressaltar que a participação e colaboração com a realização da pesquisa ocorreu de forma voluntária, sendo utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO A) no *Google Forms*, onde os/as participantes autorizaram o uso da sua identidade e imagens na pesquisa.

Quadro 3: Integrantes e ex-integrantes do Instituto PAPAI

Participantes	Gênero	Orientação sexual	Raça/etnia	Idade	Cidade/ País	Cargo/ função	Duração na organização
Jorge Lyra	Homem Cisgênero	Gay	Preta	57	Recife- Brasil	Fundador e coordenador geral.	Membro fundador
Mariana Azevedo	Mulher Cisgênero	Heterossexual	Branca	41	Recife- Brasil	Estagiária; Assistente de Projetos; Coordenação de Projetos; Coordenação Geral.	15 anos
Daniel Lima	Homem Cisgênero	Heterossexual	Branca	47	Recife- Brasil	Estagiário; Pesquisador.	6 anos
Adrian Araújo	Homem Cisgênero	Gay	Preta	47	Recife- Brasil	Ativista	--

Fonte: Autor

Quadro 4: Integrantes do Instituto MasCS

Participantes	Gênero	Orientação sexual	Raça/etnia	Idade	Cidade/ País	Cargo/ função	Duração na organização
Luciano Fabbri	Homem Cisgênero	Gay	Branco	43	Cidade Autônoma de Buenos Aires- Argentina	Membro fundador	Membro fundador
Agostina Chiodi	Mulher Cisgênera	Heterossexual	Branca	44	Cidade Autônoma de Buenos Aires- Argentina	Presidenta	7 anos

Nicolás Pontaquarto	Homem Cisgênero	Heterossexual	Branco	29	Cidade Autônoma de Buenos Aires- Argentina	Formador	3 anos
Joaquín Coronel	Não binário	Gay	Branca	33	Cidade Autônoma de Buenos Aires- Argentina	Formador	5 anos

Fonte: Autor

Acreditamos que os/as respectivos participantes não apenas enunciam histórias, mas também integram as mesmas, sendo parte delas. Por meio das suas narrativas, as histórias se entrelaçam num processo coletivo e dinâmico, onde ganham novos sentidos.

6.6 Técnica de coleta de dados

A coleta de dados consiste numa das principais etapas da pesquisa, visto que possibilita ao/a pesquisador/a estabelecer uma primeira aproximação com o campo de pesquisa, sendo também um momento de interação entre ambos. Assim, ao passo em que o/a pesquisador/a avança no processo de coleta, também se debruça sobre o campo, vindo realizar suas primeiras considerações em torno deste, o que garante um aprofundamento em torno do fenômeno estudado.

Trata-se de um momento crucial para o andamento da pesquisa, exigindo do/a pesquisador/a um planejamento dentro das possibilidades apresentadas pelo campo para que seja possível alcançar os objetivos propostos. Numa perspectiva semelhante, Lakatos (p. 165) destaca que faz-se necessário “[...] paciência, perseverança e esforço pessoal, além do cuidadoso registro dos dados e de um bom preparo anterior” para alcançar uma coleta séria, que apresente um rigor científico.

Partindo dessa premissa, elegemos os instrumentos de coleta de dados levando em consideração os objetivos propostos com o estudo, mas também as peculiaridades apresentadas pela realidade a ser estudada, de modo que viéssemos assumir uma postura ética e respeitosa com nosso campo pesquisa. Com base nisso, selecionamos enquanto técnica de coleta de dados a entrevista narrativa, dada as peculiaridades e objetivos da nossa investigação.

6.6.1 Entrevista narrativa

Vislumbrando aprofundar uma compreensão acerca das experiências político-pedagógicas forjadas pelo Instituto PAPAI e Instituto MasCS, adotamos a entrevista narrativa enquanto uma aliada nesse processo de investigação, dada sua capacidade de explorar os elementos que compõem uma determinada história. Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 93) pontuam que seu propósito “[...] é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível”.

Concebida na condição de técnica de entrevista não estruturada e com características específicas (Jovchelovitch e Bauer, 2008), acreditamos que esse instrumento de pesquisa permite alcançar informações centrais em torno da realidade estudada. Por outro lado, possibilita conhecer e refletir acerca dos acontecimentos, práticas e saberes que se encontram entrecruzados em meio aos percursos que vem sendo trilhados por essas organizações feministas no âmbito das suas atividades.

Desta ótica, Sousa e Meireles (2017, p. 104) destacam que através dessa técnica “[...] os sujeitos são impulsionados e mobilizados a recuperarem elementos de suas histórias pessoais e sociais, interpretando-as de uma maneira singular”. Portanto, ao realizarem esse movimento reflexivo em torno das suas trajetórias, os sujeitos que compõem essas experiências reconstituem seus itinerários a partir do ato narrativo, bem como integram novos sentidos ao ato vivido. Ainda segundo os autores

[...] cada sujeito, através de seus próprios recursos biográficos, possui um motivo que organiza, integra, direciona e elege os elementos e acontecimentos que dão forma a sua narrativa, tornando, assim, a narrativa subjetivamente única, original e irrepetível, pelos significados pessoais contidos em cada uma das histórias narradas. (Souza; Meireles, 2017, p. 105).

Podemos caracterizá-la, portanto, enquanto um movimento individual e pessoal, no qual o sujeito se reconecta as suas memórias e delas extrai fragmentos de lembranças que integram suas experiências. No decorrer desse processo, os sentidos e subjetividades afloram, caracterizando novos significados em meio aos discursos que ecoam do/a narrador/a.

Contemplando outras dimensões dessa técnica, Passeggi (2011, p. 25) destaca que a entrevista narrativa “[...] realizada para la constitución de fuentes biográficas, puede revelarse como um momento de formación, creando una zona intermedia”. Essa perspectiva formativa decorre justamente da sua capacidade reflexiva, entendendo que na medida em que os/as entrevistados/as narram suas experiências também refletem acerca dos aspectos que a compõem, podendo reaprender com o ato vivido.

Entendemos que essa técnica será fundamental para que venhamos entender os processos de denúncia e anúncio que se encontram entrelaçadas em meio as experiências político-pedagógica desenvolvidas pelas organizações que trabalham com homens. Ao viabilizar esses movimentos, os/as entrevistados/as serão convidados a recontar suas principais vivências constituídas em meio essas reorganizações que surgem na perspectiva construir um novo mundo.

6.7 Arcabouço analítico

Para análise e sistematização dos dados, optamos pelo trabalho com a técnica de análise de conteúdo, entendendo que o tratamento das informações coletadas durante o levantamento de campo exige a adoção de procedimentos que sejam capazes de oferecer categorias explicativas acerca do fenômeno estudado. Amado (2013), por sua vez, destaca que não basta recolher dados, necessitamos também analisá-los e interpretá-los, de modo que seja possível sistematizar uma reflexão em torno da experiência.

Desta ótica, consideramos que a análise de conteúdo possibilita interpretar as informações coletadas em campo, bem como aquelas que se encontram presentes nos documentos oficiais das organizações de forma séria e com rigor científico. Suas técnicas de análise, avançam no desvelamento das especificidades de cada experiência, garantindo ampliar uma compreensão em torno das produções discursivas. Segundo Bardin (1977) podemos conceber a análise de conteúdo na condição de

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

Tais questões enunciadas pelo autor, apontam para a relevância do trabalho com a análise de conteúdo nesse tipo de pesquisa, visto que seus desdobramentos viabilizam alcançar resultados satisfatórios para uma melhor compreensão das contrariedades e/ou problemáticas que cercam cada experiência. Por outro lado, sinalizam para a possibilidade da produção de conhecimentos, entendendo que o tratamento dos dados a partir de um embasamento teórico garante a constituição de novas hipóteses enunciativas.

Numa ótica semelhante, Valla (2001, p. 104) destaca que “[...] a finalidade da análise de conteúdo será, pois efetuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas”. Em outras palavras,

estas inferências oferecem um panorama geral acerca dos discursos, interlocuções e sentidos enunciados, oportunizando que o/a pesquisador/a construa categorias explicativas para uma melhor sistematização dos dados.



7. NARRATIVAS QUE ATRAVESSAM AS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DO INSTITUTO PAI E DO INSTITUTO MASCS

Compreendendo a potência das narrativas enquanto caminho seguro para produção de uma nova episteme, elegemos seus pressupostos para o desenvolvimento desse trabalho. Entendemos, pois, que sua proposta avança na produção de um conjunto de conhecimentos que se encontram entrelaçados em meio as distintas experiências forjadas pelos indivíduos no âmbito das suas práticas sociais, culturais e/ou institucionais, o que oportuniza uma reflexão em torno do ato vivido.

Nessa linha de raciocínio, Passeggi (2016, p. 76-77) defende que a pessoa “[...] *al narrar su propia historia, procura dar sentido a sus experiencias en ese recorrido al tiempo que construye otra representación de sí misma: se reinventa*”. Essa construção de sentidos destacado pela autora tem um alcance significativo na experiência individual e/ou coletiva, pois possibilita ao indivíduo um exercício consciente dos trajetos constituídos em meio sua atuação. Dessa premissa, entendemos que as narrativas

[...] propõem uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, valorizadores de sua capacidade de reflexão, em todas as idades, independentemente do gênero, etnia, cor, profissão, posição social, entre outras opções. (PASSEGGI; SOUSA, 2017, p. 11).

É reconhecendo a potencialidade presente nas narrativas que partimos dos seus direcionamentos para interpelar os trajetos político-pedagógicos produzidos por organizações que desenvolvem um trabalho com homens a partir de uma perspectiva feminista no Brasil e na Argentina. Entendemos que estas experiências forjadas na luta coletiva e compromisso social se configuram enquanto *locus* de produção de conhecimentos para que venhamos reivindicar a constituição de uma nova realidade.

Ao passo em que aprendemos com essas experiências político-pedagógicas formuladas em contexto latino-americano, também realizamos um desprendimento da lógica colonial que esteve centrada exclusivamente nas experiências produzidas ao Norte, historicamente tidas enquanto mais credíveis, exitosas e/ou legítimas. Essa opção política de reconhecer as lutas, resistências e enfrentamentos travados no Sul global, avança no projeto coletivo de construção de um mundo menos desigual.

Nesta direção, acreditamos que as narrativas trazem consigo um conjunto de denúncias e anúncios que surgem em meio a indignação e inaceitabilidade de uma realidade perversa que tem sido imposta pelo poderes dominantes. Ao ecoar esses sentidos, realçam também a esperança que

se mantem viva e pulsante nos ideais utópicos das organizações que coletivamente tem elaborado suas propostas e projetos no compromisso de intervir e modificar essa realidade.

Frente a esse compromisso, evidenciamos as narrativas que atravessam as experiências do Instituto PAPAI e do Instituto MasCS, duas organizações comprometidas político-pedagogicamente com o desenvolvimento de um trabalho com homens a partir de uma perspectiva feminista latino-americana. Em sua busca por um mundo mais justo, estas organizações vêm realizando intervenções em seus contextos de atuação, através de ações coletivas, formações político-pedagógicas e espaços de discussão coletiva voltados para o trabalho com homens.

7.1 Narrativas que ecoam do Instituto PAPAI

Recuperar as narrativas que integram a história do Instituto PAPAI vai muito além de recontar os trajetos dessa organização, significa antes de tudo, reconhecer a potência dessa experiência político-pedagógica que se encontra fincada no trabalho coletivo e na luta incessante por um projeto de sociedade que esteja fundamentado numa perspectiva de justiça social e de gênero. Ao revistar esses itinerários, resgatamos diferentes dimensões de uma memória política, afetiva e pautada no sonho coletivo.

Comprometidos com a política feminista, estas narrativas revelam um conjunto de denúncias e anúncios na tentativa de construir um estado de boniteza. Assim sendo, partimos da experiência narrada por integrantes e ex-integrantes dessa organização, dado seu envolvimento e contribuição com a composição dessa história forjada na coletividade. Além do mais, consideramos essas narrativas enquanto potentes fontes biográficas, entendendo sua capacidade de reconectar passado, presente e quiçá futuro.

7.1.1 “Se a gente está pensando na transformação do machismo, do patriarcado, nessa coisa toda, isso tudo é processo pedagógico, educativo”: Narrativas de Jorge Lyra

Professor dos cursos de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Jorge Lyra é também doutor em Ciências (Saúde Pública) e um dos fundadores do Instituto PAPAI. Durante seus trajetos profissionais, acadêmicos e políticos tem acumulado ampla experiência nas atividades de pesquisa, ensino, extensão e ativismo político, principalmente, no trabalho de temas como feminismos, teorias de gênero, homens e

masculinidades, paternidades, juventudes, racismo, desigualdades raciais, saúde, direitos sexuais e direitos reprodutivos, saúde mental, análise de políticas e movimentos sociais²⁶.

Numa conversa repleta de memórias afetivas, ocorrida na manhã de 06 de setembro de 2024, tive a oportunidade de conhecer um pouco acerca dos trajetos, anseios e também utopias gestadas pelo professor Jorge Lyra ao longo das suas andanças. Este momento de partilha que teve duração aproximada de 01 hora e 30 minutos permitiu conhecer as principais possibilidades que tem sido alcançadas a partir desse projeto que se fundamenta num horizonte coletivo, popular e feminista, conforme enfatizado diversas vezes pelo respectivo professor.

Figura 5: Entrevista com Jorge Lyra (2024)



Fonte: Arquivo do autor

Jorge (2024) destacou o início das suas inquietações ainda cedo, quando teve a possibilidade de participar de grupos culturais, ações políticas e partidárias, campanhas, bem como atuar como palhaço, recreador infantil, dentre outras atividades. Esse leque de experiências somados ao desejo de mudança, fizeram com que o professor durante seu trajeto acadêmico trouxesse para a academia suas indagações e a partir de então, pudesse realizar intervenções nessa realidade que sempre foi enxergada enquanto possível de mudança.

Tais andanças foram fundamentais para a formulação e início das primeiras atividades desse projeto que ganhava concretude em consonância com o processo formativo de mestrado

²⁶ Estas informações também podem ser consultadas no currículo Lattes do Professor Jorge Lyra. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9769486752428221>>. Acesso em 27 set. 2024.

que acontecia naquele momento, como pontua o professor. Acerca desses encadeamentos, Jorge (2024) faz o seguinte destaque

Desde a dissertação, eu já propunha essa ideia desse programa de apoio ao pai para ser realizado na universidade, ele não veio inicialmente desenhado como ONG, era um projeto de pesquisa, de pesquisa de mestrado, que virou de intervenção, virou um projeto social e depois uma ONG. Porque também aí quando a gente foi para o mestrado, a gente saiu apoiado pela OFTE para poder sair para o mestrado. Na época, a bolsa da Capes que tinha para recém graduado, era um programa que a Capes tinha e o Departamento, eles escolhiam se queriam ou não investir nos alunos e a gente passava por um processo, muito documento também para capes e a gente conseguiu essa bolsa para ir para São Paulo com Benedito. Então, eu tinha um compromisso de voltar e de certa forma prestar mercado dessa do tempo que investiram em mim para dar continuidade. Porém, quando eu voltei a universidade não sabia o que fazer com a gente, porque não éramos concursados, então voltamos e fizemos a parceria com o departamento, com a clínica psicológica, com o hospital das clínicas para poder trabalhar com os jovens pais, mas a gente não era ainda da universidade. Com isso, depois de 2 anos da minha bolsa individual, a própria McCarthy perguntou se eu queria renovar por mais 1 ano a bolsa individual ou virar uma instituição e pleitear um apoio institucional, isso em 1999. Essa tomada de decisão, a gente foi discutir essa questão de pesquisa, ensino e extensão da universidade e as experiências brasileiras que a gente tinha sistematizado. (Jorge Lyra, entrevista, 2024).

Como menciona o Professor, o projeto do Instituto PAPAI seguiu tomando diferentes contornos desde o seu processo de formulação, sempre com o objetivo de provocar rupturas e mudanças na sociedade. Durante esse processo, Jorge (2024) destaca que o Instituto PAPAI foi inspirado inicialmente em 2 questões, os estudos sobre mulher, gênero e ações do feminismo acadêmico e também as ações de serviço voltados para os homens pais, fundamentado no tripé da universidade, o qual conta com atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O direcionamento dessas concepções que fundamentavam o Instituto PAPAI possibilitou que o projeto fosse sendo formulado a partir de um horizonte coletivo, mas também inovador, dado o ineditismo do trabalho com homens nessa perspectiva. Imerso nessa tentativa de construir uma experiência política-pedagógica de envolvimento e trabalho com homens, Jorge (2024) destaca que a construção do projeto foi ocorrendo de forma gradual

[...] quando a gente começa a fazer as coisas todas do PAPAI, sempre teve essa coisa dos 4 eixos muito forte, que a gente estava fundando um campo e para isso a gente precisava estudar bastante, estudar muito para poder consolidar a nossa perspectiva de trabalho. E tinha a ideia de fazer um centro de documentação, porque também tinha pouca literatura sobre o tema, então tudo que aparecia a gente saía comprando, guardando, juntando, tirando xerox do material tudo que a gente tinha tido na época do mestrado, tanto o meu, como de Benedito e depois indo atrás de mais. Há a questão da comunicação também, porque como era um tema ainda pouco explorado, com muito preconceito, precisava também mexer com a questão imagética, com a questão dos valores, dos símbolos e tal. (Jorge Lyra, entrevista, 2024).

É nítido que desde a sua gênese houve uma preocupação em torno da construção de uma proposta que fosse fundamentada teoricamente, mas também apresentasse um plano de trabalho

e ações político-pedagógica condizentes com a realidade que estava posta naquele momento, sobretudo, dialogando com o público a qual se propunha. Esse processo, como bem destacado pelo professor, exigiu da equipe um movimento de investigação ampla acerca do tema, até então pouco explorado.

Construir esse movimento, significava também trazer novos sentidos à tona, chamando a atenção para questões pouco trabalhadas ou discutidas naquele momento. Ao passo em que se realizava esse desencadeamento, também se avançava na desconstrução de uma série de preconceitos, tabus e estigmas que se encontravam em torno do trabalho com homens. Durante esse processo, a cooperação e troca de experiências com as instituições parceiras foi fundamental para o andamento do trabalho do Instituto, como destaca Jorge (2024)

[...] essa ideia do PAPAI, como veio a partir de uma experiência de pesquisa, onde a gente começa a partir da experiência da minha pesquisa sobre o pai adolescente e a experiência da pesquisa de Benedito sobre masculinidade. E que depois virou a ideia de um projeto de intervenção e o amadurecimento da ideia do projeto de intervenção vira uma ONG. Quando a gente vira ONG a gente já vinha em diálogo com esses coletivos, pessoas, instituições que vinha do campo do feminismo, com uma identidade política como instituição muito clara [...] quando a gente vira ONG, pouco tempo depois a gente se filia à ABONG também e isso nos fortalece mesmo como ONG, mesmo tendo um componente de serviço que era feito em parceria com outras instituições, sempre nessa parceria com outros serviços que trabalhavam com os homens, a gente fez uma ação no exército, a gente fez uma ação também pontual adolescentes que se encontravam em medidas socioeducativa. (Jorge Lyra, entrevista, 2024).

Seja na condição de projeto de pesquisa, de intervenção ou mesmo de ONG, fica nítido no trabalho realizado pelo Instituto PAPAI a existência de um comprometimento acadêmico, político-pedagógico e ético com a construção de experiências coletivas que apresentasse contribuições para sociedade. Suas ações em seus diferentes espaços de atuação, caracterizam um ideal de cumplicidade efetiva e afetiva, frente uma proposta de coletividade que encontra na educação não formal um caminho de acolhimento, fortalecimento e amorosidade.

Figura 6: Construção coletiva do estandarte do bloco carnavalesco feminista Amor Livre



Fonte: Instagram do Instituto PAPAI²⁷

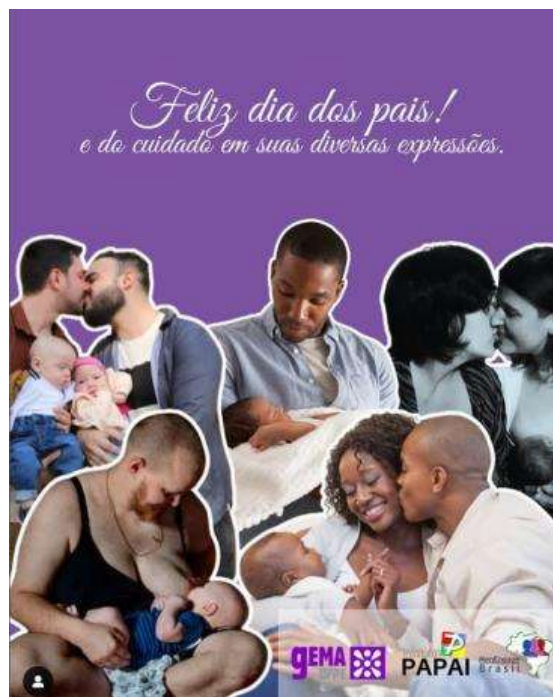
Como se vê, os ideais de cumplicidade, amorosidade e coletividade sempre estiveram presentes nas ações desenvolvidas pelo Instituto, partindo do pressuposto de que era necessário desconstruir o imaginário patriarcal que durante muito tempo distanciou estes sujeitos de estabelecerem vínculos afetivos em torno das suas relações. Sobre esse aspecto, Jorge (2024) chama atenção para necessidade de pensarmos propostas pedagógicas afetuosas para o trabalho com homens e sobre masculinidade, o qual

[...] não pode ser do enfrentamento, não pode ser de um processo pedagógico combativo, porque essa é a linguagem, estratégia e modus operandi do machismo, do patriarcado. E quando a gente vai trabalhar a partir do feminismo para poder pensar a condição das mulheres, elas precisam ser combativas, elas precisam muitas vezes aquela história, aumentar o tom de voz. E às vezes, engrossar o tom de voz, para que elas consigam ser respeitadas, para que elas consigam se colocar, mas porque de antemão elas estão numa condição de desigualdade nessa estrutura da sociedade e para mim, a sociedade eu dizia que ela era de conflito [...] para a gente trabalhar com os homens tem que ter exatamente um outro modus operandi, que a gente foi aprendendo também com o feminismo, que é a política do cuidado e não a política do enfrentamento, à linguagem bélica. As pessoas usam a guerra contra as drogas, a guerra, contra o feminicídios, um monte de linguagem bélica que não funciona. Se a gente está pensando na transformação do machismo, do patriarcado, nessa coisa toda, isso tudo é processo pedagógico, processo educativo. (Jorge Lyra, entrevista, 2024).

²⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BBVNbK5iVkk/>. Acesso em 15 jun. 2024.

Como bem enfatiza o professor, se faz necessário uma proposta pedagógica a partir de uma política do cuidado, da amorosidade, de modo que esses sujeitos se sintam acolhidos. Essa noção de cuidado apresenta novas formas de se relacionar consigo, mas também com os/as outros/as, uma vez que restitui suas capacidades afetivas. Cabe destacar ainda, que esse ideal sempre esteve presente nos projetos e campanhas desenvolvidas pelo Instituto PAPAI, como podemos observar na ilustração abaixo.

Figura 7: Card em alusão ao Dia dos Pais



Fonte: Instagram do Instituto PAPAI²⁸

Ao mesmo tempo em que enxergamos distintas formas de paternagem nas representações acima, também podemos observar uma pluralidade de masculinidade, as quais rompem com o modelo normativo. Acreditamos que recuperar as representações de amorosidade, cumplicidade e afeto em torno das relações masculinas constitui uma estratégia de reconciliação com esses indivíduos, uma vez que possibilita a libertação das amarras que o patriarcado impôs sob suas vidas e corpos.

²⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/institutopapai/> Acesso em: 15 jun. 2024.

7.1.2 “A educação é a chave, porque tem que mudar o sujeito, tem que mudar os corações e mente para mudar a sociedade”: Narrativas de Mariana Azevedo

Doutoranda, Mestra e Graduada em Ciências Sociais, Mariana Azevedo de 40 anos reside na cidade de Recife-PE, onde há pouco mais de 1 ano atua na Secretaria Estadual de Direitos Humanos de Pernambuco na função de Gerente Geral de Promoção de Equidade Social. Durante seu trabalho como gestora tem desenvolvido ações na política de promoção da igualdade racial, política da pessoa idosa, da pessoa LGBTQIA+ e pessoas com deficiência, onde desfruta das experiências constituídas durante o seu ativismo e formação política.

A entrevista com Mariana ocorreu em 14 de maio de 2024, tendo uma duração de pouco mais de 40 minutos, onde a entrevistada narrou acerca das atividades desenvolvidas, bem como as principais aprendizagens e memórias afetivas constituídas nesses 15 anos em que atuou no Instituto PAPAI. Durante a conversa, foi notório a emoção e brilho nos olhos com a qual Mariana falava do Instituto PAPAI, espaço de formação enquanto pessoa, profissional, mas também ser político, conforme destacou ao longo da conversa.

Figura 8: Entrevista com Mariana Azevedo (2024)



Fonte: Arquivo do autor

O fato de iniciar suas atividades ainda no período da graduação, possibilitou que Mariana (2024) construísse uma ampla trajetória no Instituto PAPAI, vindo ocupar diferentes posições dentro dessa organização. Suas vivências, por sinal, assinalam para o entrelaçamento entre a sua

história pessoal e a história do Instituto PAPAI, uma composição que cruza diferentes temporalidades, afetos e memórias. Ao rememorar esses episódios que marcam sua vida, Mariana (2024) descreveu os seguintes caminhos percorridos

Eu entrei em 2005 para ser estagiária, estava no quinto período da graduação e vi um cartaz da seleção no corredor da universidade, eu não tinha contato com debate de gênero, eu fazia parte de um movimento estudantil [...]. Parece estranho até a gente falar isso hoje, já que o debate de gênero é tão forte e tão popular, mas naquele momento a gente não tinha um debate ainda. Assim, acumulado no momento estudantil, pelo menos sobre gênero, feminismo, a gente naquela época trabalhava com a ideia de combate às opressões e tal, enfim, já tinha esse engajamento nas questões políticas. Aí me candidatei para essa vaga bem aleatoriamente em busca de uma grana para ajudar minha formação, crucial nos estudos. E fiquei, me interessei, mas eu nunca tinha tido nenhum contato, nem na graduação, ler sobre esse tema das masculinidades. E quando eu li foi no PAPAI, onde me engajei, tanto no envolvimento da organização como no debate teórico no movimento feminista e tal. Fiquei até me formar, como estagiária, me formei em 2007 e logo que eu me formei, fui contratada como assistente de projetos, e fui fazendo a escadinha, de assistente de projetos, eu fui para coordenadora de projetos, [...] depois fui para a coordenadora de projetos, coordenadora de núcleo e aí fui fazer parte da coordenação colegiada. (Mariana, entrevista, 2024).

O relato da cientista social sinaliza para constituição de uma extensa bagagem durante sua passagem pelo Instituto, uma experiência de formação intelectual e profissional que a permitiu enveredar por territórios desconhecidos, até então. Ao mesmo tempo, sua fala chama atenção para o contato inicial com o campo de discussão sobre gênero, feminismos e masculinidade, temáticas que ainda não tinham sido introduzidas no decorrer da sua formação acadêmica.

Durante nossa conversa, ficou perceptível que o Instituto assume um lugar de formação intelectual, humana e político-pedagógica, com o objetivo de que seus sujeitos educativos pudessem atuar em diferentes espaços, principalmente, na desconstrução dos paradigmas arcaicos que ainda ocasionam sérias consequências na sociedade. Entendendo ser este um dos principais problemas a serem enfrentados na atualidade, o Instituto PAPAI tem se consolidado enquanto um espaço de referência para problematizar essas questões.

Grande parte do quem eu sou e tudo que eu vivi nesse espaço é imensurável [...] porque eu aprendi sobre o feminismo no PAPAI, eu aprendi sobre política pública no PAPAI, eu aprendi sobre racismo no PAPAI, eu aprendi sobre movimentos sociais no PAPAI, então assim, foi aquela explosão. Eu nunca tinha tido contato com debates sobre masculinidades e dediquei uma parte significativa da minha vida a isso. (Mariana, entrevista, 2024).

A partir dos apontamentos de Mariana (2024), percebemos o comprometimento e preocupação do Instituto PAPAI na realização de um trabalho com temáticas de gênero, masculinidade e afins, com a finalidade de ampliar essa discussão não apenas no âmbito acadêmico, mas também em outras esferas da sociedade, como nas comunidades onde durante muito tempo se realizou atividades de intervenção. Tais ações foram fundamentais para constituição de espaços de conscientização e reflexão crítica.

Imerso nesse movimento, percebemos a existência de uma preocupação do Instituto com esse processo formativo dos/as seus/suas estagiários/as, uma vez que estes temas durante muito tempo estiveram ausentes dos currículos das instituições de ensino superior. Ainda de acordo com Mariana (2024), havia um investimento na formação teórica dos/as integrantes do Instituto PAPAI, a qual acontecia de forma horizontal e coletiva.

A gente fazia debate teórico, metodológico toda semana, de 15 dias em 15 dias, a gente tinha texto para ler, era grupo de estudo e eram horas do meu estágio que eu tinha para fazer formação interna, o estágio dos sonhos. Então assim, o PAPAI fazia esse investimento de você estar entrando e como eu não sabia nada, foi feito esse investimento em mim, em várias outras pessoas, que tiveram essa trajetória comigo. Então assim, a gente tinha espaço para estudar, para aprender, para se formar enquanto profissional lá dentro, a gente aprendeu muito lá, porque temos esse espaço, era uma política da organização fazer formação com a gente, então, isso deu frutos. (Mariana, entrevista, 2024).

Essa postura assumida pelo Instituto, trouxe uma série de implicações para seus/suas integrantes, pois evidenciou o desenvolvimento profissional desses indivíduos que se encontravam em processo de formação. Outro aspecto que necessita ser destacado, consiste na política de organização da instituição, uma vez que sempre esteve assentada no princípio da horizontalidade, de modo que todos/as pudessem participar do processo de tomada de decisão de forma igualitária.

Figura 9: Reunião de planejamento, avaliação, monitoramento e sistematização



Fonte: Facebook do Instituto PAPAI²⁹

²⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/institutopapai/photos>. Acesso em: 15 jun. 2024.

A imagem acima, representa um pouco das experiências descritas por Mariana (2024) durante nossa entrevista, entendendo as rodas de conversa enquanto espaços férteis para constituição de cumplicidades políticas e afetivas. Acreditamos que essa opção assumida pelo instituto reacende as capacidades imaginativas dos/as seus/suas integrantes, de modo que o ideal de equidade de gênero e justiça social deixe de ser um sonho individual e se torne um compromisso coletivo daqueles/as que lutam para essa mudança.

Enxergamos essa opção política, social e ética enquanto um compromisso que transita entre o profissional e o pessoal, pois segue acompanhando os indivíduos em seus diferentes trajetos que realizam ao longo da vida. Entretanto, compreendemos que esse processo não ocorre de maneira linear ou mesmo pacífica, mas encontra-se marcado por disputas, reivindicações, onde estes indivíduos necessitam se reafirmar e realizar uma série de enfrentamentos na luta pelos ideais que acreditam e defendem.

Figura 10: Campanha homens a favor da legalização do aborto (2025)



Fonte: Site do Instituto PAPAI

Em meio sua trajetória, o Instituto PAPAI sempre assumiu uma postura crítica, combativa e de enfrentamento, tendo em vista as recorrentes tentativas de retrocesso aos direitos sociais e coletivos que seguem sendo atacadas pelos setores conservadores da sociedade, conforme podemos observar na imagem acima. Entendemos que posicionamentos dessa ordem são

fundamentais para que venhamos assegurar a continuidade dos direitos e garantia da dignidade daqueles/as que frequentemente sofrem com os desmandos de uma política nefasta.

7.1.3 “A gente tem que começar a ver os homens como parte da solução, não apenas como parte do problema”: Narrativas de Daniel Lima

Mestre em Saúde Pública (UFSC), Bacharel em Psicologia (UFPE) e pai de três meninos – Francisco (6 anos), Caetano e Luiz (4 anos) –, Daniel tem 46 anos e é morador da cidade de Recife-PE. Atualmente, tem se dedicado ao exercício da paternidade e atuado como psicoterapeuta clínico, focando especialmente no trabalho voltado à população masculina (homens cisgêneros e transgêneros). Além disso, desempenha atividades como consultor independente nas temáticas de gênero e masculinidade.

Nosso encontro virtual aconteceu na tarde de 13 de maio de 2024, com uma duração aproximada de 40 minutos, onde Daniel (2024) recuperou suas memórias afetivas e narrou um pouco acerca dos trajetos político-pedagógicos construídos durante sua passagem pelo Instituto PAPAI. No curso da conversa, o entrevistado destacou que sua história nesse espaço iniciou como estagiário, em meados do ano de 2000 seguindo até 2006, quando decidiu trilhar outros objetivos de ordem pessoal.

Figura 11: Entrevista com Daniel Lima (2024)



Fonte: Arquivo do autor

Tendo o primeiro contato com o Instituto PAPAI durante sua formação acadêmica em Psicologia (UFPE), Daniel (2024) destaca que sua aproximação com essa organização resultou da orientação de uma prima que recomendou sua participação numa seleção de estágio que ocorria naquele momento. Isto porque, acreditava que a proposta de trabalho desenvolvida pelo Instituto PAPAI dialogava com seus interesses. Acerca desse contato inicial, Daniel (2024) fez o seguinte destaque

[...] eu estava no começo do curso de psicologia e meio incomodado, estava querendo já desde o começo algo um pouco mais prático, minha pegada era essa, queria fazer algo mais prático, principalmente, fazer algo dentro de comunidades, em escolas públicas. E ela me falou, olha, Dani, tem o Instituto PAPAI, eu acho que de repente tem a ver um pouco com isso que você está querendo, porque você não conversa com o Jorge. Ela não entrou muito em detalhe sobre o que era o Instituto PAPAI, acho que até porque na época era muito estranho a pessoa explicar o que era o Instituto PAPAI, ninguém nem falava em gênero direito. Eu já estava na universidade há não tanto tempo, acho que 1 ano e meio mais ou menos e nenhuma disciplina abordava a questão de gênero, como em toda minha graduação apenas um professor que dava uma disciplina chamada psicologia antropologia, o Niel foi o único professor que trouxe a questão de gênero para a disciplina. Então, era algo que na época estava muito no começo ainda, estou falando de 1999. E aí ela só me falou que o PAPAI trabalhava em comunidade, que tinha projetos em escola, ela não entrou muito no que o PAPAI fazia [...] eu fui conversar com o Jorge, encontrei com ele em algum outro momento na universidade, alguma coisa do tipo e ele me explicou o que era a organização e falou que ia rolar uma seleção para estágio e falou: “- tenta lá, participa”. E eu entrei, mas eu não sabia o que era gênero, eu participei da seleção, achei interessante a proposta, gostei da ideia de estar dentro de uma escola, de trabalhar com adolescentes e entrei. Aquilo que inicialmente era um estágio, que era para durar 6 meses ou um ano e terminar, eu fiquei estagiando durante 4 anos, e eu não saí mais de lá.

O relato descrito por Daniel (2024), além de trazer detalhes do seu envolvimento inicial com o Instituto PAPAI, também sinaliza para o ineditismo dessa organização no desenvolvimento de um trabalho com as temáticas de gênero, masculinidade e feminismos, num período em que a discussão ainda era muito tímida. São inclusive estes aspectos que despertaram a atenção do entrevistado, fazendo com que este permanecesse nesse espaço por um longo período, mesmo após o término do seu curso de graduação.

Ao rememorar essa caminhada trilhada a partir de um horizonte coletivo, Daniel (2024) ressaltou o papel formativo que essa instituição proporcionou no curso da sua trajetória, despertando seu olhar e criticidade para questões que durante muito tempo estiveram invisibilizadas e/ou passíveis de questionamentos, conforme segue o trecho abaixo

[...] fiz toda uma formação lá dentro teórica em torno dos diversos aspectos desse guarda-chuva mais amplo de gênero. E também pensando em atuação, para mim foi uma formação mesmo. Tive a minha formação no Instituto PAPAI, que na verdade, durante muito tempo teve um peso maior para mim do que uma formação na universidade, tanto que o que eu faço hoje é a cara do que eu fazia no PAPAI. Eu nunca parei de trabalhar com essas temáticas, eu passei esse estágio e quando eu estava terminando, já para graduar, foi o meu primeiro trabalho, então eles me contrataram como pesquisador.

Essa formação político-pedagógica realçada por Daniel (2024) é mencionada em diversos momentos da nossa conversa, onde este sujeito destaca a importância que esse processo formativo, crítico e emancipador desempenhou na sua trajetória profissional, acadêmica e também pessoal. O percurso que teve início ainda na graduação na condição de estagiário e prosseguiu mesmo após o término da sua formação acadêmica, quando assumiu o posto de pesquisador na respectiva instituição, rendeu muitas oportunidades.

Foi introduzido uma série de discussões que eu não tinha acesso, sendo um homem, de classe média, branco, heterossexual e tudo mais. Tudo aquilo que eu vi, que eu estudei e que eu me aprofundi, que eu dediquei meu tempo, botei minha energia para fazer naquela época. Eu não teria tido acesso aquilo em nenhum outro espaço, eu acho, eu acho não, com certeza, aqui em Recife eu não teria conseguido ter acesso aquelas discussões, àquelas leituras, aquelas vivências.

Mediante as considerações de Daniel (2024), percebemos que o Instituto PAPAI se constitui enquanto um lugar de reflexão crítica e emancipação, pois convida seus sujeitos educativos a refletirem acerca das questões que até então se encontravam inacessíveis as suas realidades. Esse movimento disruptivo, avança na construção de outros cenários, visto que esses sujeitos passam a problematizar e transformar as realidades nas quais se encontram inseridos a partir da incorporação de novos discursos e práticas.

Partindo desse princípio, os itinerários constituídos ao longo dessa trajetória permitiram que o entrevistado participasse ativamente do desenvolvimento de diferentes atividades que eram produzidas pela instituição, principalmente, aquelas que tinham como foco ações que abordavam as temáticas de gênero e masculinidade. Ainda sobre esse aspecto, Daniel (2024) relembra sua colaboração nas oficinas realizadas com jovens que ocorriam em escolas públicas da cidade do Recife-PE

[...] o projeto era focado nessa intervenção com adolescentes da Escola Novaes Filho, o tema central era toda a questão de uma sensibilização para a temática de gênero, para que eles entendessem que eles também têm um, que é coisa estranha para nós homens, como se nós não tivéssemos gênero. E para mostrar que essa questão de gênero também impactava na vida deles, mas com foco muito maior para questões de sexualidade e direitos sexuais e reprodutivos, os relacionamentos e tal.

Com base no relato do entrevistado, percebemos que esse trabalho de sensibilização desenvolvido pelo Instituto PAPAI na Escola Novaes Filho, permitia que os/as estudantes

envolvidos/as pudessem discutir coletivamente acerca das construções socioculturais de gênero e masculinidade. Através dessas iniciativas, novas narrativas eram constituídas, de modo que esses jovens viessem assumir uma postura autocrítica frente as suas experiências individuais e coletivas.

Estas intervenções também objetivavam que os/as estudantes saíssem de uma posição passiva e assumissem um comprometimento com a construção de novas dinâmicas de gênero, uma vez que estes atravessamentos impactavam suas vidas. Por outro lado, possibilitaria uma mudança em torno das suas realidades e dos locais onde se encontravam inseridos, dismantando as relações autoritárias e hegemônicas que historicamente estiveram condicionando hierarquias e/ou subalternidades.

Figura 12: Atividade com jovens da Escola Estadual Novaes Filho



Fonte: Site do Instituto PAPAI³⁰

Unindo conhecimento científico e ativismo político, estas ações podem ser compreendidas enquanto estratégicas atuações no despertar de consciência crítica desses sujeitos, entendendo que potencializam o debate, reflexão e construção de alianças num movimento comum. Envolvê-los dentro de um protagonismo político significa, portanto, aproximá-los de uma política de gênero, de modo que esses jovens venham não apenas compreender essas dinâmicas, mas também assumir um comprometimento com essas pautas.

Partindo dessa compreensão, Daniel (2024) destaca que a riqueza do trabalho desenvolvido pelo Instituto PAPAI se encontra justamente nessa proposta que engloba a

³⁰ Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/> Acesso em: 15 jun. 2024.

aproximação, diálogo e conscientização dos seus sujeitos educativos, os quais despertarão para as questões que durante muito tempo estiveram silenciadas dentro da sociedade. Ainda segundo o entrevistado, torna-se cada vez mais urgente construir propostas de envolvimento com estes sujeitos, entendendo

[...] importância do engajamento com homens em questões voltadas à briga sexuais e reprodutivos de prevenção e violência contra as mulheres [...] a ideia de que sem envolver os homens, a gente não consegue objetivos geral que a gente deseja, que é a igualdade de gênero, uma sociedade menos violenta e para mim, isso sempre tem total sentido. E da forma como era apresentado no Instituto PAPAI, também fazia total sentido. Era muito engraçado quando eu falava com outras pessoas assim, até com amigos e tal, às vezes as pessoas achavam estranho que estivesse fazendo aquilo, mas para mim parecia muito, muito natural e muito correto, era algo que fazia muito sentido e até hoje eu acho que faz muito sentido, tanto que eu continuo trabalhando com isso até hoje.

Como bem destaca Daniel (2024), sem o envolvimento dos homens, dificilmente conseguiremos avançar na construção de uma sociedade mais equânime e justa, entendendo que estes sujeitos detêm de um lugar fundamental no dismantelamento das relações de opressão, machismo e sexismo que ainda são veiculadas nos dias de hoje. Logo, realizar um trabalho de conscientização com esses sujeitos pode ser concebido enquanto um passo fundamental para que venhamos avançar numa proposta de sociedade mais justa.

Acreditamos que na medida em que os homens são envolvidos nessas dinâmicas, são também convidados a repensarem seus posicionamentos, discursos e atuações frente a possibilidade de introduzirem novas configurações em seus respectivos campos de atuação. Portanto, o trabalho a partir de uma perspectiva feminista torna-se imprescindível, uma vez que oportuniza aos homens revisitarem suas práticas, mas também adotar um compromisso nesse projeto de mudança.

Figura 13: Atividade com jovens da Escola Estadual Novaes Filho (2009)



Fonte: Site do Instituto PAPAÍ³¹

Na compreensão de Daniel (2024), o trabalho com homens a partir de uma perspectiva feminista desponta enquanto um passo estratégico para que possamos constituir novas narrativas em torno das masculinidades, visto que historicamente esses sujeitos foram concebidos a partir das representações patriarcais. Reconstruir esses imaginários, urge enquanto um primeiro passo para que venhamos instituir novas relações de gênero.

7.1.4 “A gente precisa sempre acreditar que um dia a gente vai conseguir vencer”: Narrativas de Adrian

Inquieto, esperançoso e defensor dos direitos humanos, Adrian é um jovem ativista de 32 anos, engajado politicamente no desenvolvimento de ações em prol da comunidade LGBTQIA+. Atualmente, ocupa a vice-diretoria do Coletivo Gaymado³², do qual também é cofundador, um grupo composto por pessoas LGBTQIA+ que tem atuado no enfrentamento da LGBTfobia e violências de gênero, principalmente, no bairro da Várzea, periferia da cidade de Recife, capital de Pernambuco.

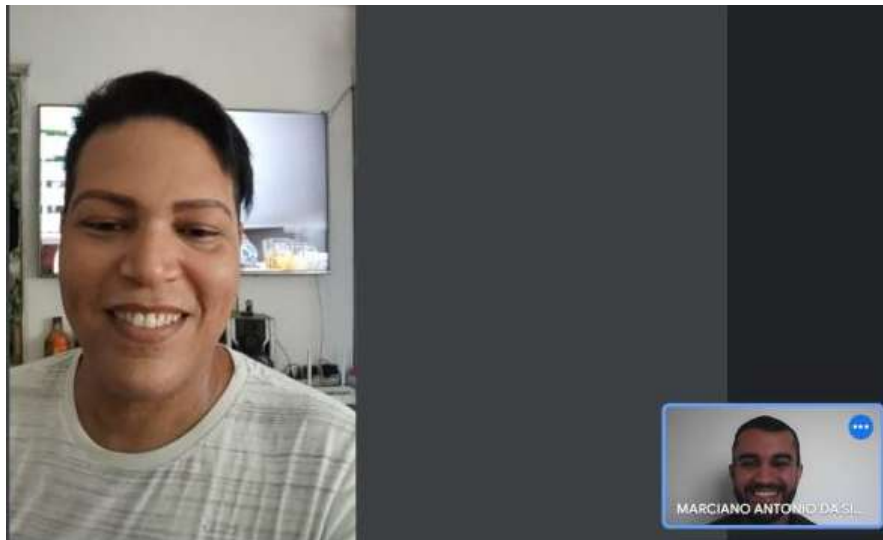
Nossa conversa ocorreu na tarde nublada de 07 de maio de 2024, onde dialogamos um pouco acerca dos seus trajetos de luta, anseios e sonhos que vem sendo gestados em meio uma

³¹ Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/> Acesso em 15 jun. 2024.

³² O Coletivo Gaymado surgiu a partir da prática do esporte conhecido como “jogo de queimada”. Esta experiência coletiva teve sua gênese a partir de alguns episódios de LGBTfobia vivenciados na comunidade do Várzea em Recife-PE, onde um grupo de adolescentes LGBT’s se organizou para combater os preconceitos presentes naquele território a partir da prática desse esporte.

realidade que ainda se encontra assentada num conjunto de desigualdades, sobretudo, no que se refere a população LGBTQIA+. O diálogo que teve duração média de 50 minutos, ocorreu de forma leve e esteve marcada pelas memórias afetivas e recordações que remontam as conquistas alcançadas a partir desse trabalho coletivo e incansável.

Figura 12: Entrevista com Adrian Oliveira (2024)



Fonte: Arquivo do autor

Durante sua trajetória no Instituto PAPAI, Adrian (2024) esteve engajado nas ações desenvolvidas por um grupo de jovens, intitulado Atuação, o qual realizava um trabalho na comunidade do Várzea e também em escolas do entorno, debatendo temas como violência, machismo, masculinidade, gênero e afins. Ainda nesse período, participou de inúmeras atividades, eventos e formações, que o possibilitaram construir uma ampla experiência no debate com essas temáticas. Sobre esses percursos, o entrevistado relembrou

[...] o Atuação era um grupo de jovens na perspectiva feminista de combate à violência [contra] as mulheres. Então, a gente fazia um trabalho dentro do Instituto PAPAI nessa perspectiva de educar os homens com o pensamento da não violência contra as mulheres, não reprisar aquilo que os pais, avós, ensinam durante o tempo, passando de geração em geração, de pai para filho [...]

O desenvolvimento das ações educativas a partir da perspectiva feminista, conforme destacado por Adrian (2024), evidencia os fundamentos que inspiram o trabalho desenvolvido pelo Instituto PAPAI, o qual defende a necessidade de uma formação político-pedagógica para homens a partir desse viés. Na compreensão do jovem, essas iniciativas possibilitavam combater

a herança patriarcal que ainda segue sendo propagada de geração em geração, através das crenças e costumes que se baseiam em pressupostos patriarcais.

Figura 13: Ações educativas com jovens de comunidades populares da cidade do Recife-PE (2025)



Fonte: Site do Instituto PAPAI³³

Por outro lado, estas intervenções avançam na democratização do acesso as discussões sobre gênero e masculinidade, entendendo que durante muito tempo esses debates estiveram inacessíveis para a grande maioria da população, se fazendo presente em sua maioria nas instituições de ensino superior. Deste modo, ao realizar esse movimento, o Instituto PAPAI

³³ Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

oportunizava que esses sujeitos tivessem uma formação crítica e participassem ativamente da construção coletiva de conhecimentos.

A abordagem adotada para realização dessas oficinas consistia na estruturação de rodas de diálogos, conforme nas imagens acima, o que reforça a proposta de um diálogo horizontal e construção coletiva de conhecimentos, de modo que esses indivíduos assumissem um protagonismo durante essas atividades. Por esta razão, ao passo em que eram inseridos nessas dinâmicas, esses sujeitos também iam se politizando e construindo novas narrativas em torno das suas experiências de vida.

Ao rememorar seu contato inicial com essas discussões, Adrian (2024) destacou a importância do Instituto PAPAÍ no seu processo de aproximação com o ativismo político, uma vez que esse encontro o inseriu na luta por uma justiça social e de gênero, impulsionando-o numa constante busca pela transformação do espaço onde se encontrava inserido. Assim, nesse movimento de busca pela sua afirmação e construção da sua identidade pessoal e política, o entrevistado destacou

Eu sempre fui um jovem e um adolescente muito inquieto com essa perspectiva de tudo que eu vim aprendendo na sociedade, entendeu? A gente sempre é condicionado a reprisar e a rever as coisas do passado, no caso, a questão da violência contra LGBTQIA+, contra as mulheres e isso [até então] era normal na época, mas para mim não era normal. Então, com essa minha inquietude, eu comecei a buscar horizontes, comecei a buscar grupos que eu pudesse militar, trabalhar internamente minhas questões enquanto gay, como [também] as de outras pessoas, para não passar por diversas violências que eu acabava ouvindo e vendo.

Ao relatar suas principais indignações frente uma estrutura de sociedade que se encontra atravessada por um conjunto de violências e desigualdades, observamos na fala de Adrian (2024) os rastros de denúncia de alguém que enfrentou ao longo da vida os efeitos perversos desses dispositivos hegemônicos. Por outro lado, também encontramos no seu relato, indícios que apontam para uma mudança possível, desde que estejamos organizados a partir de um horizonte coletivo.

Acerca desse processo de construção coletiva de conhecimento, Adrian (2024) destaca que seu contato com o Instituto PAPAÍ ocorreu enquanto um divisor de águas em sua vida, tendo em vista que nesse espaço realizou não apenas uma formação em termos acadêmicos, mas uma formação integral que contemplou aspectos do campo pessoal e profissional. Com base nessa perspectiva, o entrevistado realizou o seguinte depoimento

[...] o Instituto PAPAI quando ele surgiu para mim e para os outros demais, foi por conta disso, porque trouxe conhecimento para gente, toda aquela inquietação que a gente tinha na nossa adolescência ou na nossa infância, o Instituto PAPAI foi tirando. Então, a gente sugeria para eles os debates que a gente queria fazer, as oficinas que a gente queria e foi muito enriquecedor, porque eles nos formaram como as pessoas que somos hoje, pessoas sensíveis, pessoas que têm uma outra visão de mundo. Então, assim, um dos cursos que a gente mais gostamos e que a gente queria repetir toda vez era o de sexualidade, reprodução e gênero [...] que fez com que tirássemos todas as dúvidas que tínhamos sobre questões de sexualidade, sobre doenças sexualmente transmissíveis, sobre a questão de gênero, sobre feminismo, tudo que a gente tinha, aquelas inquietações que a gente já vinha trabalhando.

Ao observarmos a fala do jovem, identificamos o caráter formativo presente nas ações desenvolvidas pelo Instituto PAPAI, as quais foram responsáveis por proporcionar uma nova percepção de mundo, conforme descreve o entrevistado. Tais formações, ocorridas através de cursos na perspectiva de gênero, masculinidade e feminismos, são descritas por Adrian (2024) enquanto um retorno aos seus questionamentos, uma vez que através dessas discussões muitas das suas inquietudes eram elucidadas.

Adrian (2024) também destaca a existência de uma democratização na escolha dos temas trabalhados internamente, de modo que esses sujeitos eram convidados a trazerem seus principais questionamentos para serem discutidos nesse espaço, conforme mencionado em diversos momentos da entrevista. Em síntese, havia uma preocupação com a formação integral dos seus componentes, entendendo que só a partir de uma leitura crítica seria possível desenvolver ações efetivas em torno das suas realidades. Ainda segundo Adrian (2024)

[...] quando o Instituto PAPAI veio e capturou esses adolescentes e jovens na época, trazendo para o debate, isso acabou trazendo muito mais do que um debate, trouxe enriquecimento, trouxe empoderamento e fez com que todos os jovens daquela época hoje estão formados, tem seu próprio negócio, não seguissem o caminho da marginalidade que era o mais provável.

Com base nesse relato, percebemos que o Instituto PAPAI introduziu novas dinâmicas em torno da vida desses sujeitos, permitindo-os sonhar com novas possibilidades, uma vez que estavam fadados – em sua maioria – a reproduzirem uma realidade desumana e cruel. Assim, ao ampliar as percepções de mundo desses jovens, essa organização não apenas apresentava um leque de oportunidades para esses sujeitos, como também oferecia condições para que realizassem intervenções nos espaços onde se encontravam inseridos.

Figura 14: Ações educativas com jovens de comunidades populares da cidade do Recife (2015)



Fonte: Site do Instituto PAPAI³⁴

É nítido que o Instituto PAPAI oferecia para esses jovens muito além de uma formação em termos acadêmicos, uma vez que também se tornava um espaço coletivo de partilhas, aprendizagens e afetos, onde seus sonhos e utopias ganhavam forma e sentido em meio as atuações de pessoas que comungavam de uma mesma visão de mundo. Ao mesmo tempo, podia ser compreendido enquanto um espaço de construção de alianças, entendendo que a luta por um mundo melhor só é possível a partir de um horizonte coletivo, popular e feminista.

As narrativas de Adrian (2024) não apenas remontam suas experiências formativas e trajetos percorridos durante sua passagem por essa organização, mas também anunciam novas possibilidades de subversão nessa estrutura de sociedade que ainda se mantém desigual e desumana. São, portanto, estes rastros de luta e insurgência que reavivam nossas esperanças na construção de um mundo mais justo.

7.2 Narrativas que ecoam do Instituto MasCS

Os testemunhos que enunciam os trajetos do Instituto MasCS remontam a estruturação de alianças políticas forjadas nos sonhos coletivos e individuais de utópicos comprometidos com a constituição de um mundo mais justo, humano e equânime. A boniteza dessa experiência se encontra justamente na concepção que fundamenta esse projeto, um cruzamento entre ativismo

³⁴ Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

político e conhecimento científico que avança no despertar de homens para um maior envolvimento com um projeto feminista de sociedade.

Engajados politicamente com os processos de luta do movimento feminista, essa organização tem apresentado caminhos alternativos para que o ideal de masculinidade feminista prospere e oportunize a formação de novas experiências de gênero. Desta maneira, tomamos como ponto de partida os anúncios narrativos de integrantes do Instituto MasCS, dado o entrelaçamento entre as distintas experiências, bem como as articulações produzidas com o objetivo comum de eliminar as estruturas perversas do patriarcado.

7.2.1 “[...] há um forte compromisso por parte do Instituto e da sua abordagem com as definições políticas, ideológicas e epistemológicas dos feminismos”: Narrativas de Luciano Fabbri

Doutor em Ciências Sociais, ativista político e membro fundador do Instituto MasCS, Luciano Fabbri apresenta uma vasta trajetória no trabalho com temas como gênero, masculinidade e feminismos. Nosso encontro virtual ocorreu na tarde de 28 de agosto de 2024, tendo uma duração média de 40 minutos, onde foi possível conhecer um pouco do seu legado de luta e comprometimento social com a construção de um projeto de sociedade mais justo e equânime.

No âmbito da gestão pública, Luciano foi Coordenador da Área de Gênero e Sexualidades da Reitoria da UNR (2019-2022) e Secretário de Educação e Formação do Ministério de Igualdade, Gênero e Diversidade da Província de Santa Fé (2022-2023). Já na esfera dos movimentos sociais, fundou o coletivo “*Varones Antipatriarcales*” na cidade de *La Plata* no ano 2009, um importante espaço de luta, reflexão e ativismo político que trouxe importantes reflexões para o campo social e acadêmico.

Figura 15: Entrevista com Luciano Fabbri (2024)



Fonte: Arquivo do autor

Ao rememorar o somatório de experiências que compõe seus trajetos político-pedagógicos, Luciano (2024) destacou que antes mesmo da criação do Instituto MasCS já havia constituído outros itinerários a partir do ativismo político. Consequentemente, estas iniciativas que haviam antecedido a fundação dessa organização, potencializaram o acúmulo de competências para o trabalho com essas temáticas e serviram de base para a estruturação das primeiras atividades, conforme destaca no seguinte relato

[...] já vinha trabalhando na agenda das masculinidades há muitos anos, pelo menos 10 anos antes da criação do Instituto, sempre em coletivos ativistas, mais de base, coletivos políticos, com perfil mais de militância em organizações sociais, mais ligado ao espectro da esquerda e embora isso permitisse fazer ciência, reduziu muito o espectro, porque era um perfil mais político, ideológico, do que institucional. Então, começamos a construir esse perfil institucional de onde começamos também a fazer ciência política mais institucional [...]

Ao passo em que Luciano (2024) narra suas andanças no campo da militância, também chama a atenção para uma necessidade que era sentida naquele momento, no sentido de institucionalizar o trabalho que já vinha sendo realizado em espaços não formais. Essa decisão, por sinal, representou uma significativa conquista, pois as ações desenvolvidas nesse campo ganharam um perfil institucional, sendo possível a execução de um conjunto de atividades em parceria com outras organizações, conforme podemos constatar no registro abaixo.

Figura 16: Curso de formação sobre masculinidade para trabalhar com homens jovens e adolescentes (2021)



Fonte: Instagram do Instituto MasCS³⁵

Por outro lado, esse movimento também apresentou uma série de avanços na produção do conhecimento, pois os princípios que fundamentam essa experiência puderam ser sistematizados a partir da produção de uma ciência comprometida política, pedagógica e eticamente na formação e emancipação de indivíduos críticos. Desse modo, tendo como base a constituição dessa experiência que surge num viés coletivo, Luciano (2024) sinalizou algumas das ações que vem sendo realizadas nos últimos anos

[...] esse é um elemento que teve muito a ver com o contexto e como ele condicionou nossa agenda, que nesse mesmo período começou a trabalhar a iniciativa *spotlight* das Nações Unidas e da União Europeia na Argentina e passamos a fazer as contrapartes da iniciativa *spotlight* para a implementação de projetos ligados à prevenção e eliminação da violência contra mulheres e meninas através do trabalho com homens. Então, as ações mais duradouras, mais prolongadas no tempo e com o desenvolvimento dos processos e produtos mais relevantes, são o marco dessas articulações. Alguns desses processos são mais de caráter pedagógico, como foi a concepção do kit pedagógico, do curso virtual “Masculinidades: ferramentas para facilitar oficinas com adolescentes e jovens” e depois também o trabalho que fizemos sobre “masculinidades corresponsáveis” que também tem sua versão kit e sua versão assíncrona de curso. Além disso, poderíamos citar a construção do mapa federal de experiências de homens e masculinidades, que é um site criado em conjunto com o Ministério do Gênero do governo nacional e com UNFAP no âmbito da iniciativa *spotlight* para localizar geograficamente dispositivos do trabalho com homens em todo o país. Depois também tivemos uma experiência interessante de trabalho com o Ministério da Segurança da Nação e de algumas províncias, em particular Salta, Jujuy e Buenos Aires, que foi o desenho de um curso de formação de formadores para trabalharem com homens da força policial e de segurança. Desenhamos o curso e o realizamos em sua primeira edição e depois acompanhamos de diversas formas, algumas réplicas do próprio pessoal do Ministério da Segurança, realizadas no território.

³⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em 20 Ago. 2024

Mediante as considerações do entrevistado, percebemos que diversas iniciativas têm sido possíveis a partir dos esforços coletivos implementados pelo Instituto MasCS, o que amplia as possibilidades de impacto nas diferentes esferas da sociedade. Também fica nítido que o acúmulo destas experiências tem propiciado a busca de alternativas para superar os cenários de desigualdades, garantindo a estruturação de inúmeras estratégias nesse movimento de contrapor-se ao projeto patriarcal.

Ao forjar estas experiências a partir de um projeto coletivo, estes sujeitos não apenas reacendem o debate e atenção para a necessidade de uma maior discussão acerca desse tema, como também iniciam um processo de tecer pequenas fissuras em torno de um sistema que sempre operou de forma contínua e ininterrupta. O registro abaixo destaca uma das múltiplas experiências que vem sendo desenvolvidas através das linhas de atuação do Instituto MasCS

Figura 17: Formação para as forças policiais e de segurança (2023)



Fonte: Instagram do Instituto MasCS³⁶

³⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em 20 Ago. 2024.

O desenvolvimento dessas atividades promovidas pelo Instituto MasCS em territórios como as forças de segurança, representa um importante passo para constituição de alianças e parcerias entre instituições, visto que propicia um enfrentamento aos constructos patriarcais que se encontram operando em muitas desses espaços, sem nenhuma problematização. Neste sentido, aproximá-los de uma política feminista significa garantir condições para que ocorra uma revisão dos discursos e práticas que são produzidas nesse território.

Ao passo em que observamos a efetividade desse trabalho em contexto argentino, também percebemos que novas narrativas vão sendo produzidas em outros contextos, o que reflete os resultados produzidos a partir desses esforços que emergem na coletividade e busca por justiça social e de gênero. Sob este viés, articulando conhecimento científico e ativismo político, o Instituto MasCS tem avançado na construção de um projeto educativo que atua numa perspectiva contra-hegemônica.

Ainda no que se refere as iniciativas desenvolvidas com as forças de segurança, Luciano (2024) faz o seguinte destaque

[...] houve a possibilidade de trabalhar na perspectiva do instituto com as forças policiais, de maneira institucional, o que é um indicador de que alguma coisa estava se abrindo ali, certo? Pelo menos no que diz respeito ao comprometimento de alguns setores dessas instituições para problematizar os efeitos mais visíveis e mais nocivos da masculinidade. Creio que se formos um pouco mais a uma análise institucional das forças policiais e de segurança, são forças que por si só reproduzem uma ideia de masculinidade que nada tem a ver com a masculinidade das identidades dos sujeitos que fazem parte das forças policiais, mas em termos institucionais, existe uma ordem institucional masculina, patriarcal e acredito que a esse nível não chega a abertura da problematização, não há uma questão sobre o carácter patriarcal das forças repressivas de um Estado colonial, burguês, capitalista e patriarcal, não conseguimos a esse nível de interrogatório ou pergunta, acho que atingimos um nível muito mais básico ou superficial, porque esta questão também é muito recente na história dessa instituição [...] estas noções patriarcais de masculinidade influenciam as carreiras e o trabalho dos agentes das forças policiais e de segurança. Não tornar estas instituições mais inclusivas de outras identidades menos discriminatórias para sujeitos que não sejam a masculinidade hegemônica, onde se faz um uso mais profissional da força e não tão atravessado pela lógica viril, patriarcal, mas me parece esse o alcance, digamos, dessas apostas.

Como bem ressaltou Luciano (2024), essas possibilidades que seguem surgindo em torno do trabalho com homens e sobre masculinidade indica uma maior abertura das instituições para pensar as questões que atravessam esse tema. Ao mesmo tempo, podemos interpretá-las enquanto reflexo das conquistas que tem sido alcançadas a partir das articulações protagonizadas pelo movimento feminista na tentativa de ocasionar rupturas nessas realidades que ainda permanecem alicerçadas em desigualdades de gênero.

Em síntese, o trabalho desenvolvido pelo Instituto MasCS desponta enquanto uma referência para que outras experiências político-pedagógicas dessa natureza venham emergir em outros territórios. Sua atuação consistente nesse campo se contrapõe as imposições de setores conservadores que vislumbram a continuidade da herança colonial e patriarcal.

7.2.2 “[...] somos uma instituição feminista, todas nós, independentemente de sermos homens ou mulheres ou o que quer que seja nos reconhecemos como feministas e levamos a lógica feminista a todo nosso trabalho”: Narrativas de Agostina Chiodi

Licenciada em Ciências Política pela Universidade de Buenos Aires, Agostina Chiodi compõe o Instituto MasCS e também integra a equipe de membros fundadores do respectivo instituto. Atualmente, trabalha na Diretoria de Adolescência e Juventude do Ministério da Saúde da Nação e também é professora da diplomatura de *Masculinidades y Cambio Social* do FSOC da UBA. Além disso, desenvolve pesquisas sobre violência de gênero, masculinidade e saúde.

Nosso encontro virtual ocorreu em 14 de junho de 2024, com uma duração aproximada de 60 minutos, onde pudemos dialogar acerca dos seus trajetos profissionais, da sua atuação no Instituto MasCS e em movimentos sociais. Ao longo da entrevista, Agostina (2024) ressaltou suas preocupações com o andamento do trabalho com as questões de gênero, masculinidade e feminismos, uma vez que a Argentina enfrenta um governo conservador que impõe retrocessos em meio aos avanços obtidos nos últimos anos com esses temas.

Figura 18: Entrevista com Agostina Chiodi (2024)



Fonte: Arquivo autor

Ao revistar seus trajetos, Agostina (2024) destacou os principais acontecimentos que antecederam a criação do Instituto MasCS e foram fundamentais para estruturação das primeiras atividades. Ainda segundo a entrevistada, o Instituto MasCS surgiu diante da constatação da ausência de um espaço que concentrasse os trabalhos sobre homens e masculinidade que aconteciam naquele momento na Argentina. Acerca desse processo, Agostina (2024) realizou o seguinte destaque

Havia 5 pessoas no momento da criação, somos de áreas diferentes, então eu junto com outro parceiro que é o Juan Carlos Escobar e dois companheiros de Rosário, que é o Lucho Fabbri e o Daniel, que neste momento não está mais no Instituto e outro companheiro de La Plata que é Ariel Sánchez. Então, eles estavam se encontrando em diferentes colóquios sobre masculinidades ou encontros e começaram a ver que na Argentina não havia um espaço onde se trabalhava as masculinidades, onde se convergiam os trabalhos de masculinidade que aconteciam naquele momento.

Assim sendo, diante da inexistência de um espaço de referência para o diálogo em torno desses temas, conforme descrito acima, surge o Instituto MasCS, uma organização feminista que tinha como objetivo potencializar a continuidade das iniciativas que estavam acontecendo naquele momento. A constituição desse projeto coletivo contou, pois, com o acúmulo das experiências que haviam sido adquiridas pela equipe fundadora durante as andanças que antecederam a criação dessa organização.

Figura 19: Grupo fundador do Instituto MasCS



Fonte: Instagram do Instituto MasCS³⁷

³⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em 20 Ago. 2024.

Outra questão que contribuiu para o andamento desse trabalho, consiste na expansão do tema que ocorria em face das reivindicações sociais, bem como das produções acadêmicas que propunham um maior debate acerca das questões de gênero e diversidade. Estes movimentos, por sua vez, desencadearam a estruturação de uma série de estratégias e articulações com outras organizações, no sentido de corresponder as demandas que eram postas naquele momento. Em meio essas turbulências, Agostina (2024) conta que

Em 2018, foi como uma espécie de, creio que, seria como algum tipo de explosão do tema. Pois bem, desde 2015 na Argentina, de mão dadas com “nenhuma a menos” que foi uma mobilização feminista massiva, contra as do feminicídios, o tema do gênero, o tema do a violência foi instalada muito fortemente e então isso finalmente chegou aos homens e muitos deles começaram a perguntar: “pois bem, nestas conquistas das mulheres, das dissidências, das diversidades, que lugar ocupamos? O que podemos fazer? Que papel podemos adotar para colaborar com a mudança social necessária para tudo isto?” Todas essas questões levaram à formação do Instituto com o objetivo de instalar a agenda do tema das masculinidades e influenciar políticas públicas voltadas para homens, digamos, uma agenda de gênero.

Conforme descreve a entrevistada, as atuações do movimento feminista não apenas ampliaram o debate acerca de temas como feminicídios, violência de gênero, machismo, dentre outros, como também trouxeram questionamentos acerca dos lugares de privilégios que historicamente vem sendo ocupado pela maioria dos homens. Tais esforços tem demandado que esses sujeitos venham repensar seus discursos e práticas na arena do gênero, bem como assumir um comprometimento com a eliminação das violências e desigualdades.

O surgimento dessas preocupações também sinaliza para a emergência de novas dinâmicas de gênero, dada a inaceitabilidade de continuar reproduzindo os mesmos quadros de desigualdade. Em meio esse cenário, o Instituto MasCS ressurgiu mobilizando estratégias político-pedagógicas para construção de linhas de ação que garantam uma participação efetiva e comprometida por parte dos homens, entendendo que não é possível uma transformação mais ampla sem a participação desses sujeitos.

Ainda segundo Agostina (2024), questionamentos como “qual o lugar que os homens ocupam na agenda de gênero?” foram fundamentais para construção de estratégias de trabalho com esses sujeitos, dada a imprescindibilidade da sua inserção nessas dinâmicas. Assim, com base nessas provocações, as primeiras articulações começaram a surgir, conforme descreve a entrevistada

[...] “Homens e masculinidades: ferramentas pedagógicas para facilitar oficinas com adolescentes e jovens” foi nosso primeiro material, no qual falamos um pouco sobre o que é gênero, o que são masculinidades, os mandatos de masculinidade, os custos que eles têm para homens, o tema da violência, da cumplicidade, ou seja, foi um material muito básico, mas tinha muito impacto porque veio à luz no momento do assassinato de um adolescente aqui na Argentina, em Buenos Aires, na costa atlântica, onde um grupo de homens espancou até a morte outro homem.

Essa estratégia adotada pelo Instituto MasCS cumpre com uma importante demanda, pois possibilita a elaboração de um conhecimento comprometido com a produção de novas narrativas em torno das experiências masculinas, de modo que seja possível refletir e principalmente reinventar as práticas desses sujeitos. Ao mesmo tempo, corresponde a uma demanda existente na literatura acadêmica, tendo em vista o baixo percentual de produções acadêmicas que discorram acerca dos homens sem adotar uma perspectiva de culpabilização, demonização que os naturalize enquanto os únicos responsáveis pelas desigualdades.

Figura 20: Kit pedagógico e curso virtual autoadministrado "Homens e Masculinidade(s): Ferramentas pedagógicas para facilitar oficinas com adolescentes e jovens" (2020)



Fonte: Site do Instituto MasCS³⁸

³⁸ Disponível em: <https://institutomascs.ar/recursos/>. Acesso 20 Ago. 2024.

A produção desse material por parte do Instituto MasCS constitui um compromisso político-pedagógico com a agenda de gênero, pois apresenta novas possibilidades para os homens, os quais encontram nessa literatura fundamentos para reinventarem suas práticas e constituírem novas alianças. A riqueza desse material surge não apenas da denúncia da perversidade do patriarcado em nossa estrutura social, mas também da sua capacidade de anunciar um novo caminho para os homens. Segundo Agostina (2024),

Então, esse é um pouco do material que surge nesse contexto, que era um livreto e também um curso virtual que era auto administrado, que era gratuito, livre, também começou a circular muito, teve muitas, muitas pessoas que se inscreveram, de repente recebemos solicitações do Ministério Público para que os homens pudessem fazer esse curso digamos assim, foi considerado muito procurado.

A constante procura desse conteúdo por parte de outras organizações, do poder público e também da sociedade civil, como descrito por Agostina (2024), realça a potencialidade desse material para o trabalho com homens, assim como revela uma possível incipiência de instrumentos pedagógicos dessa natureza. Por esta razão, os recursos elaborados pelo MasCS surgem enquanto uma referência para esse campo, uma vez que apresentam potencial autoformativo, assim como orientam a adoção de novas práticas.

7.2.3 “A questão de gênero nos permitiu pensar que existem outras formas de olhar o mundo”: Narrativas de Joaquín Coronel

Educador popular, licenciado em Ciência Política e mestrando em Estudos e Políticas de Gênero, Joaquín Coronel apresenta uma longa trajetória no campo político, onde atuou em diferentes organizações que desenvolvem um trabalho com homens. Atualmente, integra a equipe do MasCS, além de atuar como Tutor pedagógico na “*Diplomatura de Masculinidades y Cambio Social*” da Faculdade de Ciências Sociais da UBA. Também é membro da Rede de Espaços de Masculinidades da Argentina (REMA)

O diálogo com Joaquín aconteceu em 06 de junho de 2024, com uma duração aproximada de 50 minutos, onde o entrevistado contou um pouco acerca das andanças e espaços ocupados no decorrer do seu ativismo político. Durante nossa conversa, também ficou visível sua preocupação com o contexto político enfrentado na Argentina, visto que o atual governo de direita tem atuado numa perspectiva conservadora, retrocedendo pautas que haviam sido conquistadas a partir das lutas sociais.

Figura 21: Entrevista com Joaquín Coronel (2024)



Fonte: Arquivo do autor

Ao evidenciar sua aproximação com o Instituto MasCS, Joaquín (2024) destacou num primeiro momento seu contato com Luciano Fabbrí a partir das ações realizadas pela Frente Darío Santillán, uma organização de base com uma perspectiva antipatriarcalista. Através dos diálogos realizados nesse espaço, diversas questões puderam ser discutidas e articuladas num plano de ação que envolvia a formulação de propostas com homens a partir de uma perspectiva feminista, como descreve

Na experiência da frente Darío Santillán encontrei Luciano e outros colegas com a necessidade de pensar um espaço especialmente para masculinidades e aí nasceu a experiência ligada a um grupo de varones que se organizavam, mas que vinham mais de uma frente mais acadêmica e que se chamava “varones pela igualdade” e eram em sua maioria homens heterossexuais adultos, a maioria deles eram casados, eram maridos de feministas e sentiam a necessidade de encontrar um espaço para tratar do tema que interpelaram-nos relacionados ao feminismo, porém, tinha uma matriz muito cisheterocentrada e não havia lugar como aquele para pensar sobre as masculinidades em sua pluralidade. E é aí que com vários companheiros começam a se organizar em torno de um coletivo de varones antipatriarcais, que tinha a noção de coletivo porque não é simplesmente pensar num processo de construção em termos do indivíduo, mas como uma reflexão com outros homens masculinos e antipatriarcais para tensionar essas duas categorias que tinham que são como antagônicas, mas que em algum momento, quando colocados em um único nome, representam uma atenção produtiva em termos de como construir uma frente que pense as masculinidades a partir de uma perspectiva feminista.

Conforme podemos constatar na fala do entrevistado, a preocupação em torno da construção de espaços para pensar a masculinidade resultou no desenvolvimento de iniciativas de trabalho com homens, tendo como objetivo garantir uma reflexão em torno dos atravessamentos

de gênero que impactavam suas vidas. Ao mesmo tempo, ampliou o debate para urgência de um maior comprometimento masculino com uma política voltada a eliminação das dinâmicas opressivas impostas pelo patriarcado.

Em meio aos esforços empreendidos para constituição de experiências coletivas que envolvam os homens a partir de uma perspectiva feminista, Joaquín (2024) destaca o surgimento de algumas iniciativas, as quais sinalizam para a emergência de novas configurações nas dinâmicas de gênero, dada a inaceitabilidade de continuar reproduzindo os modelos autoritários e hegemônicos. Acerca desses acontecimentos, o entrevistado retrata

[...] a partir daí começaram a aparecer vários coletivos por todo o país, na Argentina. A primeira foi lá em La Plata, a cidade de La Plata é uma cidade bastante grande que é a capital da província de Buenos Aires [...] além de La Plata, onde estava a luta, formou-se um coletivo em Buenos Aires do qual comecei a participar em 2014 e foi assim que me aproximei de alguma forma da militância em relação às masculinidades.

O amplo alcance e interesse pelo tema da masculinidade, como destaca o entrevistado, pode ser compreendido enquanto resultado das atuações do movimento feminista, bem como do despertar de conscientização de alguns homens que começaram a questionar qual o seu lugar na luta pela equidade de gênero. Por outro lado, podemos conceber essas experiências de politização e organização como novas possibilidades de emergir num cenário que aponta para necessidade de inclusão de um compromisso efetivo por parte dos homens.

De certo, o surgimento dessas iniciativas narradas por Joaquín (2024), revelam um comprometimento com a construção de caminhos alternativos para os homens, dada a urgência de reinventar os discursos, práticas e instituições que se encontram ancorados numa perspectiva hegemônica. Ainda segundo o entrevistado, sua participação na elaboração dessas articulações foi fundamental para sua integração no Instituto MasCS, visto que

[...] depois de toda essa experiência acho que por volta de 2018/2019 [...] entrei no Instituto para pensar algumas ações também em torno da incidência política e a produção de materiais para formação, porque isso também aconteceu conosco nos coletivos por serem espaços de base e autogeridos. Havia algumas coisas que tinham certas limitações em relação ao pensamento, hein? Como profissionalizar a formação, as propostas pedagógicas, a forma de incidência, as intervenções públicas e outros. Então, o Instituto deu de alguma forma um enquadramento adicional, como forma jurídica que também nos permite articular-nos com outras pessoas e com outros atores, em particular com os estados, tanto os estados nacionais como provinciais, bem como a Cooperação Internacional.

A partir da sua inserção no Instituto MasCS, Joaquín (2024) sinaliza para algumas preocupações, no sentido de que para além das atuações no campo político, se fazia necessário a formalização desse trabalho com o objetivo de alcançar um maior número de pessoas e instituições. Com base nessa compreensão, foram pensados espaços formativos e materiais pedagógicos que viabilizassem uma reflexividade em torno dos discursos e práticas produzidos por homens. Acerca da sua atuação nessa organização, Joaquín (2024) relatou

O Instituto termina sendo como uma consequência do meu ativismo, formação, como perspectiva, como enquadramento mais profissional, digamos em termos das minhas próprias ações que eu vinha mantendo mais militantemente [...] o que eu acredito é que desde que aderi de alguma forma a transitar no ativismo, na militância, às oficinas que organizamos, às formações e também com perspectiva de gênero, sinto que houve uma ruptura em termos, sobre como começar a ver o mundo de outra perspectiva, houve algo ali que gerou um clique e tudo o que eu conhecia tinha que começar a ser pensado de outra perspectiva, de outros lugares, ou seja, entendo que a questão de gênero nos permitiu pensar que existem outras formas de olhar o mundo, mesmo quando nós olhamos para isso a olho nu. E parece que só existe uma imagem, mas sempre há outras dimensões dentro dessa mesma imagem que também a fizeram se abrir como toda uma perspectiva de interseccionalidade. Além disso, eu acho que gênero era como um ativismo em relação ao gênero, masculinidades de um ponto de vista perspectiva feminista e também era como um molde, como forma para agora se apropriar dele, pense em outras dimensões da vida que rompem com o que é imposto socialmente.

Imerso nesse movimento, observamos a incessante atuação do Instituto MasCS na elaboração de materiais pedagógicos que apontam para imprescindibilidade de um posicionamento crítico com relação ao lugar dos homens na constituição de uma sociedade fundamentada nos princípios de uma educação feminista. É através da estruturação dessas propostas que avançaremos no envolvimento de homens no debate, reflexão e adoção de práticas que provoquem deslocamentos contínuos nas estruturas hegemônicas do patriarcado.

Por esta razão, o respectivo instituto tem instituído ações que englobam desde a produção de materiais pedagógicos, conforme descrito anteriormente pelo entrevistado, como também formações pedagógicas no sentido de conscientizar esses sujeitos para adoção de novas práticas. Dentre essas novas possibilidades surgidas, percebemos a incidência de cursos virtuais gratuitos que contemplam desde a comunidade local, até mesmo participantes de outros países que possuem interesse no debate.

Figura 22: Curso virtual homens e masculinidade(s)



Fonte: Site do Instituto MasCS³⁹

Os cursos virtuais e autogestionados consistem em propostas de educação que objetivam promover um maior debate acerca das relações de poder e desigualdades que atravessam as distintas experiências de vida de homens. Tais iniciativas, se encontram fundamentadas nos pressupostos teórico-epistemológicos do feminismo, dado o caráter crítico, político e pedagógico.

Com base nesses pressupostos formativos, encontramos nas ações do Instituto MasCS não apenas uma inaceitabilidade diante das estruturas hegemônicas do patriarcado, mas também a recorrente tentativa de desestabiliza-la numa proposta que avança na construção de outros cenários. Trata-se, pois, de mecanismos que vão sendo constituído a partir do horizonte da coletividade, uma vez que através dessa perspectiva conseguimos outros cenários.

7.2.4 “[...] a nossa contribuição no trabalho com os homens persegue o objetivo da erradicação da violência”: Narrativas de Nicolas Pontaquarto

Professor do ensino secundário em Línguas e Literatura, Nicolas Pontaquarto tem experiências em escolas públicas e privadas da Argentina, principalmente na província de Buenos Aires, onde desenvolveu alguns trabalhos. Atualmente, reside na cidade de *La Plata* (Argentina),

³⁹ Disponível em: <https://institutomascs.ar/recursos/>. Acesso 20 Ago. 2024.

onde tem efetivado um conjunto de esforços no desenvolvimento de ações que avancem na promoção da equidade de gênero e erradicação das violências através da sua atuação no Ministério da Mulher e da Diversidade Sexual.

Além das experiências de educação formal, Nicolas (2024) apresenta uma vasta trajetória no ativismo político, onde esteve à frente de coletivos de varones antipatriarcais. Nosso diálogo ocorreu em 04 de junho de 2024, com duração média de 40 minutos, onde pudemos conversar acerca dos trajetos construídos ao longo das suas experiências profissionais e no ativismo político. No decorrer da entrevista, Nicolas (2024) contou um pouco acerca desses trajetos e das possibilidades que vem emergindo a partir dessas iniciativas.

Figura 23: Entrevista com Nicolas Pontaquarto (2024)



Fonte: Arquivo do autor

Engajado politicamente nos processos de luta forjados por organizações antipatriarcais na Argentina, Nicolas (2024) apresenta um histórico de atuação nessas iniciativas de envolvimento com homens a partir de uma perspectiva feminista. No âmbito dessas experiências, teve o seu primeiro contato com o Instituto MasCS, dada a experiência em comum que era gestada por essas organizações. Acerca dessas aproximações que foram ocorrendo durante seu ativismo, o entrevistado realizou o seguinte destaque

[...] comecei em 2012 um coletivo de varones antipatriarcais em Chivilcoy onde vivia e a partir daí comecei a ter contato com Luciano Fabbri, conhecendo sua experiência, o trabalho que vinha realizando junto com outros coletivos de varones antipatriarcais que nasceram na Argentina naquela época e que depois foi descontinuado e alguns outros que continuam em funcionamento. Mas, a verdade é que depois de 2015, muitos homens deram por si a perguntar-se, bom, qual é o nosso lugar nas lutas feministas, nas lutas por gênero, igualdade e começamos a gerar espaços, experiências, oficinas, rodas masculinas onde começamos a discutir as masculinidades.

Ao relatar algumas das vivências constituídas ao longo das suas andanças, Nicolas (2024) relatou que iniciou sua trajetória no trabalho homens a partir do ativismo político, o que permitiu constituir importantes alianças com organizações que atuavam numa mesma perspectiva. A partir do estabelecimento dessas relações, foram construídas linhas de ação para implementação de um trabalho voltado a discutir os atravessamentos de gênero que cercavam as vidas dos homens.

Outra questão destacada pelo entrevistado, consiste na incidência política que era vivenciada naquele momento, onde surgiram diversas iniciativas de trabalho com a temática da masculinidade. Esse movimento destacado por Nicolas (2024), realça uma preocupação com a urgência de pensar espaços de formação política para homens, de modo que esses sujeitos pudessem refletir acerca dos discursos e práticas que atravessavam suas experiências de vida. Ainda no que se refere a estas iniciativas, o entrevistado relata

Em 2018, coincidentemente com a Fundação Instituto, criamos uma organização chamada Mesa de Masculinidades Chivilcoy em uma cidade de 70.000 habitantes no interior da província de Buenos Aires. É uma cidade onde essa questão não é trabalhada de forma geral, mas geramos um espaço para homens que também começa a trabalhar a problematização da masculinidade nas dinâmicas de grupo. A educação popular é a implicação mais subjetiva dos participantes nestas dinâmicas e nesse processo encontramos outras organizações da província [onde] formamos uma rede de organizações na província de Buenos Aires e depois uma rede nacional que chamamos de REMA, onde também entramos em contato com o Instituto de MasCS. A partir desse primeiro contato, começamos a coordenar algumas atividades com o Instituto.

Tais apontamentos, revelam a preocupação em torno da construção e expansão de espaços de problematização em torno do tema, de modo que fosse possível construir uma frente de trabalho nessa perspectiva. Em meio ao surgimento dessas iniciativas, a educação popular emerge na condição de um potente instrumento de emancipação, uma vez que seu trabalho propicia a formação ativa e crítica de sujeitos capazes de atuar na transformação dos espaços onde se encontram inseridos.

A emergência dessas redes colaborativas evidencia não apenas a construção de alianças potentes para desestabilização dos mandatos hegemônicos do patriarcado, como também

reiteram o compromisso assumido por esses indivíduos que atuam na defesa de uma sociedade mais equânime. Essa compreensão parte do pressuposto de que através de um projeto de educação crítica se faz possível construir instrumentos que avancem na superação das desigualdades sociais e de gênero.

Entretanto, em face da desintegração da mesa de masculinidade de Chivilcoy que ocorreu em detrimento de uma série de fatores, Nicolas (2024) passou a integrar a equipe do Instituto MasCS, como descreve abaixo

[...] recebo um convite para fazer parte do Instituto, onde primeiro me envolvo mais no lugar de formador e agora há cerca de 6 meses faço parte da coordenação, por isso é bom partilhar essa experiência com o Lucho, com o Ariel, com o Juan Carlos, com a Agustina, com alguns colegas que vêm com experiências de ativismo, com experiência de gestão, com experiência de pesquisa, somos como uma mistura de diferentes jornadas nos encontramos para pensar um pouco sobre masculinidades, não em termos do micropolítico, mas de políticas públicas, de como isso se traduz em processos de transformação da vida das pessoas, da gestão pública, esse é um dos focos de interesse.

Como bem menciona Nicolas (2024), o Instituto MasCS representa um somatório das experiências que vem sendo produzidas por seus componentes ao longo das lutas e reivindicações forjadas em defesa de um mundo mais justo. Desse modo, na medida em que partilham suas distintas experiências nesse território, realizam um processo autoreflexivo e autoformativo, tendo em vista que partilham dos conhecimentos que foram constituídos em seus diferentes lugares de protagonismo.

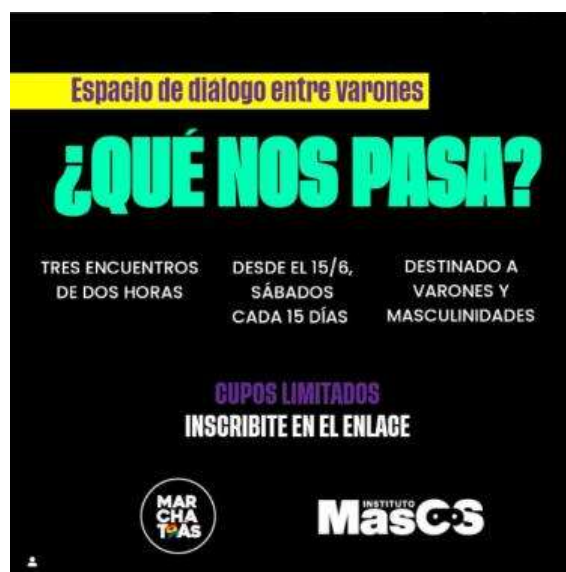
Figura 24: Formação em masculinidades, saúde integral e HIV para agentes municipais do município de Guaymallen e outros departamentos da Grande Mendoza (2023)



Fonte: Instagram do Instituto MasCS⁴⁰

São, portanto, essas experiências de gestão, de ativismo político e de pesquisa, que somados ao desejo de mudança, apresentam alternativas para que venhamos caminhar numa mudança que alcance o comprometimento e envolvimento de homens num projeto de mudança. Em meio essa rede de alianças, o Instituto MasCS tem se tornado um espaço de aprendizagens e escuta para esses sujeitos que se encontram discutindo, planejando e propondo alternativas que sejam capazes de efetivar a reestruturação de outra realidade.

Figura 25: Card de atividade desenvolvida pelo Instituto MasCS



Fonte: Instagram do Instituto MasCS⁴¹

⁴⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em: 20 Ago. 2024.

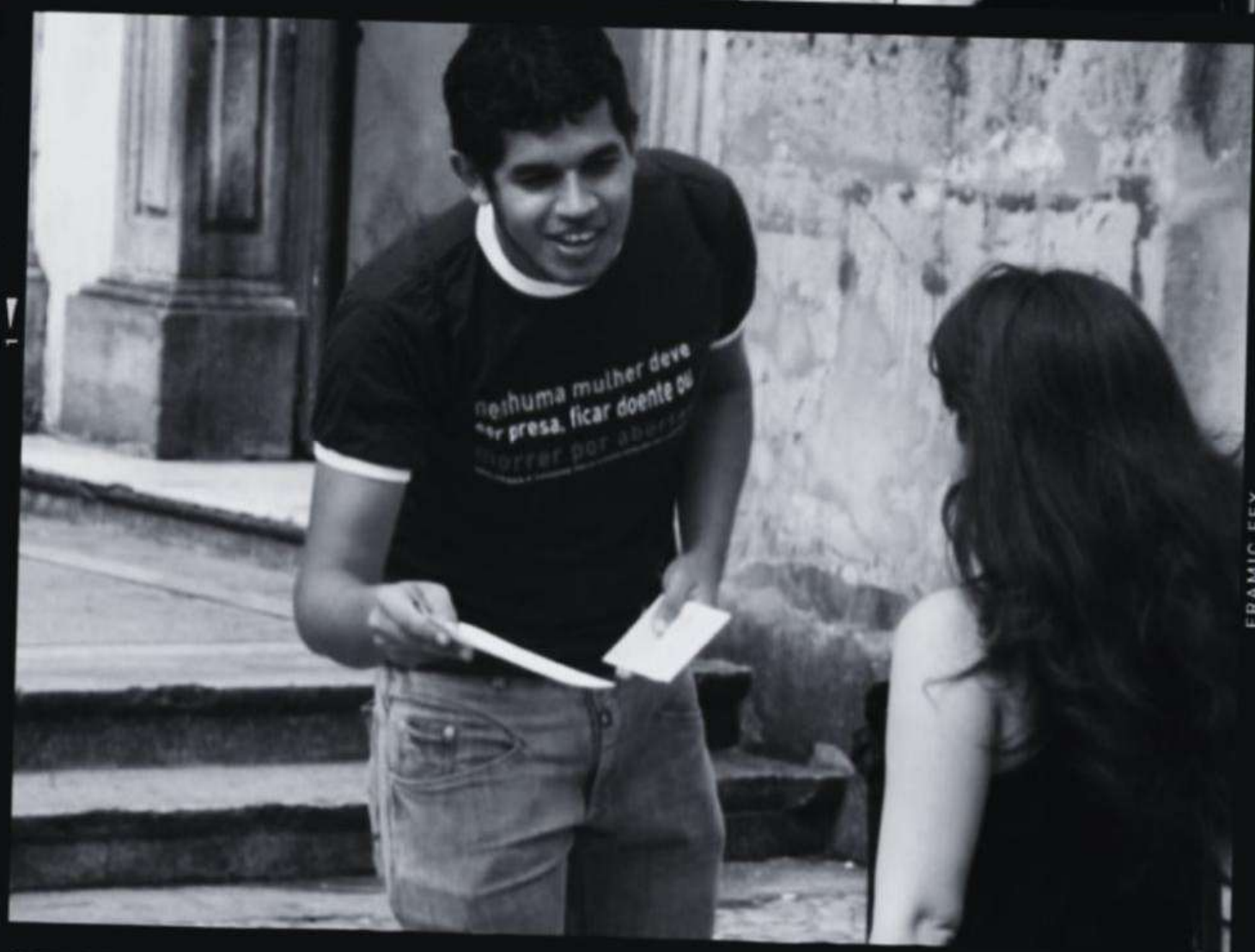
⁴¹ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em: 20 Ago. 2024.

A construção de espaços de diálogo e escuta tem se efetivado enquanto uma das estratégias adotadas pelo Instituto MasCS ao longo de sua atuação, entendendo que a partir dessas iniciativas é possível o estabelecimento de relações afetivas e políticas entre os sujeitos. O desenvolvimento de ações dessa natureza permite a aproximação dos homens com os fundamentos da política feminista, entendendo que só a partir dessa relação será possível integrar outros discursos e práticas em torno das vivências desses sujeitos.

É nítido que estes espaços também apresentam um potencial pedagógico, uma vez que cruzam as experiências e conhecimentos tecidos por esses sujeitos, possibilitando a construção de estratégias enfrentamento a lógica patriarcal. Além do mais, tem se consolidado enquanto lugar de escuta, onde os homens podem partilhar um pouco dos atravessamentos de gênero que tem interpelado suas vidas. Partindo dessa premissa, Nicolas (2024) assinala

[...] sempre pensamos em geral em grupos de homens e em construir espaços que permitam ou sejam condição de possibilidades, de diálogos, do processo de reflexão, de interpelações, de movimentos, de espaços de contenção e escuta. Ultimamente, uma das estratégias foram em direção aos espaços de escuta [...] “que potência tem para produzir transformações na cultura institucional e nesses sujeitos?”. Por isso, falo sobre criar grupos de homens, espaços mais sustentados no tempo, onde vocês possam acompanhar alguns processos.

Estratégias dessa natureza ocasionam fissuras em torno da estrutura patriarcal, pois rompem com a continuidade da lógica operante que sempre colocou os homens na condição de ameaça. Por outro lado, avança na construção de cumplicidades afetivas e políticas entre esses sujeitos que encontram novas alternativas para conduzir suas vidas.



8. A BONITEZA DAS ORGANIZAÇÕES LATINO-AMERICANAS QUE DESENVOLVEM UM TRABALHO COM HOMENS, A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FEMINISTA: ENTRE DENÚNCIAS E ANÚNCIOS

Reinventar a realidade a partir dos ideais de justiça social e equidade de gênero urge enquanto um compromisso político-pedagógico assumido por aqueles/as que lutam na defesa de um mundo que esteja fincado na constituição de experiências de solidariedade, cumplicidade e amorosidade. Este modo de enxergar a vida, mais que idealizar um sonho, evidencia as reais possibilidades de encontrarmos estratégias que avancem na construção dessa realidade, através de um trabalho coletivo e comprometido com a mudança.

Segundo Freire (1981, 20) o movimento de “transformar o mundo através de seu trabalho, “dizer” o mundo, expressá-lo e expressar-se são o próprio dos seres humanos”. Por esta razão, a não aceitabilidade de um mundo desigual, desumano e repleto de injustiças descortina nas ações coletivas de utópicos que produzem alternativas contra-hegemônicas na tentativa de modificar esse cenário de crueldade e avançar na produção de outras realidades, mais dignas e vivíveis.

Compactuando com essa linha de pensamento, realçamos a boniteza das experiências gestadas pelo Instituto PAPAI (Brasil) e Instituto MasCS (Argentina), duas organizações que tem promovido ações educativas com homens a partir de uma perspectiva feminista. Num processo coletivo e fundamentado político-pedagogicamente nos pressupostos teórico-epistemológico do feminismo, estas organizações têm denunciado a perversidade do patriarcado e anunciado outras possibilidades de constituirmos uma realidade diferente.

A boniteza dessas experiências emerge justamente da sua capacidade de transgredir a feiura do mundo e profetizar anúncios capazes de restaurar a beleza e vivacidade da humanidade que tem sido suprimida pelos dispositivos hegemônicos. Nessa composição utópica, Freire (2000, p. 44) defende que “não é possível estar no mundo, enquanto ser humano, sem estar com ele e estar com o mundo e com os outros é fazer política. Fazer política é assim a forma natural de os seres humanos estarem no mundo e com ele”.

Figura 26: Oficina de redução de danos com jovens da Escola Estadual Senador Novaes Filho (2019)



Fonte: Instagram do Instituto PAPAÍ⁴²

Figura 27: Espaço de reflexão para trabalhadores não docentes da Universidade Nacional de *La Plata* (2022)



Fonte: Instagram do Instituto MasCS⁴³

É nesse florescer que estas organizações seguem forjando suas experiências político-pedagógicas e tecendo um processo de formação crítico e comprometido com a produção de um amanhã diferente. Assim sendo, na medida em que anunciam outros cenários para

⁴² Disponível em: <https://www.instagram.com/institutopapai/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

⁴³ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em: 20 Ago. 2024.

humanidade concomitantemente realizam a denúncia e enfrentamento ao projeto do patriarcado que segue operando desigualdades. Ao observarmos esses gestos de denúncias e anúncios produzidos por essas organizações, percebemos que neles

[...] transbordam não só relações de poder, forças dialógicas, mas também sinergias, afetuais, amorosas que a saturam e a renovam em incessante devir, enquanto recriam quem as engendra, quem as desdobra, quem as pronuncia e nesse exercício político de diferir, vão reinventando politicamente outro mundo. (Linhares, 2015, p. 45).

São essas proposições éticas, político-pedagógicas e epistemológicas que reavivam as esperanças e potencializam organizações como o Instituto PAPAI e o Instituto MasCS atuar coletivamente no campo teórico e político, nesse incessante movimento utópico. Além do mais, observamos que suas denúncias rechaçam a perversidade desse mundo cruel ao mesmo tempo em que anunciam a possibilidade de inclusão de outras dinâmicas de generosidade e afetividade, onde possamos constituir relações mais humanas.

Esse movimento de natureza pedagógica encontra nos princípios da educação feminista e popular as ferramentas necessárias para consolidação dessa experiência coletiva que prevê a conscientização e empoderamento dos seus sujeitos educativos. Freire (2020, p. 41) realça essa potencialidade, onde defende “[...] a importância da educação no processo de denúncia da realidade perversa como do anúncio da realidade diferente a nascer da transformação da realidade denunciada”.

Comprometidos com os fundamentos da educação feminista, entendendo que toda prática educativa envolve também uma postura teórica por parte do/a educador/a (Freire, 1981), essas organizações têm consolidado projetos potentes em seus respectivos espaços de atuação. É nítido que a constituição dessas experiências pedagógicas avança na politização e conscientização dos seus sujeitos educativos, despertando-os para as questões que durante muito tempo estiveram passíveis de uma problematização.

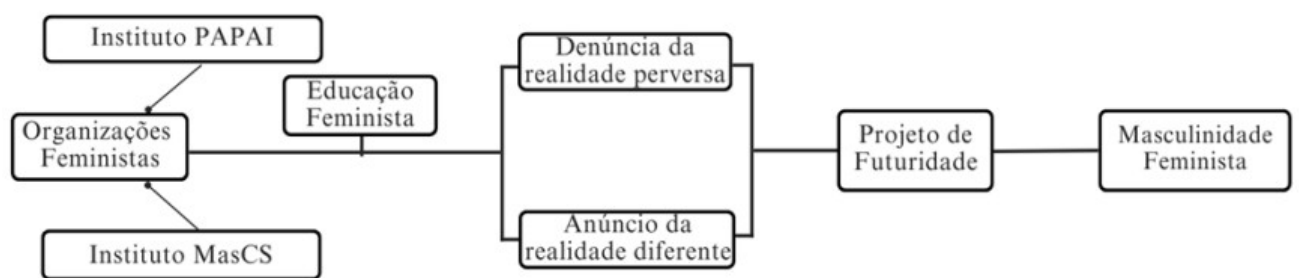
A riqueza desse processo educativo se encontra justamente no despertar da capacidade desses sujeitos que são convidados a refletirem e problematizarem acerca das relações nas quais estão inseridos, como também denunciar as situações de opressão e/ou violência que atravessam suas experiências pessoais e/ou coletivas. Acreditamos que os fundamentos teóricos-epistemológicos da educação feminista potencializam condições teóricas e práticas para que esses sujeitos realizem esses movimentos disruptivo.

Encontramos nas ações do Instituto PAPAI e Instituto MasCS experiências que tem sido gestadas em territórios distintos, mas que comungam de um mesmo propósito. Ainda que

apresentem suas especificidades, dada a configuração desses projetos nos seus respectivos contextos geográficos, sociais e culturais no qual foram desenvolvidos, suas atuações têm provocado rupturas ao padrão de masculinidade idealizado pelo patriarcado e anunciado formas mais saudáveis para que os homens possam conduzir suas experiências.

Acreditamos que ao forjar esses itinerários pedagógicos, estas organizações cumprem com um importante papel político, social e ético, pois reavivam nossas esperanças, trazendo à cena questões que necessitam serem debatidas e repensadas dentro da sociedade. Além disso, suas proposições avançam na constituição de um novo projeto de mundo, denunciando os cenários perversidade para que seja possível anunciar um amanhã mais inclusivo, humano e ético.

Figura 28: Encadeamento de construção da masculinidade feminista



Fonte: Elaboração do autor

O respectivo esquema evidencia a potencialidade dessas organizações, dada sua natureza denunciativa, assim como sua capacidade de anunciar um projeto de futuridade que esteja fincado num ideal de masculinidade feminista. Estas articulações têm possibilitado não apenas sonhar com outra realidade, mas também observar as dinâmicas empreendidas a partir da constituição de outras experiências masculinas, visto que muitos homens já não se reconhecem dentro dos padrões hegemônicos de masculinidade.

Assim sendo, acreditamos que a proposta de educação feminista difundida pelo Instituto PAPAI e Instituto MasCS tem conduzido o re-despertar desses sujeitos, os quais assumem uma reflexão crítica diante da realidade na qual se encontram inseridos. Como bem disse Freire (1981) “Não podemos denunciar a realidade nem anunciar sua radical transformação, de que resultará outra realidade, na qual nascerão o novo homem e a nova mulher, se não nos damos, através da práxis, ao conhecimento da realidade”.

A emergência de um ideal de masculinidade feminista urge das lutas protagonizadas pelos movimentos feministas que a partir das suas utopias mantém viva a esperança de uma política de gênero que seja capaz de instaurar outro ethos civilizatório. Esse movimento, por sua vez, ganha concretude em meio a práxis pedagógica destas organizações que ao assumirem um comprometimento com os processos formativos de homens elaboram ferramentas pedagógicas capazes de intervir nessa realidade.

Figura 29: Dimensões da Masculinidade Feminista



Fonte: Elaboração do autor

O ideal de masculinidade feminista ganha concretude em meio as atuações gestadas por estas organizações que encontram nos princípios da educação feminista as ferramentas pedagógicas necessárias para conduzir esse projeto coletivo. Por outro lado, esse movimento pode ser compreendido enquanto uma potente ação contra-hegemônica, uma vez que reconhece a emergência da produção de outras experiências de gênero, bem como a viabilidade de uma aliança e comprometimento dos homens com a política feminista.

Segundo hooks (2020, p. 116), a “[...] masculinidade feminista oferece a los hombres una forma de conectarse de nuevo con ellos mismos, descubriendo la bondad esencial de la virilidad y permitiendo que todos, hombres y mujeres, disfruten de una hombría cariñosa”. Reconhecemos nessa proposta, um caminho oportuno para que os homens possam constituir

novas experiências pessoais e coletivas que estejam fincadas nos princípios do feminismo e estabeleçam um comprometimento com suas vidas.

Em meio essa compreensão, buscamos a partir das análises das narrativas dos/as integrantes dessas organizações compreender quais denúncias e anúncios tem sido possíveis a partir das ações gestadas por estas organizações que desenvolvem um trabalho educativo com homens, a partir de uma matriz político-pedagógica feminista latino-americana. Para tanto, partimos do quadro teórico adotado no desenvolvimento desse estudo.

8.1 A denúncia da realidade perversa e as lutas e enfrentamentos a partir dos feminismos

Concebemos as diferentes expressões de denúncia a partir da manifestação de inconformidade e discordância com a perpetuação de uma determinada realidade e/ou discurso, bem como na condição de posicionamento político. No âmbito da luta feminista, surge enquanto um potente dispositivo político, onde estabelece um comprometimento com a vida das mulheres, denunciando os cenários de desigualdade e desumanização que tem sido instaurado pelas estruturas patriarcais ao longo da história.

Fruto da leitura problematizadora da realidade, a denúncia reflete a rebeldia, a insurgência, assim como a luta pela libertação daqueles/as que ainda se encontram reféns das injustiças profundas que marcam as experiências dos grupos subalternizados. Ao mesmo tempo, enxergamos nessa postura insubmissa, a capacidade de intervir e transformar o mundo através do trabalho coletivo e comunhão de indivíduos comprometidos com a constituição de um outro amanhã.

Esse comprometimento tem sido assumido pelas organizações que desenvolvem ações educativas com homens, onde a partir dos fundamentos do feminismo vem realizando uma série de enfrentamentos a lógica patriarcal, denunciando as estruturas hegemônicas que tem sustentado esse projeto. Observamos nas mobilizações forjadas pelo Instituto PAPAI, por exemplo, um compromisso político-pedagógico de revelar as consequências que vem sendo produzidas pelo patriarcado.

Figura 30: Mobilização pela legalização do aborto⁴⁴



Fonte: Site do Instituto PAPAI⁴⁵

É nítido que ao reivindicar a configuração de outros cenários, estes indivíduos trazem à cena as problemáticas que cercam suas realidades, onde coletivamente discutem e propõem estratégias para superação desses entraves. Ao mesmo tempo, estabelecem um comprometimento com as pautas feministas, de modo que seja possível avançar na erradicação dos quadros de machismo e sexismo que se encontram sustentados pelos dispositivos patriarcais.

Nesse movimento de enfrentamento e luta por um mundo mais justo, o componente educativo desponta enquanto ferramenta pedagógica indispensável para conduzir esse processo, uma vez que potencializa um processo de reflexão autocrítica em torno dessa realidade. Com base nessa compreensão, observamos que estas organizações que desenvolvem um trabalho com homens têm se utilizado dessa estratégia para avançar na construção de outros cenários para as masculinidades, conforme ressalta o Professor Jorge

O componente de educação, no caso a educação não formal foi um eixo fundamental para o processo de formação política, porque a condição de existência da gente, seja ela qual for [...] necessita de um processo de formação política e esse processo de formação é um processo educativo, reflexivo, crítico histórico. E faço questão de dizer que isso foi um processo de aprendizagem, de respeito, de escuta de quem veio antes.

⁴⁴ A respectiva imagem consiste na participação de membros/as do Instituto PAPAI no dia de mobilização pela legalização do aborto que aconteceu na Praça do Carmo, cidade do Recife-Brasil, uma ação que busca visibilizar essa pauta urgente na sociedade brasileira. Isto porque, o aborto ainda é considerado crime no Brasil, mesmo sendo uma das principais causas que afeta as vidas mulheres, ocasionando suas mortes.

⁴⁵ Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

[...] então, nesse processo eu aprendi com as mulheres, grupo reflexivo, com acúmulo de informações, de centro, de documentação, de pesquisas bem-feitas, organizadas, com rigor metodológico [...] com a construção de argumentos, fundamentado, com referência a coisa toda, para poder fazer a ação política e esse processo todo, só se dá a partir de um processo educativo. (Professor Jorge Lyra, Instituto PAPAI, 2024).

Como bem destaca o respectivo professor, a educação não formal tem um lugar central no trabalho desenvolvido pelo Instituto PAPAI, onde a partir da sua proposta político-pedagógica são elaborados planos de ação na tentativa de intervir nessas realidades. Essa formação política, possibilita que esses sujeitos reflitam conscientemente acerca das relações e espaços que se encontram inseridos, mas também construam elementos emancipatórios que evidenciem na sua transformação.

Vale salientar que o princípio educativo proposto pelo Instituto PAPAI surge a partir da ótica da coletividade, ou seja, a construção de conhecimentos emerge de um ato conjunto, dialógico e participativo. Nesse processo de envolvimento, são construídas diferentes estratégias e linhas de atuação através da realização de debates e formações que potencializam um processo educativo a partir de uma mirada coletiva. Ao tratar desses movimentos de integração, Souza (2001) destaca que

A ação dos seres humanos organizados sobre o mundo concreto a ser transformado, além de nos constituir como humanos, nos faz sujeitos da existência. A consciência apenas não nos leva a lugar nenhum. A transformação só acontece pela ação consciente. Não apenas agir. Agir conscientemente. Não apenas pensar. Pensar agindo e agir pensando. (Souza, 2001, p. 194).

Tomando como base esse princípio de ação consciente proposto pelo autor, entendemos que só a partir do despertar dessa capacidade reflexiva de entender a realidade e os problemas que se encontram inseridos ao seu redor, será possível introduzir uma nova configuração. Isto porque, a riqueza do agir consciente se encontra não apenas no movimento de leitura da realidade, mas principalmente na sua capacidade de buscar soluções para a superação das problemáticas que cercam a mesma.

É nesse movimento de ação consciente apontado por Souza (2001) que temos assistido as diferentes iniciativas que vem sendo desenvolvidas pelas organizações que atuam a partir de uma perspectiva feminista, as quais a partir de um agir consciente tem denunciado os quadros de desigualdade e anunciado outras formas de viver. Nesse processo de disputa, os fundamentos teóricos-epistemológicos do feminismo têm apresentado inúmeras possibilidades para que possamos reeducar esses indivíduos num agir consciente.

Nesta perspectiva, ao destacar os esforços empreendidos pelo Instituto PAPAI na tentativa de constituir outras referências de masculinidade, de sociedade, Mariana (2024) revela um pouco das ações desenvolvidas por essa organização

Então, a gente fazia todo esse trabalho, muita reflexão, pesquisa, a gente usava bastante bater muito nessa tecla, em todo lugar que a gente ia falava disso, que era as barreiras individuais, institucionais, culturais. Então, no Instituto PAPAI, a gente estava sempre pensando nessas dimensões, nesse foco de ação, o tempo que estava na comunidade fazendo uma oficina com um homem jovem da Várzea e batendo na tecla das barreiras individuais, como o machismo [...] a gente estava fazendo campanha pensando barreiras culturais, valores sociais que sustentam essas relações micro e também estava ali pensando em barreiras institucionais, ou seja, as legislações, as políticas públicas, como é que elas estão ali reproduzindo papéis tradicionais de gênero, machismo, racismo, LGBTfobia, etc. (Mariana, Instituto PAPAI, 2024).

Como podemos verificar, a atuação do respectivo instituto vislumbra uma ação consciente por parte dos seus integrantes, tal qual propõe Souza (2001), visto que sua proposta de trabalho parte da reflexão, do estudo e pesquisa, condições imprescindíveis para o despertar de um agir consciente. Acreditamos que na medida em que esses sujeitos são convidados a pensar as barreiras individuais, institucionais e culturais que atravessam suas vidas, são possibilitadas condições para que venham denunciar os arranjos hegemônicos.

Esse compromisso com a denúncia da realidade perversa também tem sido assumido pelo Instituto MasCS, o qual tem mobilizado uma série de enfrentamentos e ações na tentativa de construir outros arranjos sociais. Numa perspectiva de visibilizar a urgência da luta em defesa da legalização do aborto que ainda se encontra tão estigmatizada, essa organização tem produzido materiais pedagógicos nas suas redes sociais que evidenciem o “Dia de Luta pela Legalização do Aborto em América Latina e Caribe”.

Figura 31: Card de mobilização pela legalização do aborto



Fonte: Instagram do Instituto MasCS⁴⁶

⁴⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em: 20 Ago. 2024.

Entendemos que a difusão dessas informações cumpre com importante papel político-pedagógico, pois além de desconstruir o imaginário patriarcal em torno dessa prática que ainda se encontra repleta de tabus, possibilita o acesso a um conhecimento essencial, principalmente, quando pensamos as vidas das mulheres. Ao difundir essa pauta nas redes sociais, o Instituto MasCS também reconecta diferentes territórios em torno desse debate, possibilitando um maior alcance e troca de experiências entre os diferentes contextos.

Ao incorporar em sua estrutura de trabalho pautas como a legalização do aborto, o fim da violência de gênero, essas organizações realçam sua identidade institucional feminista, na qual estabelecem um comprometimento com a produção de experiências fundamentadas nessa perspectiva. Esse posicionamento, busca construir novos sentidos em torno da relação entre homens e feminismos, uma vez que esses sujeitos são fundamentais na luta contra o patriarcado. Acerca dessa relação, Agostina (2024) destaca

[...] somos uma instituição feminista, todas nós, independentemente de sermos homens ou mulheres ou o que quer que seja, nos reconhecemos como feministas e levamos a lógica feminista a todo nosso trabalho. (Agostina, Instituto MasCS, 2024).

O apontamento dessa integrante do Instituto MasCS evidencia a perspectiva de trabalho dessa organização, a qual concebe o feminismo enquanto uma política acessível e necessária a todos/as, visto que sua proposta prevê a constituição de uma justiça social onde todos serão beneficiados/as. Dada essa compreensão, essas organizações têm tecido um comprometimento com suas pautas, de modo que venhamos construir elementos emancipatórios nos diferentes espaços e instituições. Dessa ótica, Joaquín também destaca

É basicamente o fundamento ideológico do Instituto, o feminismo, os feminismos no sentido plural e amplo. Estávamos indo tanto em termos ideológicos, políticos e metodológicos em muitos casos, como também em relação à forma de viver, o trabalho do Instituto através do corpo e da sensibilidade e um pouco da própria experiência. (Joaquín, Instituto MasCS, 2024).

Em meio estas considerações, podemos afirmar que os fundamentos e práticas do feminismo seguem orientando o desenvolvimento dessas experiências de trabalho com homens, onde a partir dos seus princípios estes sujeitos tem formulado novas proposições políticas, éticas e epistemológicas para construir um bem viver. Estes movimentos são fundamentais para que estes sujeitos venham rever seus discursos e práticas na arena de gênero. Seguindo essa linha de compreensão, Fabbri (2018) destaca que

[...] la perspectiva feminista, de las más críticas entre las perspectivas críticas, brinda herramientas conceptuales y metodológicas claves en la tarea de someter a cuestionamiento y colocar bajo sospecha todas aquellas prácticas hegemónicas que se mantienen naturalizadas, y que son habitualmente reproducidas en el seno de las

organizaciones de los sectores subalternos, incluso cuando se proponen cambiar radicalmente el orden social. (Fabri, 2018, p. 107-108).

São estes fundamentos apontados pelo autor que sinalizam para a potencialidade dessa perspectiva, a qual tem permitido que organizações como o Instituto PAPAI e o Instituto MasCS constituam um trabalho efetivo nos territórios onde se encontram situados, mas também em outros espaços, visto que essas experiências têm sido tomadas enquanto referências em outros contextos. Em detrimento disso, acreditamos que suas práticas têm apresentado um importante enfrentamento a lógica hegemônica do patriarcado.

Ao constituir essas experiências de luta a partir de uma postura crítica, essas organizações conseguem produzir um outro imaginário em torno da sociedade, permitindo que seus integrantes realizem um processo de reflexão interno. Ao falar dessas experiências que foram proporcionadas, Daniel (2024) destaca as possibilidades que surgiram a partir da sua participação no Instituto PAPAI, a qual permitiu refletir acerca da sua experiência com feminismo sendo um homem homossexual

[...] junto da perspectiva teórica do feminismo, da leitura, tinha uma reflexão, uma reflexão pessoal também, que era feito, que era estimulado, que acontecesse na organização. Eu acho que isso ajudava muito também. Então, por exemplo, quando era perguntado porquê, a gente estava ali ou simplesmente está na organização e trabalhar com aquelas questões para mim me levou a um processo de reflexão e de enxergar o que é essa ideia de masculinidade, da masculinidade hegemônica que ideia vendida, que perspectiva propagada, que a gente tem que ser aquele tipo de homem. Então, eu comecei a ver que eu nunca tinha sido aquele homem, sabe? E que eu tinha sofrido muito a minha vida toda, porque eu não conseguia ser aquele homem, não era, nunca tinha sido visto como um homem másculo, como um homem que era o fodão dos esportes, o que chegava nas mulheres. Eu era um cara quieto, muito tímido, pequenininho e tal, pouco desejado, com autoestima **** [...] (Daniel, 2024, Instituto PAPAI).

Conforme aponta Daniel (2024), para além das ações que ocorriam numa esfera maior, pensada para o público externo da instituição, o Instituto PAPAI detinha igualmente de uma preocupação com a formação dos seus integrantes, pois entendia que era necessário promover espaços de diálogo, discussão teórica, reflexões em torno das experiências desses indivíduos. Essa compreensão também levava em consideração que uma parte dos seus integrantes se encontravam em processo de formação acadêmica.

Neste sentido, ao passo que realizava esses movimentos formativos dentro da sua estrutura de trabalho, o respectivo instituto também possibilitava que esses sujeitos pudessem realizar um processo reflexivo em torno das suas experiências de vida a partir de uma análise feminista de gênero. Esses deslocamentos permitiam compreender os arranjos socioculturais

nos quais se encontravam inseridos, mas também construir novas narrativas e práticas no âmbito das suas experiências.

Neste sentido, entendemos que a aproximação com a perspectiva feminista cria possibilidades para que mulheres e homens reconduzam suas vidas a partir de um comprometimento político com os seus ideais e valores, onde suas narrativas e práticas estejam fundamentadas nesse viés. Hooks (2020), por sua vez, destaca a urgência de inserirmos os homens nesse debate, de modo que venhamos constituir um núcleo de masculinidade feminista, entendendo-o na condição de

[...] un compromiso con la igualdad de género y la reciprocidad como algo crucial para la interacción y la asociación en la creación y el sostenimiento de la vida. Este compromiso siempre privilegia la acción no violenta sobre la violencia, la paz sobre la guerra, la vida sobre la muerte. (hooks, 2020, p. 111-112).

Esse princípio de masculinidade feminista apontado por hooks (2020) vem sendo gestado por organizações como o Instituto PAPAI e o Instituto MasCS, onde suas ações se consolidam enquanto potentes núcleos feministas para o trabalho com homens. Acreditamos que suas práticas educativas proporcionam um maior alcance e difusão das pautas feministas, tendo em vista as experiências de diálogo e construção coletiva de conhecimentos que são produzidas através da participação em diferentes manifestações de luta.

Figura 32: Caminhada 08 de março (2010)





Fonte: Site do Instituto PAPAI⁴⁷

A participação do Instituto PAPAI nesses espaços coletivos, reforça seu comprometimento com as lutas feministas, uma vez que a partir dessas ações são constituídas uma série de enfrentamentos e denúncias das estruturas patriarcais que seguem marginalizando, inferiorizando ou mesmo silenciando as vidas das mulheres. Trazer esse debate para as vias públicas, conforme na imagem em destaque, significa possibilitar o acesso para que todos/as possam refletir acerca dessa realidade que se encontra invisibilizada.

Preocupações semelhantes têm orientado a atuação do Instituto MasCS, onde a partir da produção de materiais informativos em suas redes sociais tem apresentado conteúdos pedagógicos a partir de uma perspectiva feminista, mas também denunciado o cenário de perversidade imposto pelo patriarcado. Entendemos que esses instrumentos adotados pela respectiva instituição são imprescindíveis para uma abordagem acerca desse tema na atualidade, uma vez que estamos vivenciando uma era digital.

⁴⁷ Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

Figura 33: Card em alusão aos primeiros 7 anos do Movimento Nenhuma a Menos



Fonte: Instagram do Instituto MasCS⁴⁸

Neste sentido, a alternativa adotada pelo Instituto MasCS se apresenta enquanto eficiente, uma vez que as redes sociais têm um alcance imensurável, principalmente, quando pensamos o acesso desse conhecimento a população mais jovem que atualmente se encontra hiperconectada aos dispositivos digitais. Acreditamos que a partir dessa proposta, são possibilitados canais de diálogo entre pessoas de territórios distintos, mas também a construção de parcerias entre organismos que atuem numa mesma perspectiva.

O componente das redes sociais pode ser compreendido enquanto uma importante ferramenta pedagógica para aproximar os homens da política feminista, dada sua capacidade de estabelecer diálogos, além da ampla difusão e facilidade no acesso aos conteúdos. Como sinaliza hooks (2020, p. 112) *“los hombres necesitan un pensamiento feminista. Es la teoría que apoya su evolución espiritual y su alejamiento del modelo patriarcal. El patriarcado está destruyendo el bienestar de los hombres, quitándoles la vida a diario”*.

Compactuamos com o pensamento de hooks (2020), visto que o feminismo apresenta alternativas viáveis para que estes sujeitos venham se afastar dos padrões patriarcais. Ainda assim, constatamos que persiste um imaginário arcaico acerca da política feminista, principalmente, a partir da ascensão dos governos de extrema direita que propagam um conjunto

⁴⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em: 20 Ago. 2024.

de inverdades e estereótipos em torno desses movimentos contra-hegemônicos. Ao tratar dessas questões no contexto da Argentina, Nicolas faz o seguinte destaque

[...] entendemos que existe uma demonização, uma estigmatização permanente da palavra feminismo na Argentina. Neste contexto, com este Governo de ultradireita, com as mulheres e com as políticas de gênero e diversidade e com o encerramento de ministérios, estamos num contexto complexo onde o feminismo se torna ainda mais complexo para os homens, mas onde ao mesmo tempo sentimos que é fundamental, porque se não essas lutas, essas frustrações, esses sofrimentos são organizados pelo ódio. (Nicolas, Instituto MasCS, 2024).

A demonização do feminismo, conforme aponta Nicolas (2024), consiste numa recorrente estratégia utilizada pelos governos dominantes, os quais se utilizam de um arsenal de dispositivos para difundir inverdades em torno desse movimento. A deturpação das suas pautas, dos seus trajetos de lutas, desencadeia num processo de ódio a política feminista, fazendo com que os quadros de violência e desigualdade continue sendo operando sem que haja nenhum questionamento.

Essa pauta foi recorrente durante os diálogos realizados com os integrantes do Instituto MasCS, os quais demonstraram preocupação com a continuidade do trabalho com temas como gênero, masculinidade, feminismo e diversidade. Isto porque, o atual governo de extrema direita representado pelo presidente Javier Milei tem imposto uma série de retrocessos em torno dessas pautas, o que inviabiliza a continuidade dos avanços alcançados nas últimas décadas. Acerca desse processo, Joaquín (2024) realiza a seguinte denúncia

[...] estamos exaustos, porque estamos a suportar a agenda reacionária de extrema-direita que temos de viver. Em particular, hoje foi anunciado, já tinha havido uma situação ligada à questão do Ministério da Mulher, Gênero e Diversidade que Milei dissolveu e deixou uma subsecretaria e hoje anunciaram que vão parar, ou seja, não haverá nenhuma instância no país onde a questão de gênero será abordada centralmente na Argentina. (Joaquín, Instituto MasCS, 2024).

Estes apontamentos, reacendem a necessidade de uma atenção em torno dessas pautas, de modo que estejamos vigilantes para garantir a permanência das conquistas alcançadas a partir das lutas coletivas, tendo em vista as constantes ameaçadas, ataques e tentativas de retrocessos, conforme alerta Joaquín (2024). Vale destacar que desde o processo eleitoral da Argentina, o Instituto MasCS tem desempenhado um papel fundamental na denúncia do projeto político do governo Milei.

Figura 34: Card utilizado nas eleições de 2023



Fonte: Instagram do Instituto MasCS⁴⁹

Esse cenário, por sua vez, apresenta inúmeros desafios para que venhamos alcançar a equidade de gênero, principalmente, no que se refere ao comprometimento masculino com a política feminista. Outra dificuldade que tem sido constante, consiste na falta de investimentos em organizações que atuem nessa perspectiva contra-hegemônica, o que faz com que essas iniciativas fiquem a mercê de investimentos, reduzindo suas possibilidades de trabalho. Sob este aspecto, Luciano destaca

[...] é necessário levar em consideração a escassez de recursos e de tempo e cabeça disponíveis para o desenvolvimento do Instituto porque em nenhum desses anos

⁴⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em: 20 Ago. 2024.

tivemos uma pessoa dedicada exclusivamente ao desenvolvimento do Instituto, nunca tivemos uma pessoa remunerada ou contratada para realizar esse trabalho, além de existirem projetos que permitiam remuneração, digamos para algumas tarefas, tendo em conta estes fatores, ainda que alguns de nós, embora pertencendo simultaneamente ao instituto, tenhamos desempenhado algumas funções públicas com muito empenho de tempo, mesmo com todos esses fatores, acho que conseguimos desenvolver, digamos, uma voz pública com uma certa autoridade ou legitimidade naquilo que faz, certo? porque fazemos com compromisso, porque fazemos com paixão, porque fazemos com convicção, porque fazemos com rigor. (Luciano, Instituto MasCS, 2024).

Estes apontamentos revelam algumas circunstâncias que cercam o trabalho nesse campo, como a escassez de recursos destacada pelo integrante do Instituto MasCS, mas também a atuação desses sujeitos que desempenham esse trabalho sem nenhuma remuneração, onde atuam de maneira simultânea com outras atividades. Essa realidade, por sinal, expõe a falta de preocupação do poder público com investimentos em iniciativas dessa natureza, que vislumbrem a transformação dessas relações.

Entendemos que investimentos financeiros que apoiem essas iniciativas são fundamentais para que venhamos consolidar um trabalho com efetividade a partir do auxílio de recursos e financiamentos para que profissionais possam se dedicar exclusivamente para realização desse trabalho. Ainda assim, mesmo diante dessas dificuldades, percebemos um enorme comprometimento dos integrantes dessa organização, onde tem realizado esse trabalho com dedicação, rigor e seriedade.

Embora o cenário enfrentado por essas organizações apresente alguns entraves, acreditamos que suas ações têm apresentado importantes enfrentamentos a essa lógica hegemônica, potencializando a constituição de outras experiências. Como podemos observar ao longo dos relatos dos integrantes, a luta feminista não ocorre de maneira isolada, sozinha, mas parte de um compromisso partilhado coletivamente, na tentativa de ocasionar fissuras nesse sistema. Acerca desses processos de coletividade, o professor Jorge destaca as aprendizagens que surgem a partir desse viés feminista

O legado coletivo, compartilhado, no qual eu aprendi muito, com as mulheres feministas e o que nós construímos nesse processo todo. Hoje em dia, percebo que o legado é exatamente esse, essa história da formação tudo o que a gente faz e fez é um campo de pesquisa, um campo de intervenção, campo de políticas públicas que a gente precisa também cuidar. E como todo campo, precisa o tempo todo limpar, tirar o mato, botar água, trocar a terra, botar sementes, continuar botando sementes, para ver se brotou e o que que não brotou. (Professor Jorge, Instituto PAPAI, 2024).

Como bem pontua o Professor Jorge, o feminismo aponta para um processo de aprendizagem mútuo, um espaço de partilha de afetos e solidariedade que se encontra em constante construção, necessitando ser cuidado. É também um território que entende a urgência

da participação masculina, de modo que os homens possam partilhar suas experiências e coletivamente construir um legado onde possam sonhar com uma justiça de gênero. Fabri (2018) considera

Esa relación que los feminismos nos interpelan a transformar es precisamente la relación de poder forjada al calor del dispositivo de masculinidad. Por ello es que devenir feministas, para los sujetos socializados en la masculinidad, es embarcarnos en una lucha contra nosotros mismos y los monstruos cotidianos que nos habitan, contra nuestros propios machismos y violencias, contra los mecanismos en los que fuimos socializados y entrenados para llegar a ser lo que somos. (Fabbri, 2018, p. 82-83).

Concordamos com Fabri (2018), entendendo que na medida em que o feminismo tenciona as estruturas hegemônicas de poder, possibilita a transformação das nossas experiências pessoais e/ou coletivas. Esse movimento, por sua vez, propõe não apenas atuar na desestruturação do patriarcado, dos machismos e sexismo que cercam nossa realidade, mas também revisitar a nós mesmos, pensando nossa subjetividade, nossos sentires e sobretudo nosso lugar no enfrentamento dessa lógica.

8.2 O anúncio da realidade diferente e as novas possibilidades a partir das organizações de trabalho com homens

Não há dúvidas de que o anúncio apresenta uma dimensão futurista, onde surge na condição de possibilidade, ou seja, não se encontra determinado ou mesmo concluído, mas em constante processo disputa e elaboração. Como bem destacou Freire (2000), existem diferentes possibilidades de futuro, sendo necessário, portanto, forjar estratégias políticas que assegurem as condições necessárias para venhamos constituir um cenário de boniteza, no qual seja possível sonhar com um amanhã diferente.

A imprescindibilidade da dimensão anunciativa, decorre da sua capacidade de profetizar um novo mundo, dada a incapacidade das ideologias deterministas e fatalistas de enxergar outras possibilidades. Entendemos que o movimento de anunciar, permite não apenas denunciar as estruturas opressivas que sustentam os projetos de desigualdade, mas também profetizar o surgimento de experiências fincadas numa justiça social e de gênero, a exemplo do Instituto PAPAI e do Instituto MasCS.

Impulsionados nesses movimentos de anúncios e denúncias, enxergamos nas lutas gestadas por essas organizações movimentos esperançosos que desencadeiam um conjunto de intervenções na tentativa de formular outras realidades. Ainda que apresentem suas especificidades, estas experiências político-pedagógicas comungam de um mesmo ideal, a

desejabilidade de constituir outro cenário para as masculinidades a partir de um viés feminista. Acerca desses processos, Nicolas destaca que

[...] a nossa contribuição no trabalho com os homens persegue o objetivo da erradicação da violência que é uma meta que nunca se perdeu, ampliou-se o número de organizações que trabalham com homens, que lutam, são muitas na Argentina. E, como compartilhamos em linhas gerais o consenso, que finalmente o nosso trabalho é em relação à erradicação das violências, desde gênero, feminismos. (Nicolas, Instituto MasCS, 2024).

Como podemos observar no destaque de Nicolas (2024), os objetivos do Instituto MasCS sempre estiveram bem delimitados dentro da sua estrutura de trabalho, o que reforça a consistência da sua proposta político-pedagógica, assim como o comprometimento dos seus membros com o andamento desse projeto que vem sendo trilhado coletivamente. Seus ideais, anunciam novas oportunidades para que venhamos constituir uma realidade diferente, a partir de novas projeções para o exercício da masculinidade.

Figura 35: Encontro de sensibilização em gênero e masculinidades (2022)⁵⁰



⁵⁰ Conforme consta na legenda de publicação da respectiva organização “No dia 27 de maio foi realizado um encontro de conscientização sobre gênero e masculinidades com lideranças e trabalhadores da A.A.C. e S.A.C. A proposta formulada pelo Ministério da Cultura, Educação, Desporto e Juventude; a Área Mulher, Gênero e Diversidade da Secretaria de Desenvolvimento Social do Município de Las Parejas; e o *Instituto de Masculinidades y Cambio Social* (IMyCS) foi desenvolvido no âmbito de um acordo assinado com o Ministério de Igualdade, Gênero e Diversidade da Província de Santa Fé. Da abertura participaram o Diretor Provincial de Promoção de Direitos à Igualdade, Mariano Espinosa, e a Coordenadora Geral do Sul de Santa Fé do Ministério da Igualdade, Gênero e Diversidade, Jackeline Romero” (Instituto MasCS, 2022).



Fonte: Instagram do Instituto MasCS⁵¹

Na medida em que assistimos estas ações desenvolvidas pelo respectivo instituto, também percebemos o surgimento de organizações que atuam numa perspectiva semelhante, conforme destacado anteriormente por Nicolas (2024). Entendemos que a ampliação dessas experiências de luta é fundamental para a construção de enfrentamentos a lógica dominante, uma vez que recupera nossa capacidade esperançosa de sonhar com um amanhã diferente. Ainda de acordo com Nicolas (2024)

Temos avançado muito nos últimos anos em termos gerais na realização destas conversas não só em ambientes formais na escola, mas também em algumas outras instituições da sociedade civil, os clubes, como te disse, os sindicatos, fazem parte deste trabalho que tem também a ver com isso, particularmente, em alguns espaços de trabalho de forma análoga ao que nas escolas são professores, formadores, ativistas, treinadores, tutores de clubes ou centros comunitários onde também formamos essas referências e entendemos que os processos de educação sexual integral avançam em ambientes não formais, que também são significativos para a transformação da vida das comunidades e para combater um pouco desses discursos mais da reação do ESI (educação sexual integral) (Nicolas, Instituto MasCS, 2024).

Estes avanços, podem ser interpretados enquanto resultado de um conjunto de fatores, dentre os quais, destacamos o reconhecimento do trabalho comprometido que vem sendo desenvolvido pelo respectivo instituto, bem como a emergência das discussões sobre gênero, feminismos e masculinidades que ganham cada vez mais visibilidade na arena social. De um modo geral, acreditamos que essas configurações têm suscitado um maior interesse e necessidade de compreender o tema.

⁵¹ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em: 20 Ago. 2024.

Ainda sob este aspecto, observamos a existência de uma maior abertura por parte de algumas instituições, como escolas, sindicatos, clubes, dentre outras, as quais tem despertado para urgência de incorporar esses diálogos dentro da sua estrutura de trabalho. Ao passo que realizam esse movimento, constituem oportunidades para formular coletivamente um sistema de valores e ideais que estejam fundamentados numa política de justiça social e de gênero. Partindo desse princípio, Mendez (2002) alerta que

Es muy difícil que realización de estas tareas se produzca y se sostenga sólo desde voluntarismos y cambios individuales. Para que sea posible será necesario el desarrollo de estrategias grupales y sociales, políticas que ayuden a los varones a hacerlo permitiéndoles apoyarse en algunos valores distintos –o redefinidos– a los de la masculinidad hegemónica, sin que pierdan ante sí mismos su propio valor como varón–persona. Y para ello, el modo óptimo debería ser el diseño de políticas que estimulen esos deseos, contribuyan a crear nuevos ideales, favorezcan nuevas prácticas y apoyen la producción y la promoción del cambio masculino. (Mendez, 2002, p. 23).

Convergindo com essa linha de pensamento do autor, entendemos que é imprescindível a criação de estratégias coletivas que envolvam os homens, de modo que seja possível o estabelecimento de um diálogo em torno das questões que atravessam suas experiências na arena do gênero. Isto porque, para além de evidenciarmos as consequências que o patriarcado impõe para suas vidas, necessitamos também apresentar outras alternativas para que esses sujeitos possam conduzir suas práticas sociais.

Tendo como base o desenvolvimento dessas experiências com homens, as quais introduzem novas perspectivas de gênero no âmbito social, Mariana destacou a contribuição do Instituto PAPAÍ no processo de formulação da política nacional de atenção integral à saúde dos homens no Brasil, um marco importante nas políticas públicas voltadas para população masculina. Acerca do processo de diálogo, elaboração e implementação dessa política, a respectiva integrante fez o seguinte destaque

[...] uma coisa muito marcante, muito importante, uma contribuição que o Instituto PAPAÍ deu, que eu estive diretamente envolvida, foi o processo de formulação da política nacional de atenção integral à saúde dos homens, que foi muito importante, foi muito marcante, porque a gente teve uma contribuição assim... Eu, quando vejo o texto da política, percebo ali a nossa marca, porque foi disputa, inclusive como surgiu esse debate sobre a política nacional de saúde do homem. A gente ficou de olho em pé, porque sabia que ia vir uma perspectiva médica e havia uma disputa ali sobre concepção do que é saúde, a gente comprou essa briga com a sociedade brasileira de Urologia, que queria colocar aquele viés reducionista do que é a saúde do homem, reduzindo a atenção à saúde do homem a urologia. Então, quando teve o lançamento da política, a gente investiu forte nesse processo de *advocacy*, para entender como é que seria implementada essa política. A gente participou da formulação, da discussão de como seria levado para os estados, para os municípios. (Mariana, Instituto PAPAÍ, 2024).

A partir do relato de Mariana, constatamos algumas das inúmeras possibilidades surgidas a partir da atuação dessa organização, onde vem sendo possível incorporar conhecimento científico e ativismo político num mesmo ideal. Seguindo esse ponto de vista, acreditamos que a ampliação desse debate em diferentes espaços não apenas fortalece o trabalho com o tema das masculinidades, como também potencializa o surgimento de caminhos alternativos para superar os entraves que ainda se fazem presentes.

Ainda assim, necessitamos destacar que esse processo não ocorre de maneira pacífica, sem nenhum confronto, mas, ao contrário, se encontra enviesado em disputas políticas e epistemológicas, nas quais distintas concepções de masculinidades são trazidas à tona. Esse fato, por sua vez, reforça a imprescindibilidade de um fundamento teórico-epistemológico como o feminismo que venha guiar e justificar as linhas de ação nas quais são propostas essa frente de trabalho.

Entendemos, pois, que o anúncio da política nacional de atenção integral à saúde dos homens no Brasil sinaliza para o despertar das necessidades e demandas apresentadas pela população masculina, assim como aponta para a denúncia da escassez de propostas voltadas para pensar estes sujeitos. Esses engendramentos, revelam que não é mais possível a continuidade de uma visão estereotipada e reducionista acerca das masculinidades, se faz necessário a constituição de outros sentidos, visto que

[...] los varones de hoy comienzan a reconocer que las cosas para ellos no tienen por qué seguir siendo de ese modo, y están empezando a contemplar, como una de las mejores maneras de resolver el conflicto, la intervención social sobre las leyes del sistema. También se esmeran por replantear la forma como hasta ahora han definido su problemática. (Leal, 2008, p. 98).

Tendo como base os argumentos apresentados por Leal (2008), entendemos que as agendas feministas, por exemplo, tem possibilitado aos homens refletir acerca da sua posição na sociedade, conduzindo-os numa mudança de discurso e prática, uma vez que não é mais aceitável a perpetuação dos quadros hegemônicos de gênero. Imerso nessa busca, acreditamos que as organizações que atuam com homens a partir de uma perspectiva feminista apresentam condições para que esses sujeitos constituam novas experiências.

Ao analisarmos a agenda de trabalho dessas organizações, identificamos uma abordagem ampla, com diferentes temas que atravessam as experiências masculinas, como violência de gênero, direitos sexuais, diversidade e paternidade. Com relação ao último tópico, destacamos algumas ações do Instituto PAPAI que abordam o exercício da paternidade,

entendendo que essa pauta é essencial para que venhamos garantir o exercício de masculinidades mais comprometidas com a prática do cuidado.

Figura 36: Roda de diálogo sobre paternidade, homens e cuidado em comemoração ao dia do Pai- Recife (2018)



Fonte: Site Instituto PAPAÍ⁵²

Figura 37: Campanha “Pai não é visita!” Ato público na Estação Central de Metrô- Recife (2007)



Fonte: Site do Instituto PAPAÍ⁵³

⁵² Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/>. Acesso em: 15 jun. 2024

⁵³ Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/>. Acesso em: 15 jun. 2024

Acreditamos que ações dessa natureza trazem consigo um potencial político-pedagógico para que venhamos problematizar o exercício da paternidade dentro de uma estrutura de gênero que condiciona exclusivamente as mulheres a prática do cuidado, bem como repensar qual o papel do homem na modificação dessa realidade. Isto porque, percebemos que estas intervenções avançam na construção coletiva de alternativas que ampliem as possibilidades de masculinidades comprometidas com a equidade de gênero.

Convergindo com essa linha de atuação, o Instituto MasCS também tem desenvolvido ações para refletir acerca do exercício da paternidade, visto que não há como introduzir uma mudança radical nas estruturas de gênero sem antes discutir a forma como os homens tem exercido a prática do cuidado. Entendemos, portanto, que se faz urgente responsabilizá-los e principalmente educá-los para o exercício de uma paternidade sensível, humana e acolhedora.

Neste sentido, na busca de constituir formas saudáveis de paternagem, a utilização de campanhas educativas tem despontado enquanto uma estratégica aliada nesse processo, entendendo que estas abordagens trazem consigo novas perspectivas para repensar a prática do cuidado dentro da estrutura de gênero. Essa configuração tem ocorrido principalmente a partir da utilização de plataformas digitais, como o instagram, dado o alcance e visibilidade desses dispositivos na contemporaneidade.

Figura 38: Campanha sobre paternidades⁵⁴



Fonte: Instagram do Instituto MasCS⁵⁵

⁵⁴ Esta campanha foi desenvolvida pela Fundación Kaleidos em parceria com o Instituto MasCS.

⁵⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em: 20 Ago. 2024.

A constituição dessas reflexões tem possibilitado desmitificar o imaginário patriarcal que atravessa a prática do cuidado, mas também envolver e responsabilizar os homens nesse processo. Acreditamos que essas iniciativas são imprescindíveis para que venhamos introduzir estratégias de mudança, visto que potencializam a conscientização e transformação da prática a partir do exercício da reflexividade. É necessário destacar que todo esse processo tem sido conduzido a partir de uma perspectiva de feminista de gênero, como podemos verificar

[...] uma coisa que a gente sempre bateu a tecla, a gente insistia, era chato e acho que é o legado mesmo assim, é que a gente sempre ia debater masculinidades a partir da perspectiva feminista, pois não tem como fugir disso, sabe? Até porque a gente viu esse debate sobre masculinidades crescer e hoje nem se compara ao que era, mas nesse processo de crescimento, a gente sempre ficava brigando, marcando esse espaço de como deve ser o debate sobre masculinidade. Então, acho que nossa marca, de pensar as diferentes dimensões do debate, é a gente insistir e não abrir mão de pensar masculinidades a partir do feminismo. Acho que esse é o grande legado do PAPAI, porque tem gente discutindo paternidade, homem, violência, mas sustentar o lugar difícil, que é um lugar difícil, um lugar incômodo, foi a gente que sustentou isso durante muito tempo e de alguma forma, esse é o nosso legado maior. (Mariana, Instituto PAPAI, 2024).

Conforme destaca Mariana (2024), desde sua gênese, as ações e práticas desenvolvidas pelo Instituto PAPAI estiveram fundamentadas numa perspectiva feminista de gênero, problematizando os arranjos socioculturais constituídos em torno do masculino e feminino. Esta opção política assumida por essa instituição tem permitido questionar os quadros de desigualdades, assim como construir estratégias de enfrentamento a partir do desenvolvimento de propostas contra-hegemônicas.

Seguindo este viés, defendemos a ideia de que é imprescindível pensar os atravessamentos de gênero que cercam os homens a partir de uma perspectiva feminista de gênero, dada a insuficiência das teorias gerais de analisar a complexidade que envolvem estas relações, visto que a grande maioria foi formulada dentro de uma estrutura patriarcal de pensamento. Dito isso, acreditamos que as lentes teóricas das epistemologias feministas conseguem formular reflexões em torno dessa realidade, pois conforme destaca Rago (2004)

O feminismo tem uma dimensão política profundamente crítica e libertadora, que não pode ser negligenciada, afinal, foram e têm sido imensas as suas contribuições, especialmente ao questionar as formas e as práticas masculinas de um mundo que, misógino, é opressivo para as mulheres, e ao mostrar a maneira pela qual a ciência fundamentou essas concepções, com seus conceitos sedentários, mascarando sua realidade de gênero. (Rago, 2004, p. 38)

Compactuando com essa dimensão crítica e libertadora destacada pela autora, entendemos que as reflexões que emergem a partir das teorias feministas permitem discutir as

construções socioculturais que ainda sustentam esses modelos hegemônicos na atualidade. Ao mesmo tempo, possibilita avançar na proposição de alternativas que viabilizem a superação desse cenário que se encontra atravessado pelos padrões de uma cultura androcêntrica, patriarcal e misógina.

Por esta razão, tanto o Instituto PAPAI quanto o Instituto MasCS tem orientado o desenvolvimento das suas ações a partir desses fundamentos epistemológicos, ontológicos e político-pedagógico que apontam para as múltiplas possibilidades de construirmos uma agenda do gênero numa perspectiva de justiça social e equidade. Ao destacar as concepções que norteiam a atuação do Instituto MasCS, bem como o posicionamento das pessoas que compõem essa organização, Luciano (2024) realiza o seguinte destaque

[...] um aspecto fundamental do Instituto e principalmente do trabalho que fazemos com as masculinidades é esse, todos os membros, pelo menos da linha fundadora do Instituto nos reconhecemos como feministas, antes de começarmos a trabalhar as masculinidades já tínhamos um compromisso, uma implicação, um conhecimento da agenda e havíamos participado de militâncias feministas ou de esforços institucionais intimamente ligados ao movimento de mulheres, alguns de nós já fomos membros de articulações ligadas ao direito ao aborto ou contra a violência machista, antes de começarem a trabalhar as masculinidades. (Luciano, Instituto MasCS, 2024).

Esse reconhecimento e principalmente comprometimento com a agenda feminista apontado por Luciano (2024), sinaliza para o lugar central que essa perspectiva ocupa dentro dessas organizações, onde tem orientado seu plano de trabalho. Outra questão, consiste na esfera individual dos/as membros/as dessas organizações, tendo em vista que independente da sua condição de gênero, todos/as se reconhecem enquanto feministas. Ao assumirem essa identidade, se posicionam no mundo a partir dos seus princípios.

A posição assumida por esses indivíduos, culmina num processo de envolvimento político, pedagógico e afetivo, no qual cumplicidades são estabelecidas a partir de um objetivo comum que é o processo de despatriarcalização do mundo no qual vivemos. Acreditamos que esse despertar para luta feminista, sobretudo, quando assumido por homens, se faz fundamental para que venhamos alcançar o que hooks (2020) vem definir como masculinidade feminista. Na concepção defendida pela autora

La masculinidad feminista presupone que basta con que los hombres existan para que tengan valor, que no tienen que «hacer», «actuar»>>, para ser aceptados y amados. En lugar de definir la fuerza como «poder sobre», la masculinidad feminista define la fuerza como la capacidad que uno tiene para ser responsable de sí mismo y de los demás. (hooks, 2020, p. 111).

Essa resignificação em torno do conceito de masculinidade, na qual esses sujeitos deixam se serem concebidos a partir dos pressupostos hegemônicos e assumem um

comprometimento político na produção de novas narrativas e práticas, torna-se fundamental para uma mudança efetiva no cenário das relações de gênero. Isto porque, entendemos que diferentes interpelações se encontram inter cruzadas em torno das experiências constituídas por esses sujeitos, conforme destaca Medrado e Lyra (2008)

A dominação dos homens sobre as mulheres e sobre o feminino não possui autoria única, mas uma constelação de autores, que inclui, além dos homens, a mídia, a educação, a religião, as mulheres e as próprias políticas públicas. Em outras palavras, partimos da perspectiva de que o poder coletivo dos homens não é construído apenas nas formas como os homens interiorizam, individualizam e o reforçam, mas também nas instituições sociais. (Medrado; Lyra, 2008, p. 826).

Dada essa compreensão, não há dúvidas de que necessitamos educar os homens numa postura de comprometimento com a política feminista, de modo que assumam novos discursos e padrões de comportamento na esfera das relações de gênero. Para além, necessitamos construir ferramentas pedagógicas que atuem nesse processo de despatriarcalização, pois conforme aponta Medrado e Lyra (2008), as instituições sociais tem contribuído veementemente para continuidade desses arranjos nefastos.

É nesse florescer que o ideal de masculinidade feminista ganha concretude, dado que o machismo, a misoginia e sexismo são interpelados enquanto consequência de um conjunto de dispositivos que atuam na sua proliferação. Diante dessa configuração, urge um pensamento crítico e reflexivo como o feminismo que possibilite entender os atravessamentos que cercam essas construções. Ao tratar dessas questões, Fabri (2018) destaca a necessidade de trabalhar com esses homens a partir dessa perspectiva

Entiendo que en este proceso se hacen indispensables al menos dos niveles de aproximación al feminismo. Por un lado, el acercamiento a sus producciones teóricas e intelectuales, de modo de interpelar, al menos en el plano de lo reflexivo, la mirada androcéntrica del mundo que es construida y reforzada en nuestra socialización en los discursos sociales sobre la masculinidad. Por otro lado, aunque de la mano con este primer nivel, deviene indispensable una aproximación a las prácticas feministas, comprometiéndose con sus luchas, construyendo complicidades políticas y afectivas que nos posibiliten practicar sucesivos abandonos de nuestro egocentrismo político, haciendo un lugar a los padecimientos de las oprimidas en nuestros esquemas de percepción y análisis de la realidad social. (Fabri, 2018, p. 107).

Concordamos com os apontamentos do autor, visto que desde as abordagens teórico-epistemológicas do feminismo até suas intervenções no campo político, novos sentidos são constituídos em torno da estrutura de gênero. De certo, a aproximação dos homens com essa perspectiva rompe com a definição propagada pelas ideologias fatalistas que se negam ao reconhecimento de experiências contra-hegemônicas, onde esses sujeitos assumam uma postura de comprometimento com a luta pela equidade de gênero.

Partindo dessa perspectiva apresentada por Fabri (2018), observamos nas linhas de atuação do Instituto MasCS a efetivação de um trabalho que contempla essas duas dimensões, tanto a produção teórica e intelectual do feminismo como também a construção de enfrentamentos a partir das lutas que vem sendo forjadas na arena política. Essas iniciativas evidenciam a permanente elaboração de estratégias forjadas por essas organizações na tentativa de introduzir outros cenários, como podemos observar abaixo

Figura 39: Material de formação e sensibilização⁵⁶



Fonte: Site do Instituto MasCS⁵⁷

⁵⁶ Conforme consta no site, este material foi com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

⁵⁷ Disponível em: <https://institutomascs.ar/recursos/>. Acesso em: 20 Ago. 2024.

Figura 40: Oficina com membros do Sindicato Ferroviário



Fonte: Instagram do Instituto MasCS⁵⁸

Estas ações desenvolvidas pelo Instituto MasCS avançam numa possível reestruturação das relações de gênero, visto que preveem a incorporação de um sistema de valores que se encontre fundado nos princípios de amorosidade, equidade e justiça de gênero. Esse movimento também se destaca por seu papel político, pois busca conectar os homens com os aportes teórico-epistemológicos e práticos dos feminismos, dada sua imprescindibilidade para constituir outros cenários de humanização.

Partindo desse princípio, defendemos a ideia de que só a partir da aproximação dos homens com os feminismos conseguiremos estabelecer novos padrões de comportamento, uma vez que essa ação permitirá que esses sujeitos revisitem seus discursos e práticas, mas também se comprometam com a construção de estratégias de enfrentamento a lógica patriarcal. Por esta razão, hooks (2020) defende a ideia de uma masculinidade feminista, entendendo que sua matriz está ancorada em

[...] un compromiso con la igualdad de género y la reciprocidad como algo crucial para la interacción y la asociación en la creación y el sostenimiento de la vida. Este compromiso siempre privilegia la acción no violenta sobre la violencia, la paz sobre la guerra, la vida sobre la muerte. (hooks, 2020, p. 111-112).

Tomando como princípio a definição da autora, entendemos que organizações como o Instituto PAPAI e o Instituto MasCS tem se consolidado enquanto importantes núcleos de masculinidade feminista, uma vez que tem se dedicado a pensar estratégias bem como construir

⁵⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em: 20 Ago. 2024.

alianças em torno desse propósito de amorosidade, liberdade e justiça social e de gênero. Suas atuações, portanto, podem ser concebidas enquanto ações contra-hegemônicas que surgem em defesa da vida.

Imerso nessas recorrentes tentativas de reorganização das dinâmicas sociais, percebemos que essas instituições têm se destacado não apenas pela sua capacidade de intervir politicamente nas problemáticas sociais, mas também por constituir espaços pedagógicos para que seus integrantes possam realizar uma autorreflexão. Ao destacar sua aproximação com a produção feminista, Daniel pontuou que esse contato permitiu reestabelecer uma nova relação consigo, como podemos observar no seguinte trecho

O cara quer performar essa masculinidade de forma muito forte, eu nunca fui isso, eu nunca consegui, até tentava às vezes, mas quebrava a cara porque não cabia, não era muito o que era, mas pela pressão eu tentava. Tentei imitar essa masculinidade, mas realmente não se encaixava muito. Então, eu enxergava com aquilo que o feminismo era bom para todo mundo, era bom até para mim sendo homem heterossexual, era bom para que eu pudesse perceber que eu não precisaria de repente, sofrer tanto por não conseguir me encaixar naquela forma de ser homem. E, eu não tinha aprendido a ser homem daquela forma, não tinha muito como como eu perseguir aquilo. Enfim, então eu acho que é isso, é essa reflexão pessoal junto com a teoria feminista que terminava ajudando muito a fazer com aquilo parecesse de fato que era o correto, a coisa certa a fazer, não apenas o meu trabalho, mas uma reflexão para mim também na minha busca por ser um homem melhor. (Daniel, Instituto PAPAI, 2024).

Na medida em que o respectivo entrevistado denuncia o modo como as construções patriarcais atravessam as experiências masculinas também destaca como os fundamentos do feminismo tem possibilitado construir outros cenários, entendendo que suas proposições anunciam novas referências de masculinidade. Esse processo, resulta de um trabalho coletivo, o qual baseado num processo de autorreflexão e conscientização possibilita que esses sujeitos reconduzam suas vidas.

Enxergamos nessas dinâmicas que vão sendo constituídas por essas organizações, o anúncio de uma realidade que ganha concretude a partir dos ideais utópicos que são forjados a partir das lutas desses sonhadores/as. É preciso destacar que esse movimento se encontra atravessado por processos de disputas que englobam a superação das contradições que ainda cercam esses sujeitos. Acerca desse processo, Mendez (2002) destaca que

Cambiar es transformar, dentro de sí y en lo social, la posición existencial sostenida y promovida por los mitos masculinos patriarcales, la que actúa globalmente como poderosa resistencia al cambio y genera habilidades en estrategias de resistencia,. cambiar supone incorporar nuevos ideales, realizando para ello el duelo por aquellos viejos ideales y las viejas ventajas, con el dolor consiguiente. Duelo que implica un arduo trabajo intrasubjetivo con sus sucesivos pasos de desidealización de lo viejo, distanciamiento, desligamiento, desenganche, tolerancia al vacío identificadorio, reelaboración y reestructuración identitaria, lo que debería llevar a desidentificarse del ideal masculino tradicional. (Mendez, 2002, p. 21-22)

Concordamos com o autor, entendendo que essa mudança em torno dos padrões patriarcais envolve uma transformação em várias dimensões, sejam elas a nível pessoal ou social. Nesse processo, o feminismo surge com um enorme potencial, onde permite a introdução de novos valores e princípios que venham realçar a vida desses sujeitos.

8.3 A educação feminista enquanto ferramenta pedagógica para despatriarcalização

Os princípios político-pedagógicos da educação feminista revelam a boniteza da produção de experiências mais justas, humanas e fraternas, onde possamos comungar de um bem-estar comum e coletivo. Suas proposições também se apresentam fundamentais para que venhamos atuar no processo de despatriarcalização, desmitificando as construções sexistas, machistas e misóginas que foram naturalizadas mediante a reprodução de um sistema que ainda difunde esses pressupostos hegemônicos enquanto verdades universais.

Enxergamos nessa proposta da educação, indícios que apontam para constituição de outros imaginários, dada sua capacidade de introduzir um novo sistema de valores que seja capaz de reestabelecer novas vinculações políticas e afetivas que avancem na produção de um amanhã diferente. Além disso, entendemos que sua matriz de pensamento se encontra ancorada numa proposta contra-hegemônica, onde propõe um trabalho a partir da sensibilidade, amorosidade e comprometimento com a coletividade.

Neste sentido, dada sua potencialidade, organizações como o Instituto PAPAI e Instituto MasCS tem se utilizado das bases epistemológicas, políticas e pedagógicas do feminismo para conduzir ações educativas com homens a partir desses fundamentos. Isto porque, reconhecem os elementos emancipatórios presentes nessa proposta, o que permite atuar no processo de conscientização, empoderamento e reflexão autocrítica dos seus sujeitos educativos.

Figura 41: Oficina com jovens da Escola Novaes Filho (2010)



Fonte: Site do Instituto PAPAI⁵⁹

Fundamentados nessa proposta de educação, o Instituto PAPAI, por exemplo, promoveu um conjunto de oficinas com estudantes da rede estadual de ensino de Pernambuco para discutir temáticas como o machismo, violência de gênero, feminismos, entre outras abordagens. Sua atuação nesse campo, representa um importante instrumento de empoderamento e emancipação, visto que possibilita aos estudantes discutirem temas que cercam suas vidas. Ao tratar dessas ações, Adrian (2024) que participou ativamente do desenvolvimento dessas oficinas realizou o seguinte destaque

O público que a gente trabalhava geralmente eram mais homens, a gente trabalhava nessa perspectiva e pensamento de não violência, pois o índice de violência contra as mulheres na época era muito crescente e tudo isso normalizado. E isso nos deixava inquietos. Então, a gente fazia muitos debates nas salas de aula e fazia muitas dinâmicas para poder se colocar tanto no lugar da mulher que é violentada, quanto no lugar do homem que geralmente a violenta [...] Então, a gente começava a fazer esse debate entre nós mesmos e depois levava para as escolas estaduais e municipais daqui do bairro e de outros bairros conhecidos. Assim, a gente trabalha primeiro internamente, para depois a gente levar para fora, expressar tudo aquilo que a gente também tinha de conceitos e preconceitos sobre tudo isso, para depois a gente trabalhar nas escolas, nas ruas. (Adrian, Instituto PAPAI, 2024).

Tendo como base tais apontamentos, percebemos que essa proposta adotada pelo Instituto PAPAI se converte num potente espaço pedagógico para o debate em torno das questões de gênero e masculinidade, visto que promove o despertar da consciência crítica dos seus sujeitos educativos através de um processo formativo. Também é perceptível uma

⁵⁹ Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

preocupação por parte dessa organização com a formação política-pedagógica dos seus integrantes, entendendo que estamos cercados por referências patriarcais.

Dentre suas inúmeras potencialidades, entendemos que a constituição dessa experiência pedagógica se converte num espaço para que esses sujeitos possam expressar seus sentimentos, angústias e/ou medos no decorrer do processo formativo. Acreditamos que contemplar essa dimensão da subjetividade humana torna-se essencial, visto que o patriarcado negou que os homens pudessem exercer essa condição humana ao longo das suas vidas, sendo muitas vezes tolhidos, subjugados e/ou punidos por esse mesmo sistema. Ao tratar dessas questões, hooks (2020) destaca que

Solo hay una emoción que el patriarcado valora cuando la expresan los hombres, esa emoción es la ira. Los hombres de verdad se enfadan. Y su enfado, por muy violento o transgresor que sea, se considera natural, una expresión positiva de la masculinidad patriarcal. (Hooks, 2020, p. 26).

Dado o reconhecimento destes malefícios apontados pela autora, acreditamos que a educação feminista se consolida enquanto uma importante ferramenta pedagógica para que venhamos atuar despatriarcalização do pensamento, bem como das instituições que ainda se encontram atravessadas por esses pressupostos. Ainda de acordo com Adrian (2024), a riqueza do trabalho desenvolvido pelo Instituto PAPAI parte justamente do diálogo com suas experiências de vida, de modo que os estudantes eram provocados a discutirem acerca do

[...] machismo, sobre as mulheres, fazia provocações no quadro e nas dinâmicas. Fazíamos provocações nos grupos para poder dali começar um debate: “- Ah, porque você acha que a mulher é...?”. Começava dali um debate, a gente entendeu que se fazia uma provocação, escutava a visão dos meninos, das meninas e depois problematizava com o grupo. (Adrian, Instituto PAPAI, 2024).

Os apontamentos do participante, revelam a presença dos princípios educativos do feminismo na condução dessa proposta, os quais são materializados a partir da construção coletiva de conhecimentos, da reflexividade, protagonismo e partilha de experiências que reacendem o desejo de mudança. Acreditamos ainda que estes ensaios pedagógicos possibilitam reconexões entre os indivíduos, visto que ocorre a partir de uma dimensão coletiva, onde conjuntamente constroem caminhos para a reinvenção da sua realidade.

Figura 42: Oficina com jovens da Escola Novaes Filho (2010)



Fonte: Site do Instituto PAPAÍ⁶⁰

O desenvolvimento dessas experiências também realça a potencialidade da educação enquanto instrumento de transformação, uma vez que permite que esses sujeitos assumam um protagonismo e leitura crítica da realidade na qual se encontram inseridos. Com base na fala de Adrian (2024), percebemos que uma das estratégias utilizadas para o trabalho com esses sujeitos tem sido a conscientização e empoderamento, de modo que os próprios estudantes viessem assumir uma postura ativa e crítica durante esse processo. Com hooks (2021) aprendemos que

El pensamiento feminista nos enseña a todos y todas, especialmente a los hombres, a amar la justicia y la libertad con el fin de potenciar y defender la vida. Claramente

⁶⁰ Disponível em: <https://institutopapai.blogspot.com/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

necesitamos nuevas estrategias, nuevas teorías, orientaciones que nos muestren cómo crear un mundo donde prospere la masculinidad feminista. (hooks, 2020, p. 106).

Concordamos com a autora, entendendo que o pensamento feminista reivindica o direito a viver com dignidade, amorosidade, justiça social e de gênero, de modo que venhamos estabelecer outras relações em torno das nossas experiências. É uma proposta inconclusa, uma vez que segue em curso, sendo passível de novas reivindicações e reflexões. Desta ótica, assistimos as inúmeras estratégias que vão sendo lançadas na perspectiva de garantir condições de criar um outro mundo, na qual a masculinidade feminista prospere, conforme propõe a respectiva autora.

Esse entendimento da urgência de uma masculinidade feminista pode ser identificado nas iniciativas gestadas pelo Instituto PAPAI, onde suas linhas de ação e projetos avançam na constituição de novas narrativas e/ou imaginários que apresentem um ideal de masculinidade que se distancie dos arquétipos impostos pelo patriarcado. Para tal, entendemos que a educação quando aliada aos princípios feministas se apresenta enquanto uma potente ferramenta pedagógica para despatriarcalizar, dada sua capacidade de introduzir caminhos alternativos, conforme destaca Mariana

Esse mundo que a gente vive, que a gente quer transformar, é a cultura, são os valores sociais e transformar isso com educação parece um clichê, mas é isso mesmo [...] a educação é a chave, porque tem que mudar o sujeito, tem que mudar os corações e mente para mudar a sociedade e fazer o mundo. [...] tinha gente que achava que a gente fazia atendimento, atendimento de pai, atendimento de homem, [mas] a gente não faz atendimento, a gente faz educação como o todo. O contato que a gente tinha diretamente com o nosso público, com os homens e também com os profissionais que também era nosso público, era trabalho na educação a partir de formatos educativos, grupo e formações para os profissionais, campanhas educativas, então, sempre era educação. A gente sempre queria chegar nesses homens com essa perspectiva, de forma educativa. (Mariana, Instituto PAPAI, 2024).

Ao incorporar o processo educativo enquanto *lócus* privilegiado para abordar essas questões, percebemos que essa organização tem elaborado um conjunto de estratégias no intuito de constituir experiências de gênero que estejam alinhadas com os fundamentos do feminismo. Tais propostas, apresentam um caráter pedagógico, uma vez que trazem consigo um conjunto de princípios que são repensados, discutidos e reelaborados a partir dos interesses e necessidades dos sujeitos envolvidos.

Mediante as considerações de Mariana (2024), percebemos que a concepção de educação adotada por essa organização se encontra centrada numa proposta feminista e popular, pois não está pronta e acabada, mas em permanente movimento, sendo construída mediante as necessidades que emergem dos seus sujeitos educativos. Essa compreensão de educação

abrange diferentes dimensões da vida humana, entendendo que constantemente estamos educando e sendo educados. Partindo desse princípio, Connell (2003) adverte que

La importancia de la educación para la política de la masculinidad se deriva de la ontoformatividad de las prácticas de género, del hecho de que nuestros decretos respecto a lo que es masculinidad y feminidad hacen que cierta realidad social se ponga en acción. La educación se discute a menudo como si sólo incluyera información, maestros y maestras que aplican dosis medidas de hechos en las cabezas de sus alumnas y alumnos; sin embargo, ésta es sólo una parte del proceso. A un nivel más profundo, la educación es la formación de capacidades para la práctica. (Connell, 2003, p. 322)

É essa formação de competências para prática apontada por Connell (2003) que necessitamos reestabelecer para que venhamos garantir a efetivação de uma proposta comprometida com processos educativos para as masculinidades e feminilidades que estejam livres dos modelos dicotômicos de gênero. Assim, urge cada vez mais pensar a educação numa proposta feminista e popular, que garanta condições para que seus sujeitos educativos desempenhem um papel ativo e participativo na transformação dos seus espaços.

Assumindo esse compromisso de construir intervenções a partir de uma proposta de educação pautada nesses princípios, o Instituto MasCS tem conduzido o desenvolvimento de ações educativas voltadas para o processo de sensibilização, reflexão e problematização da prática, de modo que os sujeitos envolvidos possam problematizar seus discursos e tecer um comprometimento na construção de uma equidade de gênero. Esse movimento se faz necessário, na medida em que permite que os participantes assumam uma responsabilização perante suas práticas.

Figura 43: Formação para as forças policiais e de segurança⁶¹



Fonte: Instagram MasCS⁶²

A construção dessas estratégias de trabalho com homens a partir de uma perspectiva feminista representa um importante passo para consolidação de novas diretrizes dentro da política de gênero, entendendo que durante muito tempo – a maioria – dos homens estiveram isentos de um comprometimento com a erradicação das desigualdades e violências de gênero. Desse modo, ao serem inseridos nessas propostas pedagógicas automaticamente são convidados a repensar o lugar que ocupam dentro da estrutura de gênero. Nessa perspectiva, Nicolas (2024) destaca como tem ocorrido essas formações

[...] para trabalhar dentro das instituições, pensamos sempre em grupos de homens, de 1 a 5 encontros, seguindo uma estratégia de acordo com o objetivo da intervenção. No processo de execução surgem algumas variáveis que têm a ver com ser um debate situado, participativo de acordo com a necessidade, a demanda da instituição ou a identificação de alguns padrões, narrativas ou discursos ou às vezes até piadas, comentários machistas, atitudes que denotem que a cultura institucional tem a ver com o machismo, que é fortemente influenciado por estas características mais patriarcais e que trabalhar com homens seria apropriado. (Nicolas, Instituto MasCS, 2024).

O desenvolvimento dessas ações dentro de instituições como as forças de segurança tenciona as estruturas hegemônicas de gênero que ainda se encontram reproduzindo discursos e/ou práticas atravessados por um viés machistas, sexista e/ou LGBTfóbica, conforme aponta

⁶¹ Esse projeto foi desenvolvido em parceria com a Direção Nacional de Políticas de Gênero do Ministério da Segurança Nacional, no âmbito da Iniciativa *Spotlight*.

⁶² Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em 20 Ago. 2024.

o entrevistado. Esse movimento, também pode ser considerado um primeiro passo para o processo de despatriarcalização dessas instituições, entendendo os malefícios impostos mediante a continuação dessas relações.

Neste sentido, acreditamos que na medida em que essas discussões adentram esses espaços potencializa a condução de novas relações, uma vez que esses sujeitos são convidados a revisitarem seus posicionamentos, bem como assumirem um comprometimento que esteja fincado na equidade e justiça de gênero. Acreditamos ainda, que a introdução dessas relações atravessa diferentes dimensões, indo desde a experiência pessoal até as experiências tecidas no âmbito social e cultural por esses sujeitos. Ainda segundo Agostina (2024)

Isso sobre ir até a experiência pessoal, de ir até o que aconteceu quando criança, de ir até como foi seu pai com você, como é você com seu filho, ir sempre ao emocional, mover o emocional, quebrar o silêncio [...] sempre as propostas pedagógicas partem desse lugar, lugar da problematização [...] sabemos que trabalhar com esses tópicos podem trazer conflitos, podem trazer resistências, pode trazer em tensões. Então, não tentamos evitá-los, mas sim enquadrá-los, fazê-los produtivos, fazendo um intercâmbio com respeito, sem culpabilização para que possa haver uma troca com respeitosa, ou seja, não apontamos ninguém, porque partimos da premissa de que a violência, digamos, está em cada um, não está fora. (Agostina, 2024, Instituto MasCS).

Acreditamos que só a partir desse envolvimento com os homens será possível transgredir a feiura do patriarcado e reconstruir o imaginário masculino a partir de uma nova concepção de masculinidade que não esteja ancorada num modelo universal. Além do mais, torna-se necessário um despertar de interesse por parte desses sujeitos, de modo que estes possam reivindicar padrões de comportamento que estejam alinhados numa política de equidade de gênero. Fabri (2018), por sua vez, defende que

Somos nosotros quienes debemos asumir la responsabilidad de estar a la altura de esta oleada histórica, invirtiendo tiempo y cuerpo a sentipensarnos en medio de esta gran ola. Disponiéndonos a que nos lleve más lejos, lo más lejos de la masculini como sea posible. Somos nosotros quienes en vez de decir que queremos que el patriarcado caiga, debemos dejar de sos. (Fabri, 2018, p. 84-85).

Concordamos com o autor, entendendo que se faz necessário uma postura de comprometimento por parte desses sujeitos, de modo que apresentem uma atitude combativa que siga em compasso com as reivindicações que vem sendo interpeladas pela onda feminista que se encontra em curso. A inércia ou falta de adesão de uma conduta que dialogue com os princípios democráticos e de justiça social e de gênero, significa a continuidade dos cenários de desumanização e injustiça que ainda impõe duras cicatrizes a nossa realidade.

A busca por uma sensibilização e adesão desse movimento de mudança tem orientado o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Instituto MasCS, onde suas ações a partir dos

dispositivos pedagógicos buscam alcançar o despertar de interesse, envolvimento e comprometimento dos homens com as pautas feministas, dado as implicações positivas que essas reivindicações podem trazer para suas vidas. Ao destacar essas possibilidades gestadas por essa organização, Joaquin (2024) realiza o seguinte destaque

[...] temos desenvolvido com treinamento e formação tanto no sector público, principalmente, em instâncias particulares e diferentes do Estado, não necessariamente nacionais, mas também provinciais e locais. E também apresenta articulações de Cooperação Internacional que têm mais a ver com fazer como as formações, como que são programas mais complexos que tem uma parte de investigação, uma parte de foco em grupos, uma parte de formação, por exemplo, teve um projeto ligado as forças de segurança que oferece formação para policiais, basicamente de quatro províncias da Argentina que estava ligado ao Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento e que nesse quadro foi pensado como um caminho, sendo um programa também para recolher informação em relação as quais são as expectativas, que intervenção a formação com perspectiva de gênero pode ter incidência. Em termos de impacto nas políticas públicas, ou seja, há algo intimamente ligado à formação, à educação e ao impacto político dentro do Instituto, houve também algumas articulações com setores privados, com sindicatos [...] (Joaquín, Instituto MasCS, 2024).

A riqueza dessas articulações político-pedagógicas destacadas por Joaquín (2024) consiste justamente nessas múltiplas possibilidades que são apresentadas para esses sujeitos, visto que essas ações englobam discussões, partilha de conhecimentos, além da troca de experiências. Por esta razão, acreditamos que essas iniciativas têm viabilizado uma formação a nível pedagógico, mas também político, entendendo o despertar de consciência desses sujeitos que passam a enxergar as relações nas quais estão inseridos a partir de outro viés.

Figura 44: Formação para agentes municipais de Guaymallen e outros departamentos da Grande Mendoza⁶³



Fonte: Instagram MasCS⁶⁴

Enxergamos nessas formações um processo de reeducação, uma vez que esses sujeitos – em sua maioria – foram ensinados a pensar, se comportar e agir tendo como referência os padrões hegemônicos implementados pelo patriarcado. Por esta razão, na medida em que se conectam aos fundamentos da educação feminista concomitantemente encontram outros sentidos para sua prática, pois passam a celebrar a beleza da diversidade em suas múltiplas formas de ser e viver.

⁶³ Essas ações foram realizadas em parceria com o @pnudargentina e @muni.guaymallen.

⁶⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_mascs/. Acesso em: 20 Ago. 2024.

A expansão dessas experiências pedagógicas tem contemplado em sua maioria espaços como sindicatos, forças de segurança, além de grupos de trabalhadores em gerais, entendendo que há uma predominância de público masculino nesses setores, aumentando as possibilidades de permanência de um imaginário patriarcal. Acreditamos que o desenvolvimento dessas ações educativas tem permitido desmitificar essas relações, assim como construir uma nova cultura organizacional nesses espaços a partir dos fundamentos do feminismo. Acerca desse processo, Nicolas (2024) realizou o seguinte destaque

[...] instituições mais masculinizadas, onde os códigos masculinos aparecem como códigos universais, como algo estabelecido, como algo normal, naturalizado. Então, é aí que temos que trabalhar, principalmente [...] pensando nestas estratégias com o objetivo final de que tanto as mulheres, as diversidades e as identidades não binárias possam partilhar os seus espaços com os homens, sem medo, sem perigo, sem estar exposto ao risco [...] o trabalho com masculinidades não violentas, não só em repensar, encontrar, identificar e rever aquela masculinidade que é prejudicial aos homens, mas também em que sentido pode gerar um risco para as mulheres. (Nicolas, Instituto MasCS, 2024).

São incontáveis as possibilidades que emergem a partir dos desdobramentos da proposta de educação feminista que emerge nesses espaços, dado seu alcance, bem como sua capacidade de propor intervenções que vão desde a implementação de modificações na ordem pessoal à cultural/social/organizacional. Há ainda, uma partilha sensível, afetiva e amorosa por trás dessa proposta de educação, na tentativa de resgatar os sentidos negados pelo patriarcado.

Reconhecer esses sentires enquanto essenciais, significa devolver nossa capacidade humana, a qual vem sendo constantemente ameaçada em meio a produção de lógicas extrativistas que muitas vezes buscam imobilizar nossa capacidade de sonhar com um mundo mais justo. Numa posição contrária, a educação feminista desponta enquanto uma ferramenta pedagógica capaz de reavivar nossas esperanças e apresentar novas dinâmicas para constituição de outros cenários. Na concepção de Korol (2007)

La pedagogía planteada en nuestras búsquedas reúne en su metodología el diálogo, el estudio, las prácticas, la reflexión sobre las mismas, el juego, el deseo, el encuentro, el abrazo, la caricia. El análisis particular y el universal pueden encontrarse en un mismo proceso con la exploración de los sentidos y de los sentires. (Korol, 2007, p. 19).

Quanto as propostas pedagógicas desenvolvidas por essas organizações, percebemos uma amplitude de dinâmicas que emergem nesses espaços, as quais vão desde as formações político-pedagógicas até a produção de materiais pedagógicos que são desenvolvidos a partir de uma perspectiva feminista de gênero. Acerca dessas produções, Agostina destaca que a partir do Fundo de População das Nações Unidas, com o PNUD que é o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento foi possível o desenvolvimento

[...] do material que foi chamado de “Masculinidades corresponsáveis: promovendo a participação dos homens no trabalho de cuidado”. Nesse material introduzimos o que gênero, o que são as masculinidades, o que são cuidados, cuidado como necessidade, cuidado como trabalho, cuidado como direito, o papel dos homens em relação às paternidades e também como o mais importante, a corresponsabilidade [...] pensamos, se os homens não cuidam de si mesmos, por exemplo, essa falta de cuidados recai sob as mulheres e “quais consequências tem as ações ou omissões dos homens?” e “quais consequências tem nas mulheres ou nas diversidades, certo? Este material de masculinidades corresponsáveis também se converteu em um curso virtual auto administrado. (Agostina, Instituto MasCS, 2024).

A produção dessas ferramentas pedagógicas surge enquanto uma importante aliada para o trabalho com esses homens, dada a rapidez com a qual consegue se conectar com seus indivíduos, bem como a acessibilidade do conteúdo abordado. Seu caráter formativo, evidencia as múltiplas possibilidades para condução de um trabalho político-pedagógico a partir de uma perspectiva feminista de gênero. Dentre os diversos recursos que tem sido produzidos pelo Instituto MasCS em parceria com outras organizações destacamos

Figura 45: Recursos pedagógicos



Fonte: Site do Instituto MasCS⁶⁵

A produção desse material, revela a amplitude da educação, a qual é pensada para além da aula, dentro de uma proposta pedagógica não formal, popular e feminista. Sua efetividade decorre justamente da sua capacidade de provocar reflexões críticas, mas também de exigir uma postura de comprometimento dos sujeitos que participam desse processo. Além disso,

⁶⁵ Disponível em: <https://institutomascs.ar/recursos/>. Acesso em: 20 Ago. 2024.

destacamos sua potencialidade de cruzar diferentes territórios, dada o fácil acesso no qual se encontram disponíveis.

Numa perspectiva semelhante e assumindo uma mesma preocupação em torno das questões que atravessam as experiências masculinas, o Instituto PAPAÍ tem elaborado ferramentas pedagógicas para atuar no processo de conscientização dos homens. Dentre as principais estratégias adotadas nesse processo, observamos a produção e divulgação de matérias diversos (físicos ou digitais) que tem sido utilizado no intuito de despertar uma atenção para necessidade de um maior comprometimento com a difusão da equidade e fim da violência de gênero.

Figura 46: Campanha "Homens pelo fim da violência contra a mulher" (2019)



Fonte: Instagram do Instituto PAPAÍ⁶⁶

⁶⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/institutopapai/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

Figura 47: Campanha "Seja um homem de atitude, diga não à violência contra a mulher!" (2019)



Fonte: Instagram do Instituto PAPAI⁶⁷

Na medida em que estas ferramentas pedagógicas são difundidas em escolas, praças, empresas, sindicatos, dentre outros espaços, sejam eles públicos ou privados, novos debates são suscitados na arena social, promovendo debates de ideias, reflexões e conscientização. Acreditamos que essa proposta de educação representa uma importante aliada na luta pelo fim da violência de gênero, uma vez que convida esses sujeitos a assumirem um comprometimento com a eliminação dessas desigualdades.

Considerando tais ações, percebemos que o Instituto PAPAI bem como o Instituto MasCS tem se utilizado de diferentes estratégias para abordar essas questões, onde constituem caminhos autoreflexivos para que os sujeitos envolvidos nesse processo despertem para esse debate. Desse modo, reinventam ferramentas pedagógicas para conduzir um trabalho autorreflexivo e autoreferenciado numa proposta disruptiva que alcance não apenas os homens, mas toda a comunidade.

Visivelmente, a concepção de educação que fundamenta as ações gestadas por essas organizações assume uma perspectiva feminista e popular, onde todos/as são convidados a participar de maneira ativa e reflexiva do desenvolvimento dessas atividades. Além disso, sua dinâmica possibilita reconhecer a subjetividade, sensibilidade e emoção desses sujeitos que

⁶⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/institutopapai/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

constantemente tem seus sentidos violados a partir da permanência das estruturas do patriarcado. Para Ochoa (2017)

Esta potenciación supone la construcción de referentes y de utopías nuevos que sirvan a las personas para construir su autonomía, por tanto, el proceso educativo es un ejercicio de creatividad, de soñar, de imaginación de horizontes, de identificación de deseos, y de construcción de elementos simbólicos que favorezcan la reflexión, la crítica, y el cambio de esquemas que impiden la libre y plena realización de cada persona. (Ochoa, 2017, p. 3).

Conforme pontua a autora, enxergamos nessa proposta condições para projeção de outras realidades, fincadas no sonho de um mundo onde a justiça e humanidade prevaleçam diante da cultura do ódio que tem sido produzida pelos governos odiosos. É o anúncio de um novo tempo, o qual traz consigo novas referências para conduzir nossos discursos e práticas sociais.

Framic 300

43



3



2



Framic 300



3



Framic 300

43



9. CONCLUSÃO

“A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível”. (Freire, 2000, p. 29).

O pensamento que antecede a escrita desse capítulo conclusivo norteou o desenvolvimento dessa pesquisa, sendo também um convite a reavivar nossas esperanças, entendendo-a na condição de uma necessidade ontológica do ser humano. Desta forma, conforme encoraja o respectivo autor, marchamos incansavelmente pelas veredas da pesquisa científica no intuito de responder nossa curiosidade epistemológica e consecutivamente apresentar uma contribuição para nossa área de estudo.

Assim sendo, concebendo a investigação científica enquanto *locus* de produção do conhecimento, mas também de comprometimento político, social e epistemológico, construímos um trajeto epistêmico fundamentado nesses princípios. Entendemos que sua dimensão denunciativa e anunciativa potencializam uma problematização em torno da realidade perversa, bem como o anúncio da realidade diferente a partir de um projeto de futuridade que se encontra fincado no compromisso com a produção de um novo amanhã.

Partindo dessa compreensão, centramos nosso foco nas experiências político-pedagógicas forjadas pelo Instituto PAPAI no Brasil e pelo Instituto MasCS na Argentina, duas organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho com homens a partir de uma perspectiva feminista. Essa ação investigativa possibilitou a construção de um corpo de conhecimento em torno desses projetos que tem sido gestados a partir da luta coletiva e comprometimento político-social.

Objetivando tecer nossas considerações acerca das dinâmicas empreendidas por estas organizações, retomamos a questão norteadora do nosso estudo **“Que denúncias e anúncios atravessam as experiências político-pedagógicas gestadas por organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho educativo com homens, a partir de uma perspectiva feminista?”**. Para responder nosso questionamento, partimos das reflexões teóricas e das narrativas enunciadas por integrantes e ex-integrantes dessas organizações.

O cruzamento entre o campo teórico e o empírico permitiu compreender os processos de denúncia e anúncio forjados por essas organizações que atuam no enfrentamento da lógica patriarcal, mas também conhecer os ideais, sonhos e utopias que orientam suas

práticas. As narrativas enunciadas durante esse processo revelaram memórias afetivas, políticas e coletivas que vem sendo constituídas em meio os processos de luta trilhados por essas organizações que vislumbram a constituição de outros cenários.

Seguindo essa direção, os objetivos específicos elencados no decorrer dessa investigação possibilitaram aprofundar uma compreensão em torno da estrutura de trabalho do Instituto PAPAI e do Instituto MasCS, permitindo conhecer sua identidade institucional, mas também captar os sentidos, subjetividades e utopias que afloram em meio as narrativas que atravessam essas organizações. Seus direcionamentos foram fundamentais para que viéssemos responder nossas inquietudes.

Nosso primeiro objetivo específico buscou **identificar os processos de denúncia a estrutura patriarcal elaborados por organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho educativo com homens a partir de uma perspectiva feminista**. Esse movimento possibilitou conhecer as principais atuações político-pedagógicas dessas organizações, assim como as denúncias e enfrentamentos que vem sendo formulados na tentativa de introduzir uma mudança em seus respectivos contextos.

Deste modo, contrariando as estruturas opressivas do patriarcado, essas organizações vêm apresentando um enfrentamento as violências de gênero e recorrentes tentativas de retrocesso que tem sido imposta por esse projeto hegemônico, onde denunciam esse sistema desigual e perverso. Por outro lado, também tem se encarregado de visibilizar pautas que se encontram a margem a sociedade, potencializando o acesso ao conhecimento e ao debate crítico sobre temas como feminismos, violência de gênero, aborto seguro, entre outros.

A denúncia da estrutural patriarcal surge na condição de um movimento disruptivo que busca romper com as ideologias propagadas por esse projeto hegemônico de poder, bem como um compromisso coletivo com a construção de novos cenários em torno da arena de gênero, principalmente, quando pensamos as questões que atravessam o universo masculino. Essa ação desobediente tem contado com a realização de protestos e/ou reivindicações, além da produção de panfletos informativos que trazem consigo um caráter político-pedagógico.

Enxergamos nesses atos denunciativos a resistência, rebeldia e inaceitabilidade de continuarmos assistindo à reprodução dos quadros de autoritarismo que historicamente estiveram impondo um conjunto de desigualdades e/os violências aos grupos subalternizados pela lógica patriarcal. Portanto, reconstruir esses arranjos demanda

introduzir novas dinâmicas em torno dessas realidades, a partir de um processo de leitura crítica e comprometida com a coletividade.

É a partir da denúncia da realidade perversa que essas organizações latino-americanas avançam na construção de ações educativas voltadas para o trabalho com homens a partir de uma perspectiva feminista, entendendo a urgência de um comprometimento por parte desses sujeitos com a construção de uma sociedade mais justa e equânime. Essas iniciativas são imprescindíveis para que venhamos romper com os quadros opressivos e autoritários que durante muito tempo estiveram isentas de qualquer questionamento.

Em síntese, acreditamos que as inúmeras expressões de denúncia que emanam das práticas dessas organizações constituem importantes ferramentas de transformação social e política, uma vez que não apenas tensionam as estruturas existentes, como também buscam reinventar a realidade a partir de novos princípios. Suas atuações se consolidam enquanto importantes intervenções político-pedagógicas, garantindo um posicionamento crítico diante de um cenário de desumanidade.

O segundo objetivo específico dessa pesquisa procurou **mapear os principais anúncios que emergem das atuações dessas organizações no enfrentamento às desigualdades e violências de gênero**, visto que suas intervenções têm potencializado o surgimento de novas dinâmicas e relações sociais, sobretudo, no que se refere aos homens que são convidados a revisitar seus discursos, assim como incorporar atitudes que estejam pautadas nos princípios da equidade de gênero e justiça social.

Os anúncios que emergem desse processo não apenas apresentam uma dimensão futurista, como também se mostram capazes de se reconectar ao passado e presente, reacendendo os sonhos e utopias que alimentam essas experiências coletivas. Além do mais, constatamos que suas atuações político-pedagógicas são compostas por uma rede de sentidos, afetos e subjetividades nutridas pelos/as integrantes e ex-integrantes dessas organizações que seguem se educando coletivamente.

A configuração adotada pelo Instituto PAPAI e pelo Instituto MasCS tem inspirado o surgimento de outras iniciativas dessa natureza, uma vez que suas ações reavivam as capacidades de luta e defesa de um mundo mais justo e equânime. Os fundamentos do feminismo, por sua vez, têm sido fundamentais nesse processo, pois não apenas guiam o

desenvolvimento desse trabalho, como também orientam a constituição de estratégias que venham possibilitar melhorias em torno da realidade perversa.

Frente as novas oportunidades surgidas durante esse processo, constatamos que a realização desse trabalho coletivo reafirma as reais possibilidades da constituição de alianças político-pedagógicas entre diferentes entidades, governos ou mesmo agentes individuais que estejam dispostos a introduzir um cenário de mudanças no campo das relações de gênero. Isto porque, o mundo não está determinado, mas passível de ser reinventado a partir da desejabilidade e luta de sujeitos comprometidos com a mudança.

É em meio essa estrutura anunciante que constatamos a produção de diversas iniciativas exitosas de intervenção com homens, as quais tem avançado na problematização das dinâmicas opressivas que ainda se encontram ocasionando desigualdades e/ou violências de gênero. Acreditamos que esses movimentos disruptivos são capazes de romper com os modelos sedimentados ao longo da história e apresentar novas possibilidades para o exercício de outra masculinidade.

Ainda que apresentem suas particularidades, dada as especificidades que emergem dos respectivos contextos latino-americanos onde essas experiências são produzidas, percebemos que essas organizações têm construído potentes propostas de trabalho com homens, despertando-os para a urgência de um maior comprometimento com a política feminista. O anúncio da realidade diferente é a profecia de um mundo onde a masculinidade feminista prospere e ganhe concretude em meio ao despertar da consciência crítica.

Seguindo este viés, o terceiro objetivo dessa pesquisa propôs **refletir acerca das experiências político-pedagógicas narradas pelos/as integrantes do Instituto PAPAI e Instituto MasCS**, dada a boniteza desses trajetos coletivos. Essa ação, por sua vez, permitiu não apenas ouvir os discursos enunciados pelos/as integrantes e ex-integrantes dessas organizações, como também captar os sentidos e subjetividades que reconectam esses sujeitos aos itinerários constituídos durante suas vivências.

Em meio aos diálogos realizados com os/as participantes da pesquisa, percebemos que muitas vezes suas vivências pessoais se cruzam com as dinâmicas forjadas por essas organizações, constituindo um elo inseparável entre ambas. Disso resulta um maior envolvimento desses sujeitos com as pautas instituídas por essas iniciativas latino-americanas, de modo que as lutas e utopias gestadas por essas organizações são tomadas por esses sujeitos ao longo das suas vidas.

Ao analisarmos os percursos trilhados, constatamos várias ações coletivas de intervenção com homens e sobre masculinidades, as quais vão desde formações político-pedagógicas até protestos em espaços públicos. Numa outra vertente, assistimos uma desobediência de ordem epistêmica e política a partir da produção de materiais bibliográficos que tem oportunizado o surgimento de um conhecimento crítico, fruto das vivências produzidas a partir dos feminismos.

As narrativas enunciadas pelos/as entrevistados/as também revelam a composição de experiências de amorosidade, cumplicidade e afetividade entre esses sujeitos, constituindo uma rede de vinculações afetivas e políticas ao mesmo tempo. Assim sendo, em sua busca por um mundo mais justo, equânime e humano, essas organizações tem construído coletivamente experiências de formação e politização, despertando a capacidade crítica e comprometimento dos seus sujeitos educativos.

Ecoando numa mesma sintonia ainda que com tonalidades diferentes, encontramos nesses discursos uma polissemia de vozes, atores e utopias que se encontram implicados num mesmo ideal, que é a eliminação de qualquer tipo de violências assim como a construção de um amanhã fincado na justiça social e de gênero. Seja anunciando ou denunciando, concebemos essas iniciativas enquanto imprescindíveis para que venhamos forjar caminhos alternativos que possibilitem a superação dessa realidade cruel.

Ao refletirmos acerca dessas experiências gestadas em Brasil e em Argentina, conseguimos entender as dinâmicas instituídas por esses projetos coletivos que tem concebido práticas educativas pioneiras e exitosas na abordagem com homens a partir de uma perspectiva feminista. Suas atuações não só renovam as esperanças de um mundo mais justo, como também devolvem nossa capacidade de continuar reivindicando melhorias em torno da nossa realidade.

Nosso quarto e último objetivo específico esteve centrado em **identificar as principais práticas educativas feministas elaboradas pelas organizações latino-americanas durante suas atuações com homens**, entendendo que em sua estrutura de trabalho, essas iniciativas têm constituído propostas educativas num viés coletivo e popular. São práticas educativas que se encontram fundamentadas política, pedagogicamente e epistemologicamente nos fundamentos do feminismo.

Observamos nessas práticas educativas gestadas pelo Instituto PAPAI e pelo Instituto MasCS uma diversidade de estratégias político-pedagógicas que vão sendo

formuladas coletivamente por seus sujeitos educativos, conforme suas necessidades. Fruto de uma leitura crítica da realidade, tais direcionamentos têm oportunizado intervir nos mais diferentes contextos, propondo discussões e/ou reflexões em torno de temas que por muito tempo estiveram passíveis de um questionamento.

Na medida em que reconhecem essa urgência, realizam um desprendimento da lógica patriarcal, burguesa e colonial, originando práticas educativas outras que tem como base os princípios do feminismo. Ousadas, subversivas e autênticas, estas práticas celebram as possibilidades surgidas a partir do trabalho com homens e sobre masculinidades, entendendo a necessidade de um maior comprometimento por parte desses sujeitos com a construção de outras dinâmicas.

Imersas num cenário global cada vez mais digital e tecnológico, estas organizações também têm se utilizado das ferramentas digitais para realizar um movimento de educação em rede, atendendo as demandas da sociedade atual e reconectando diferentes sujeitos e lugares num objetivo em comum. Esse movimento de conexão digital amplia seus campos de atuação, oportunizando a difusão e partilha de diferentes práticas, além de possibilitar a conexão e troca de experiências entre distintas organizações.

Através das redes de conexões – presenciais e virtuais – criadas por essas organizações, temos assistido uma maior difusão dos princípios e práticas feministas, o que garante uma maior compreensão das suas pautas e quiçá um comprometimento por parte desses sujeitos. Essas iniciativas também possibilitam desconstruir o imaginário patriarcal que historicamente descredibilizou e buscou silenciar as lutas e reivindicações protagonizadas pelo movimento feminista.

Não há dúvidas de que essas práticas educativas provocam uma série de deslocamentos contínuos em torno da estrutura do patriarcado, garantindo a constituição de novos arranjos de gênero, assim como uma mudança nos discursos e práticas que ainda se encontram pautados nas estruturas hegemônicas. Tais práticas acontecem numa proposta de acolhimento, onde esses sujeitos num primeiro momento são acolhidos e logo em seguida convidados a refletirem acerca das suas próprias experiências de vida.

Deste modo, respondendo à pergunta inicial que norteou o desenvolvimento desse estudo, constatamos que as experiências político-pedagógicas dessas organizações latino-americanas são compostas por uma série de denúncias e anúncios, o que reafirma sua postura de comprometimento com a produção de novos cenários de gênero. Seja

denunciando ou anunciando, suas práticas educativas a partir dos princípios feministas têm consolidado importantes iniciativas na abordagem com homens e sobre masculinidade.

Os atos de denúncia e anúncio se encontram materializados a partir dos enfrentamentos a ordem patriarcal, da leitura crítica da realidade, assim como das intervenções ocorridas em seus respectivos contextos. Acreditamos que essas atuações são imprescindíveis ao projeto de futuridade, uma vez que inspiram o surgimento de outras iniciativas dessa natureza, projetando novas utopias a partir de um ideal coletivo. Sem essas dinâmicas, pouco ou nada avançaríamos na constituição de novas realidades.

Portanto, é reconhecendo a potência e imprescindibilidade das denúncias e anúncios que atravessam as experiências do Instituto PAPAI e do Instituto MasCS que realçamos seu comprometimento político, pedagógico e ético na construção de outros cenários de humanização. Encontramos nessas dimensões a possibilidade de alcançarmos o ideal de masculinidade feminista, visto que sua proposta prevê que os homens assumam uma responsabilização na construção de um mundo mais justo, equânime e humano.

As práticas educativas que emergem dessas organizações configuram uma historicidade que ainda não foi contada, ou seja, inédita no cenário das relações de gênero, pois convida os homens, sujeitos que historicamente estiveram ausentes de um comprometimento com as pautas feministas a repensar o seu lugar dentro dessa estrutura. Nesse meio, ressaltamos a potencialidade da educação feminista na transformação da realidade, dado o seu potencial mobilizador na produção de um novo amanhã.

É inegável que a produção dessas experiências coletivas tem possibilitado uma revisão em torno dos discursos e práticas forjados na arena de gênero, outorgando a construção de outras referências de masculinidade. Em meio suas práticas educativas, essas organizações têm garantido processos de formação, politização e emancipação a partir dos princípios feministas, compondo uma rede de aprendizagens mútuas e a construção de conhecimentos diversos entre os sujeitos educativos que partilham dessa experiência.

Entretanto, ao passo que observamos as inúmeras conquistas alcançadas a partir desse ideal coletivo, também percebemos os inúmeros desafios que atravessam o desenvolvimento dessa proposta de trabalho, principalmente, no que se refere a falta de apoio político, escassez de recursos e insustentabilidade financeira por parte dessas organizações. Acreditamos que esse fator não apenas compromete o andamento das ações,

como também reduz as possibilidades de atuação nesse campo que historicamente esteve a margem das políticas públicas.

Em linhas gerais, compreendemos que as experiências político-pedagógicas gestadas pelo Instituto PAPAI no Brasil e pelo Instituto MasCS na Argentina, ainda que produzidas em contextos totalmente distintos, comungam de objetivos comuns, trazendo em suas propostas uma série de aproximações e convergências. A cumplicidade que emerge das práticas educativas que afloram dessas experiências demonstra a força da coletividade na resolução dos desafios enfrentados na atualidade.

Tendo como base tais considerações, podemos afirmar que as hipóteses lançadas no início da pesquisa foram confirmadas, no sentido de que as denúncias e anúncios gestados pelas organizações em estudo tem possibilitado a constituição de outras experiências de masculinidade, mais diversas, humanizadas e comprometidas político-pedagogicamente com a construção de uma sociedade fundamentada nos princípios da equidade de gênero. Suas ações anunciam um novo modo de educação para os homens em diálogo com o feminismo.

Refletir acerca dos trajetos trilhados por essas organizações, possibilitou conhecer os sentidos e utopias que movem esses sujeitos num esperar coletivo, os fazendo acreditar que suas lutas são legítimas, ainda que por vezes desacreditadas por concepções retrógrada que ainda cerceiam esse campo. Deste modo, na medida em que ampliamos uma compreensão acerca das histórias narradas por esses sujeitos, também conseguimos entender as particularidades contidas no perfil de cada uma.

Durante o processo de investigação, o quadro teórico adotado para o desenvolvimento da pesquisa teve um papel fundamental, possibilitando alcançar os objetivos propostos e analisar com precisão, ética e rigor as experiências estudadas. Os aportes teóricos-epistemológicos do feminismo, por sua vez, viabilizaram um estudo detalhado e centrado nas especificidades que afloram de cada um dos contextos, garantindo um olhar cuidadoso em torno das narrativas que ecoaram dos/as participantes da pesquisa.

Mediante as considerações apresentadas, acreditamos que embora essas organizações não consigam transformar a realidade por inteiro, sem suas intervenções o mundo seria mais feio. Reconhecer a boniteza que transpassa essas atuações consiste num movimento necessário para que possamos constituir outros esforços individuais e/ou coletivos. As profecias anunciadas revelam que muitas lutas e enfrentamentos ainda serão

necessários, que urge a perseverança de sonhadores que estejam dispostos a reinventar o mundo.

Além do mais, constatamos que a problemática que orienta o desenvolvimento desse estudo não se finda com a conclusão desse trabalho, visto que há múltiplas interfaces que necessitam ser exploradas para uma maior compreensão do tema. A riqueza e diversidade que atravessa estas experiências educativas alarga as possibilidades de estudo em torno desse campo, incitando o surgimento de novas pesquisas em distintas áreas do conhecimento, dado seu caráter multidisciplinar.

Não há dúvidas de que a emergência de propostas educativas a partir de uma perspectiva feminista se apresenta enquanto um componente essencial para que venhamos aproximar os homens do feminismo, de modo que esses sujeitos possam assumir um comprometimento com sua práxis e consequentemente caminhar na erradicação das violências e desigualdades de gênero. Nesse processo, a conscientização e politização despontam enquanto uma das principais estratégias para introduzir esses cenários.

No mais, esperamos que esse estudo desperte a desejabilidade de outros utópicos, conduzindo-os a sonhar e reinventar o mundo a partir da luta coletiva. Que dentro dos seus respectivos contextos possam insubordinar-se e constituir novas experiências de amorosidade, cumplicidade e afetividade, tal como os trajetos que vem sendo constituídos por essas organizações que tem ousado reescrever uma nova história para o trabalho com homens e sobre masculinidade. Que o estado de boniteza projetado pelo Instituto PAPAI e pelo Instituto MasCS reavive os sonhos, as utopias e a força necessária para revolucionar o mundo.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa (auto)biográfica. **Revista História da Educação**. Porto Alegre, v.7, n.14, p.79–95, jul./dez. 2003.
- AMADO, João. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BUARQUE, Cristina. Reflexões sobre o poder e as instituições sob a ótica do feminismo. *In*: BUARQUE, Cristina et al. **Perspectivas do gênero: debates e questões para as ONGs**. Recife: GTGênero, 2002. p. 26-55.
- CARABÍ, Àngels. **Construyendo nuevas masculinidades: una introducción**. *In*: SEGARRA, Marta; CARABÍ, Àngels. **Nuevas masculinidades**. Barcelona: Icaria, 2000, p. 15-28.
- CAROSIO, Alba. Feminismo y cambio social en América Latina y el Caribe. *In*: CAROSIO, Alba (org.). **Feminismo y cambio social en América Latina y el Caribe**. Buenos Aires: CLACSO, 2012. p. 9-18.
- CAROSIO, Alba. Perspectivas feministas para ampliar horizontes del pensamiento crítico latino-americano. *In*: RODRÍGUEZ, Montserrat Sagot. **Feminismos, pensamiento crítico y propuestas alternativas en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2017. p. 17-42.
- CONNELL, R. W. **Masculinidades**. Traducción: Irene Ma. Artigas. Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.
- CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Tradução Marília Moschkovich. São Paulo: Inversos, 2016.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr., 2013.
- CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, n.1, p.333-346, abr. 2011.

DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança Feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FABBRI, Luciano. **Apuntes sobre feminismos y construcción de poder popular**. Tiempo Robado editoras, 2017.

FABBRI, Luciano. La masculinidad como proyecto político extractivista. Una propuesta de re-conceptualización. *In*: FABBRI, Luciano. **La masculinidad incomodada**. Rosario: Homo Sapiens Ediciones: UNR Editora, 2021. p. 25-41.

FABBRI, Luciano. La ola feminista cuestiona la masculinidad. *In*: FREIRE, Victoria (et al.). **La cuarta ola feminista**. Buenos Aires: Emilio Ulises Bosia, 2018. p. 77-86.

FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **A palavra boniteza na leitura do Mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 51 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GALEANO, Eduardo H. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: LePM, 2020.

GERGEN, Mary M.; GERGEN, Kenneth J. Investigação qualitativa: tensões e transformações. *In*: DENZIN Norma K.; LINCOLN Yvonna S. (Orgs.). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**, Porto Alegre: Ed. Artmed, 2006. p. 345-362.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HOOKS, Bell. **El deseo de cambiar**: Hombres, masculinidad y amor. Tradução de Javier Sáez del Álamo. Edicions Bellaterra, 2021.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin; GASKELL G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 90-113.

KAUFMAN, Michael. Las experiencias contradictorias del poder entre los hombres. *In*: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José. **Masculinidad/es**: poder y crisis. Santiago: Ediciones de las mujeres. 1997, p. 63-81.

KOROL, Claudia. “La educación como práctica de la libertad” Nuevas lecturas posibles. *In*: KOROL, Claudia (Org). **Hacia una pedagogía feminista**. El Colectivo, América Libre, 2007. p. 9-23.

LAGE, Allene. **Educação e movimentos sociais**: caminhos para uma pedagogia de luta. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAL, Antonio Boscán. Las nuevas masculinidades positivas. **Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social**, p. 93-106, 2008.

LINHARES, Célia. Anúncio/denúncia. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed., ver. amp. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 45-46.

LÓPEZ, Claritza J. Figueredo. La pedagogía feminista, una deconstrucción ética de imaginarios desde una visión latino-americana. **Revista Universitaria de Investigación**, p. 77-89, 2021.

MARTÍN, Irene Martínez Martín; ARTIAGA, Gema Ramírez. Des-patriarcalizar y Des-colonizar la Educación. Experiencias para una Formación Feminista del Profesorado. **Revista Internacional de Educación para la Justicia Social (RIEJS)**, p. 81-95, 2017.

MARTÍN, Irene Martínez. Construcción de una pedagogía feminista para una ciudadanía transformadora y contra-hegemónica. **Foro de Educación**, 14(20), p. 129-151, 2016.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, set./dez. 2008.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Princípios ou simplesmente pontos de partida fundamentais para uma leitura feminista de gênero sobre homens e as masculinidades. *In*: BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014. p. 55-74.

MENDEZ, Luis Bonino. Los varones ante el problema de la igualdad con las mujeres. *In*: LOMAS, Carlos. **Todos los hombres son iguales?** Identidad masculina y cambios sociales. Barcelona: Paidós, 2002.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

OCHOA, Luz Maceira. Una propuesta de pedagogía feminista: teorizar y construir desde el género, la pedagogía, y las prácticas educativas feministas. *In*: I Coloquio Nacional Género en Educación, 2007. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/340285069_UNA_PROPUESTA_DE_PEDAGOGIA_FEMINISTA_TEORIZAR_Y_CONSTRUIR_DESDE_EL_GENERO_LA_PEDAGOGIA_Y_LAS_PRACTICAS_EDUCATIVAS_FEMINISTAS. Acesso em: 16 mar. 2022.

OCHOA, Luz María Maceira. Más allá de la coeducación: pedagogía feminista. **Revista educar**, v. 36, p. 27-36, 2006.

PASSEGGI, M. C. Narrativa, experiencia y reflexión auto-biográfica: por una epistemología del sur en educación. *In*: ARANGO, G. J. M. (Org.). **Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2015. p. 103-132.

PASSEGGI, M.; SOUZA, E. C. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, 2(1), p. 6-26, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Aproximaciones teóricas a las perspectivas de la investigación (auto)biográfica em educación. Tradução de Dora Lilia Marín Diaz. **Revista Educación y Pedagogía**, v. 23, n. 61, p. 25-39, 2011.

RAGO, M. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. *In*: COSTA, Claudia Lima et al (org.). **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004. p. 31-41.

RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (Pós)Modernidade no Brasil. **Cadernos AEL**, n. 3/4, 1995/1999.

SALGADO, Martha Patricia Castañeda. Perspectivas y aportes de la investigación feminista a la emancipación. *In*: AA.VV. **Otras formas de (des)aprender: investigación feminista en tiempos de violencia, resistencias y decolonialidad**. 2019. p. 19-40.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 31-83.

SOUZA, João Francisco de. **Atualidade de Paulo Freire**: contribuição ao debate sobre diversidade cultural. Recife: Bagaço, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Fotobiografia e entrevista narrativa: modos de narrar a vida e a cultura escolar. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 125-142.

SOUZA, João Francisco de. **E a educação: ?? quê ?? a educação na sociedade e/ou a sociedade na educação**. Recife: Bagaço, 2004.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALA, Jorge. A análise de conteúdo. *In*: SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (orgs). **Metodologia das Ciências Sociais**. 11ª edição. Porto: Afrontamento, 2001. p. 101-128.

VALDIVIESO, Magdalena. Aportes e incidencia de los feminismos en el debate sobre ciudadanía y democracia en América Latina. *In*: CAROSIO, Alba. **Feminismo y cambio social en América Latina y el Caribe**. Buenos Aires: CLACSO, 2012. p. 19-42.

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

28/07/25, 22:58

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) na pesquisa intitulada "A BONITEZA DAS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS COM HOMENS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FEMINISTA: ENTRE DENÚNCIAS E ANÚNCIOS", que está sob a responsabilidade do pesquisador Marciano Antonio da Silva, com endereço na Avenida Serena, 95, Indianópolis, Caruaru, Pernambuco, Brasil, CEP: 55026-005, telefone (81) 99360-7691 e e-mail: marcianoantoniosilva@gmail.com.

Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada por Allene Carvalho Lage, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário via telefone nº (81) 99679-5952 ou e-mail allene Lage@yahoo.com.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é "Compreender as denúncias e anúncios que atravessam as experiências político-pedagógicas gestadas por organizações latino-americanas que desenvolvem um trabalho educativo com homens, a partir de uma perspectiva feminista".

AUTORIZO, por meio deste termo, que o respectivo pesquisador capture e utilize fotografia, filmagem, gravação de voz ou transcrições de minha pessoa para fins EXCLUSIVOS da referida pesquisa científica.

Os dados coletados serão utilizados unicamente para produção científica, podendo haver identificação dos (as) voluntários (as) participantes da pesquisa. As informações obtidas serão armazenadas em pastas de arquivo e computador pessoal sob a responsabilidade do pesquisador Marciano Antonio da Silva no endereço acima informado pelo período mínimo de cinco anos.

* Indica uma pergunta obrigatória

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

28/07/25, 23:00

FORMULARIO DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO

**FORMULARIO DE CONSENTIMIENTO
LIBRE E INFORMADO**

Por la presente, declaro haber aceptado ser entrevistado para el proyecto de investigación titulado "LA BONITEZA DE LAS EXPERIENCIAS EDUCATIVAS CON HOMBRES DESDE UNA PERSPECTIVA FEMINISTA: ENTRE QUEJAS Y ANUNCIOS", realizado por el investigador Marciano Antonio da Silva, con domicilio en Avenida Serena, 95, Indianópolis, Caruaru, Pernambuco, Brasil, código postal: 55026-005, teléfono (81) 99360-7691 y correo electrónico: marcianoantoniosilva@gmail.com.

También me informaron que la investigación es supervisada por Allene Carvalho Lage, con quien puedes contactar en cualquier momento que lo considere necesario por teléfono al (81) 99679-5952 o por correo electrónico a allene Lage@yahoo.com.br.

Afirmo que acepté participar voluntariamente, sin recibir ningún incentivo ni carga económica, y con el único propósito de contribuir al éxito de la investigación. También me informaron los objetivos estrictamente académicos del estudio, que, en términos generales, consisten en comprender las quejas y los anuncios que permean las experiencias político-pedagógicas desarrolladas por organizaciones latinoamericanas que desarrollan trabajo educativo con hombres, desde una perspectiva feminista. Autorizo al investigador correspondiente a capturar y utilizar fotografías, videos, grabaciones de voz o transcripciones mías para los fines exclusivos de dicha investigación científica.

Los datos recopilados se utilizarán únicamente con fines de investigación científica, y los voluntarios que participen en la investigación podrán ser identificados. La información obtenida se almacenará en carpetas de archivo y en una computadora personal bajo la responsabilidad del investigador Marciano Antonio da Silva, en la dirección indicada anteriormente, durante un periodo mínimo de cinco años.

* Indica uma pergunta obrigatória